

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-graduação em Letras-Mestrado em Linguística

Rosario de Jesus Martins

**A Representação Social da Língua Portuguesa em Timor Leste: multilinguismo e
políticas voltadas para a consolidação do seu ensino**

Belo Horizonte

2023

Rosario de Jesus Martins

A Representação Social da Língua Portuguesa em Timor Leste: multilinguismo e políticas voltadas para a consolidação do seu ensino

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Área de concentração: LP6 - Leitura, Escrita e Oralidade na Educação Básica

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ev^ª Ângela Batista Rodrigues de Barros

Belo Horizonte

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

M386r Martins, Rosario de Jesus
A representação social da língua portuguesa em Timor Leste:
multilinguismo e políticas voltadas para a consolidação do seu ensino / Rosario
de Jesus Martins. Belo Horizonte, 2023.
213 f. : il.

Orientadora: Ev' Ângela Batista Rodrigues de Barros

Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Letras

1. Língua portuguesa - Estudo e ensino - Timor Leste. 2. Política linguística -
Timor Leste. 3. Ensino - Metodologia. 4. Aquisição da segunda língua. 5.
Multilinguismo. 6. Representações sociais. 7. Etnografia. I. Barros, Ev' Ângela
Batista Rodrigues de. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 806.90:37.02

Rosario de Jesus Martins

A Representação Social da Língua Portuguesa em Timor Leste: multilinguismo e políticas voltadas para a consolidação do seu ensino

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Área de concentração: LP6 - Leitura, Escrita e Oralidade na Educação Básica

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros

Prof.^a Dr.^a Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros – PUC-Minas (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin – UFC (Banca Examinadora)

Prof.^a Dr.^a Arabie Bezri Hermont – PUC Minas (Banca Examinadora)

Prof.^a Dr.^a Valquíria Carolina Pimentel Sales de Carvalho PUC Minas (Banca Examinadora -
Suplente)

Belo Horizonte, 18/08/2023

*Aos meus familiares e amigos pelo apoio e incentivo.
À Congregação dos Fráteres de Nossa Senhora, Mãe de Misericórdia pela oportunidade
dada.*

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pelo amor concedido em todos os sentidos e em todos os momentos ao longo da realização deste trabalho. Agradeço meu pai Luis de Jesus Babo (1960-2008) pelo exemplo de coragem. Agradeço minha mãe Olga Martins, meus irmãos Cecília, Rufina, Nelson, Libania, Flávio pelos incentivos.

Agradeço a minha família religiosa, a Congregação dos Fráteres de Nossa Senhora, Mãe de Misericórdia, pela oportunidade e todo apoio desde o início até o término deste estudo. De modo especial, agradeço aos meus coirmãos fráteres: Cristino (1936-2015), Adriano (1934-2023), Yvo (1940-2023), Theodorus (1943-2023), Nicácio, Henrique, Lukas, Dominikus, Damasus, Albertus e Faria pelo apoio e estímulo.

De forma muito especial, agradeço a minha orientadora Prof.^a Dr.^a Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros pela paciência, parceria, zelo, amor, coerência, clareza, fraternidade e toda compreensão ao longo deste estudo. Confesso que eu tive medo de não conseguir concluir este trabalho, mas sua forma de educar, professorar e, sobretudo, seu jeito amigo me trouxeram confiança, coragem e esperança de que eu conseguiria.

Aos muitos amigos que me apoiaram de uma ou de outra forma, direta e indiretamente, eu agradeço. Agradeço ao Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira pelos incentivos e desafios com textos teóricos que me motivaram a dar início a esta etapa da minha jornada acadêmica. Agradeço ao Jean Otoni por proporcionar referências valiosas para a construção deste trabalho.

Agradeço a Instituto Nacional de Linguística da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (INL-UNTL), os professores, universitários e, de modo particular ao Professor Benjamim de Araújo e Corte-Real, Ph.D., Coordenador de INL-UNTL, pelo acolhimento, disponibilidade e orientações ao longo da realização das minhas pesquisas em Timor Leste.

Agradeço também às escolas Colégio Paulo VI e Ensino Secundário 5 de maio, aos diretores, aos professores de Língua Portuguesa (2022) e aos demais professores e funcionários pelo acolhimento e pela oportunidade a mim dada para a realização da minha observação de campo para este trabalho. Aos respondentes dos questionários aplicados, minha gratidão.

Agradeço à CAPES por financiar este estudo. Por fim, transformarei meus agradecimentos a vocês que foram mencionados aqui e àqueles que não foram em

intercessões nas minhas orações de cada dia e peço a Deus para conceder-lhes em dobro toda a bondade e apoio que a mim foram transmitidos ao longo deste estudo.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo entender como se dá o ensino de Língua Portuguesa (L.P.) num país multilíngue como a República Democrática de Timor Leste (RDTL ou, abreviadamente, T.L.), que adota o Português como uma das suas línguas oficiais, administrativa e de instrução de ensino e aprendizagem. Queremos responder, ao final deste trabalho, às seguintes perguntas: a escolarização tem contribuído, na sociedade local, para ajudar a propagação do Português no território timorense? Em caso afirmativo, de que forma? Em caso negativo, por quê? Para tanto, exploramos inicialmente os estudos que nos ajudam a entender a história da presença da L.P. em T.L. e seus impactos no desenvolvimento sócio-histórico, político, econômico e, sobretudo linguístico, para as pessoas e suas atividades cotidianas. Depois disto, realizamos a pesquisa teórica bibliográfica, baseando-nos na Teoria da Representação Social (TRS) de Moscovici (2003), com o intuito de compreender as RS da L.P. em T.L., os desafios e as dificuldades da propagação desta língua na sociedade timorense. Em termos das práticas metodológicas da coleta de dados e das análises, recorreremos à pesquisa etnográfica para observação *in loco*; à aplicação de questionários a sujeitos de três diferentes gerações timorenses (de 1950-1974, 1975-2000 e 2001-2022). As observações foram realizadas nas escolas: Ensino Secundário 5 de maio e Colégio Paulo VI, além das realidades locais, principalmente da capital do país e da cidade de Ermera. Já a aplicação dos questionários foi feita com diferentes pessoas, em diferentes espaços, tendo como intuito alcançar um público diversificado. Como resultado, constatamos que há mudanças no ensino e nos Manuais Didáticos, mas também desafios e obstáculos que impedem a propagação do Português de forma assertiva no território timorense. As pessoas carregam e absorvem essa língua devido a aspectos históricos e, hoje, à importância em apresentar e representá-las nos âmbitos nacional e internacional, e creem que tal conhecimento as ajuda na formação humana e profissional. Todavia, o Português não emerge de forma integral na vida cotidiana e profissional dessas pessoas, o que faz com que o ensino e aprendizagem não avancem, apesar das mudanças e adaptações feitas. Percebemos que a escola colabora com a educação formal, contudo, isso é insuficiente para que “o conhecimento do universo reificado se torne o conhecimento do universo consensual”; nesse caso, a sociedade não possibilita a aplicação concreta do que é ensinado e aprendido, nem mesmo possibilita que a língua representada pela maioria (em especial de gerações mais antigas) como a identitária alcance, de fato, o patamar que lhe é conferido pelo texto da lei.

Para reverter essa situação, analisamos diferentes metodologias de ensino e sugerimos o Método Comunicativo como o mais adequado. Contudo, as observações demonstram, também, que é necessário o investimento da sociedade local no processo de ensino e aprendizagem, a fim de que o aprendido e absorvido dentro do ambiente escolar possa ser recebido também do meio local e, por fim, aplicado na vida diária pessoal e profissional.

Palavras Chaves: Representação Social. Ensino e Aprendizagem. Língua Portuguesa. Timor Leste. Ensino de L2.

ABSTRACT

The purpose of this academic study is to understand how the teaching of the Portuguese Language (L.P.) takes place in a multilingual country such as the Democratic Republic of East Timor (RDTL or, for short, T.L), which adopts Portuguese as one of its official and administrative languages, as well as, language of instruction for teaching and learning. By the end of this study, we aim to answer the following questions: Has schooling contributed, in local society, to spread Portuguese in East Timor? If so, in what way? If not, why not? To do so, we initially explored the studies that help us understand the history of the presence of L.P. in T.L and its impacts on socio-historical, political, economic and, above all, linguistic development, among people and their daily activities. After that, theoretical-bibliographical research was carried out based on Moscovici's Theory of Social Representation (TRS) (2003), in order to understand the SR of L.P. in T.L., the challenges and difficulties of propagating this language in Timorese society. In terms of methodological practices of data collection and analysis, we resorted to ethnographic research, for observation *in loco*; the application of questionnaires to subjects from three different Timorese generations (from 1950-1974, 1975-2000 and 2001-2022). The observations were carried out in schools: 'Ensino Secundário 5 de Maio' and 'Colégio Paulo VI', in addition to local realities, mainly in the capital and the city of Ermera. As for the application of the questionnaires, it was carried out with different people, in different spaces, so that a diverse audience could be reached. As a result, we found that there are changes in teaching and in Didactic Manuals, but there are also challenges and obstacles that prevent the assertive spread of Portuguese in Timorese territory. People have carried and absorbed the Portuguese language due to historical aspects and, currently, they do so due to its importance in presenting and representing them nationally and internationally. They believe that such knowledge helps them in their human and professional development. Nevertheless, the Portuguese language does not fully emerge in the daily and professional life of these people, which means that teaching and learning do not advance, despite the changes and adaptations made. We found that the school collaborates with formal education although this is insufficient for “knowledge of the reified universe to become knowledge of the consensual universe”; in this case, society does not allow the concrete application of what is taught and learned, nor does it allow the language represented by the majority (especially older generations) as identity, to actually reach the level conferred on it by the text of the law. To reverse this situation, we analyzed different teaching methodologies and suggested the

Communicative Method as the most appropriate. However, the observations also show that it is necessary for the local society to invest in the teaching and learning process, so that what is learned and absorbed within the school environment can also be received from the local environment and, finally, applied in daily personal and professional life.

Keywords: Social Representation. Teaching and learning. Portuguese Language. Timor Leste. L2 teaching.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Diário do pesquisador	27
FIGURA 2: Famílias linguísticas das línguas faladas por timorenses	32
FIGURA 3: Enunciados dos líderes/ ativistas timorenses em defesa da L.P. em T. L.	46
FIGURA 4: Cenário da comunicação cotidiana e do uso de L. P entre os timorenses	49
FIGURA 5: Página do Manual Didático de L.P. do 8º	70
FIGURA 6: Cadastro na biblioteca da Embaixada Portugal (Dili)	79
FIGURA 7: Declaração da realização da pesquisa na escola Ensino Secundário 5 de maio ...	80
FIGURA 8: Declaração da realização da pesquisa no Colégio Paulo VI.....	81
FIGURA 9: Diferentes realidades da sociedade de T.L.	83
FIGURA 10: Jornal digital Tatoli.....	87
FIGURA 11: Jornal Independente.....	87
FIGURA 12: Jornal Nacional Diário.....	88
FIGURA 13: Jornal Timor Post.....	88
FIGURA 14: SEPFOPE envia 43 jovens trabalhadores para Coreia do Sul	89
FIGURA 15: Governo T.L enviou 61 trabalhadores timorenses para Austrália.....	90
FIGURA 16: Prova de 10º ano – Texto e questões de compreensão de texto.....	118
FIGURA 17: Prova de 10º ano – questões gramaticais.....	119
FIGURA 18: Jornal Timor Post.....	152
FIGURA 19: Jornal Nacional Diário.....	153

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Constituição estrutural do manual do aluno	96
TABELA 2: Organização do grupo de competências linguísticas e a estrutura de desenvolvimento dos conteúdos	99
TABELA 3: Temáticos das unidades, subtemas e grupos do 10º ano.....	104
TABELA 4: Temáticos das unidades, subtemas e grupos do 11º ano.....	108
TABELA 5: Temáticos das unidades, subtemas e dos grupos do 12º ano	112
TABELA 6: Tópicos gramaticais do 10º, 11º e 12º ano de escolaridade.....	115
TABELA 7: Forma de identificação dos participantes (1950-1974) no uso das suas falas ...	124
TABELA 8: Pergunta e resposta 11 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974	133
TABELA 9: Forma de identificação dos participantes (1975-1999) no uso das suas falas ...	140
TABELA 10: Pergunta e resposta 14 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1975-1999	156
TABELA 11: Forma de identificação dos participantes (2000-2022) no uso das suas falas .	159
TABELA 12: 30 Métodos de Ensino de L2	181

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Ensino e aprendizagem de L.P. em T.L. e as causas	73
GRÁFICO 2: Grupos de competências linguísticas tratados nos manuais	97
GRÁFICO 3: Adaptação, aproximação e integração entre L.P., professor e aluno	107
GRÁFICO 4: Pergunta e respostas 1 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974	124
GRÁFICO 5: Pergunta e respostas 2 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974	125
GRÁFICO 6: Pergunta e respostas 3 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974	126
GRÁFICO 7: Pergunta e resposta 4 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974	127
GRÁFICO 8: Pergunta e resposta 5 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974	128
GRÁFICO 9: Pergunta e resposta 6 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974	128
GRÁFICO 10: Pergunta e resposta 7 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974	129
GRÁFICO 11: Pergunta e resposta 8 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974	130
GRÁFICO 12: Pergunta e resposta 9 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974	131
GRÁFICO 13: Pergunta e resposta 10 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974	132
GRÁFICO 14: Pergunta e resposta 12 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974	134
GRÁFICO 15: Pergunta e resposta 13 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974	135
GRÁFICO 16: Pergunta e resposta 14 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974	136
GRÁFICO 17: Pergunta e resposta 15 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974	137

GRÁFICO 18: Pergunta e resposta 16 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974	137
GRÁFICO 19: Pergunta e resposta 17 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974	139
GRÁFICO 20: Pergunta e resposta 18 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974	140
GRÁFICO 21: Pergunta e resposta 1 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1975-1999	141
GRÁFICO 22: Pergunta e resposta 2 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1975-1999	142
GRÁFICO 23: Pergunta e resposta 3 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1975-1999	144
GRÁFICO 24: Pergunta e resposta 4 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1975-1999	145
GRÁFICO 25: Pergunta e resposta 5 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1975-1999	146
GRÁFICO 26: Pergunta e resposta 6 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1975-1999	147
GRÁFICO 27: Pergunta e resposta 7 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1975-1999	148
GRÁFICO 28: Pergunta e resposta 8 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1975-1999	149
GRÁFICO 29: Pergunta e resposta 9 do questionário aplicado a sujeitos da geração.....	150
GRÁFICO 30: Pergunta e resposta 10 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1975-1999	151
GRÁFICO 31: Pergunta e respostas 11 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1975-1999	154
GRÁFICO 32: Pergunta e resposta 12 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1975-1999	155
GRÁFICO 33: Pergunta e resposta 13 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1975-1999	156
GRÁFICO 34: Pergunta e resposta 15 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1975-1999	158

GRÁFICO 35: Pergunta e resposta 1 do questionário aplicado a sujeitos da geração 2000-2022	160
GRÁFICO 36: Representação gráfica das respostas à pergunta 2	161
GRÁFICO 37: Pergunta e resposta 3 do questionário aplicado a sujeitos da geração 2000-2022	163
GRÁFICO 38: Pergunta e resposta 4 do questionário aplicado a sujeitos da geração 2000-2022	164
GRÁFICO 39: Pergunta e resposta 5 do questionário aplicado a sujeitos da geração 2000-2022	165
GRÁFICO 40: Pergunta e resposta 6 do questionário aplicado a sujeitos da geração 2000-2022	166
GRÁFICO 41: Pergunta e resposta 7 do questionário aplicado a sujeitos da geração 2000-2022	167
GRÁFICO 42 Pergunta e resposta 8 do questionário aplicado a sujeitos da geração 2000-2022	168
GRÁFICO 43 Pergunta e resposta 9 do questionário aplicado a sujeitos da geração 2000-2022	169
GRÁFICO 44: Pergunta e resposta 10 do questionário aplicado a sujeitos da geração 2000-2022	170
GRÁFICO 45: Pergunta e resposta 11 do questionário aplicado a sujeitos da geração 2000-2022	171
GRÁFICO 46: Pergunta e resposta 12 do questionário aplicado a sujeitos da geração 2000-2022	172
GRÁFICO 47: Pergunta e resposta 13 do questionário aplicado a sujeitos da geração 2000-2022	173
GRÁFICO 48: Pergunta e resposta 14 do questionário aplicado a sujeitos da geração 2000-2022	174
GRÁFICO 49: Pergunta e resposta 15 do questionário aplicado a sujeitos da geração 2000-2022	175

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

A.P.	Antes do Presente
ASDT	Associação Social Democrata Timorense
ASEAN	Association of Southeast Asian Nations
BM	Banco Mundial
CMM	Congregatio Mater Misericordiae (Congregação Maria Mãe de Misericórdia)
CPB	Crioulo Português de Bidau
CPLP	Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
CPLP	Comunidades dos Países de Língua Portuguesa de Formação Profissional e Emprego
EUA	Estados Unidos da América
FRETILIN	Frente Revolucionária de Timor Leste Independente
GMN	Grupo Mídia Nacional
INL	Instituto de Linguística
INL-UNTL	Instituto de Linguística da Universidade Nacional Timor Lorosa'e
INTERFET	International Force East Timor
L.P.	Língua Portuguesa
L1	Primeira Língua/ Língua Materna
L2	Segunda Língua
LE	Língua Estrangeira
LNM	Língua não Materna
OCDE	Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico
ONG	Organizações Não Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
PALOP	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
PLE	Português como Língua Estrangeira
PTB	Portuguesa de Bidau
PTL	Português do Timor Leste
PUC	Minas - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
RDTL	República Democrática de Timor Leste
RS	Representação Social

RTTL/TVTL	Rádio e Televisão de Timor Leste/ Televisão de Timor Leste
SADC	Comunidade de Desenvolvimento da África Austral
SEPFOPE	Sekretário Estado Formasaun Profisionál no Emprego – Secretário do Estado
STL	Suara Timor Lorosa'e
T.L.	Timor Leste
TRS	Teoria de Representação Social
TV	Televisão
TVE Timor	Televisão Educação Timor
UDT	União Democrática Timorese
UNAMET	United Nation Mission in East Timor
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICEF	Fundo de Emergência Internacional para Crianças das Nações Unidas na íntegra/ Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNMISSET	United Nations Mission of Support in East Timor
UNTL	Universidade Nacional Timor Lorosa'e

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	19
JUSTIFICATIVA, PROBLEMATIZAÇÃO E OBJETIVOS DA PESQUISA	19
1.1 Justificativa e Problematização.....	19
1.2 Objetivos da pesquisa	21
2.1.1 Objetivo Geral.....	21
2.1.2 Objetivos Específicos.....	21
CAPÍTULO 2	24
METODOLOGIA.....	24
CAPÍTULO 3	29
HISTÓRIA CONCISA DO TIMOR LESTE.....	29
3.1 T.L.: antes das chegadas dos comerciantes, navegadores, colonizadores	30
3.2 T.L.: era da colonização – chegada, estabelecimento e reinado	33
3.3 T.L.: era da invasão e resistência	35
3.4 T.L.: era da independência.....	37
CAPÍTULO 4.....	41
PORTUGUÊS EM TIMOR LESTE: CONTEXTUALIZAÇÃO DE ENSINO	41
CAPÍTULO 5	50
REFERENCIAL TEÓRICO	50
5.1 A Teoria das Representações Sociais de Moscovici.....	50
5.2 Algumas Representações Sociais sobre a L.P. em T.L.....	56
5.3 Ensino de L.P. a nativos e a não nativos: metodologias e pressupostos.....	61
5.4 Os métodos e Manuais Didáticos recorrentes e utilizados pelos professores no ensino de L.P.....	68
5.5 Os desafios que dificultam o acesso e o uso de L.P. dentro e fora do ambiente escolar	77
5.5.1 Em casa e no dia a dia a maioria não se comunica em L.P.	78
5.5.2 O contexto social contribui de uma forma confusa.....	82

5.5.3 A maioria dos professores não é fluente	84
5.5.4 A mídia local – notícias de TV, rádio e jornais digitais e impressos – contribui menos no processo de ensino, aprendizagem e uso de L.P.	85
5.5.5 Há poucos campos que promovem o emprego real da L.P.	89
5.5.6 Faltam bibliotecas e livrarias.....	90
5.5.7 Falta de incentivo	91
CAPÍTULO 6	93
EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	93
6.1 Análise dos Manuais Didáticos de L.P. do Ensino Secundário Geral de T.L.....	93
6.1.1 Os pontos genéricos dos Manuais dos Alunos e Guias dos Professores de L.P.	95
6.1.2 Os pontos específicos dos manuais do aluno e do guia dos professores de cada ano	102
6.1.3 Tratamento gramatical nos manuais.....	115
6.2 Exposição, Interpretação e Análise dos Resultados.....	123
6.2.1 Exposição, interpretação e análise das respostas das gerações de 1950 a 1974.....	124
6.2.2 Exposição, interpretação e análise das respostas das gerações de 1975 a 1999.....	140
6.2.3 Exposição, interpretação e análise das respostas das gerações 2001 a 2022	159
6.3 Uma síntese comparativa dos resultados e sua relação com a TRS.....	176
6.4 Discussão sobre possíveis metodologias para ensino de L.P. em T.L.	180
CAPÍTULO 7	185
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	185
REFERÊNCIAS.....	192

CAPÍTULO 1

JUSTIFICATIVA, PROBLEMATIZAÇÃO E OBJETIVOS DA PESQUISA

1.1 Justificativa e Problematização

Adotada e constitucionalizada em 2002, a Língua Portuguesa (doravante L.P.) é uma das línguas oficiais da República Democrática de Timor Leste (RDTL), tanto administrativa, como de instrução (de ensino e aprendizagem). Contudo, ainda está longe de ser uma língua que se integra de forma exitosa no uso e na vida diária dos timorenses. Tudo se deve a um conjunto de fatores. Primeiro, como se sabe, é o fato de que o Português, antes de tudo, foi a língua do colonizador que passou a ser adotada, constitucionalizada e hoje foi adotada como uma das línguas oficiais.

Ela foi eleita com base em razões como, para alguns líderes e linguistas atuais, ser uma língua que diferencia o país dos seus vizinhos (GUSMÃO, HORTA, SANTANA *apud* MENEZES, 2008) e que apresenta a identidade do povo como consequência de sua história, política e cultura. Ainda, durante a invasão do país pela Indonésia, o Português atuou como uma língua de resistência. Em outras palavras, foi a ferramenta principal de comunicação entre os líderes timorenses da época e destes com o mundo, para anunciar o processo da luta e denunciar os abusos, além de ter sido instrumento na busca de apoio para a independência.

Em segundo lugar, embora seja uma ilha localizada entre as ilhas do Sudeste Asiático, Timor Leste é um país sociolinguisticamente rico. De acordo com o censo do Ministério das Finanças (2010), o país possui mais de vinte línguas locais derivadas de famílias linguísticas diferentes, duas Línguas Oficiais, Tétum e Portuguesa, além das línguas de trabalho declaradas constitucionalmente (Indonésia e Inglesa – Constituição de RDTL, art. 159) e outras línguas estrangeiras, como latim (igreja), espanhol (curso de medicina/ Doutores sem fronteiras, de Cuba) e entre outras que chegam por meio das mídias sociais (TV e internet). Diante desse cenário, o desenvolvimento da L.P. no país passou (e passa) por vários obstáculos.

Inicialmente a L.P. era falada e ensinada a grupos específicos da sociedade: líderes, nobres, anciões. Em seguida, durante a invasão indonésia, a L.P. foi reprimida violentamente junto às línguas locais pelos indonésios, que iniciaram a reforma no ensino com a introdução dos seus materiais didáticos (cf. ALBUQUERQUE, 2010 e 2014). Depois, logo após a proclamação da independência do país, foi aplicado um Projeto de Reintrodução da Língua

Portuguesa em Timor-Leste (2003-2009). Era um projeto de Cooperação entre Timor Leste e Portugal, e tinha como objetivo “apoiar a criação de condições na sociedade timorense e, de modo particular, no sistema de ensino, para a utilização do Português como Língua Oficial e de Instrução” (BARBEIRO *et. al.*, 2010, p. 7).

Esse projeto foi de suma importância, contudo deixou de contemplar, no âmbito de algo que se inscreve numa política linguística extensa, o ponto que consideramos mais importante, tendo em vista o que foi apresentado até agora: explicitar de que forma essa língua deve ser/ está sendo reintroduzida na prática de ensino e aprendizagem. Trata-se de refletir sobre métodos e/ou abordagens que dão assistência prática às estratégias dessa reintrodução, mas também sobre aspectos identitários e socioculturais dos timorenses.

Cabe lembrar que as novas gerações (gerações do T.L. independente, de 1999 em diante) são mistas, agem e se comunicam com mais facilidade em Línguas Materna, Franca (Tétum-Praça), Indonésia e Inglesa do que em Portuguesa. Desse modo, a realidade atual do ensino de L.P. no país se baseia, basicamente, no *Método Gramática-Tradução e Método Direto*. É preciso, contudo, questionar: até que ponto esses métodos são efetivos, se os aprendizes não têm contato amplo, efetivo e continuado com a língua?

Falar mais de duas línguas é uma realidade da maioria dos timorenses. Sendo timorense, nascido em 1990, aprendi a falar em três línguas: L1 – Mambae; L2 – Tétum (Língua Franca/oficial) e L3 – Língua Indonésia – língua do invasor). Dentro da família, além dessas três línguas, meu pai e meus tios, nascidos entre 1955 e 1960, embora fossem proibidos pelos indonésios, comunicavam-se, às vezes, em Português. Na escola, antes de 1999, o ensino era em Língua Indonésia. Após a independência, a partir de 2002/2003, o governo, rapidamente, determinou o ensino em Línguas Tétum e Portuguesa, porém ainda se podiam usar os materiais em Língua Indonésia e fazer a explicação nela. Tudo ficava a critério do professor.

Essa realidade permaneceu até aproximadamente 2009, quando o governo decidiu fazer vigorar o ensino de L.P. como língua de ensino para todo o território. Dessa forma, passei toda minha formação básica (1997-2009) com a mistura dessas línguas, tanto nos materiais de ensino quanto nas contextualizações dos professores. A partir de então, o Português passou a ser mais uma língua a ser aprendida, mas era apenas o básico, incluindo os vocabulários que se encontram no uso de Língua Tétum. Assim, posso dizer que o Português, para minha geração, não era uma língua da prática comunicativa.

Após terminar minha formação de ensino básico, ingressei numa congregação religiosa chamada *Fráteres de Nossa Senhora, Mãe de Misericórdia (Fráteres CMM)*. Ela tem como missão principal na área de educação e a escola é a obra principal. Com isso, seus membros são enviados, antes de uma atuação profissional, a obter formações superiores e a escolha da área de estudo é determinada de acordo com a necessidade da origem de tal membro.

Em 2013, dois anos depois do término das etapas da minha formação e vendo a realidade do país, recebi a missão de vir ao Brasil com intuito de aprender a L.P. e voltar a contribuir na missão da congregação no meu país. Hoje, sou formado em Letras Português/Inglês (2018) e mestrando em linguística na PUC-Minas. Tudo em busca de conhecimentos e metodologias de ensino dessa língua, mais embasado, a fim de que eu possa contribuir para um ensino mais efetivo e espero que, com isso, o Português seja, futuramente, uma língua de ensino acessível e de uso de toda população, principalmente das novas gerações.

A seguir, explicitamos os objetivos e a hipótese inicial desta investigação.

1.2 Objetivos da pesquisa

2.1.1 Objetivo Geral

Pretendemos, neste trabalho, entender como se dá o ensino de Língua Portuguesa (L.P.) num país, como a República Democrática de Timor Leste (RDTL ou, abreviadamente, T.L.), que adota o Português como uma das suas línguas oficiais, administrativa e de instrução de ensino e aprendizagem.

2.1.2 Objetivos Específicos

São objetivos específicos desta investigação:

- a) Verificar como o ensino de L.P. é feito no ensino básico em T.L. por meio da análise de livros didáticos e de observações que serão feitos nas escolas elegidas para serem acompanhadas;
- b) Identificar quais são os métodos recorrentes e utilizados pelos professores do ensino básico nos seus trabalhos com o ensino de L.P.;

- c) Identificar os desafios que dificultam o acesso e o uso da L.P. dentro e fora do ambiente escolar;
- d) Identificar aspectos da realidade da educação básica da RDTL que facilitam e que dificultam a consolidação do ensino de L.P. como Língua Oficial;
- e) Mapear representações que os professores – tanto estrangeiros que ensinam L.P. quanto nativos que, atualmente, dedicam-se a esse ensino, têm da língua, da sua importância frente às demais faladas no T.L.;
- f) Propor métodos de ensino correspondentes às realidades locais com o intuito de contribuir a tornar a L.P. mais acessível por meio da educação;

Explicitados nossos objetivos, este trabalho tem como hipótese inicial, diante das exposições históricas e teóricas, que a L.P., a partir do momento em que foi adotada como Língua Oficial e passou a vigor como a Língua de Instrução de ensino, esteja afetando, gradualmente, as representações sociais dessa língua pelos falantes timorenses, já que as gerações mais novas voltaram a ter contato frequente com ela.

Essas representações (valorização? indiferença? identidade?), acreditamos, se evidenciam de forma significativa na fala do povo, no que se refere à importância que atribuem (ou não) a ela, para uso mais amplo em práticas linguageiras cotidianas, nas atividades diárias, e nas relações intersubjetivas com a família, amigos e outros grupos de relacionamentos.

A pergunta que tentaremos responder é: a escolarização tem contribuído, na sociedade local, para ajudar a propagação do Português no território timorense? Em caso afirmativo, de que forma? Em caso negativo, por quê?

Exposta a problematização, os objetivos e a hipótese inicial, vale antecipar, ainda que de forma sucinta, que a metodologia utilizada foi uma pesquisa qualitativa, exploratória, bibliográfica, mas tendo como contrapartida uma análise empírica de dados obtidos *in loco*, em visita ao Timor Leste (no período de agosto a outubro de 2022, na cidade(s) de Dili (Capital do país) e Ermera, com acompanhamento do Prof. Benjamim de Araújo e Corte-Real, Ph.D.; dessa forma, essa investigação apresenta também alguns traços de pesquisa etnográfica

– já que o pesquisador retorna à sua realidade de falante nativo, convive em diferentes ambientes e seleciona falantes dispostos a participar da pesquisa¹.

Este trabalho se organiza da seguinte forma: feita esta introdução, em que justificamos a origem do interesse pelo tema e fazemos uma breve contextualização da investigação, no capítulo 2, apresentamos as metodologias a que recorreremos para elaboração desta pesquisa. No capítulo 3, demonstramos, de forma concisa, as fases históricas do T.L., trazendo para a discussão o período anterior à colonização, a era da colonização, o período da invasão e o da independência. No capítulo 4, abordamos o tema da L.P. em T.L., focalizando, sobretudo, na contextualização histórica e atual do ensino e aprendizagem. No capítulo 5, tratamos do referencial Teórico da Representação Social de Moscovici. E com base nessa teoria, mostramos a Representação Social da L.P. e os desafios diante da sua propagação em T.L. No capítulo 6, expomos nossas análises dos resultados obtidos com aplicação dos questionários, os manuais didáticos e guias dos professores da etapa do ensino elegido e observado. Por fim, apresentamos nossas considerações finais com demonstrações dos objetivos alcançados ou não com esta pesquisa.

¹ Seguindo todos os protocolos éticos de pesquisa, conforme orientação emanada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Minas, mas que não encontram uma exata correspondência nos protocolos adotados pela Universidade do Timor Leste. Falaremos de tudo isso no próximo capítulo, na seção referente à Metodologia.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

Diante dos objetivos declarados, tanto o geral quanto os específicos, este trabalho se define, inicialmente como uma pesquisa exploratória, bibliográfica, qualitativa e descritivo-analítica. A pesquisa exploratória visa proporcionar a familiaridade com o tema elegido, de forma a torná-lo compreensível e a construir a nova hipótese. Nesse sentido, ela se faz importante, uma vez que a exploração dos estudos existentes e da realidade local histórica e atual do ensino e aprendizagem de L.P. em T.L., ou seja, as mudanças e evoluções dessa prática, são importantes para uma visão crítica do tema discutido e das alterações sofridas nas últimas décadas, e esse “estado da arte” subsidiará a compreensão do objeto de pesquisa e o processo da construção deste trabalho.

Segundo Fonseca (2002, p. 183), “[a] pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências publicadas por meios escritos e eletrônicos” e assim fizemos. Em seguida, com base neste levantamento, elaboramos descrições importantes sobre pontos sócio-históricos, políticos, sociais e econômicos do Timor que levaram à opção pelo Português, bem como os impactos para o país, o povo, a cultura, a apresentação e a representação local e internacional. Isso nos ajudou a perceber os andamentos do ensino e aprendizagem da L.P., as mudanças e o resultado dessa reintrodução da L.P. para a construção de uma complexa situação de multilinguismo no país.

Este trabalho também buscou entender a Representação Social do Português na sociedade timorense. À vista disso, foi importante outro levantamento bibliográfico que criou caminhos que nos ajudam a entender, elucidar e propor possibilidades de compreender tal representação na teoria de Moscovici (2005), “Teoria da Representação Social”, ou seja, se uma língua é considerada a “língua nacional” e oficializada como aquela a ser utilizada no processo de ensino e aprendizagem de um povo (ainda que em paralelo com a língua local, o Tétum-Praça), ela deve se tornar também parte integrante da cultura desse povo, mediar as práticas mais importantes da vida social dessa comunidade – e não apenas restringir-se como instrumento de certas práticas escolares e ações da administração pública –, a fim de ser acessível e útil a todos.

Portanto, tomamos como suporte principal a Teoria da Representação Social (TRS), provenientes da Psicologia Social, em interface com o aporte específico da linguística, com a finalidade de compreender melhor os desafios – tanto do ponto de vista objetivo (contexto

real do país) quanto subjetivo (representações dos falantes sobre cada uma das línguas com que convivem, a L.P. incluída), mapeando fatores que favorecem ou que impedem que tal língua seja acessível à população como um todo.

Esta é uma pesquisa qualitativa na medida em que a nossa busca visa compreender os pontos cruciais que desafiam e dificultam a propagação do Português no meio do povo e suas atividades cotidianas. Após isso, descrevemos de forma analítica-crítica e propomos, com base nos levantamentos teóricos feitos, as possíveis saídas para ajudar a solucionar o problema identificado.

É importante esclarecer, desde já, que, entre os materiais explorados para a fase deste trabalho e no que se refere às nossas pesquisas bibliográficas, a maioria foi extraída do meio tecnológico (via internet), ou seja, são artigos acadêmicos de revistas de acesso livre, *e-books*, vídeos etc., mas também livros impressos, adquiridos por tratarem da temática em análise.

Acreditamos que o modo melhor e mais assertivo de reverter a situação de limitação da L.P. a poucos contextos da vida sociocultural dos timorenses se deve a uma boa metodologia de ensino. Assim, foram feitos também estudos da linha de ensino e aprendizagem da segunda língua (L2), tendo como argumento básico que a L.P. foi uma língua do colonizador, passou a ter uma contribuição significativa no processo da obtenção da independência do país, depois foi constitucionalizada e, hoje, é uma das línguas oficiais, além de língua administrativa e de instrução (de ensino e de aprendizagem escolar). Trata-se de buscar abordagens compatíveis e que se adaptem à realidade do local e do povo, principalmente, às novas gerações. Além disso, as teorias dessa área serão de suma importância, pois servirão como mediadoras para se alcançar uma resposta sustentável da pergunta principal desta pesquisa, afinal as metodologias da prática do Ensino de Língua Estrangeira (PLE) e o ensino de uma Língua Estrangeira adotada como Língua Oficial de um país talvez sejam diferentes e necessitem de adaptações.

Ao longo da realização do levantamento e da coleta de dados, contudo, deparamo-nos com a necessidade de recorrer a outras metodologias de pesquisa, como a documental e a etnográfica. A primeira se deu na medida em que percebemos que, para compreender a política de ensino e aprendizagem em T.L., era necessária a pesquisa documental relacionada às leis da educação básica (do Ensino Infantil ao Ensino Secundário) e os documentos norteadores das práticas de ensino no país, tais como: currículo de Ensino Secundário Geral, materiais complementares dos manuais didáticos e guias do professor da L.P., bem como a escuta atenta aos relatos dos professores, alunos e agentes das bibliotecas e Ministério da

Educação, além das observações *in loco* do próprio pesquisador (diário) e registros de imagens fotográficas da realidade local.

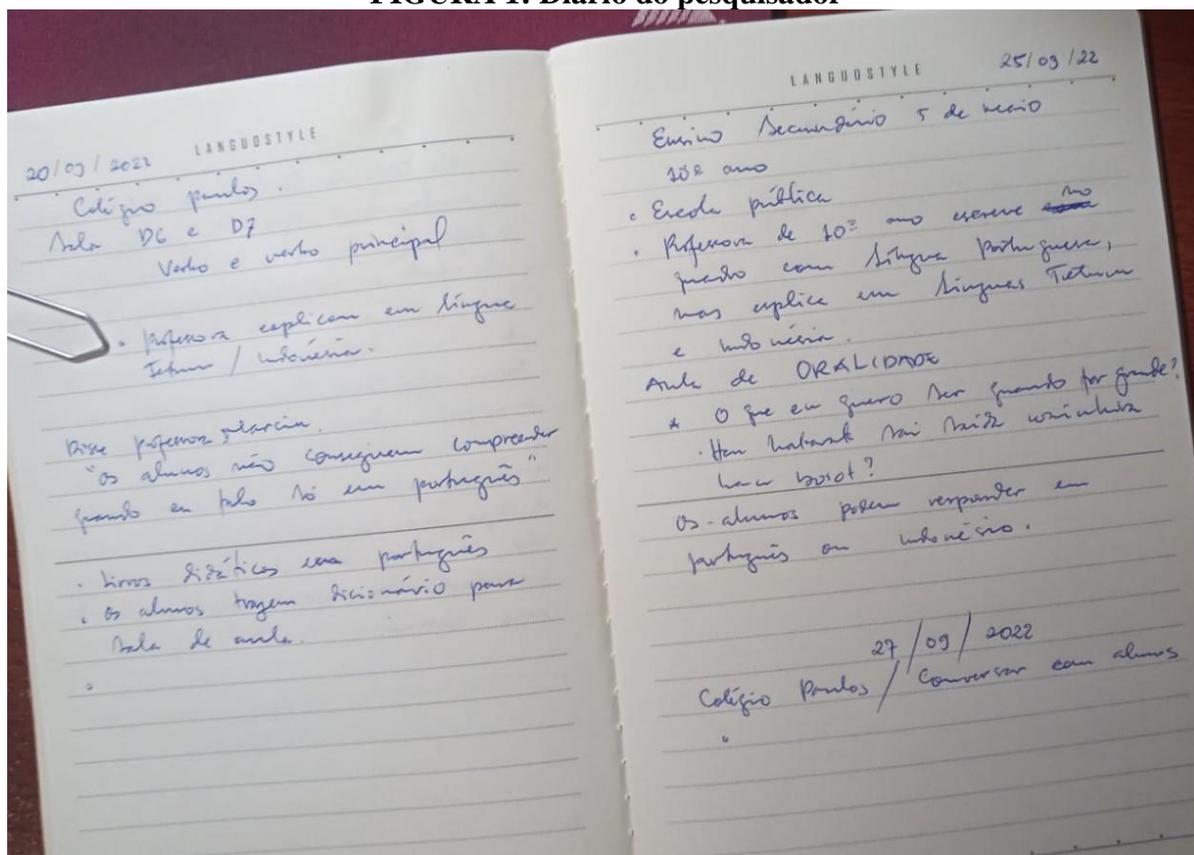
Para a obtenção do *corpus* de análise, foram elaborados questionários de entrevista sobre as Representações Sociais da L.P. entre as diferentes gerações dos timorenses, a saber, de 1950-1974, 1975-2000 e 2001-2021. Tais questionários, depois, foram aplicados presencialmente pelo pesquisador, portanto era necessário tomar também as técnicas básicas de pesquisa etnográfica. Trata-se de uma pesquisa que exige que o pesquisador esteja no campo presencialmente porque, conforme Herskovits (1963), citado por Lima *et al.* (1996),

consiste em dirigir-se ao povo que se pretende estudar, escutar as conversas, visitar os lares, assistir aos ritos, observar o comportamento habitual, interrogar sobre as tradições para obter, mediante o conhecimento direto dos modos de vida, uma visão de conjunto da cultura ou analisar algo especial da mesma (LIMA *et al.* 1996, p. 23).

Para a realização de tudo isso, estive pessoalmente em T.L., no período de agosto a outubro de 2022. O exercício de observação das práticas de ensino e aprendizagem foi feita, exclusivamente, em duas escolas localizadas na capital do Timor – Díli –, pois, após visitas realizadas em algumas escolas fora da capital, constatei os seguintes fatos: primeiro, tanto os alunos que frequentam as escolas desta cidade quanto os professores são advindos de diferentes regiões do país e trazem diferentes formações e vivências e, com isso, foram possíveis a observação e o registro dos fenômenos visados para este trabalho sem ir além da capital. Segundo, as escolas apresentam situações semelhantes desde a estrutura dos edifícios, o modo de ensino até as competências dos professores e alunos. Terceiro, o Ensino Secundário Geral de todo território recebeu e utilizou, até os dias atuais, o mesmo material didático.

Para o registro das minhas observações, utilizei o diário do campo e o celular para registros fotográficos, conforme a imagem de uma página do diário abaixo.

FIGURA 1: Diário do pesquisador



FONTE: Arquivo do pesquisador, 2022.

A aplicação dos questionários também foi feita, em sua maioria, com pessoas que se encontram na capital, mas em diferentes lugares: no mercado, nas ruas, nas casas, nas escolas, nas bibliotecas, nas lojas, nos encontros de jovens e até na estação rodoviária. Assim sendo, a escolha dos respondentes dos questionários foi aleatória e em lugares diferentes.

Pretendia-se, com isso, perceber a presença do Português no meio dos timorenses de diferentes classes sociais e gerações. Para isso, não era necessário documento de autorização e, embora os participantes se identificassem com nome e idade nos questionários, suas identidades, no entanto, foram ocultas ao longo do processo de análise, de forma a preservar seus dados pessoais. É importante esclarecer que, para essa prática, foi difícil conseguir o número de participantes suficiente das pessoas da geração de 1950 a 1974 (6 pessoas responderam, quando desejávamos que fossem 10).

A fim de que eu pudesse realizar essas práticas, houve um contato inicial entre minha orientadora, eu e a Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL) na pessoa do Diretor do Instituto Nacional de Linguística da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (INL-UNTL), Prof. Benjamim de Araújo e Corte-Real, Ph.D. Em seguida, como a Comissão da Ética de

Pesquisa da PUC Minas não tem a competência de avaliar e deliberar sobre documentos de autorização e materiais da coleta de dados (questionários, entrevista etc.) em outro país, para a realização deste trabalho, foi feito um pedido à UNTL e recebi uma autorização para a observação nas escolas e um cartão de identificação de pesquisador para o acesso à universidade, às bibliotecas, aos museus etc.

O processo de análise dos dados coletados começa com a descrição das minhas práticas de observação nas escolas e outras realidades da capital em geral, seguida de ilustrações de registros fotográficos, impressões e interpretações.

Em seguida, é feita a leitura, interpretação e análise dos livros didáticos de ensino de L.P., tendo como foco o que tange ao conteúdo e à aplicação deste material. Essa etapa tem por objetivo verificar se: o ensino de L.P. está sendo feito como L2 ou como L2 com adaptações às realidades locais, conforme mostram os novos manuais didáticos. Uma outra possibilidade: o ensino de L.P. estaria sendo feito com métodos próprios? Se positiva essa resposta, quais? Para isso, foi necessário também o conhecimento básico sobre as diretrizes e as leis que norteiam o ensino e aprendizagem. O recurso a estes últimos documentos, contudo, se deu com a finalidade de melhor compreender o material de ensino mencionado e outros materiais que o complementam.

Finalmente, foi feita a análise dos questionários aplicados. Conforme foi mencionado, a aplicação foi feita presencialmente e na interação entre o pesquisador e os participantes. Ainda, decidi fazer essa aplicação com questionário impresso porque nem todos participantes têm acesso à internet. Com isso, esta fase de análise, que se delongou além do previsto, porque pressupôs a transcrição para o formulário *on-line* de todas as respostas, começa com a montagem gráfica dos dados obtidos, com o uso do *software Google Forms* e termina com a análise, propriamente dita.

CAPÍTULO 3

HISTÓRIA CONCISA DO TIMOR LESTE

Este trabalho visa entender como se dá o ensino de L.P. num país, o T.L., que adota o Português como uma das suas línguas oficiais, como Língua Administrativa e de Instrução de ensino e aprendizagem. Desse modo, faz-se importante apresentar e contextualizar, inicialmente, a questão social, cultural e histórica deste país.

Geograficamente, a ilha do Timor, localizada no Sudeste da Ásia, divide-se em Leste e Oeste, sendo que o T.L. é independente e o Timor Oeste faz parte da Indonésia. Esta divisão se deve, basicamente, à ocupação dos colonizadores portugueses e holandeses. O Leste do Timor ou República Democrática de Timor Leste (RDTL) foi colônia portuguesa desde o século XVI até 1974. Após este período, no dia 28 de novembro de 1975, o país proclamou sua independência. Essa proclamação durou, no entanto, apenas alguns meses, pois a Indonésia logo o invadiu e o tornou sua 27ª província durante 24 anos (1975-1999).

Ao longo desses anos, alguns timorenses se juntaram à Indonésia e outros continuaram a resistir na luta pela independência. Assim, “após a morte de Suharto, em 1998, a ONU, Portugal e Indonésia concordaram na criação de um referendo para conseguir resolver o problema da independência de Timor. A 30 de Agosto de 1999, 78% do povo timorense votaram para a independência formal de Timor-Leste” (LEITE, 2007). Finalmente, em 20 de maio de 2002, proclamou-se ao mundo o reconhecimento deste como um país independente.

A história do T.L. perpassa necessariamente pelos seguintes marcos históricos: T.L. antes da chegada dos comerciantes, navegadores, colonizadores etc. que consiste em entender e demonstrar a formação do povo Timorense do Leste e suas possíveis origens; a era das colonizações que se trata da chegada e estabelecimento dos colonizadores; a era da invasão e resistência que engloba a invasão da Indonésia e dos timorenses pró-independência e suas lutas em busca da independência do país; e da independência até hoje.

Esses marcos, contudo, ainda carecem de uma referência consistente e fundamentada. Dessa forma, as explicações referentes a eles são compilações de estudos que foram se encontrando ao longo das leituras para este trabalho, principalmente estudos como de Lapian e Chaniago (1988), Thomaz (1994 e 2002) e outros (recentes) como Pélisser (1996), Gunn (1999), Hull (2000), Roque (2010), Costa (2016), Albuquerque (2010, 2011 e 2014), Soares (2014), Ramos (2019), Silvestre (2013) etc.

Para Thomaz (1994), os estudos históricos do T.L. podem ser divididos em três fases: pré-história, proto-história e história. A primeira trata da história do Timor na ausência de registros escritos. A segunda consiste em tratar do período da história do Timor antes da chegada dos portugueses. A última trata da chegada dos portugueses à ilha e aos países²/ilhas vizinhas e os registros de viagens e atividades dos colonizadores, missionários etc.

Costa (2016, p. 41) afirma que “com frequência escutei a história contemporânea do país ser narrada e nomeada de três tempos sucessivos e sobrepostos: um ‘tempo português’ (*tempu portugés*), um ‘tempo indonésio’ (*tempu indonézia*) e um terceiro e fugidio ‘tempo do agora’ (*tempu agora*)”. Por meio desses três tempos, as marcações geracionais também são feitas: geração 1975, que diz respeito às pessoas nascidas na época portuguesa; nova geração, a geração do Timor invadido e dominado pelos indonésios; e a geração da independência.

Mesmo com a existência desses estudos históricos, percebe-se, imediatamente, a carência de um estudo aprofundado da temática em foco nesta dissertação – a compreensão da reinserção recente da L.P. na sociedade timorense. O que se procura aqui é ter uma ideia geral e ampla a respeito da história do T.L. e sua situação de multilinguismo persistente, portanto, ao tratar da história do T.L., é importante se levar em consideração esses marcos históricos.

No que se refere à pré-história, apontada por Thomaz (1994), que trata da ausência dos registros históricos, é importante esclarecer que, na formação do povo timorense, por meio das origens das famílias linguísticas locais, constata-se que a população é fruto da migração dos povos vizinhos, devido à pesca e, posteriormente, ao comércio.

3.1 T.L.: antes das chegadas dos comerciantes, navegadores, colonizadores

Embora não existam estudos muito consistentes, poucos que tratam do T.L. antes das colonizações, convenceram-se da existência de um povo, de reinos e de estilos de vida próprios do povo timorense naquela época. Para sustentar as afirmações a respeito desse tempo, os estudiosos se apoiam nos estudos de arqueologia, antropologia e linguística, além dos registros dos navegadores, comerciantes e/ou estudiosos que passaram pela ilha.

Os pesquisadores indonésios Lapian e Chaniago (1988, p. 5-7) explicam esse tempo com base em três registros. O primeiro, tirado das fontes chinesas do século XV, o relatório de Fei Hsin (1436), afirma que a ilha de Timor, localizada a leste de Madura, “teve doze

² Refere-se aos países asiáticos e às ilhas da Indonésia onde os portugueses passaram antes de chegar no Timor Leste.

postos ou centros comerciais, cada um sob a sua chefia”. Assim, a impressão obtida com esta notícia chinesa é que, naquela época, já existia uma unidade comunitária, com seu próprio chefe, que fazia contato com o mundo exterior. O segundo é da fonte portuguesa, escrita por Duarte Barbosa (1516-1517) e dizia que existiam várias ilhas a leste da ilha de Java, entre as quais se encontrava o chamado ‘Timor’ que tinha um rei independente. O terceiro se encontra nos relatos de Pigafetta, geógrafo, marinheiro e escritor Italiano (1522) e que disse que, no interior, visto de Batugade, a costa norte da ilha de Timor, por onde passou, havia quatro irmãos que se tornaram reis dessa ilha. Esses quatro reinos foram nomeados Oibich, Lichsana, Suai e Cabanaza, sendo Oibich o maior.

Como se pode observar, embora apresentem versões diferentes, essas fontes tratam dos sinais da existência dos antigos habitantes da ilha. Segundo os autores, existem possíveis explicações para essas versões. A mais aceitável é que, no século XV, havia vários reinos que eram independentes, mas reconheciam um único poder que, segundo a tradição local, era conhecido como união Waihale-Waiwiku. Uma unidade já reconhecida pela maioria da população da ilha, sobretudo pelos povos Atoni e Belu, talvez também pelos povos Bunak e Kemak que habitavam a área, próximo à fronteira. Os quatro irmãos relatados por Pigafetta não são contraditórios, pois, de acordo com os relatos, sabe-se que o centro de Waihale-Waiwiku (que Pigafetta chamou de ‘Oibich’, o reino maior) é a sede de Maromak O’an (filho de Deus) – que se diz que vem do céu e está intimamente relacionado com os outros três elementos: fatu Aruin (norte de Waihale, Insana), Sonba’i (área do povo Atoni) e Suai-Kamanasa.

Assim, os dois maiores grupos étnicos afirmam terem sido unidos sob Maromak O’an. Em alguns lugares, essa unidade também é conhecida como Liurai-Sonba’i, refletindo a fusão do poder do povo Belu (Liurai) e Atoni (Sonba’i), mas com os Sonba’i em uma posição inferior à dos Liurai. Deve-se notar que essa concentração de poder Waihale não implica um governo centralizado. Essa relação de dependência é de natureza mais simbólica e deveria estar mais ligada à crença que considera este centro a sede do Maromak O’an que guarda os objetos sagrados.

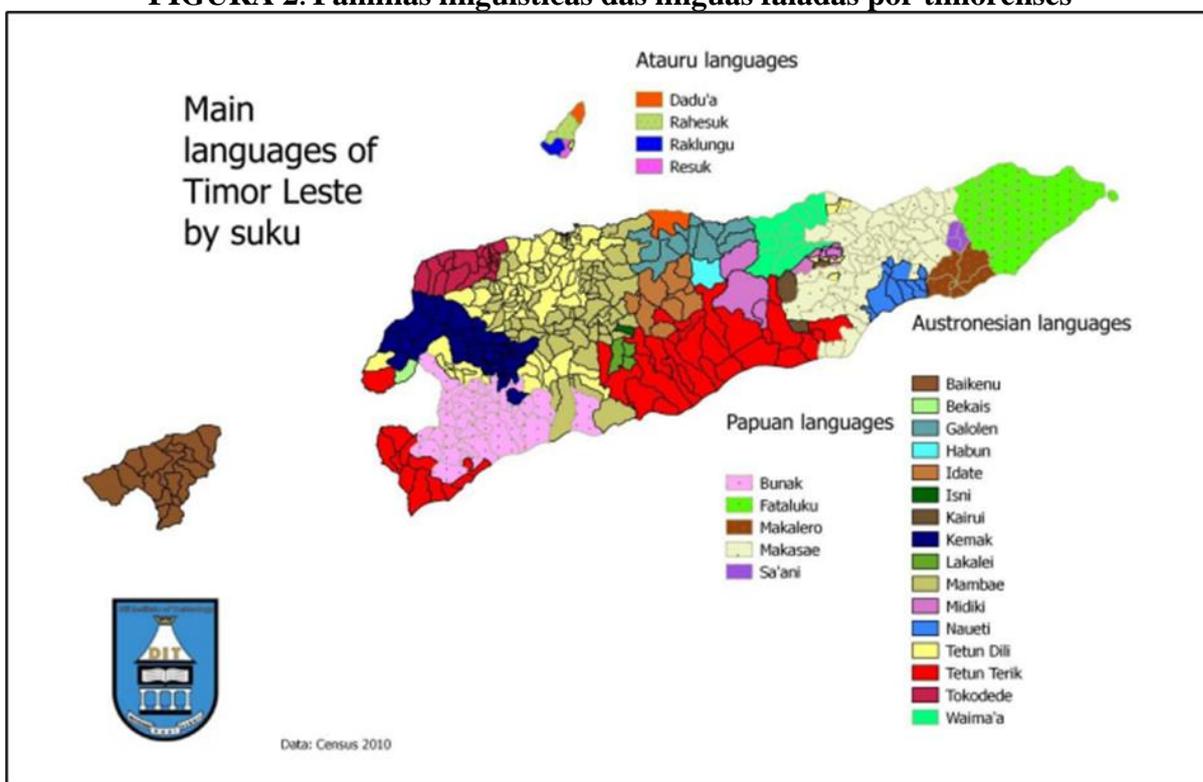
Além desses registros, os arqueólogos anotam a presença dos antigos habitantes desta ilha por meio das ferramentas de pesca que têm a datação de 10.000 A.P.³ (cf. O’CONNOR, SPEINGS e VETH *apud* ALBUQUERQUE, 2014). Nota-se aqui um ponto importante da formação do povo timorense, através da pesca, de grupos humanos advindos das ilhas

³ Antes do Presente, usado nos estudos de Arqueologia.

vizinhas. Tal formação também pode ser verificada nas origens das línguas locais do Timor Leste. Nesse sentido, pode-se afirmar que o povo timorense é fruto da composição migratória dos habitantes de Papua, Austronésia, Melanésia (cf. SOARES, 2014, p. 32-40), e, hoje, pode-se pensar em acrescentar outras partes do mundo. Por exemplo, gerações de portugueses, chineses etc.

No que se refere às origens das famílias linguísticas, sendo um país pequeno em tamanho, T.L. é sociolinguisticamente rico. Possui o Tétum e o Português como línguas oficiais (Constituição de RDTL, art. 13), o Inglês e o Indonésio como línguas de trabalho (Constituição de RDTL, art. 159) e mais de vinte línguas locais, provindas de diferentes famílias linguísticas e distribuídas pelo território, sendo que a maioria dos timorenses fala mais de duas línguas. De acordo com o censo realizado em 2010 pelo Ministério das Finanças, as línguas faladas pelos timorenses são provenientes de três famílias linguísticas: a Austronésia, a Papua e a Ataúro, conforme ilustra a imagem a seguir:

FIGURA 2: Famílias linguísticas das línguas faladas por timorenses



FONTE: Censo 2010, Ministério das Finanças da República Democrática de Timor Leste.

Essas variedades linguísticas e suas famílias de proveniência mostram as origens do povo T.L. (cf. THOMAZ, 2002; HULL, 2001; ALBUQUERQUE, 2009). Portanto, antes

mesmo da chegada dos colonizadores, passaram pela ilha diferentes navegadores de diferentes territórios. Por exemplo, “nos séculos XIII e XIV, Timor teve contato com comerciantes chineses; nos séculos XIV e XV, com o povo malaio; e, no mesmo período, com navegadores árabes” (THOMAZ *apud* ALBUQUERQUE, 2020, p.79).

3.2 T.L.: era da colonização – chegada, estabelecimento e reinado

T.L. foi colonizado pelos portugueses durante 450 anos (1522-1975) e pelos japoneses durante 3 anos (1942-1945), contudo trataremos, nesta seção, da história referente à época da colonização portuguesa. A ilha do Timor era rica em sândalo, portanto tornou-se um destino de interesse dos navegadores e comerciantes europeus, portugueses e holandeses, principalmente (LAMARCA, 2003).

Segundo Ruak (2001), os portugueses tiveram contato com os antigos reinos timorenses, inicialmente, por volta de 1512. Os contatos começaram com comunicações gestuais e com objetivo comercial de troca de sândalo por parte dos timorenses e armas e outros objetos de valor por parte dos portugueses. Tal comunicação foi evoluindo na medida em que as negociações de troca foram avançando e sua expansão começou com a chegada dos missionários (1560) e o início da colonização. Assim, antes do estabelecimento da colonização, passaram pela ilha os navegadores portugueses, além de outros exploradores como australianos, japoneses, holandeses etc. e os povos (pescadores) das ilhas vizinhas (cf. PIEDADE, 2011; RAMOS, 2019).

Conforme Ramos (2019),

O estabelecimento permanente em Timor ocorreu somente cerca de um século depois, em 1636, quando os holandeses os expulsaram de Solor, fixando-se principalmente no Oeste, na atual região de Kupang, Indonésia (DURAND, 2009). Nesse primeiro momento, a presença em território timorense caracterizou-se, em grande parte, pela atividade dos padres dominicanos, o que provocou aumento do prestígio de Portugal e, ao mesmo tempo, do catolicismo. A língua portuguesa, ensinada pelos padres que buscavam catequizar principalmente os cidadãos nativos mais influentes, ligados aos líderes dos povos locais, apesar de ter status social de prestígio, era usada por uma pequena fração da população, principalmente em contextos específicos, como no âmbito da administração oficial, da instrução, do comércio, da religião católica e em interações com portugueses (RAMOS, 2019, p. 189).

Pode-se dizer que, ao contrário das outras colônias, T.L. “não teve” uma colonização de forma “violenta”. Um dos efeitos disso, conforme mostra Hull (2009, p. 195), foi que “[...]”

o processo da colonização efetivado pelos portugueses não obstruiu a identidade e as línguas maternas da nação, tal como fez a invasão indonésia” (HULL *apud* RAMOS, 2019, p. 195). Isso, provavelmente possibilitou a adoção da língua pelo povo por meio da alfabetização, catequese e evangelização, embora não fosse um país de interesse dos portugueses, conforme afirma Lamarca (2003),

Durante os anos de colonização, o Timor Leste nunca foi uma grande fonte de preocupação para Portugal. Diferentemente de Angola, que era considerada a “joia da coroa do Império Português”, o território do Timor Oriental foi, em parte, negligenciado pelos colonizadores em função de sua distância com relação à Lisboa (cerca de 16 mil quilômetros), de sua economia incipiente, da ausência de pessoal metropolitano e da inexistência de algum tipo de resistência armada à presença portuguesa (LAMARCA, 2003, p. 19).

Esse desinteresse continuou, mesmo com a pressão da ONU sobre os portugueses. Sendo assim, é importante ressaltar que a contribuição na parte do ensino foi importante. Fruto disso é a contribuição da língua portuguesa para a formação dos cidadãos timorenses da geração da colonização e suas contribuições ao longo da luta pela independência, durante a invasão da Indonésia. O Português foi a ferramenta de comunicação entre os líderes locais e o mundo no anúncio e denúncia da luta e abusos dos invasores. Além disso, com o Português, vários timorenses desta geração se reconhecem representados histórica e culturalmente. Por isso, o Português se tornou uma das línguas oficiais do país.

Assim, T.L. esteve sob domínio Português durante quatro séculos e esse poder só mudou devido à Revolução dos Cravos que ocorreu em Portugal (em 25 de abril de 1974). Com isso, os portugueses começaram o processo de descolonização do T.L. Nesse mesmo período, surgiram também os partidos políticos (cf. LAMARCA, 2013; LAPIAN e CHANIAGO, 1988). Nasceram, então, os partidos: a União Democrática Timorense (UDT) que tinha o intuito de defender a autonomia progressiva do T.L. e a manutenção de vínculos com Portugal; a Associação Social Democrata Timorense (ASDT) que se dividia em duas correntes, uma mais moderada e defensora dos ideais da social-democracia e outra mais “radical”, que depois (em 11 de setembro de 1974), tornou-se a Frente Revolucionária de Timor Leste Independente (FRETILIN) e contou com o apoio do povo em busca da independência do país; e a Associação Popular Democrática Timorense (Apodeti) que, tendo o apoio das autoridades indonésias, era favorável à integração do T.L. à Indonésia (cf. CUNHA, 2001 *apud* LAMARCA, 2003, p. 20).

A descolonização e a independência do T.L. eram tidas como de viabilidade duvidosa tanto por portugueses quanto por indonésios. “[...] nenhum dos dois considerava seriamente a viabilidade da independência de Timor, permanecendo como opções a integração na Indonésia ou a permanência do vínculo com Portugal, [...]” (LAMARCA, 2003, p. 20-21). Essa visão levou a Indonésia a montar a Operação Komodo, dirigida por serviços secretos, em busca de integrar T.L. à Indonésia. Operação esta que, devido à não obtenção de apoio internacional, inclusive dos portugueses, colocou os partidos políticos do país, UDT e FRETILIN, em conflito. Conforme relata essa mesma autora, vendo a situação se tornando favorável ao FRETILIN,

Em agosto de 1975, o governo da Indonésia fornecia à UDT informações falsas do serviço secreto sobre uma iminente tomada do poder pela Fretilin, sobre carregamentos clandestinos de armas chinesas, assim como a entrada no Timor Leste de “terroristas vietnamitas” para lutarem ao lado da Fretilin (LAMARCA, 2003, p. 23).

A Indonésia chegou a assinar alguns acordos com a UDT, possibilitando a entrada dos militares no território do Timor Leste. Diante disso, FRETILIN buscou a ajuda da ONU para a retirada dos militares e, no dia 28 de novembro de 1975, proclamou a independência do T.L. com a justificação da incapacidade dos portugueses em conduzir o processo da descolonização. Esperava-se, a partir disso, que o país pudesse obter proteção internacional, contudo não teve sucesso. Com isso,

No dia seguinte, timorenses refugiados no lado ocidental da ilha foram obrigados a assinar mais um pedido de anexação do Timor Leste à Indonésia. Datado de 29 de novembro de 1975, e como se tivesse sido redigido e assinado em Balibó (Timor Leste), o documento tinha na verdade sido assinado em Bali, na Indonésia, e sob coação. Apesar disso, ele foi utilizado durante muitos anos pela Indonésia para justificar a invasão, como se esta tivesse sido uma resposta a um pedido dos representantes políticos timorenses que buscavam restabelecer a paz e a ordem no local (LAMARCA, 2003, p. 24).

3.3 T.L.: era da invasão e resistência

A invasão e a integração são conceitos que explicam e marcam as diferentes visões a respeito da entrada dos indonésios no T.L. Para alguns timorenses, a Indonésia invadiu, para os outros, no entanto, o T.L. foi integrado, a fim de se livrar da ameaça dos comunistas. Essas visões vão depender da geração, da filiação política, da formação etc.

Para este trabalho, será tomado o conceito de invasão, pois os relatos mostram que os indonésios premeditaram tal ato com “[...] divulgação internacional de notícias falsas sobre o ‘perigo comunista’ [...]” (LAMARCA, 2003, p. 21). Além disso, conforme esta mesma autora, seus atos foram violentos e, no início, resultaram mais de seiscentos mil mortos. Essa premeditação também pode ser observada na afirmação de Mattoso (2005),

As Forças armadas da República Indonésia (ABRI) permaneceram imobilizadas durante alguns meses, receando, decerto, penetrar no interior montanhoso de Timor Leste, onde um exército convencional teria de vencer os maiores obstáculos para ocupar o terreno (MATTOSO, 2005, p. 53).

Na madrugada do dia 7 de dezembro de 1975, a Indonésia, finalmente, invadiu T.L. As ações foram por terra, ar e mar, começando pelas maiores cidades como Manatuto, Baucau, Atauro e Dili (cf. Prestes, s/d, s/p.) com bombardeio de aviões despejando os paraquedistas militares na zona portuária de Dili (atual capital de Timor Leste). Essas ações violentas começaram a tomar a cidade, conforme a transmissão da rádio FRETILIN, citado por Santana (1997):

As forças indonésias estão matando indiscriminadamente. Estão atirando em mulheres e crianças nas ruas. Vamos todos ser mortos. Repito, vamos todos ser mortos... Este é um apelo por ajuda internacional. Por favor, façam alguma coisa para parar esta invasão (SANTANA, 1997, p. 33).

A situação local foi se agravando nos lugares citados, na capital e se alastrando também para outras partes do país. Estima-se que, nessa crise, mais de sessenta mil timorenses foram assassinados. A população se dividiu. Alguns optaram pela integração, a fim de salvar suas vidas e outros foram às montanhas, resistiram e continuaram a lutar pela independência. Em 16 de julho de 1975, o presidente da Indonésia da época, Suharto, assinou a lei da formalização da integração do T.L. como a 27ª província da República Indonésia. Os indonésios permaneceram em Timor Leste durante 24 anos (1975-1999).

A invasão se deu, segundo estudos como os de Prestes (s/d) e Lamarca (2003), por dois motivos principais. Primeiro, o T.L., geograficamente, é uma ilha entre as diversas que compõem a República Indonésia. Existiam grupos separatistas e o governo Indonésio, na época, tinha medo de que, caso o T.L. se tornasse independente, criaria possibilidades para que os separatistas de outras ilhas exigissem o mesmo direito. Em segundo lugar, a Indonésia se aproveitou da Guerra Fria, alegando a possibilidade da ameaça comunista em dominar o

T.L. Essa teve apoio dos EUA, da Grã-Bretanha e da Austrália. Com a invasão, os portugueses passaram a romper suas relações diplomáticas com a Indonésia e solicitaram a intervenção do Conselho de Segurança da ONU pois, desde o processo da descolonização, este mostrou respeito à vontade dos timorenses em querer ser independentes.

T.L. passou a ter “alguns” apoios internacionais, principalmente da ONU e dos portugueses. Esse apoio só se intensificou depois do Massacre de Santa Cruz, que ocorreu em 12 de novembro de 1991, e causou mais de 250 mortos, pois a mídia voltou seu olhar para o povo timorense, resultando, com isso, na condenação internacional das violações dos direitos humanos cometidas pelos indonésios. A partir de então, o governo indonésio começou as negociações diplomáticas com os portugueses e os líderes timorenses.

Com a queda de Suharto e a crise econômica asiática que atingiu a Indonésia, B. J. Habibie assumiu a presidência desse país e concordou em realizar um referendo em que a população timorense votaria em uma de duas opções: “sim” para a integração à Indonésia com autonomia, e “não” para optar pela a independência. Tal referendo foi realizado em 30 de agosto de 1999 e, com mais de 90% de participação, 78,5% votaram na rejeição da autonomia proposta pela Indonésia e escolheram a independência. Iniciou-se, assim, a restauração da independência do país, que veio a ser oficializada em 20 de maio de 2002 (Dia da restauração da Independência de Timor Leste).

3.4 T.L.: era da independência

Com mais de 78% dos timorenses optando pela independência, T.L. retomou, novamente, o sonho da liberdade após 24 anos de dominação Indonésia. Essa conquista, no entanto, foi proclamada somente três anos depois, porque o país enfrentou um processo de transição conturbado devido à não aceitação dos generais, principalmente os que estavam atuando no país. Esses líderes criaram grupos de milícias pró-integração que promoveram ataques em diversos locais na capital e no território nacional. Além disso, os exércitos indonésios, antes de deixarem o país, também agiram de forma muito violenta, incendiando e destruindo muitos edifícios públicos e residências privadas de Díli (GRAZIANO, 2013).

Descreve Silva (2004), que

[...] para além das centenas de mortes, a ação de milícias paramilitares, logo após o referendo de 1999, promoveu a destruição de aproximadamente 70% das infraestruturas então existentes no território – escolas, edifícios da administração

pública, pontes, estradas, sistemas de água, energia e telefonia etc. (World Bank, 1999). As perdas em gêneros alimentícios também foram grandes e 75% da população esteve sujeita a deslocamentos forçados. As milícias agiram no sentido de destruir todos os supostos benefícios que o Estado indonésio construiu em Timor-Leste. A saída em massa dos quadros da administração pública indonésia deixou também um vácuo significativo de recursos humanos para o nascente Estado (SILVA, 2004, p. 13).

Sendo assim, com o apoio de ONU e países como Austrália, Portugal, Japão, Noruega e Nova Zelândia (GALDINO, 2012), por meio das criações de UNAMET – *United Nation Mission in East Timor* (Missão das Nações Unidas no Timor Leste) para apoiar na eleição de consulta popular; e INTERFET – *International Force East Timor* (Força Internacional Timor Leste) para estabelecer a paz no conflito causado por milicianos pró-indonésios e dar apoio à UNAMET no processo da transição. Essa última organização encerrou seu mandato em 20 de maio de 2002, a data do início do mandato do primeiro presidente do T.L. independente, José Alexandre Xanana Gusmão, conhecido mundialmente como Xanana Gusmão. Assim o apoio continuou com outras organizações como UNMISSET (*United Nations Mission of Support in East Timor* – Missão das Nações Unidas para Apoio ao Timor-Leste, 2002-2005), UNOTIL (*United Nations Office in East Timor* – Escritório das Nações Unidas no Timor-Leste, 2005-2006), UNMIT (United Nations Integrated Mission in East Timor – Missão Integrada das Nações Unidas no Timor-Leste, 2007-2012) e continua ainda hoje, pois Timor Leste se tornou o 191º Estado Membro da ONU.

Durante a dominação dos indonésios, a L.P. e algumas línguas locais, incluindo Tétum (a Língua Oficial e franca do país), foram severamente proibidas. No departamento administrativo e nos setores da educação foram introduzidas a Língua Indonésia (LEITE, 2007; FREIRE, 2011, p. 28-30), cujo uso também foi obrigatório em todo território. Os líderes/ativistas da independência, principalmente o partido Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente (FRETILIN) e as Forças Armadas de Libertação Nacional de Timor Leste (FALINTIL) não se intimidaram com esse decreto, e se aproveitaram do Português como língua privilegiada para a comunicação interna (entre eles e o povo local) e externa (com o mundo) e para a elaboração das estratégias de luta pela independência e contra os invasores. Assim, o Português, ao longo desse período, foi ferramenta de comunicação e uma língua de resistência dos timorenses.

Em 20 de maio de 2022, T.L., finalmente, anunciou ao mundo sua independência definitiva, após mais de quatro séculos de colonização pelos portugueses e duas décadas de invasão e dominação da Indonésia.

Junto a essa conquista, os planejamentos e as mudanças necessárias para o desenvolvimento desta nova nação como a busca e a escolha de uma língua que pudessem representar e promover o país, sua cultura, identidade e o povo diante do mundo. Nenhuma das línguas locais, inclusive a língua nacional e franca do país consegue assumir esse papel. Assim, o Português foi escolhido e constitucionalizado como uma das línguas oficiais que terá a função, juntamente com o Tétum, de representar o povo e suas condições sociais, políticas e históricas ao mundo.

T.L. hoje é um país independente, tem o nome oficial de República Democrática de Timor Leste (RDTL), sua capital é Dili, as línguas oficiais são o Tétum e a Portuguesa (Constituições de RDTL, art. 13), as línguas de trabalho são a Indonésia e a Inglesa (Constituições de RDTL, art. 159), e possui mais de 25 línguas locais advindas de famílias linguísticas diferentes (cf. figura 2).

O processo de desenvolvimento deste país ainda é lento e desafiador, mas não para de avançar. Numa entrevista à ONU NEWS (2019), o Ministro dos Negócios Estrangeiros do Timor Leste, Dionísio Babo afirma:

Timor-Leste de hoje é um Timor-Leste que está preparado para competir, regionalmente e também internacionalmente. Timor-Leste de hoje tem vindo a progredir com os seus próprios erros. Também usamos todas as oportunidades que temos para poder ultrapassar a situação em que tínhamos estado há muitos anos atrás. Por exemplo, até 2016 temos registado um crescimento a dois dígitos do crescimento económico (ONU NEWS, 2019).

Pretendemos destacar principalmente a educação e o ensino, pilares básicos de desenvolvimento de uma sociedade, além da saúde (RDTL, 2020). Para entender melhor as mudanças no desenvolvimento desse setor, é importante recordar, mesmo que brevemente, o seu processo ao longo da história.

A história mostra que tanto a colonização quanto a invasão tiveram os próprios interesses em relação ao país e não foram o comprometimento com o seu desenvolvimento e muito menos com a construção de algo positivo e durável. Embora não fosse efetiva, mas, quando se tratar da educação dos timorenses, alguns tiveram a oportunidade de acesso ao ensino desde a época da colonização por meio dos missionários dominicanos no século XVIII (cf. SILVA, 2005, p. 152) e, ao longo desta época, a educação para a implantação de língua portuguesa foi tardia, só ganha intensidade nos anos finais da colonização, conforme relata Cunha (2001):

Em Timor-Leste, a difusão do ensino, como veículo de implantação da língua portuguesa, foi lenta e tardia: em 1970-71, frequentavam a escola básica 28% das crianças em idade escolar; em 1972-73, aquela percentagem ascendia a 51%, para atingir em 1973-74, os 77%... só em 1938 foi inaugurado o primeiro liceu. Segundo o último censo populacional realizado no período colonial português, em 1970, a taxa de analfabetismo situava-se, então, em 92%. Se aos alfabetizados que falam, leem e escrevem o português, juntaram-se os analfabetos que bem ou mal o falam, chega-se a uma percentagem de 15 a 20% da população total que era capaz, às vésperas da ocupação indonésia, de expressar-se no idioma de Camões (CUNHA, 2001, p.189).

Na época em que o país foi a 27ª província dos indonésios, houve mais oportunidades de acesso à educação. Conforme este mesmo autor,

De olhos postos na nova geração de timorenses, o governo central tem realizado vultosos investimentos na área da educação. Em discurso pronunciado em julho de 1996, por ocasião do aniversário da Província do Timor-Leste, o Ministro do Interior indonésio, para enfatizar os significativos progressos decorrentes da anexação, citou o número de escolas de todos os níveis introduzidos no território após a saída dos portugueses. O empenho indonésio na melhoria do setor educacional timonense constitui exemplo expressivo das intenções de Jacarta em relação ao futuro [...] (CUNHA, 2001, p. 94-95).

A educação no início da independência foi desafiadora, pois a maioria dos educadores tinha feito a própria formação na época dos dois períodos citados acima. O ensino e aprendizagem aconteciam com a mistura de Línguas: Portuguesa, Indonésia, Tétum e, às vezes, com as línguas locais. Esse desafio perdurou até que, entre 2007 e 2010, o governo decidiu decretar o Português como língua de ensino para todo o território, significando que todas as disciplinas do ensino básico passariam a ser ensinadas em tal língua.

Para melhorar ainda o desenvolvimento desse setor, os educadores e alunos contam com livros didáticos para ambas as partes em todas as disciplinas. O maior desafio diante disso é: como se ensinam as disciplinas numa língua que nenhuma das partes domina, ou seja, nem professores nem alunos a têm como língua materna e muito menos são fluentes nela? Além disso, a maioria desses livros didáticos são elaborados pelos profissionais dos países de Língua Portuguesa, principalmente Brasil e Portugal, com ajuda de algumas ONGs atuantes no país e intelectuais timorenses. Esses desafios nos levam a questionar também: como se dá o ensino e aprendizagem de L.P. no país? Como está a propagação da L.P. pelo território através das mídias, meios e/ou redes sociais? Como se dá o ensino e a aprendizagem das disciplinas em L.P.?

CAPÍTULO 4

PORTUGUÊS EM TIMOR LESTE: CONTEXTUALIZAÇÃO DE ENSINO

Pode-se dizer que a opção por essa língua começou ainda na época da colonização, precisamente no ano de 1950, quando o governo Português decidiu promover a expansão da educação, possibilitando o acesso de timorenses às escolas. Dentre os que tiveram tal oportunidade, começaram a se criar grupos de movimentos nacionalistas que depois se tornaram timorenses resistentes ao longo da época de dominação dos indonésios, pois eles também foram os fundadores dos primeiros partidos políticos após autorizados pelo governo português (RAMOS, 2019, p. 190).

Para além disso, conforme afirma Geoffrey Hull, professor da Universidade de Western Sydney, Austrália, pesquisador e estudioso das línguas do Timor Leste, no seu discurso feito no 1º e único Congresso do Conselho Nacional da Resistência Timorense (CNRT) realizado, em Dili, Timor Leste, em agosto de 2000, houve disputas de gerações e ideologias a respeito da língua que melhor apresentasse e representasse esta nova nação. Nela, estavam o Tétum, a Indonésia, o Inglês e a L.P. O Tétum, embora seja a Língua Franca do povo, não tem um impacto internacional. A Língua Indonésia, tendo uma expansão maior e mais rápida, não criou uma raiz afetiva para com a cultura e identidade do povo. O Inglês, conforme mostra a reflexão de Hull, costuma se mostrar superior à cultura local, portanto representa o perigo de matar a cultura e identidade local.

Nesse contexto, a L.P., por sua vez, contempla os seguintes pontos: o vínculo cultural entre as duas nações e isso ajudou no desenvolvimento estratégico na resistência do povo contra a ocupação indonésia; o Português tem um valor simbólico afetivo-identitário para o povo timorense; Português e Tétum-praça têm uma relação de harmonia, sendo o Português uma das línguas que mais influencia no desenvolvimento do Tétum-praça (HULL, 2000). Essas concepções, representam, para os pesquisadores como Soares (s/d), Freire (2019) etc., a base da razão principal que leva à escolha da segunda Língua Oficial do Timor Leste.

Hoje, além de fazer parte da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), T.L. é conhecido mundialmente como um país de L.P., pois, desde a “reproclamação” da independência em 2002, foi constitucionalizado o Português como a segunda Língua Oficial dos timorenses ao lado do Tétum (Const. RDTL, art. 13). Essa representação, por um lado, é positiva porque retoma uma identidade antiga do povo diante da evolução do mundo, ou seja, o Português possibilitou a entrada e a saída das comunicações e divulgações do país, sua

cultura, identidade etc., fato que nenhuma das línguas locais conseguem assumir até o momento, além do reconhecimento de tal língua para as conquistas do país.

É ela também que, durante a primeira proclamação e a luta pela independência ao longo da invasão dos indonésios, era tomada como principal ferramenta de comunicação entre os líderes da resistência e o mundo, a fim de anunciar os avanços e denunciar os abusos dos invasores. Por outro lado, no entanto, cria uma “desigualdade interna desafiadora”, afinal, a opção parecia ser mais política e histórica que social, ou seja, não se leva em conta a representação social desta língua para o povo.

Para entender o ensino atual de L.P. em T.L., é importante perpassar pelas fases que atravessou até o momento. A história mostra que o Português chegou em T.L. antes mesmo do estabelecimento da colonização dos portugueses devido à rota de comércio e navegação, pois os portugueses tiveram postos nas regiões e/ou ilhas próximas como Solor e Flores, e tiveram Malaca como base principal (cf. ALBUQUERQUE, 2013, p. 409), enquanto faziam negócios com as regiões/ ilhas vizinhas, incluindo o povo anglófono.

Na época da colonização, segundo Thomaz (2002), a expansão da L.P. em T.L. foi por meio destas três frentes: comércio, evangelização missionária-catequética e política e foi se estabelecendo na medida em que os portugueses foram se aproximando da ilha. A expansão por meio do comércio marca o início do contato dos portugueses com os timorenses, inicialmente na região de Lifau, o atual Oe-cusse. Nisso houve a troca de mercadorias tais como sândalo, cera e mel dos timorenses e tecidos, armas etc. dos portugueses.

A presença dos religiosos dominicanos e a evangelização catequética marca a segunda etapa da expansão da Língua Portuguesa no país, pois é neste período que a língua começa a ganhar intensidade na divulgação, por meio da ação evangelizadora e catequética desses missionários religiosos. A presença dessa ordem é registrada desde 1556, mas a sua instalação no país foi no século XVII, precisamente no ano de 1633, quando foi fundado o convento da Ordem no território (GRAZIANO, 2013). Seus trabalhos, no entanto, foram interrompidos quando,

em 1834, com a Revolução Liberal, resultante da crise econômica em Portugal pela perda do Brasil e com a expulsão das ordens religiosas de Portugal e das colônias, desapareceram os seminários e os conventos dominicanos no país, prejudicando ainda mais a instrução e reduzindo o emprego da língua portuguesa, principalmente nos espaços rurais. (SILVESTRE, 2013, p. 1230).

Com isso, ainda segundo Thomaz (2002), o Português permaneceu somente entre as elites e na cidade, em Díli, onde se encontra o centro de comércio e o porto marítimo.

As primeiras escolas no país foram fundadas pelos jesuítas no ano de 1910, conhecidas como Colégio Soibada para formar os catequistas/professores responsáveis pela catequese e pela alfabetização de Língua Portuguesa nas regiões rurais. Além disso, entre as décadas de 1915 a 1960, foram fundadas também outras escolas na cidade e em áreas rurais mantidas por militares. Portanto, pode-se afirmar que a Igreja, por meio dos missionários, teve um papel importante na construção do país e na educação, principalmente.

De acordo com Silva (2004, p. 26), “foi ela [a Igreja Católica] que criou as primeiras instituições de ensino em T.L. Dela também partiu a iniciativa de criar um registro gráfico para a já então Língua Franca do território, o Tétum-praça”.

Mesmo com todos esses esforços, o Português não se tornou a língua de comunicação oral entre a maioria dos timorenses até o último século da colonização e, com isso, “durante a presença da metrópole em Timor, de acordo com o historiador português, a porcentagem de habitantes que falavam, escreviam e liam o português, somada à dos que melhor ou pior o falavam, seria entre 15 a 20% da população total do país” (SILVESTRE, 2013, p. 1231).

De todo modo, o Português era a única língua escrita, conforme se pode notar na afirmação de Thomaz (2002) a seguir,

O português é, aliás, a única língua normalmente escrita, pois a despeito da impressão de alguns dicionários, métodos, catecismos, livros de orações e resumos da Bíblia em tétum e galóli, nunca se impôs o uso escrito das línguas vernáculas. Mesmo na correspondência particular, os timorenses preferem em regra escrever – ou ditar a quem o saiba fazer – cartas em português a utilizar o idioma local ou mesmo o tétum, cuja notação lhes parece embaraçosa à falta de uma convenção ortográfica arraigada no uso. Mas o português tem, tal como o tétum, além desta, outra função: uma função integradora na sociedade timorense ao nível pelo menos das camadas dirigentes, dos letrados que ocupam na pirâmide social uma posição cimeira. Como notámos já, um dos factores de unidade é, em Timor, a difusão de uma cultura luso-timorense, fruto de uma aculturação paulatina ao longo de quatro séculos e meio de contacto. Através dessa cultura mestiçada (de que o catolicismo e a língua portuguesa são talvez os dois elementos-chave) e a população timorense em geral e a sua classe dirigente em especial integra-se num universo cultural mais amplo, o da civilização lusófona (THOMAZ, 2002, p. 143)

Esse papel administrativo da L.P. pontua a fase da expansão do Português, politicamente. A interferência dos portugueses no T.L. se deu a partir de meados do século XVII e a colonização se estabeleceu no ano de 1703 com o primeiro governador nomeado por Lisboa, António Coelho Guerreiro (GRAZIANO, 2013; SILVESTRE, 2013). Com isso, o

Português passou a ser mais usado nas ocasiões formais e nos registros de documentos oficiais.

No que se refere ao ensino e à implantação da L.P., no entanto, não era do interesse do colonizador, pois, para a Igreja, embora tenha tido um papel importante e conseguido dar início à alfabetização, os fatos sugerem que teve um interesse ulterior, isto é, a propagação da fé católica. Do ponto de vista político e econômico, o domínio da ilha teve como finalidade explorar e comercializar o sândalo, o mel etc. Desse modo, conforme foi mencionado no capítulo anterior, a propagação do Português se intensificou, verdadeiramente, entre os anos 1970 e 1975 (CUNHA, 2001) e, em consequência disso, não conseguiu alcançar sua representação social de forma significativa e, até o fim da dominação, o Português foi mantido e propagado apenas entre grupos da elite influente da época.

Quando se trata do ensino de L.P. em T.L. ao longo da época da colonização, não se encontram muitos estudos. O que se tem como certo é o fato de os jesuítas terem iniciado escolas para formação de professores e catequistas para a catequese e as escolas promovidas pelos militares. Contudo, não se tem conhecimento das questões teóricas metodológicas relacionadas ao ensino e à aprendizagem dessa língua.

Conforme os levantamentos de Albuquerque (2014, p. 57-61), houve na época estudos do Português de Timor Leste, Português do Timor Leste (PTL) e Crioulo Português de Bidau (CPB). Tais estudos consistem em analisar a variação do Português de T.L. por meio da representação fonética e fonológica do povo local, além de questões gramaticais como coesão lexical, coesão gramatical e referenciação nos textos escritos em Português do Timor Leste analisadas e destacadas por Busquets (2007). Na análise da conversação, a autora destacou “heterorrepetição, autorrepetição, repetição hesitativa, pausas preenchidas e pausas não preenchidas” (BUSQUETS, 2007 *apud* ALBUQUERQUE, 2014, p. 60). Nos estudos do PTB, tentaram verificar a possibilidade de uma língua crioula portuguesa de Bidau, Dili-Timor Leste, tendo como base a forma de comunicação e o uso do Português pelo povo com as influências das línguas locais.

Os estudos e as análises de ensino dessa língua tiveram início a partir de 2000 em diante e se intensificou a partir da independência do país em 2002 e a constitucionalização dela como uma das línguas oficiais do T.L. Destacam-se, principalmente, nesses estudos, conforme levantado por Albuquerque (2014, p. 61-66), os problemas e os possíveis posicionamentos e sugestões para uma prática eficiente de ensino e aprendizagem do Português.

Entre os posicionamentos e as sugestões, estão a necessidade de uma prática adaptada teórica e metodológica à realidade local, cultural, política, social, histórica e linguística; o investimento e o incentivo da formação continuada dos professores; a criação de formações ideológicas que possibilitam o Português não como uma língua de dominador, mas nacional e oficial da nação e do povo e espera-se, com isso, alcançar a representação social, identitária e cidadã do povo diante do mundo; o ensino do Português deve visar o seu funcionamento geral de modo que serve não somente nas salas de aula, mas para o cotidiano da população; a prática deve levar em consideração as diferentes abordagens com adaptações necessárias de acordo com as especificidades de cada região local, pelo fato de que a população do país é plurilíngue.

No que se refere aos manuais didáticos adotados no país, foram e ainda são produzidos fora do país e apresentam uma variação pouco adaptada à realidade local. Essa falta de adaptação, segundo a conclusão de Fonseca (2010), resumida por Albuquerque (2014, p. 65), pode causar o “choque cultural, que se estende também no nível social, político, histórico, cognitivo e linguístico, presentes nos livros didáticos, já que os materiais são elaborados para um público-alvo diferente, ou seja, a criança do sistema educacional português”. Trataremos desse aspecto – livros didáticos para ensino de L.P. de forma mais aprofundada, na seção da análise dos livros didáticos.

O pouco que os intelectuais timorenses da época da colonização conseguiram foi o suficiente para iniciar a configuração de planejamentos para se defenderem e buscar construir uma nova nação, sob o signo da liberdade em relação aos interessados pelo país e seus recursos naturais. Pode-se dizer que foram fatos que contribuíram para a escolha do Português, inicialmente, para a construção do conhecimento pessoal e profissional, mas que depois tornou-se uma ferramenta chave na comunicação, denúncia dos abusos sofridos pela população e anúncio dos avanços da luta pela independência. Em consequência disso, incorporou-se a identidade dos que lutavam e depois a língua foi adotada pelo povo como a língua nacional e oficial, mesmo sem que seja usada na vida cotidiana.

Os enunciados a seguir mostram a importância dessa língua dos principais líderes e ativistas da independência.

FIGURA 3: Enunciados dos líderes/ ativistas timorenses em defesa da L.P. em T. L.



FONTE: <http://paginaglobal.blogspot.com/2018/08/em-defesa-da-lingua-portuguesa-em-timor.html>. Acesso em: 05 mar. 2022.

Conforme se pode observar nos enunciados desses líderes/ativistas, o Português se tornou não só uma herança, mas é parte da história e da identidade de cada um deles; e, como representantes do povo e da nação, eles ostentam esses motivos. É um fato que pode ser notado no uso dos pronomes e na conjugação dos verbos na primeira pessoa do plural (nós/nossa), representando esses enunciadores e aquilo que está sendo representado por eles. Além disso, os enunciados de Horta, Gusmão e Santana carregam as razões pelas quais o

Português foi escolhido e não a Língua Inglesa nem a Língua Indonésia: o fato de a adesão à L.P. tornar os timorenses mais autônomos, e não um “pequeno jardim australiano” ou “um eterno escravo da cultura javanesa”.

Embora não se tenha o ano exato da publicação desses enunciados, entende-se que foram feitos no período em que o país estava sob dominação da Indonésia. A L.P., ao longo desse tempo, foi como uma ferramenta chave de comunicação entre os líderes, líderes e população e líderes e o mundo.

A oficialização do Português como Língua Oficial do T.L. foi realizada em agosto de 2002 e foi constitucionalizada neste mesmo ano (SOARES, s/d, p. 96-97; FREIRE, 2011, p. 37). Contudo, quando se fala do papel dessa língua neste país, encontram-se variados questionamentos, dentre os quais: “Quais critérios fundamentaram a escolha da língua portuguesa? Qual a função da língua portuguesa na escola?” (SOARES, s/d, p. 95):

Qual é o lugar de língua portuguesa em Timor Leste? Quem fala e em quais circunstâncias? Como, em quais circunstâncias e por que um australiano se dirigiu ao CNRT para expor os motivos pelos quais os timorenses deveriam adotar o português como língua oficial? Quais políticas linguísticas viáveis para concretizar essa exposição, visto que os timorenses em referendo já fizeram sua opção? (FREIRE, 2011, p. 39).

E podem ser acrescentados a esses questionamentos: como está a representação social do Português, hoje? Como está o lugar do Português na sociedade do T.L., hoje? Todos os timorenses falam Português?

A partir da independência (2002), sobretudo nos primeiros cinco anos e devido às formações dos professores, além da escassez dos materiais didáticos, a língua do ensino e aprendizagem era uma mistura de línguas portuguesa, indonésia e Tétum, dependendo da competência linguística dos docentes que, em alguns casos, precisavam recorrer às línguas maternas, a fim de dar conta desse exercício.

Com a crise de 2006 e a renúncia de Mari Alkatiri, o cargo do primeiro ministro foi ocupado por José Ramos Horta e este seu mandato, no que se refere à educação, foi marcado pela criação do Ministério da Educação e Cultura, seguindo o Decreto-Lei nº 13/2006, de 09 de agosto. Essa lei, contemplou, entre outras questões, a reintrodução das línguas oficiais nas escolas, estabelecendo a L.P. como Língua de Instrução de ensino e aprendizagem e a Tétum como auxiliar didático (TIMOR-LESTE, 2006).

Com isso, nos anos que se sucedem, foi se estabelecendo a regularização do uso do Português como a língua de instrução no ensino e aprendizagem nas escolas públicas e

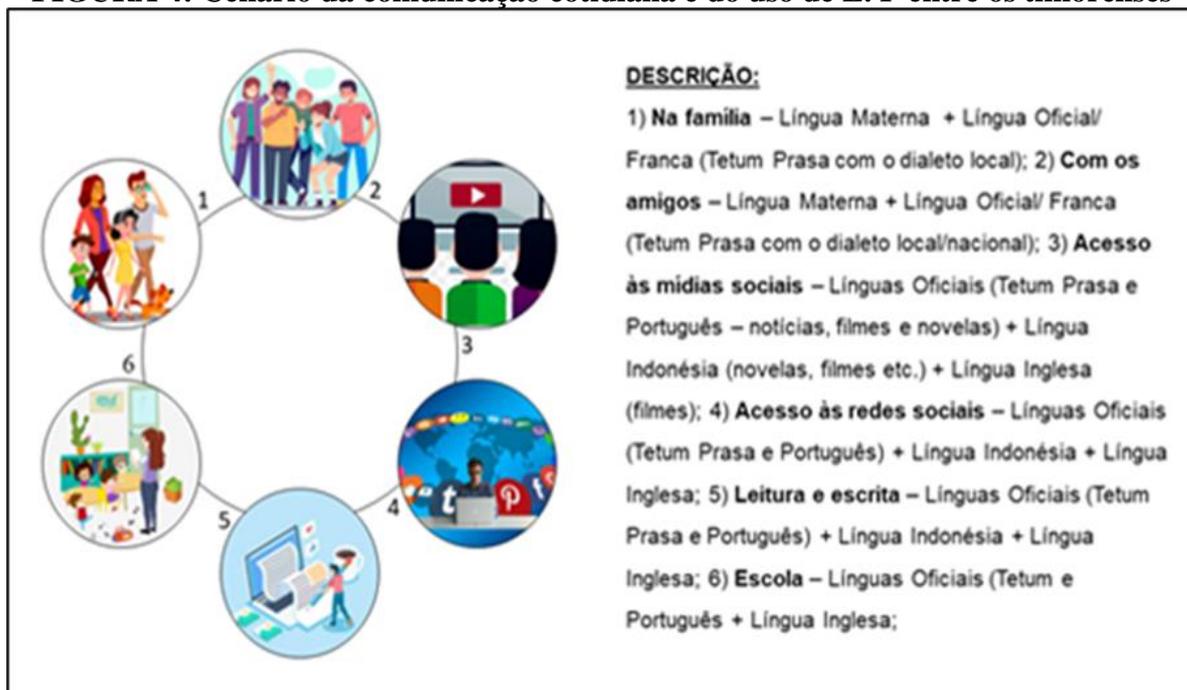
privadas em todo território, e novas formações para docentes. As disciplinas, exceto Tétum e Inglês, foram planejadas e ministradas em L.P. e, entre os anos de 2008 e 2010, esse plano alcançou a maioria das escolas da cidade e da periferia do país. Os materiais didáticos foram e ainda são elaborados e oferecidos, em sua maioria, pelos portugueses, além de serem elaborados, editados e impressos em Portugal, com breves adaptações às realidades da sociedade timorense e com os olhares dos autores que, na maioria, são estrangeiros, portugueses, principalmente.

O ensino de uma língua, para que seja efetivo, deve ser feito de forma que os discentes consigam levar o conteúdo para além das aulas e relacioná-lo às suas atividades cotidianas. Assim, foi contemplado no currículo de 2005 do Programa Língua Tétum/Programa Lian Tetun, Ensino Primário – 1º - 6º ano, tendo como desenvolvimento principal as “competências comunicativas, linguísticas e culturais que permitam [à criança] utilizar a Língua Portuguesa [...], quer na escola, quer no meio e na comunidade a que pertence” (2005, p. 3). Enfatizamos, portanto que o acesso aos meios sociais é de suma importância no desenvolvimento do processo de aprendizagem.

Em T.L., essa realidade, no entanto, é desafiadora e problemática, pois, além da falta dos profissionais especializadas na área, materiais didáticos elaborados longe da realidade local, o sistema de ensino de L.P. ainda enfrenta um contexto social de muita instabilidade e indefinição, ou seja, a determinação e oficialização dessa língua permanece na teoria e/ou na Constituição, mas distante, ainda, da prática social local. Além disso, a devida propagação da língua, hoje, conta, principalmente, com o conhecimento do docente, pois, embora estando no século XXI, questões relacionadas ao acesso a materiais para pesquisas e consultas e a bibliotecas, além da falta de desenvolvimento da área tecnológica, à deficiência da produção midiática e impressa, ainda provocam desafios enormes.

Desse modo, a situação atual do país em relação a sua segunda Língua Oficial e Instrução de ensino, no que diz respeito ao processo de aprendizagem e o uso concreto, pode ser resumido com o seguinte esquema infográfico, elaborado após observações, conversas e diálogos informais feitos na preparação do projeto submetido para seleção do candidato de pós-graduação de Letras na PUC Minas 2020.

FIGURA 4: Cenário da comunicação cotidiana e do uso de L. P entre os timorenses



FONTE: Infográfico elaborado pelo pesquisador, 2021.

O ciclo representa a rotatividade do acesso e do uso do Português pela geração atual no país. Como se pode ver, o acesso ao Português é nas mídias e redes sociais, na escola e na leitura escrita. Contudo, pode-se dizer que o acesso eficaz ao Português e o uso dela é, somente, na e com a escola, e é ela também que possibilita o acesso à leitura e à escrita. O acesso às mídias sociais e redes sociais promovem essa possibilidade, entretanto, a primeira Língua Oficial local ainda não faz parte das configurações desses meios.

No que se refere à prática comunicativa dessa língua nas atividades diárias da população, no entanto, demonstra ser pobre, pois, além da escola e no cotidiano dessa geração, tanto na cidade quanto na periferia, as línguas maternas encontram-se dominantes. Assim, o contato e a prática da L.P. são intermitentes: acontecem em alguns momentos das atividades das pessoas. Entretanto, para a maioria da população, ela não faz parte do dia a dia.

CAPÍTULO 5

REFERENCIAL TEÓRICO

Para melhor compreender os desafios – tanto do ponto de vista objetivo (contexto real do país) quanto subjetivo (representações dos falantes sobre cada uma das línguas com que convivem, a L.P. incluída), por meio do mapeamento dos fatores que favorecem ou que impedem que a L.P. seja acessível à população como um todo, recorremos à Teoria de Representação Social (TRS), de Moscovici, Jodelet e outros. Apresentamos, portanto, neste capítulo, o conceito teórico, sua importância nos estudos da área linguística e de que forma essa teoria nos ajuda a perceber o papel, a função e os modos certos de propagação dessa língua no meio do povo timorense.

5.1 A Teoria das Representações Sociais de Moscovici

Com outras nomeações, o tratado das Representações Sociais já era um conceito conhecido antes de ser teorizado por Moscovici, em 1961, no campo de estudo da Psicologia Social do Conhecimento. Nesta nova linha teórica, o autor busca explorar e entender, o “como, e por quê, as pessoas partilham o conhecimento e, desse modo, constituem sua realidade comum, de como eles transformam ideias em prática – numa palavra, o poder das ideias – [...]” (MOSCOVICI, 1990a, p. 164 *apud* DUVEEN, 2013, p. 8).

Na concepção de Jodelet (1990), ela contribui para compreender a influência do social no processo da formação psicológica da representação e como tal formação psicológica interfere no social. “Isso quer dizer que estamos interessados em uma modalidade de pensamento social, quer sob seu aspecto constituído, isto é, como produto, quer sob o aspecto constituinte, o que supõe a análise dos processos que lhe deram origem: a objetivação e a ancoragem” (ALVES-MAZZOTTI, 1994, p. 70).

Para a construção dessa teoria, Moscovici teve como ponto de partida os estudos de Émile Durkheim (1974), antagonizando, principalmente, a ideia da distinção do que é individual do coletivo (CRUSOÉ, 2014; SÊGA, 2000; DUVEEN, 2013). Para Durkheim, o individual pertence ao conhecimento psicológico e o coletivo, aos estudos sociológicos, pois convenceu-se “de que as leis que explicavam os fenômenos sociais eram diferentes das leis que explicavam os fenômenos individuais” (FARR, 1978, *apud* CRUSOÉ, 2014, p. 106). Tal distinção, para Moscovici, no entanto, mostrava-se improvável, pois, para ele, é impossível

compreender o indivíduo fora e/ou sem sua condição social, cultural, econômica, política e histórica e, com isso, deu início a sua Teoria das Representações Sociais (doravante TRS).

Moscovici entendia, portanto, que o individual e o social, embora tenham suas condições conceituais particulares, são extremamente vinculados, pois se constituem reciprocamente, e ele defende ainda que as representações sociais devem ser tratadas “tanto na medida em que ela[s] possui[em] uma contextura psicológica autônoma como na medida em que é[são] própria[s] de nossa sociedade e de nossa cultura” (MOSCOVICI, 1978, p. 45).

O autor partiu de duas principais premissas para a constituição da sua teoria, são elas: não existe o corte entre o universo exterior e o universo interior no indivíduo ou no grupo, portanto, não há dicotomia entre esses universos (ALVES-MAZZOTTI, 2000); e o sujeito se constitui, constantemente, junto às mudanças do tempo e do espaço em que se encontra, ou seja, é na inter-relação com o objeto e/ou o mundo que o indivíduo se estabelece.

A TRS de Moscovici, portanto, busca compreender a inter-relação que se dá entre sujeito-objeto e indivíduo-social no processo da construção de um conhecimento de representações que possam contribuir para uma comunicação efetiva e uma relação sólida entre indivíduos e/ou grupo de determinada sociedade (SÊGA, 2000; CRUSOÉ, 2004). Conforme foi sintetizado por Duveen (2013), “as representações sociais sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros” (p. 8); e completa Jodelet (1990) que “são modalidades de pensamentos práticos orientadas para a compreensão e o domínio do ambiente social, material e ideal” (JODELET *apud* ALVES-MAZZOTTI, 1994, p. 65).

O que se entende como representação, na teoria de Moscovici, é um meio de conhecimento constituído como fruto da relação entre o indivíduo e o seu meio, formando algo composto de face icônica e simbólica, ou seja, “a representação iguala toda imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem” (MOSCOVICI, 2013, p. 46). O que se busca com esta teoria é tornar acessível os novos conceitos, ideologias etc. numa representação do conhecimento de senso comum. Desse modo, afirma que “o ato de re-apresentar é um meio de transferir o que nos perturba, o que ameaça nosso universo, do exterior para o interior, do longínquo para próximo” (*idem*, p. 56). E “representar significa, a uma vez e ao mesmo tempo, trazer presentes as coisas ausentes e apresentar de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de uma racionalidade e da integridade normativa do grupo” (*idem*, p. 207).

O objetivo principal da TRS é “tornar familiar algo não familiar, ou a própria não familiaridade” (MOSCOVICI, 2013, p. 54), em outras palavras, “é tornar familiar algo até então desconhecido, possibilitando a classificação, categorização e nomeação de ideias e acontecimentos inéditos, com os quais não havíamos ainda nos deparado” (MORAES *et al.*, 2018, p. 19). É possível, com isso, a compreensão, a manipulação e a interiorização do novo aos valores, ideias e teorias já assimiladas e aceitas pela sociedade.

A ancoragem e a objetivação são conceitos básicos no processo de desenvolvimento da representação social e têm como finalidade “destacar uma figura e, ao mesmo tempo, carregá-la de um sentido, inscrever o objeto em nosso universo” (MAZZOTI, 1994, p. 63).

A ancoragem trata do “processo que transforma algo estranho e perturbador, que intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada” (MOSCOVICI, 2013, p. 61), isto é, trata da familiarização de um novo conceito, ideia, informação, teoria etc. por meio da classificação ou nomeação de tal conceito e ideia, de acordo com os juízos de valores e os contextos local, cultural, político e histórico do grupo em que estes são apresentados. Para Moscovici (1978),

Nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas representações, linguagem ou cultura. Nós pensamos através de uma linguagem, nós organizamos nossos pensamentos de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura (MOSCOVICI, 1978, p. 35)

Nesta etapa, trabalha-se com a atribuição de sentido, categorização e nomeação do que é novo, pois, segundo o autor, “[pela] classificação do que é inclassificável, pelo fato de dar um nome ao que não tinha nome, nós somos capazes de imaginá-lo, de representá-lo. De fato, a representação é, fundamentalmente, um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes” (MOSCOVICI, 2013, p. 62). Ainda, este autor afirma que “[é] impossível classificar sem, ao mesmo tempo, dar nome. [...] Em nossa sociedade, nomear, colocar nome em alguma coisa ou em alguém, possui um significado muito especial, quase solene” (MOSCOVICI, 2013, p. 66).

A objetivação trata de unir “a ideia de não familiaridade com a realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade” (MOSCOVICI, 2013, p. 71), ou seja, a cristalização da ideia e conceito contextualizado e familiarizado ao longo do processo da ancoragem.

Jodelet (1990) distingue o processo de objetivação em três fases. A primeira é a construção seletiva e trata da apropriação do indivíduo ou grupo de um novo objeto ou

conceito a partir das escolhas e julgamentos dos juízos de valor cultural, contexto local e experiência do conhecimento já possuído e cria uma seleção do novo objeto ou conceito. O segundo é a esquematização estruturante e aborda a reprodução de uma estrutura imaginante do objeto ou conceito apropriado “de modo a proporcionar uma imagem coerente e facilmente exprimível dos elementos que constituem o objeto da representação, permitindo ao sujeito apreendê-los individualmente e em suas relações” (ALVES-MAZZOTTI, 1994, p. 66). Por último, a naturalização trata da transformação do que é novo em algo concreto, ou seja, num conceito ou numa imagem do senso comum, tornando-o um elemento da própria realidade do indivíduo ou grupo que o apropria.

É importante ressaltar que, embora sejam descritas em etapas, elas se interrelacionam e ocorrem de forma concomitante. Conforme explica Moscovici,

Ancoragem e objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro; está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para os outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido. (MOSCOVICI, 2013, p.78).

Ainda, juntos, esses dois processos buscam articular as seguintes funções: a função cognitiva de integração da novidade que trata de conferir a significação estabelecida ao objeto representado; a função de interpretação da realidade que compreende como se dá a utilização da representação no sistema de interpretação do mundo social e instrumentaliza a conduta; e a função de orientação das condutas e das relações sociais que trata de entender como se dá sua integração em um sistema de recepção e como influenciam e são influenciados pelos elementos que aí se encontram (JODELET *apud* ALVES-MAZZOTTI, 1994, p. 68).

Além desses conceitos basilares e formadores da Representação Social, Moscovici afirma ainda que nosso entendimento da realidade se dá por meio do universo consensual que trata de entender e explicar a realidade com os conhecimentos advindos do senso comum, pois os indivíduos e/ou grupos “elaboram sua construção do real a partir do meio onde vivem, explicando as coisas sem ser necessariamente um cientista ou especialista; nesse universo eclodem as representações sociais” (MORAES *et al.*, 2018, p. 26). E o universo reificado que aborda a compreensão e elucidação da realidade com os saberes teóricos científicos e metodológicos.

São todos conceitos que se inter-relacionam para constituir nosso conhecimento sobre a realidade. Sendo correlacionados, a TRS buscar intensificar tal relação, principalmente fazendo com que os aspectos do universo reificado se tornem parte da crença e do conhecimento do senso comum dos indivíduos ou do grupo, compondo como elemento da própria cultura.

MORAES *et. al.* (2018) defende ainda que esses universos possuem três dimensões:

a atitude, a informação e o campo de representação ou a imagem. A informação – dimensão ou conceito – diz respeito à organização dos conhecimentos que um grupo possui acerca de um objeto. A dimensão “campo de representação” nos remete à ideia de imagem, modelo, a um aspecto preciso do objeto social. A atitude consegue destacar a orientação global em relação ao objeto da representação social, que ocorre quando o indivíduo representa algo unicamente após ter adotado uma posição, e em função da posição tomada (MORAES *et. al.*, 2018, p. 27).

Essa teoria, hoje, influencia e inspira outros campos de estudos e pesquisas, principalmente na área das ciências humanas. Entre elas estão as Ciências Humanas e Sociais aplicadas, o que envolve a Educação (no que se refere ao ensino e à aprendizagem) e a Linguística Aplicada. Nesta última, ela é importante na medida em que ressalta e faz perceber os seguintes pontos:

- O sujeito, sua origem, seu contexto e os meios que o circulam são indissociáveis (SOUSA, 2002, p. 286);
- Os conhecimentos primários e/ou prévios de cada sujeito são importantes no desenvolvimento intelectual, cognitivo e afetivo;
- Os universos consensuais (conhecimento do senso comum) e reificados (conhecimento científicos) são interdependentes na formação do conhecimento humano.

Em síntese, essa teoria ajuda-nos a compreender que o conhecimento é “constituído na inter-relação entre sujeito, marcadamente social e histórico, e objeto, representando o mundo ao redor e constitutivo do sujeito, e somando-o ao universo reificado no processo da construção do conhecimento, ao mesmo tempo individual e coletivo” (CRUSOÉ, 2014, p. 106), na construção das Representações Sociais (RS), um conhecimento que mescla distintas origens e experiências.

Para Moscovici (2013), como vimos, todo conhecimento é fruto da sua relação na sociedade e nos meios que o circulam, portanto, é correto afirmar que o ensino e a aprendizagem só acontecem, de forma efetiva, na medida em que isso leva o docente a ajudar

o discente a se tornar (cons)ciente da sua alteridade, no que se relaciona a aspectos de sua identidade e das inter-relações com seus semelhantes e o meio, e a conseguir assimilar e correlacionar o conteúdo aprendido com suas atividades diárias.

Conforme afirma Maia (2001),

Durante um certo tempo, o conhecimento popular foi silenciado na escola. Ora, toda sociedade, segundo Moscovici está permeada por esse conhecimento que ele denominou de representação social. Será que a escola é um espaço de puro de saber científico? Estamos certos que não. **O professor, o aluno como atores de uma sociedade em movimento, carregam consigo um saber que se constrói no dia a dia, tanto social, familiar, quanto profissional. E este conhecimento eles trazem para a escola. Identificar elementos desse conhecimento e estabelecer relações com o conhecimento científico, objeto específico de “transmissão” escolar,** nos parece ser um importante passo para a compreensão de entraves e desvios que observamos no dia a dia escolar. (MAIA, 2001, p.85; grifos nossos).

Reitera-se, portanto, nessa afirmação, que a eficácia do processo de ensino e aprendizagem deve considerar as condições a que tanto docentes quanto discentes devem recorrer para assimilar e associar algo novo a aprendizagens prévias. Novos conceitos adquiridos são incorporados, e passam a influenciar o quadro de RS com que esses sujeitos lidam, mediatizando suas relações com objetos do cotidiano, nas realizações das atividades em diversas esferas.

Na sociedade atual, somos postos em contato com muitas informações numa fração de segundos. “As novas questões e os eventos que surgem no horizonte social frequentemente exigem, por nos afetarem de alguma maneira, que busquemos compreendê-los, aproximando-os daquilo que já conhecemos, usando palavras que fazem parte de nosso repertório” (ALVES-MAZZOTTI, 1994, p. 61). Diante disso, somos induzidos a nos manifestar, argumentar, julgar, escolher e tomar posições até que se tornem parte do nosso conhecimento do senso comum.

Esses novos eventos e questões se apresentam, na percepção de Alves-Mazotti (2008, p. 63) em relação ao que afirma Moscovici, de forma diferente em cada classe social, cultural e grupo na constituição do sentido, pois cada realidade apresenta três dimensões: a atitude que trata da aprovação ou não em relação ao conceito ou ao objeto apresentado; a informação nova que interpela os conhecimentos prévios dos indivíduos (ou grupos) a que tal conceito ou objeto é submetido; e, por último, o campo de representação que trata do conteúdo e imagem concreta num novo conceito ou objeto referente de forma precisa, ou seja, de acordo com o conceito ou objeto constituído.

Essas dimensões são importantes para o campo da educação e da lingua(gem), pois contribuem para que os agentes da área, estudiosos, professores, gestores percebam que o aluno é um sujeito histórico, social e político, portanto suas relações interpessoais e intersociais têm contribuições indispensáveis na sua mudança intelectual e humana.

Além disso, é preciso que os setores responsáveis pela elaboração e implementação de políticas públicas e políticas linguísticas compreendam esses aspectos da sociocognição humana, de forma que a construção das regulamentações e dos aportes teórico-metodológicos e os planejamentos das práticas educativas sejam efetivamente adaptados e correspondam ao público-alvo, de acordo com a sua realidade.

5.2 Algumas Representações Sociais sobre a L.P. em T.L.

Tudo o que foi mostrado sobre a TRS nos lembra do ensinamento e da defesa do intelectual e educador brasileiro Paulo Freire (1967) a respeito da integralidade do sujeito aprendiz e suas realidades e condições sociais e locais no processo de sua aprendizagem. Ele defendeu, conforme Kubo e Botomé (s/d), uma “concepção sobre como fazer a mediação entre conhecimento e a relação da pessoa com a sua realidade de inserção, sua vida concreta, fora dos limites temporais e geográficos das condições de ensino” (s/d, s/p).

Freire propunha o diálogo como ferramenta para a efetividade da educação no processo de ensino e aprendizagem, isto é, o processo da formação deve acontecer num ato de “A” com “B” e não “A” para “B” nem “A” sobre “b” porque, para ele,

o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca das idéias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 1987, s/p).

A visão de Freire, embora de algumas décadas atrás, em suas premissas – algumas das quais bastante questionadas por visões positivistas e neoliberais de governos de direita, recentemente, no Brasil – ajuda-nos a compreender que mudanças e evoluções nas perspectivas sobre ensino e aprendizagem são frequentes, ao longo do tempo, porque dependem de um conjunto de aspectos socioeconômicos, políticos, culturais, tecnológicos – e até sanitárias – dos países. Além das influências tecnológicas – como a disseminação de tecnologias de informação, é preciso compreender que as práticas de ensino, cada vez mais,

precisam considerar tanto o aluno quanto o professor como sujeitos ativos, protagonistas das ações que executam, e não meros receptores passivos, numa relação em que se tem alguém desprovido de saberes e outro como dono/fonte de conhecimentos (educação bancária tão criticada por Freire), ou seja, o ensino e a aprendizagem devem acontecer com base na interação, na troca de saberes entre esses dois sujeitos, marcadamente seres sócio-históricos, políticos, psicológicos.

Dessa forma, as origens, os conhecimentos prévios, as condições sociais e locais precisam ser vistas como condições indispensáveis na elaboração dos materiais didáticos, na escolha de abordagens teórico-metodológicas e na prática efetiva de ensino e aprendizagem. As abordagens e metodologias de ensino e aprendizagem devem ser selecionadas e adaptadas às realidades de cada público e espaço em que o processo de ensino e aprendizagem acontece.

Essa contextualização sobre a TRS e uma pedagogia da (inter)ação, nos moldes freirianos, nos permitirão refletir sobre o T.L. e a situação da L.P., atualmente.

É importante ressaltar, antes de tudo, que a L.P., para os timorenses, é o meio que representa a identidade cultural, política, histórica e social do povo diante do mundo; um patrimônio histórico; uma ferramenta de resistência na luta de independência; e, hoje, é uma das línguas oficiais, além do seu uso no campo administrativo e de instrução de ensino e aprendizagem, após a escolha e a constitucionalização em 2002.

Conforme já foi tratado ao longo deste trabalho, T.L. apresenta uma situação diferenciada quando se trata das questões linguísticas, devido a sua localização, cultura, diversidade linguística (RAMOS, 2020, p. 446), influências midiáticas que tendem a entusiasmar (seduzir) a população com hábitos sociais e linguísticos das regiões internacionais e vizinhas como a Indonésia (quanto à Língua Indonésia) e a Austrália (quanto à Língua Inglesa). Destarte, os estudos relacionados à L.P. neste país devem considerar tais aspectos.

Diante da situação apresentada, a L.P. ocupa uma posição de destaque e exerce um papel importante, pois encontra-se como a principal Língua Administrativa e o meio de comunicação entre o país e o mundo. Esse fato pode ser confirmado com a função de representação dessa língua, do povo e do país diante das demais nações, começando pelos registros e documentações oficiais do país, em que, embora se encontrem também o Tétum, é a L.P. que se destaca.

A L.P. ocupa uma função que corresponde ao que se entende como Língua Oficial de um país, se considerarmos a definição da ONU, conforme nos mostra Gomes (2014):

Língua oficial é, na definição dada pela Organização das Nações Unidas para Educação Ciência e Cultura (UNESCO), **“a língua utilizada no quadro das diversas atividades oficiais: legislativas, executivas e judiciais” de um estado soberano ou território.** É a língua consagrada na lei (através da constituição ou de lei ordinária), ou apenas pela via do costume, ou ser língua adotada por um país, estado ou território. A língua oficial (ou línguas oficiais), cuja escolha depende de razões políticas, será **a língua a ser utilizada em todos os atos oficiais do poder público, quer de direito externo (tratados e convenções internacionais), quer de direito interno (constituição, leis ordinárias, atos políticos, sentenças judiciais, atos administrativos, discursos oficiais, etc.).** E será, em princípio, a língua falada (se só houver uma) ou uma das línguas faladas (se houver várias) pela população de cada estado ou território (GOMES, 2014, p. 63-64; grifos nossos).

A L.P. é a língua que se presta à maioria das demandas oficiais do T.L., isto é, os aspectos que a caracterizam como oficial se concretizam, hoje, no registro oficial da apresentação do país e do povo, diante do mundo, com o nome de República Democrática de Timor Leste (RDTL); o hino Nacional e as constituições etc., além dos documentos pessoais. Ainda, o Português também está presente em outros espaços, por exemplo: coexiste com a outra Língua Oficial, o Tétum (RAMOS, 2020 p. 459), nas mídias sociais (televisão, rádio, notícias, jornais, revistas, etc.). É importante esclarecer que tais atribuições de nomes e/ou registros não são traduzidos da língua local – eles são apresentados nas duas línguas, e isso é visto com normalidade, pois o país possui duas línguas oficiais.

Significa dizer, diante disso, que o Português já está no meio da sociedade e compete com outras línguas locais; isso implica que a L.P. já é familiar no uso nos espaços formais e documentos oficiais. Por essa razão, segundo Soares (2011), T.L. pode, com o Português,

usufruir dos contributos de diferentes blocos (CPLP, Mercosul, SADC (Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral, União Africana, União Europeia, etc.), construídos em torno de determinados eixos, tendo sempre em vista o seu desenvolvimento, mas, por outro lado, deverá retribuir, fazendo a ponte entre estes e a ASEAN (Association of Southeast Asian Nations) (SOARES, 2011, p. 100).

Essa oficialidade muda de concepção quando a ela se acrescenta a função de instruir o ensino e aprendizagem porque, ao assumir esse posto, ela convoca para si a responsabilidade e o dever de formar os cidadãos para serem capazes de entender, manifestar, defender de modo crítico e consciente e com base tanto no universo consensual quando no reificado (MORAES *et al.*, 2018). Porque, assim como afirma Ramos (2020, p. 447), acreditamos que “alunos que mantêm com a Língua Portuguesa um contato mais assíduo terão mais facilidade em adquirir conhecimentos e em atingir os objetivos educativos mais facilmente do que aqueles que com ela só têm contato no período das aulas”.

No que diz respeito ao emprego real e efetivo do Português no dia a dia do povo, no entanto, a situação é problemática e cria um forte obstáculo para a propagação eficaz e a disseminação igualitária dessa língua entre a população. Trata-se de um fato que precisa ser revertido, pois, por se tratar da Língua Oficial de uma nação, supõe-se que seja também do conhecimento comum do povo. Isso significa esperar que todos tenham oportunidade de compreender, como instrumento de leitura, interpretação, análise, compreensão e criação de pensamentos críticos na constituição do conhecimento do/sobre o mundo.

Outro dado importante do Português em T.L., segundo os estudiosos como Thomaz (1974), Costa (1995), Busquets (2007), Albuquerque (2011, 2014, 2020), Ramos (2020) etc., o país possui sua própria variação linguística do Português. Diante disso, Ramos (2020) e Albuquerque (2020) questionam o modo da propagação atual, enquanto a falta da adaptação e reconhecimento da complexidade linguística e cultural local, principalmente na área de ensino e aprendizagem e mais especificamente na elaboração dos materiais didáticos e instruções para aos professores (SOUZA, 2017) que, pelo visto, foram instruídos, basicamente, com as teorias e práticas voltadas para o ensino de língua estrangeira na abordagem do ensino tradicional como Método da Gramática-Tradução, que trata de ensinar por meio da tradução para a primeira língua, colocando, automaticamente, os professores no centro do conhecimento.

Tendo tudo isso como fatos importantes sobre a escolha e a presença (idealizada e efetivada) do Português em T.L., nenhum dos estudiosos da área comprova a existência de gerações timorenses que tenham a L.P. como língua materna, ao longo dos estudos feitos até o momento. O mais próximo que já observado é se ter alguns membros da família falando o Português em casa (RAMOS, 2020). Sendo assim, este autor chama a atenção para o seguinte fato: a Língua Tétum, Língua Franca e Primeira Oficial do país, é influenciada, significativamente, pela L.P. e isso pode ter causado a percepção do uso do Português na linguagem da família. “Por isso, é natural que os inquiridos sintam a Língua Portuguesa como próxima e a reconheçam como uma das presentes no seu diversificado ambiente linguístico” (RAMOS, 2020, p. 458).

A opção da L.P. como Língua Oficial do país tem apoio e recepção positiva. Por parte dos líderes e estudiosos locais e internacionais que têm intenção e interesse de defender e promover este país, sua cultura etc., citamos aqui alguns linguistas e historiadores, como Hull (2001) e Thomaz (1998) que pesam, nas suas defesas, a identidade nacional, cultura e histórica que essa língua representa para o povo timorense e sua caminhada histórica,

especialmente na luta pela independência, além das opiniões políticas, econômicas, etc., que favorecem suas ideologias e filosofias sobre o desenvolvimento deste país. Para estes, a escolha do Português preserva o país dos interesses obscuros dos territórios vizinhos em se aproveitar e torná-lo dependente. Em relação aos líderes, além das afirmações dos enunciados, conforme se pode observar na figura 3, Gusmão (2002) afirma ainda que,

O português é a nossa identidade histórica, que ironicamente nos foi concedida pela presença colonial e pela opção política de natureza estratégica que Timor Leste concretizou com a consagração constitucional do português como língua oficial a par com a língua nacional, o tétum, reflete a afirmação da nossa identidade pela diferença que se impôs ao mundo, e, em particular, na nossa região [...]. (GUSMÃO, 2002 *apud* SOARES, s/d, p. 97).

Na área da educação e, especificamente, para os professores, principais sujeitos divulgadores desta língua atualmente, é notório o grande número de desafios enfrentados para formar as novas gerações. No seu estudo intitulado “As representações sociais da Língua Portuguesa em uma situação plurilíngue concorrencial no Timor-Leste” que busca entender de que forma o Português é representado num país de contexto plurilíngue como T.L., Souza (2017, s/p) obteve o resultado de que “os professores estão dispostos a aceitar a reinserção da L.P. com base no seu estatuto oficial recente e almejam um planejamento linguístico adequado às reais necessidades do processo de reconstrução do Estado Leste-timorense”. Esse esforço mostra um grande passo, pois a grande maioria desses profissionais foram formados na época da ocupação dos indonésios.

Diante desse cenário, ficam as seguintes perguntas: basta esse esforço e interesse dos professores? O que falta para que o Português se torne efetivamente uma língua de comunicação cotidiana do povo? Quais são as dificuldades e a relevância desse plurilinguismo para a vida concreta dos timorenses?

Tudo isso deve fazer parte das principais preocupações dos estudiosos e dos profissionais da L.P. em T.L., caso se almeje realmente que esta seja uma língua do povo; afinal, ela ainda continua favorecendo somente uma minoria da população.

Como foi possível ver na figura 4, é na escola que o Português é usado (quase) de forma integral. Sendo assim, além das situações precárias das políticas públicas de educação, vê-se, mais uma vez, o que o maior desafio está na elaboração dos materiais didáticos que ainda precisam de adaptação e aproximação da realidade local (FONSECA, 2010; ALBUQUERQUE, 2014), ou seja, para que tal material seja efetivo, ele deve ajudar os discentes na assimilação, manipulação e colocação em prática do conteúdo adquirido na sua

atividade cotidiana. Essa expectativa, no entanto, vai esbarra na situação diária da maioria da população, que também é mostrada no infográfico acima, já que, fora da escola, os indivíduos se comunicam com a língua materna, Tétum ou uma outra língua local que é falada na família ou no ambiente onde se encontram.

Sendo assim, deve-se fazer ainda as seguintes perguntas: que tipo de prática de ensino deve ser seguida? Ensino de Português como segunda língua? Quais métodos e/ou abordagens desse segmento devem ser tomados como referência? Trataremos de metodologias de ensino de L.P. a nativos e não nativos na próxima seção, buscando responder a essas questões.

Sendo uma das línguas oficiais, diante da realidade do país, Ramos (2020, p. 459) afirma: “parece ser óbvio que, nestas circunstâncias, ensinar a Língua Portuguesa como se ela fosse língua materna da generalidade dos timorenses não será a melhor opção”. Portanto, conforme mostra a história e a situação cultural local, a opção pelo Ensino de Língua Portuguesa como língua estrangeira é a forma mais recomendável com ressalvas de adaptações na elaboração dos materiais de acordo com realidades e o público em que a prática de ensino e aprendizagem acontece.

5.3 Ensino de L.P. a nativos e a não nativos: metodologias e pressupostos

A partir de aproximadamente 2009, a prática do ensino e aprendizagem no ensino básico de todo território nacional passou a ser, obrigatoriamente, em L.P., conseqüentemente, todas as disciplinas passaram a ser ensinadas nesse idioma. Essa mudança, por um lado, é uma tentativa de expandir e intensificar tal língua no país; por outro lado, porém, provoca(va) grande dificuldade tanto por parte dos professores quanto dos alunos, afinal ambos fazem parte daquela geração mista/multilíngue, para a qual a L.P. era a menos usada. Ainda, nesta época, não se contava com livros didáticos para a maioria dos professores, ou seja, alguns se viravam para suas práticas de ensino.

Assim, diante dessa geração multilíngue, da diversidade linguística e da presença atual da globalização, o cenário comunicativo dos timorenses está se tornando ainda mais complexo. O Português, apesar de todo o esforço do governo local e internacional (Comunidades dos Países de Língua Portuguesa – CPLP), Organizações Não Governamentais (ONG) *etc.*, ainda não é uma língua do uso cotidiano da população.

Para ajudar na capacitação de L.P. dos timorenses, o governo local assina acordos com outros países de L.P., sobretudo Brasil e Portugal, além de acordos com Organizações não

governamentais (ONG) que trabalham com o mesmo fim. Parte desse acordo, no entanto, gera contradição e isso se deve, pelo menos, aos seguintes aspectos:

- a) Existe grande diferença entre o Português do Brasil e o de Portugal, portanto qual modalidade os timorenses devem aprender?

Estudos como o de Albuquerque (2010 e 2014) comprovam a existência da variação do Português falado pelos timorenses. A respeito disso, afirma Lourenço (2008, p. 5), “é importante ter consciência de que o contexto timorense não é uma cópia de outros contextos de ensino da língua portuguesa, nomeadamente o ensino do Português em África (PALOP), na Europa ou na América [...]”.

- b) No plano antropológico e ideológico, é preciso lembrar que “os professores e linguistas estrangeiros, que atuam em Timor Leste, possuem uma ideologia subjacente a seus respectivos trabalhos, o que compromete a atividade de ensino-aprendizagem” (ALBUQUERQUE, 2010, p. 35), pois estão numa realidade em que, além de estar num processo de construção, o país também apresenta uma grande variedade linguística, social e cultural, cujos indícios também são encontrados na mesma sala de aula, na maioria das escolas, e principalmente nas universidades.

Aliado a esses aspectos, é preciso lembrar que até os professores nativos ainda enfrentam a variedade ideológica e o multilinguismo do povo. Na sociedade atual, encontram-se grupos que pregam a importância de outras línguas estrangeiras, como o inglês, pois existe o projeto de parcerias de mão de obra do governo timorense e a Austrália, a Inglaterra, a Coreia, além de bolsas de estudos para o Vietnã. Tem-se também os grupos que optam por propagar a Língua Indonésia devido à proximidade e à facilidade do acesso às mídias televisivas. Com isso, a L.P. fica restrita apenas à escola, para a maioria da população. Já na escola, os professores enfrentam a variedade das línguas maternas dos alunos, pois, dentro de um mesmo “distrito”, encontram-se falantes de mais de duas línguas maternas.

Vale lembrar quão recente é a (re)implantação da L.P., embora sua presença na história do país seja longa. Sua expansão em T.L., inicialmente, se deveu a fatores econômicos, às relações comerciais entre os primeiros portugueses e os reinos antigos timorenses; religiosos, especialmente a evangelização dos missionários dominicanos; e políticas com o início da acomodação da colonização no território. No que se refere ao ensino do idioma Português, começou com a instalação das primeiras escolas pelos missionários. O

ensino, no entanto, era destinado, especificamente, aos filhos da elite (THOMAZ, 2002; ALBUQUERQUE, 2010, 2011 e 2014; SILVESTRE, 2013).

À medida que o processo colonial foi se expandindo no território, foram desenvolvidas também as demais gestões, a escola, por exemplo, que depois se abriu também para algumas gerações populares. Assim, embora com uma porcentagem menor, mas deu início ao acesso do idioma ao povo, gerando sujeitos importantes, tais como maioria dos líderes atuais do país, sobretudo os da geração antes de 1975, que também autores da constitucionalização da L.P. como Língua Oficial etc.

Com o término da colonização portuguesa e a invasão dos indonésios, o ensino e o uso do Português se tornam mais desafiadores e pode-se dizer que ele só se mantém devido à troca de informação entre os guerrilheiros e a vantagem de que, por meio dele, o mundo podia ouvir os gritos do povo, já que nenhum dos idiomas locais conseguiam(em) exercer essa tarefa.

Com isso, o ensino e aprendizagem, propriamente dito, só foram retomados a partir da independência e o seu vigor só aconteceu entre 2009/2010 quando o governo decretou o ensino obrigatório da/por meio da L.P. Como resposta a tais desafios e para que tivesse um ensino eficiente e correspondente à realidade do país, já em 2009, Batoréo fez as seguintes sugestões:

- a disponibilização de professores adequadamente preparados e treinados a nível de Português língua não-materna, cientes dos desafios e das diferenças que o ensino/ aprendizagem da L1 e L2 trazem tanto aos alunos como aos professores;
- bom conhecimento da complexidade da situação cultural timorense pelos professores disponibilizados;
- bom conhecimento da complexidade da situação linguística e sócio-linguística timorense com foco específico para a necessidade de conhecimento pelo menos passivo de Tétum e/ou outra(s) língua(s) local(is);
- bom conhecimento da identidade linguística e da identidade nacional timorense (cf. Magalhães 2007, Taylor-Leech 2008; Thomaz et al. 2008; Batoréo & Casadinho 2009);
- a elaboração de materiais específicos propositadamente preparados para o efeito e para diferentes níveis do ensino, enquadrados na realidade cultural e linguística timorense;
- a organização e formação dos quadros locais com base nos recursos específicos existentes, devidamente preparados do ponto de vista linguístico e didático. (BATOREO, 2009, p. 59; grifos da autora).

Ainda falta, nestas sugestões, sobretudo, referências à adoção de diferentes métodos, que correspondam às diversas realidades deste país. Ainda assim, a situação continuou e conforme observa Albuquerque (2011),

Nos últimos anos, a política e o planeamento linguísticos em relação à língua portuguesa em Timor-Leste foram relativamente contraditórios, já que **na política linguística o governo leste-timorense manifestava-se a favor da língua portuguesa e do processo de sua reintrodução no país, porém, em nível de planeamento linguístico, o governo nada fazia para implantar tal política**; todo o processo de formação de professores e ensino ficava sob a responsabilidade do governo português, que recebia ajuda de outros governos, como o do Brasil, e entidades, como a UNESCO e a UNICEF. Ainda, aprovava projetos e aceitava auxílios financeiros de diversos países que almejavam ensinar sua própria língua e reduzir o espaço sociolinguístico do português, como: Austrália, Nova Zelândia, Japão, Malásia, Indonésia e Singapura. (ALBUQUERQUE, 2011, p. 2; grifos nossos).

De lá para cá, pode-se afirmar que o contexto de ensino em T.L. e os problemas listados por este autor variam de uma região para outra e, quanto mais interior ela for, maior é a precariedade. Isso também se deve à desigualdade social na formação e distribuição dos profissionais, à falta de políticas públicas e ao desenvolvimento do país que, embora já tenha se passado mais de uma década, ainda está no seu processo de construção e desenvolvimento.

Diante disso, o governo de T.L. apresenta, hoje, uma variedade de manuais didáticos com adaptações notáveis às realidades do país. Por exemplo, para o Ensino Secundário Técnico-Vocacional (equivalente ao ensino médio técnico), apresentou o Manual Didático com nome “Português”, manual do aluno e do professor com distribuição gratuita. Já para o Ensino Secundário (Ensino Médio) convencional, há Manuais Didáticos próprios e Guias de Professores e Alunos, o mesmo acontece com o Ensino Primário – fundamental I (1º-6º ano) e fundamental II (7º-9º ano).

Mesmo com tais esforços do governo e sendo uma das línguas oficiais, que tem o “papel principal e especial” de introduzir e representar o povo para o mundo, o Português ainda necessita de maior exploração e fazer com que se integre na vida e na atividade cotidiana dos timorenses; ou seja, precisa que a L.P. seja mais acessível e conhecida e faça parte do cotidiano da população, tornando, indissolúvel a relação entre tal língua e a sociedade local (cf. BAKHTIN 2003).

Como se pode observar, portanto, Timor Leste ainda carece de políticas públicas que atenuem a complexidade em relação ao ensino e promoção da sua segunda Língua Oficial, Administrativa e de Instrução de ensino-aprendizagem escolar. Acredita-se, diante disso, que o que falta, na verdade, é o estudo e a formulação de métodos apropriados que contemplem a realidade local.

Para tanto, acreditamos que a Teoria das Representações Sociais (TRS), e estudos dela decorrentes, inicialmente na área da psicanálise (que surgiu nos anos 60 e teve como teórico Serge Moscovici), nos ajudará a “analisar e entender como se dá a produção de conhecimento e qual é o seu impacto nas práticas sociais, e vice-versa” (OLIVEIRA, 2007, p. 181).

Espera-se, com isso, perceber como se dá o processo de “tornar familiar algo até então desconhecido, possibilitando a classificação, categorização e nomeação de ideias e acontecimentos inéditos, com os quais não havíamos ainda nos deparado” (MORAES *et. al.* s/d, p. 19) – no caso, entender de que maneira uma Segunda Língua, a L.P. – pode vir a se tornar majoritária de fato, já que o é de direito (legislação vigente).

Entendendo RS como um conjunto de ideias, pensamentos, conceitos, proposições de explicações criadas na vida cotidiana, resultados da interação comunicativa entre os indivíduos, conforme Moscovici (2003), acreditamos que, para que uma representação social seja de fato social, precisa passar pelas seguintes dimensões: **informação**, que diz respeito aos conhecimentos e/ou concepções que um grupo possui em relação a um objeto, sujeito, conceito etc.; Depois, o campo da representação, que trata da **materialização**, que pode ser uma imagem, um objeto etc., que um grupo elabora a respeito dos elementos contemplados na informação; por último, **atitude**, que aborda a tomada de decisão do indivíduo, favorável ou não em relação ao objeto de representação. Tudo isso passa pela ação intencionada e sistemática de ensino da língua, a partir de políticas linguísticas especificamente pensadas para isso.

Nessa abordagem (TRS), vimos que são dois os elementos de processos formadores das representações sociais: a objetivação e a ancoragem. Trata-se, no processo de objetivação, da forma como os elementos que constituem a representação social se organizam e o modo em que tais elementos adquirem sua materialidade. Já a ancoragem é o processo de assimilação do novo e torná-lo materializado, fazendo, assim, parte para e na interação entre os indivíduos. Em suma, a língua em estudo continua sendo estranha para a maioria da população, embora faça parte da sua história. O que se deve buscar, portanto, são estratégias que ajudem as pessoas a entendê-la no seu contexto de origem, sua aplicabilidade e importância na realidade local, a fim de que possam assimilá-la à realidade de cada sujeito, e torná-la um instrumento de interação cotidiana.

Diante do cenário e da luz teórica lançada sobre ele, acreditamos que a concretização da ideia depende da boa formulação e adaptação dos métodos de ensino e da adequada formação dos professores. Por isso, consideramos os métodos de ensino de Língua

Estrangeira e os estudos em relação a eles como o foco inicial, tendo como base questões sócio-históricas e políticas da língua em questão contemplada neste trabalho. Sendo um campo teórico amplo e complexo, os estudos dessa área focam na busca de respostas para questões como as apresentadas por Florence Myles (2013, p. 48-49; tradução nossa) no seu trabalho intitulado “Abordagens Teóricas” (*Theoretical approaches*)⁴:

- a) Qual é o sistema linguístico subjacente ao desempenho dos alunos e como eles constroem esse sistema, em vários estágios de desenvolvimento e em cada um dos seguintes: fonologia, morfologia, léxico, sintaxe, semântica, discurso, pragmático?
- b) Qual é o papel de (i) a língua nativa ou outras línguas adquiridas anteriormente, (ii) a língua alvo e (iii) as propriedades formais universais das línguas humanas?
- c) Como os alunos desenvolvem sua capacidade de acessar e usar seu sistema L2 em tempo real, ou seja, sua capacidade de processamento?
- d) Quais são os papéis das diferenças individuais e estilos de aprendizagem em moldar e/ou facilitar o desenvolvimento de L2?
- e) Qual é a influência da idade do aluno, em moldar e/ou facilitar o desenvolvimento de L2?
- f) Como o *input*/interação/*output* facilita, forma e/ou acelera o desenvolvimento de sistema formal (a) e/ou processamento (c)?
- g) Como o ambiente/contexto social facilita, molda e/ou acelera o desenvolvimento do sistema formal (a) e/ou em processamento(c)?

Tais questões correspondem, basicamente, às seguintes classificações de abordagens teóricas: (a) e (b) são partes de estudos que tratam de aspectos formais da língua, ou seja, da relação entre competência e desempenho linguístico, e da relação entre sistemas L1 e L2; (c), (d) e (e) relacionam-se ao mecanismo cognitivo humano; as questões (f) e (g) relacionam-se a

⁴No original: “(a). What is the linguistic system underlying learners’ performance, and how do they construct this system, at various stages of development and in each of the following: phonology; morphology; lexis; syntax; semantics; discourse; pragmatics?; (b). What is the role of (i) the native language or other previously acquired languages, (ii) the target language and (iii) universal formal properties of human languages?; Cognitive: (c). How do learners develop their ability to access and use their L2 system in real time, i.e., their processing capability? (d). What are the roles of individual differences and learning styles in shaping and/or facilitating L2 development? (e). What is the influence of the age of the learner, in shaping and/or facilitating L2 development? Social and interactional context: (f). How does input/interaction/output facilitate, shape and/or accelerate the development of either 1 or 3 above (formal system and/or processing)? (g). How do the environment/social context facilitate, shape and/or accelerate the development of either 1 or 3 above (formal system and/or processing)?” (MYLES, 2013, p. 48-49)

aspectos referentes às interações sociais. O primeiro trata de identificar e alargar metodologias e/ou abordagens efetivas para a prática do ensino e aprendizagem de L2. Seu foco principal é desenvolver as quatro habilidades – ler, escrever, escutar e falar.

Resumidamente, são mencionados, a seguir, os métodos mais importantes apresentados por Larsen-Freeman e Anderson (2011) e Thornbury (2017):

1. Método Tradicional (ou Método da Gramática–Tradução): trabalha o ensino e a aprendizagem da segunda língua através da primeira, ou seja, as informações para a construção de uma frase, o processo de entender um texto etc. é abordado através de explicações na língua materna do aluno.
2. Método Direto: ao contrário do método anterior, trabalha com ênfase no uso máximo da língua-alvo na sala de aula, levando os alunos a pensarem e a se comunicarem na língua que está sendo aprendida.
3. Método Audiolingual: tem por objetivo trabalhar a habilidade oral. Nesse método, tendo como base as teorias da linguística estrutural (FRIES, 1945) e da psicologia comportamentalista (PAVLOV, 1927; SKINNER, 1957), a língua é entendida como um conjunto de hábitos que se adquirem por meio de estímulo e repetição.
4. Abordagem Comunicativa: é um dos métodos mais importantes hoje. Trata-se de trabalhar ensino e aprendizagem de uma língua no seu funcionamento real, isto é, desenvolver a capacidade efetiva de comunicação. É um método que faz perceber outras importantes competências que contribuem para a façanha do objetivo principal. São elas: competência sociocultural da língua alvo e dos sujeitos aprendizes, competência sociolinguística, competência discursiva, competência estratégica no uso da língua alvo (JALIL; PROCAILO 2009, p. 778-779).
5. Pós-Método: consiste em tratar da adaptação dos métodos à realidade de cada ambiente de ensino e aprendizagem, pois se entende que cada realidade é única e não se pode adotar o mesmo método para realidades diferentes.

Em referência ao mecanismo cognitivo humano, os teóricos trabalham, entre os variados estudos, com as percepções da abordagem gerativista sobre o inatismo e a gramática universal humana (CHOMSKY, 2002). Nela, procura-se entender, sobretudo, a adoção da faculdade da linguagem que os humanos têm e como isso contribui para a aquisição de L2, além da influência de L1 e da idade dos sujeitos no ensino e aprendizagem de L2.

Em relação à noção de interação social no processo de aquisição de L2, os pesquisadores dessa área reiteraram a concepção vygotskiana (2001), que focaliza o desenvolvimento humano na interação com o meio, mundo físico e social e as dimensões cultural e interpessoal que nele se encontram desde o início da sua vida. Rod Ellis (2008), por exemplo, afirma que o processo de aquisição de L2 não depende mais só da mente humana, mas também da troca e da experiência real do sujeito com seu meio e o meio da língua-alvo, a fim de se ter uma construção efetiva no desenvolvimento do ensino e da aprendizagem.

Além das questões apresentadas, nota-se, hoje, a contribuição da tecnologia. Ela é vista como uma ferramenta base na prática de ensino e aprendizagem. Segundo autores como Warschauer e Meskill (2000) e Zhao (2005), a internet consegue oferecer e possibilitar aos alunos de estarem em contato com a língua-alvo e seus aspectos sociais e culturais em situações reais. Portanto, expô-los a esse meio é permitir que eles tenham acesso e exposição a materiais autênticos na língua-alvo. Ainda, é necessário entender que a última geração – a geração z – que é definida por Prensky (2001) como “nativos digitais”, em tese, são mais capazes de utilizar esses recursos em diversas atividades.

5.4 Os métodos e Manuais Didáticos recorrentes e utilizados pelos professores no ensino de L.P.

Diante do multilinguismo existente no território timorense, na elaboração dos currículos, tanto os especialistas do ensino quanto os agentes da educação discutiram a respeito da implementação de uma aprendizagem inicial com as línguas maternas dos alunos e que evolua, de forma sequencial, com a introdução das duas línguas oficiais, na medida em que o nível da escolaridade for aumentando, conforme mostra o Plano Estratégico de Desenvolvimento 2011-2030, da RDTL:

Com vista a melhorar o acesso à educação e criar bases sólidas em termos de literacia e numeracia em português e tétum, os idiomas locais serão usados como idiomas de ensino e aprendizagem, no primeiro ciclo do ensino básico, proporcionando uma transição suave para a aquisição das línguas oficiais de Timor-Leste, de acordo com as recomendações da “Política de ensino multilingue baseada nas línguas maternas para Timor-Leste”. (RDTL, 2011, p. 2021)

Esse fato é importante, na medida em que toda a discussão aqui trazida e analisada é reflexo não só dos pressupostos legais, que preveem uma educação idealizada com base em

certos anseios e projeções do governo, na realização do que se encontra previsto nos Planos Estratégicos.

Embora não tenha sido feita uma verificação a fundo no ensino inicial para a comprovação de como se implementam as premissas do Plano Estratégico mencionado, por meio da realidade das escolas visitadas e a partir dos diálogos feitos com os atuais e futuros professores, é possível afirmar que a ideia de implementar os idiomas locais nos ciclos iniciais esbarra na problemática da falta de materiais de ensino e da falta de formação dos docentes; os próprios professores alegam que não são e não estão preparados profissionalmente para isso.

Segundo uma das alunas do 8º período do curso de Língua Portuguesa da Universidade Nacional de Timor Lorosa'e (UNTL), ao longo do seu curso, quando teve a disciplina de Metodologia de Ensino, seu professor referiu-se de forma superficial ao ensino nas línguas maternas dos alunos e não apresentou teorias convincentes a respeito.

Além disso, segundo uma das professoras dessa mesma universidade, quando perguntei: “Nos ciclos básicos, sugere-se que o ensino e aprendizagem comece com os idiomas locais, ou seja, as línguas maternas dos alunos; a universidade oferece algum curso ou disciplina específico para isso?” e ela me respondeu: “Acho que não. A UNTL ou outras universidades, que eu saiba, até a data, só temos o Departamento de Português, Inglês e do Tétum. Relativamente a outras línguas maternas ainda não foi criado nenhum departamento e nunca houve nem um curso...”.

Na prática, essa teoria encontra ainda outra problemática, que reside no fato de os grupos dos falantes das línguas locais do país, hoje, não se encontrarem numa região fixa como antigamente, na capital do país, por exemplo. Isso é devido à mistura de culturas e à diversidade étnica que se encontra na região, sem contar os imigrantes estrangeiros que também residem em diversas regiões do país, e cujos filhos frequentam as mesmas escolas das crianças locais. Esse caso também se estende às escolas das regiões rurais, por causa da migração.

Além disso, há também o fato de que é difícil determinar de forma precisa a língua materna de um aluno e, por conseguinte, mais difícil ainda determinar a língua de um grupo, a fim de toma-la como a língua referencial de determinada escola, porque, numa mesma família, podem-se encontrar mais de duas línguas diferentes e as crianças são expostas a essa realidade desde cedo; já em outras famílias, algumas crianças não convivem com essa mesma situação linguística, não são expostas a uma contínua situação de multilinguismo.

No que se refere aos Manuais Didáticos de L.P. dos ensinos iniciais, constam, apenas, as duas línguas oficiais até o 9º ano. A seguir, temos uma foto de uma das páginas do Manual Didático do 8º ano (MIRANDA; BARBOSA, 2011, p. 57), usado no Colégio Paulo VI, uma das escolas em que fiz minhas observações.

FIGURA 5: Página do Manual Didático de L.P. do 8º

Ma'u no Natureza Eu e a Natureza

Vamos conhecer a nossa língua...
Mai ita koñese ita-nia lian...

1. **Atenta na frase:**
1. Atensaun ba fraze:

"Falas iguais têm outros peixes, pequenos e grandes"

As palavras "pequenos" e "grandes" são adjetivos.
Liafuan sira "pequenos" no "grandes" ne'e adjetivu.

Os adjetivos – são palavras que surgem junto dos nomes e servem para atribuir alguma qualidade ou estado a alguém ou a alguma coisa.
Adjetivu sira – liafuan maka mosu iha naran sira-nia sorin atu temi kualidade ka estadu ba ema ruma ka buat ruma. Ezemplu sira:

Exemplos: peixe pequeno; peixes grandes; gosto amargo; água turva; homem velho; cão perigoso; mesa pesada.

Adjetivos uniformes
Adjetivu uniforme sira

Os adjetivos uniformes só tem uma forma para o masculino e feminino. Normalmente estes adjetivos terminam em -e ou em consoante.
Adjetivu uniforme sira iha forma ida de'it ba maskulinu no ba femininu. Baibain Adjetivu sira ne'e hotu ho -e ka konsoante. Ezemplu sira:

Exemplos: contente; alegre; inteligente; grande; feliz; infeliz.

Adjetivos bifformes
Adjetivu bifforme sira

Os adjetivos bifformes têm uma forma para o masculino e outra para o feminino.
Adjetivu bifforme sira iha forma ida ba maskulinu no ida ba femininu. Ezemplu sira:

Exemplos: simpático/simpática; novo/nova; pequeno/pequena; turvo/turva; amargo/amarga; pesado/pesada; alto/alta; baixo/baixa; grosso/grossa; fino/fina; limpo/limpa.

Vamos praticar a nossa língua...
Mai ita pratika ita-nia lian...

1. **Escreve no teu caderno os adjetivos apresentados no texto. Segue o exemplo.**
1. Hakerek iha ó-nia kadernu adjetivu sira ne'ebé mai iha testu. Halo tuir banati.

peixe pequeno

2. **Escreve frases com esses adjetivos. Segue o exemplo.**
1. Hakerek fraze ho adjetivu sira ne'e. Halo tuir banati.

O meu amigo António é pequeno.

57

FONTE: Língua Portuguesa 8º ano (MIRANDA; BARBOSA, 2011, p. 57).

Quando se trata dos Manuais Didáticos de L.P. do Ensino Secundário⁵ (equivalente ao Ensino Médio aqui no Brasil), foram elaborados, somente em L.P. Isso mostra (teoricamente) o avanço que os especialistas e os agentes da educação projetavam e previam no Plano Estratégico para o sistema educacional do país. Contudo, não correspondem à prática real das escolas visitadas e observadas ao longo da minha pesquisa, pois as observações feitas mostram o contrário, ou seja, tanto na escola particular quanto na escola pública, vê-se a falta do conhecimento aprofundado e/ou da fluência por parte dos professores e os alunos não apresentam uma maturidade suficiente para com a L.P. Com isso, a recorrência das Línguas Tétum e Indonésia (para a ministração das aulas e para o trabalho com o material didático) se torna um fato comum para a maioria dos docentes, incluindo os professores do Ensino Superior.

É importante enfatizar que, para os professores do Ensino Superior, a tomada dessa atitude se deu com o intuito de passar os conteúdos aos alunos, pois embora os alunos tenham vindo da geração em que tiveram seu Ensino Básico com a L.P., não mostram um domínio suficiente da mesma, a fim de possibilitar aos professores ministrar suas aulas totalmente nesta língua.

Em relação aos professores do Ensino Básico e, especificamente, do Ensino Secundário, notou-se que o uso frequente da Língua Franca do país (Tétum) e da Língua Indonésia se vê não somente no intuito de passar conteúdos, mas também pela falta da fluência por parte dos docentes e pela imaturidade por parte dos alunos.

Conforme se pode ver, há contradições no sistema de ensino (com consequências para a aprendizagem da L.P.) no T.L. Por um lado, há o interesse da implantação e o desejo de alcance por parte dos idealizadores (Ministério da Educação, os especialistas do ensino etc.). Por outro lado, verifica-se a falta de um investimento concreto no modo de trabalho para a realização desse interesse. São dois pontos que deveriam estar alinhados, mas ainda se encontram opostos.

Nesse cenário, criar exigências para o professor em sua relação com o aluno ainda é, na nossa opinião, um grande problema, pois ambos precisam se ajudar, mas, em muitos momentos, acabam dificultando o processo de ensino e aprendizagem, por falta de fluência e pelas dificuldades que cada lado apresenta. Além disso, conforme será mostrado no próximo tópico, a realidade social local ainda não contribui para o desenvolvimento de ambos os lados fora do ambiente escolar.

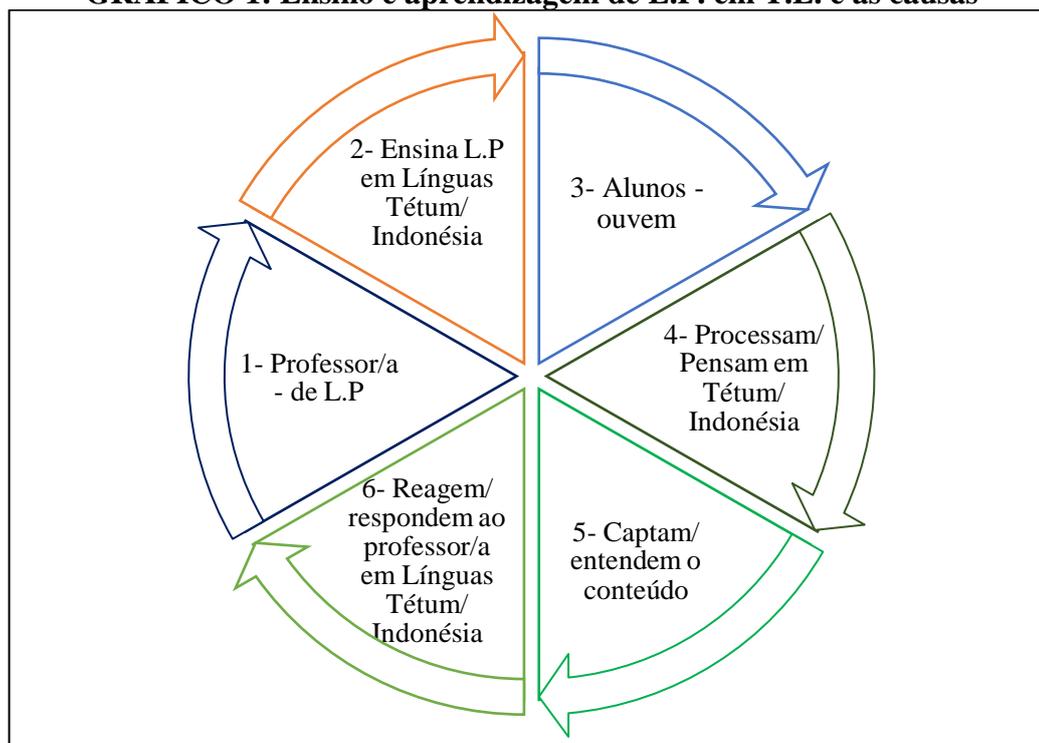
⁵ O termo adotado e usado neste trabalho.

Tendo tudo isso em mente, é possível afirmar que o primeiro método dominante no contexto educacional de ensino e aprendizagem em T.L., do Ensino Básico como um todo e o Ensino Secundário, principalmente está se pautando no “Método Tradicional (ou Método da Gramática – Tradução)”. Trata-se de um método de ensino e aprendizagem de uma outra língua por meio da primeira língua que, no contexto de T.L., é aquela familiar tanto ao corpo docente quanto ao discente.

O objetivo é permitir ao aluno ler literatura escrita na língua-aprendida em sua forma original. Preocupa-se primordialmente com a coesão e coerência gramatical. Além disso, este método de ensino e aprendizagem de L2 se baseia na tradução para o idioma nativo. O ensino e aprendizagem acontecem de forma dedutiva e os professores se preocupam muito com as regras formais da gramática. Assim, a língua em circulação real não é muito usada nas salas de aula, limitando-se ao emprego da gramática normativa e do Manual Didático como ferramentas principais da prática dos docentes. Os alunos são passivos e o professor se apresenta como o conhecedor do conteúdo (FREEMAN, 2000; PRATOR; MURCIA, 1991; RICHARDS; RODGERS, 2006).

Sendo um método que ainda persiste devido a sua potencialidade, ao adotá-lo num país como o T.L., que tem o Português não apenas como uma L2, mas também como sua Língua Oficial, isso traz consequências sérias para o desenvolvimento humano e, conseqüentemente, se estende aos desenvolvimentos político, cultural, econômico e social. O uso recorrente da Língua Franca nas salas de aulas desencadeia processos de aprendizagem nos alunos, conforme apresentado no gráfico a seguir:

GRÁFICO 1: Ensino e aprendizagem de L.P. em T.L. e as causas



FONTE: Gráfico elaborado pelo pesquisador, 2022.

Neste gráfico, vê-se a realidade do ensino e aprendizagem de L.P. em T.L., atualmente. Com o método mencionado, os professores têm nas mãos o Manual Didático de L.P. que foi elaborado em L.P., nas salas de aulas ensinam e contextualizam com as Línguas Tétum e/ou Indonésia. Os alunos, por sua vez, também processam o conteúdo nas duas línguas até que captam e entendem o conteúdo ensinado e, então, reagem e respondem ao professor também em ambas as línguas. Diante disso, vê-se uma outra dificuldade por parte do docente em incentivar e exigir dos alunos o uso dessa língua, criando barreiras para a apreensão e disseminação significativa da L.P. na sociedade do território timorense.

No que se refere ao papel do professor, ele é visto como o centro do conhecimento (MARTINEZ, 2009, p. 49). Ele é reconhecido, na maioria das vezes, como o conhecedor do conteúdo tratado e, no caso das aulas de Português, engloba também questões de vocabulário, e de outros conhecimentos que os alunos devem imitar. As respostas aos questionamentos levantados ao longo das discussões nas aulas baseiam-se preferencialmente nas suas respostas e nos seus argumentos.

As estruturas das aulas seguem sistematicamente o esquema do Manual Didático. Começa com “um texto literário (ou outro gênero textual), seguido de explicações de vocabulário e de gramática, geralmente com recursos à língua fonte do aprendiz; continua

com a tradução, exercícios e finalmente o tema, que constitui uma retomada da língua aprendida [...]” (MARTINEZ, 2009, p. 50).

Segundo Milawati (2019, p. 187), no contexto do ensino de L2 em que o ensino de gramática é dominante, como no Método de Gramática-Tradução, o professor tende a se concentrar mais na precisão da competência da norma culta de seus alunos do que em seu desempenho na aplicação real da língua aprendida. Esse é um fato real que acontece, hoje, nas escolas observadas e acreditamos que se estende também às outras escolas do território timorense porque é uma prática comum entre os professores nos três anos dessa fase de escolaridade.

Assim como essa autora e outros citados no seu trabalho, como Richards *et. Al.* (2002) e Fachrurrazy (2011), os professores timorenses acreditam que o ensino de gramática é importante no “processo de aprendizagem de uma língua porque a gramática é o sistema de uma língua. [...] a gramática é muito importante para ser ignorada porque, com a gramática, o desenvolvimento da linguagem dos alunos será controlado”⁶ (MILAWATI, 2019, p. 188, tradução nossa). Dessa forma, o foco maior é dado ao ensino da gramática, seguindo as regras gramaticais da língua ensinada e aprendida.

Os alunos do Ensino Secundário, mesmo tendo uma jornada de formação e contato com o Português desde o Ensino Infantil, hoje se encontram com grandes dificuldades até com o conhecimento do vocabulário. O que se vê é que conhecem as palavras de forma efetiva na medida em que conseguem traduzir para a Língua Franca do país. A eficácia da compreensão, neste caso, não é conseguir conceituar e/ou explicar, mas traduzir. Assim sendo, demonstra um retrocesso no que é previsto nos currículos e diretrizes do ensino e aprendizagem do Português, afinal a tradução é necessária, mas os alunos, nesse nível, devem apresentar uma base expressiva para compreender e interpretar na própria língua aprendida.

É inegável que a Língua Franca deste país é composta de vocabulários estrangeiros e o Português tem uma representação maior em comparação com outras línguas. Pode-se dizer que estão presentes na fala, no texto escrito e no uso cotidiano da população. Esses fatos, contudo, se inclinam mais para a elitização do discurso, ou seja, a escolha de vocabulário estrangeiro, do Português ou de uma outra língua, numa determinada fala, no ponto de vista social, eleva o *status* de quem fala. Ainda assim, esses casos podem servir como oportunidades vantajosas para a aprendizagem do Português, no entanto, não são aproveitados

⁶ Teaching grammar has been regarded as important in the learning process of a language because grammar is the system of a language. Even, people sometimes describe grammar as the rules of a language. [...] grammar is too important to be ignored because, with grammar, learners' language development will be controlled

pelos professores nas suas práticas de ensino, pois os materiais usados foram tirados, preferencialmente, do Manual Didático e a maior parte desses materiais não são da realidade local (se for, sofre alteração ou adaptação), trazendo para alunos palavras novas; e isso gera distância entre o aluno e o uso da língua, pois o que se aprende não é útil de forma imediata na vida real.

Ainda, a aprendizagem do vocabulário passa pela memorização e tradução. A seguir, apresentamos um fato tirado do diário de observação do pesquisador. Num intervalo, me aproximei de um grupo de alunos e comecei a conversar com eles. Quando lhes perguntei “como vocês aprendem o Português?”. Um deles (o que falava melhor o Português) respondeu: “Somos amigos desde o Ensino Infantil e aprendemos desde então, mas hoje eu continuo a decorar de 5 (cinco) a 15 (quinze) palavras por dia. Sei muita coisa em Português. Pode perguntar qualquer coisa que eu respondo”. Então perguntei: o que é amigão? E ele respondeu: “belun diak”. Disse, então, a ele que havia traduzido e não dito o que é em Português (Diários do pesquisador, 2022).

Ao lado do método descrito, encontra-se, timidamente, o “Método Direto”, promovido por alguns professores que se apresentam com conhecimento e fluência na L.P. elevada. Nos seus exercícios, recorrem à tradução, quando não se consegue representar algo ou explicar de forma a ajudar os alunos a chegar a uma compreensão concreta. Dessa forma, esforçam-se para ensinar o Português em Português e promovem conversação, discussão e leitura, sem se preocuparem muito com a gramática formal. Com isso, eles encorajam os alunos a pensarem diretamente na língua aprendida.

Na aula, incentivam os alunos a recorrerem aos recursos que estão ao seu alcance. Nesse caso, o que se tem é o celular e usam-no como uma ferramenta importante, principal e quase única ao longo das minhas observações. Incentivam os alunos a discutir, conversar e dizer sem serem corrigidos imediatamente. As tarefas são feitas em grupo e as consultas tanto no Manual Didático quanto na internet são liberadas com determinados critérios, conforme as regras estabelecidas na escola e as combinações feitas entre o aluno e o professor nas primeiras aulas.

A aquisição de vocabulário se dá com base no contexto em que a palavra se insere. Os professores, por meio do texto lido ou outro evento da sua aula, criam situações, mostram o objeto ou imagem ou dão o significado indiretamente, por meio de sinônimo, inferência, definição ou explicação. Com isso, estabelece-se um contato direto entre a palavra estrangeira e conceito, palavra e ideia, palavra e experiência, evitando o uso da L1.

A gramática é ensinada de forma indutiva, isto é, os professores motivam os alunos a pesquisar e explicar e, em seguida, junto com a turma, os docentes corrigem, discutem até chegar ao que é estabelecido pela gramática normativa e às explicações do livro didático. Com isso, pode-se dizer que as habilidades de ouvir e falar, desempenham um papel muito importante na aquisição de habilidades de linguagem.

Vê-se na prática, embora seja carregado da questão cultural hierárquica, que o professor tenta exercer os papéis de facilitador, fornecedor da maioria da informação (devido à dificuldade de acesso imediato à biblioteca ou à internet), parceiro dos alunos, tendo interação ativa com estes, criando perguntas sobre o conteúdo da sua aula ou outros temas relevantes com a estrutura gramatical do dia na conversa. Os alunos, por sua vez, embora ainda seja difícil devido à falta de vocabulário e/ou fluência, são ativos, envolvem-se em algumas partes das aulas e interagem com os professores.

Com as motivações de acesso a outros meios de aprendizagem, internet principalmente, acredito que os professores permitem a seus alunos ter diferentes tipos de leitura. Essa prática, até o momento da realização dessa pesquisa, no entanto, ainda foi apenas para responder a questões ou para completar as tarefas dadas pelo professor nas aulas, ou seja, ainda não foi uma leitura guiada com instruções, de modo a orientar os alunos a construir ideias, opiniões e alcançar um determinado objetivo e pensamentos críticos. Com relação à escrita, por sua vez, os professores tentam, junto aos alunos, eleger determinados temas e os deixam escrever de acordo com o que pensam e entendem.

Ao contrário do primeiro método apresentado, este enfrenta vários obstáculos. O primeiro deles é que, nas escolas observadas, foram encontrados apenas dois de sete professores que se arriscam a trabalhar com esse método. Usei o verbo “arriscar” pela razão da dificuldade e esforço que esses professores passam em cada aula para dar conta dos seus exercícios. Junto a isso, está outro obstáculo, isto é, a precariedade do suporte técnico e material de ensino. Por exemplo, falta de biblioteca na escola, os jornais impressos são dominados pelas Línguas Tétum, Indonésia e Inglesa, e são poucos os alunos que têm acesso à internet etc. O próximo obstáculo é a diversidade intelectual dos alunos, ou seja, eles são advindos de diversas regiões que apresentam diferentes condições, situações, perfis de ensino e aprendizagem, perfis de professor e, como consequência disso, podem se encontrar do nível básico ao intermediário, sendo que são da geração que tem acesso ao Português desde o início das suas formações escolares. Esses obstáculos são muito diferentes entre a escola privada e a pública. Esta segunda é mais desafiadora e são mais sérios os empecilhos encontrados.

Além desses eventuais fenômenos que compõem os métodos identificados e que comprovam seu uso, nota-se nas escolas, uma distribuição dos professores que não leva em conta a *expertise* desse profissional, sua proficiência na língua ou domínio metodológico. No Colégio Paulo VI, por exemplo, encontra-se um professor do 6º e 7º anos que é mais fluente em comparação com o professor do 9º ano. São dois professores no Ensino Secundário (Ensino Médio) – 10º, 11º e 12º anos – e pode-se dizer que são fluentes, mas o do 10º ano recorre menos à tradução que o do 11º e 12º ano.

No Ensino Secundário/Médio 5 de maio (escola pública), encontram-se quatro professores de L.P. As aulas de Português do 12º ano se dividem em aula de gramática e de literatura. A professora de gramática é fluente, mas recorre frequentemente à tradução; já a professora de literatura é menos fluente e, nas suas aulas, escreve no quadro em L.P. e explica em Tétum ou Língua Indonésia. As práticas dos professores do 10º e 11º anos se assemelham às desta segunda professora, ou seja, usam os Manuais Didáticos, escrevem no quadro em Português e conceitualizam os conteúdos em Tétum ou Indonésia.

5.5 Os desafios que dificultam o acesso e o uso de L.P. dentro e fora do ambiente escolar

A razão de se aderir à L.P. como Língua Oficial e Administrativa é compreensível, dentro dos conceitos construídos e referidos a ela – como é conceituado pelo autor como Silvestre (2014), citado anteriormente; mas, ao estendê-la como Língua de Instrução, de ensino e aprendizagem, torna-se a língua-base da construção formal do conhecimento do povo. Dessa maneira, ela deve ir além do uso nas atividades oficiais, a consagração na lei e sua escolha pode depender das razões políticas, históricas, econômicas etc., mas sua função no emprego real, não. Em uma nação marcada pelo multilinguismo, em que as línguas locais ainda têm alcance “apenas” territorial e regional, a língua adotada, oficializada e elegida para tal função de instrução deve exercer a função de formar e informar as pessoas, de transmitir conhecimento consistente e de acordo com a evolução do mundo.

Esse fato já é notável na nação T.L. por meio das mudanças que acontecem dentro e fora da escola com os esforços do governo e órgãos responsáveis. É possível afirmar que o Português já é parte da sociedade local deste país, mas o maior impedimento ainda consiste em criar possibilidades e situações que promovam essa língua, de modo que ela se torne parte da vida do povo como um todo e passe a incorporá-la nas suas práticas diárias, desde o âmbito familiar até a vida pública. Popularizar o Português, torná-lo familiar e efetivamente presente

no meio das pessoas seria (será) a forma adequada de criar novos vínculos dos falantes com essa língua e, portanto, de alterar representações que trazem em relação a ela.

Para isso, é importante que haja uma combinação entre as entidades que se esforçam para a propagação dessa língua. Conforme se verá nas análises, a escola, atualmente, é o primeiro e “quase” único espaço em que as novas gerações acessam o Português; para que esse alcance ocorra de forma expressiva, é necessário o apoio dos outros ambientes.

Diante disso, listam-se a seguir alguns fatos notados na minha prática de observação que, na minha opinião, são os principais e precisam ser enfrentados, a fim de que a expressividade projetada em relação à L.P. não continue como uma utopia, mas que seja uma realidade para a população.

5.5.1 Em casa e no dia a dia a maioria não se comunica em L.P.

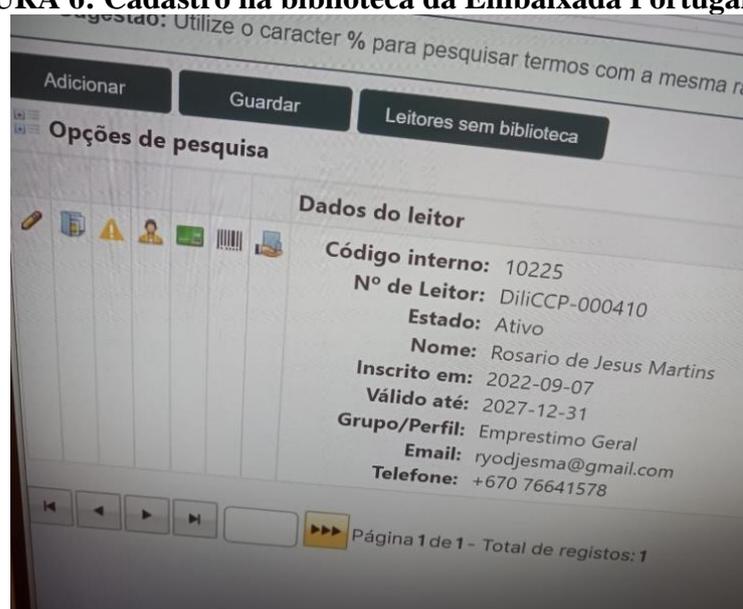
Conforme foi descrito anteriormente neste trabalho, o Português, para a maioria dos timorenses, é a terceira ou quarta língua e está entre a terceira ou quarta língua estrangeira presente no território, além das Línguas Indonésia e Inglesa. Literalmente, no dia a dia do povo timorense, a L.P. não é usada pela maioria, para se comunicar desde a vida familiar até a vida pública, como, por exemplo, no mercado, no supermercado, no shopping, na igreja⁷, no lugar de trabalho e no ambiente escolar.

Na minha visita ao Ministério da Educação, em busca de acesso aos documentos que norteiam a educação (diretrizes e currículos) no país, por exemplo, só se encontram os documentos que estão em Português, já as conversas são realizadas na Língua Franca quando se envolve com um público diversificado, mas, quando se trata do grupo da mesma região, geralmente se comunica na língua regional, ou seja, nos lugares como este, que exerce e controla as tarefas educacionais, também não se vê o uso extensivo dessa língua.

Nos ambientes como bibliotecas, universidades e outros, o uso do Português é realizado para tratar das questões formais como, por exemplo, para se cadastrar, no cartão de acesso ou nos documentos formais, sendo as conversas e entrevistas do preenchimento desses documentos em Língua Franca.

⁷ Há celebrações/missas em português com as instruções dos rituais projetadas e, em algumas igrejas, se entregam tais instruções em papel ou livro guia da celebração/missa.

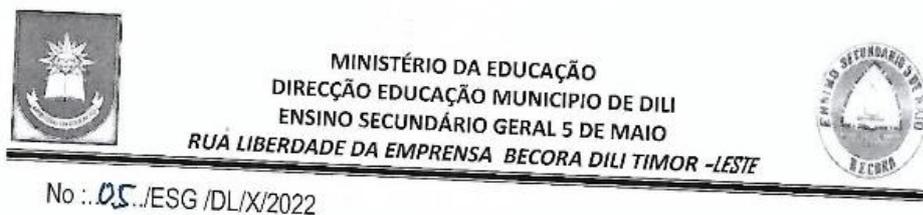
FIGURA 6: Cadastro na biblioteca da Embaixada Portugal (Dili)



FONTE: Arquivo do pesquisador, 2022.

Este documento acima é oficial para ter acesso acadêmico e, assim como outros documentos portados no território nacional, devem ser feitos numa das línguas oficiais e nesse caso em L.P. Contudo, não se trata do formato da escrita, o que está em discussão é o diálogo ou entrevista para a obtenção desses documentos, ou seja, durante o preenchimento do cadastro, o atendente e eu conversamos em Tétum. Assim também na obtenção de outros documentos, a declaração final da realização da minha observação e pesquisa nas escolas escolhidas, conforme as imagens a seguir.

FIGURA 7: Declaração da realização da pesquisa na escola Ensino Secundário 5 de maio



CARTA DE DECLARAÇÃO

Eu Abaixo Assinado Diretor da Escola Secundária Geral 5 de Maio Becora, declaro que o Pesquisador com a identidade :

Nome : Rosario de Jesus Martins
Número Matrícula : 742494
Universidade : PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, BRASIL
Programa de Pós-Graduação em Letras-Mestrado em Linguística.
Departamento : Língua Portuguesa

Fez suas observações aqui nesta escola juntamente com os professores de Língua Portuguesa. Sabendo que esta pesquisa de dissertação de Mestrado tem aplicação a um setor importante em Timor- Leste, contamos com a Vossa participação e disponibilidade para colaborar nesta escola.

Com os meus melhores cumprimentos.

Dili, 12 de outubro de 2022

Diretor da Escola

Adelfo Nicolau Ornan, Ed.


FONTE: Arquivo do pesquisador, 2022.

FIGURA 8: Declaração da realização da pesquisa no Colégio Paulo VI



ARQUIDIOCESE METROPOLITANA DE DÍLI
FUNDAÇÃO SÃO PAULO
COLÉGIO PAULO VI
AVENIDA DE DE-MIRI
BARRIO CENTRAL, DÍLI, TIMOR LESTE

No. : 634/CPVI/ES/X/2022

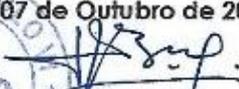
DECLARAÇÃO

Eu, Pe. Luís Bonaparte do Rêgo, SS.MM na qualidade como Diretor do Colégio Paulo VI, Díli, Timor-Leste, declaro que :

Nome : Rosário de Jesus Martins
Data de Nascimento : Ermera, 09-10-1990
Posição : Aluno da Universidade Pontifícia Católica de Minas Gerais, Brasil
Nú. de Estudante : 742494

Já realizou-se a sua pesquisa com o tema "A escolha da Língua Portuguesa como língua oficial e de cultura em Timor Leste : multilinguismo e políticas voltadas para a consolidação do seu ensino" no Colégio Paulo VI a partir do 19 de Agosto - 07 de outubro de 2022.

Faço esta declaração para que ele pode utiliza-la como deveria ser.

Díli, 07 de Outubro de 2022

(Pe. Luís Bonaparte do Rêgo, SS.MM)
Diretor do Colégio Paulo VI



FONTE: arquivo do pesquisador, 2022

5.5.2 O contexto social contribui de uma forma confusa

O multilinguismo que se vê em T.L. traz para o país, por um lado, a vantagem de se diferenciar dos países da região do Sudeste Asiático na formação identitária como um território independente e timorense. Entre as línguas que ali se encontram, o Português demonstra um aspecto diferenciado na maneira de o povo se representar no continente e no mundo. Por outro lado, no entanto, cria obstáculos e gera desafios no processo de desenvolvimento humano e no ensino e aprendizagem, principalmente, pois contribui de forma ambígua no trabalho efetivo de propagação das línguas oficiais do país.

Esse aspecto é presente na forma como as cidades se organizam, isto é, além da questão problemática relacionada ao fato de a população não se comunicar em Português no seu cotidiano, na realidade social do T.L. há uma grande mistura de línguas locais e estrangeiras na denominação dos locais, edifícios etc. com intuito de atrair, convencer, persuadir, além de que, em cada escolha feita, há também as intenções de elitização identitária do espaço e de quem o possui, habita e utiliza.

São desafios que atuam de forma a desfavorecer a divulgação das línguas oficiais, sobretudo a L.P., apesar da sua importância no desenvolvimento humano, político, econômico, social e histórico do alcance nacional e internacional, pois a Língua Tétum ainda continua com uma abrangência limitada e territorial. As fotos a seguir mostram tal realidade:

FIGURA 9: Diferentes realidades da sociedade de T.L.



FONTE: Arquivo do pesquisador, 2022.

As imagens acima selecionadas retratam alguns pontos da realidade local e a utilização das línguas estrangeiras Inglesa e Indonésia e a Segunda Oficial do país, a Portuguesa. Estão presentes nos lugares públicos e comuns como hospital nacional – *emergency*; sinal de trânsito – *stop*; nome de restaurante – *restaurant*; posto de gasolina – *fuel station*; propaganda da oficina mecânica - *setiawan automotive motor Dili*.

O que pretendemos mostrar aqui, contudo, é a forma do emprego do Português. De uma forma genérica, percebe-se o uso incorreto em todas as situações, conforme as imagens

1, 4 e 7, sendo que a 4 compõe o nome de uma instituição privada (instituição da formação dos candidatos dos padres diocesanos), a 7 compõe uma instituição pública da área de saúde e a 1, por sua vez, compõe uma expressão de bem-vindo num restaurante da capital.

Esses usos inadequados não podem ser vistos como palavras portuguesas que se tornaram Tétum, após a adoção, pois de acordo com a primeira edição do Dicionário Nacional ba Tetun Oficial (CORREIA *et al.* 2005), publicado pelo Instituto Nacional de Linguística da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (INL-UNTL), são escritas da seguinte forma:

Benvindo(a) (p. 88) e não *bemvindu*;

Semináriu (p. 753) e não *seminario*

Sanitáriu (p. 738) e não *sanitariu*

Fátima (p. 195) e não *Fatima*

Afirma Oliveira (2017, *s/p*) que “A proposta de uma educação escolar que considere, entre suas prioridades, a construção da cidadania faz-se presente na maioria dos documentos oficiais, endereçados aos vários níveis do ensino”. Desse modo, as conciliações entre a realidade local, os métodos e materiais de ensino tornam-se uma prioridade indispensável, a fim de construir um ensino e aprendizagem que contribuam para a construção individual e da sociedade.

Na realidade do território timorense, contudo, ainda se está longe desse fato, criando com isso, desafios e dificuldades que os professores têm de enfrentar para propor instruções de aprendizagem que ultrapassem o ambiente escolar, além da busca pelas referências primárias para compor seus materiais de ensino.

5.5.3 A maioria dos professores não é fluente

É um fato que a maioria dos professores das escolas básicas em T.L. ainda não é fluente em Língua Portuguesa e isso é reconhecido pelos agentes responsáveis pela política e desenvolvimento da educação, ou seja, há uma problemática na qualidade dos professores e suas formações e que, diante disso,

Muitos professores e diretores expressaram a sua preocupação relativamente à falta de competência dos professores no uso das línguas oficiais de instrução e, conseqüentemente, à dificuldade que sentem em promover a aquisição linguística

dos alunos e a aprendizagem noutras áreas do currículo. Um estudo recente comprova uma compreensão limitada por parte dos professores em relação às metodologias centradas no aluno, dando conta que o discurso dos professores ocupa mais de 90% do tempo de sala de aula. O profissionalismo dos professores continua a ser um problema, visível nos elevados níveis de absentismo dos professores e no recurso à violência como meio de impor disciplina em algumas escolas (TIMOR LESTE, s/d, p. 40).

Esse fato pode ser confirmado também pelas minhas observações *in loco*: a maioria dos professores que encontrei nas escolas visitadas e nas duas escolas em que foram feitas minhas práticas de observações, não são fluentes em Português, desde os que lecionam a L.P. até os que lecionam outras disciplinas. Nas suas práticas, usam o Manual Didático em Língua Portuguesa, escrevem no quadro em Português, mas recorrem ao Tétum ou à Língua Indonésia para contextualizar ou explicar os conteúdos ensinados.

Dizendo de modo específico, entre os oito professores de L.P. que acompanhei durante minha prática de observação, três deles são fluentes, sendo que dois deles recorrem menos à tradução e se arriscam a ensinar com o Método Direto, conforme descrito anteriormente. Outros cinco não são fluentes e suas práticas de ensino se igualam às da maioria que ensina o Português em Língua Tétum.

5.5.4 A mídia local – notícias de TV, rádio e jornais digitais e impressos – contribui menos no processo de ensino, aprendizagem e uso de L.P.

Outro fator que desafia e dificulta o ensino, aprendizagem e o uso de L.P. para além dos ambientes escolares é a mídia local. Falta uma política pública em relação às mídias locais, exigindo que ofereçam seus conteúdos em L.P. para que a população em geral e especialmente os alunos possam aprender e empregar a L.P.

O país possui, hoje, três emissoras de TV local (RTTL/TVTL – Rádio e Televisão de Timor Leste/Televisão de Timor Leste; GMN – Grupo Mídia Nacional; TVE Timor – Televisão Educação Timor), rádios e jornais digitais e impressos. Nos anúncios das notícias nacionais e internacionais as TVs locais utilizam as duas línguas oficiais e as Línguas Inglesa e Indonésia, sendo a RTTL (<https://rttlep.tl/historia/>), a única que tem o noticiário em Português além de oferecer alguns programas em parceria com RTP (Rádio e Televisão de Portugal). Além disso, em 2020, essa emissora lançou a TV Educação, com o intuito de ofertar educação e aulas à distância durante a pandemia de Covid-19. O uso do Português nas outras emissoras, no entanto, perde para as outras três línguas.

Em relação às rádios, trabalham com as quatro línguas, mas com a predominância da primeira Língua Oficial do país e o uso de Português nesse meio, quase, de modo exclusivo para a programação educativa. Parece ser um fato positivo, mas trata-se de um quadro que interessa menos o público jovem, pois procura-se mais a sessão entretenimento e esta é feita totalmente em Língua Tétum. Na conversa com um jovem motorista de transporte público na cidade, ele afirmou que gosta de ouvir rádio, mas somente a sessão do pedido de música ou a do entretenimento que trata da notícia dos famosos ou comentários de filmes etc. e desconhece o quadro educacional. Assim também afirmou o aluno do 3º ano de Ensino Secundário 5 de Maio que, quando está sem pacote de internet, recorre à rádio para ouvir músicas ou a sessão de entretenimento e ele também desconhece o quadro educacional (Diário do pesquisador, 2022).

No que se refere aos jornais, encontram-se, em T.L., diferentes jornais impressos e digitais, contudo se destacam: o jornal Suara Timor Lorosa'e (STL), Jornal Nacional Diário, Timor Post, Tatoli e Independente. Entre esses meios, o Suara Timor Lorosa'e é o mais antigo⁸ e o que alcança o maior público, mas também o que não é consistente com as línguas de comunicação, as notícias em L.P., por exemplo, são publicadas, somente, em alguns dias e não tem uma página fixa para cada língua e a maioria das informações são anunciadas nas Línguas Tétum, Indonésia e Inglesa. Já os outros jornais apresentam no impresso uma página específica para as notícias de L.P. e, na digital, as opções das quatro línguas.

O jornal Tatoli, na plataforma digital, apresenta as opções de leitura em Línguas Tétum, Portuguesa, Inglesa e Indonésia, conforme é destacada na imagem a seguir. Ao longo da minha pesquisa, contudo, não consegui ter acesso ao jornal impresso, mas, é possível afirmar que, assim como demais que serão descritos aqui, este trabalha com as quatro línguas, mas com a predominância do Tétum e da Indonésia.

⁸ The first and oldest newspaper in East Timor. The current publication is the continuation of Suara Timor Timur, which ceased publication in 1999.

FIGURA 10: Jornal digital Tatoli.



FONTE: <https://pt.tatoli.tl/>. Acesso em: 04 jan. 2023

O Jornal Independente também possui o impresso e digital que, ao contrário do Tatoli trabalha com as Línguas Oficiais do país e a Inglesa, conforme destaca-se na imagem que se segue.

FIGURA 11: Jornal Independente



FONTE: <https://independente.tl/pt/>. Acesso em: 04 jan. 2023

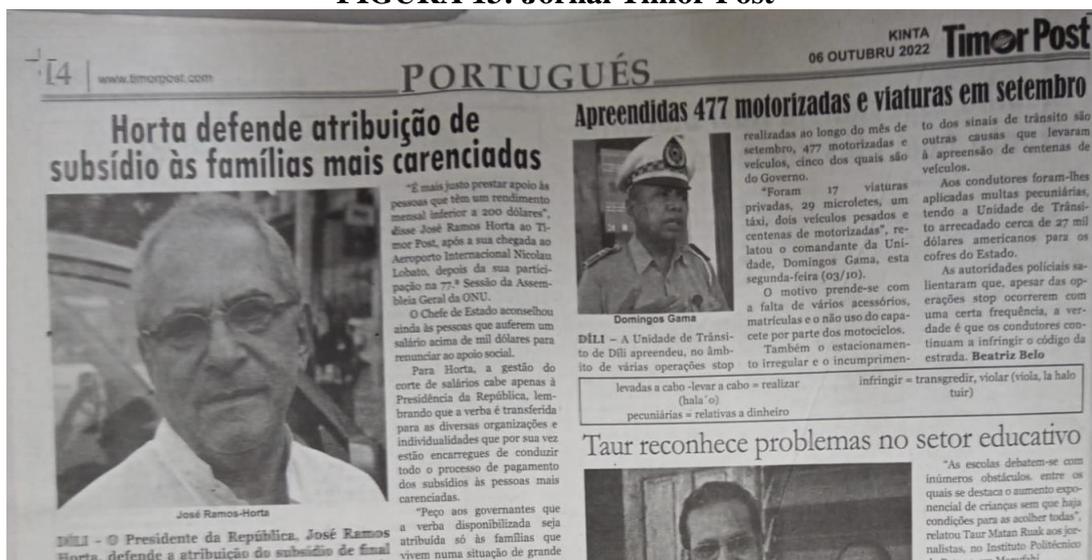
Ambos os jornais – Jornal Nacional Diário e Timor Post –, nas versões impressas, oferecem as notícias nas quatro línguas, sendo que a L.P. ocupa a página 12 no Jornal Nacional Diário e Timor Post na página 14. Ainda, dispõem divulgações nas plataformas digitais, mas não são de fácil acesso. O Timor Post possui até aplicativo próprio, mas também não é de fácil acesso.

FIGURA 12: Jornal Nacional Diário



Fonte: arquivo do pesquisador

FIGURA 13: Jornal Timor Post



FONTE: Arquivo do pesquisador, 2022

Tendo esses desafios, ainda falta o incentivo da escola e, por parte do próprio professor, de modo geral, para com seus alunos no acesso e uso desses meios tanto impresso quanto digital como ferramentas de ensino e aprendizagem das Línguas Oficiais. O acesso

digital ainda conta com o desafio de que nem todos têm acesso à internet, embora seja parte do cotidiano da geração atual.

Por fim, ao tomar esses fatos como um dos desafios na propagação do Português, não estamos afirmando que qualquer conteúdo dessas mídias serve na sua totalidade na prática de ensino e aprendizagem do Português, mas eles devem servir ao menos como fonte de pesquisas, referências para leitura e escrita, sobretudo, por serem meios que carregam o Português na sua forma de emprego real.

5.5.5 Há poucos campos que promovem o emprego real da L.P.

Outra causa que afeta a falta e a demora da propagação da aprendizagem e emprego do Português pode estar na formação e criação da mão de obra que está sendo estabelecida, principalmente, entre o governo T.L. e os países como Nova Zelândia, Coreia, Austrália, Inglaterra etc. O governo timorense, hoje, promove no meio da sociedade jovem, a formação de trabalhadores que são enviados para trabalhar nos países mencionados acima. Com isso, existe, na capital e em algumas regiões do território, a abertura de cursos em Língua Coreana e Inglesa e há procura de um número significativo do público jovem para esses cursos.

FIGURA 14: SEPFOPE⁹ envia 43 jovens trabalhadores para Coreia do Sul



FONTE: <https://tatoli.tl/2019/06/24/sepfope-haruka-tan-traballador-timoroan-43-ba-servisu-iha-korea-sul/>. Acesso em: 04 jan. 2023

⁹ Sekretário Estado Formasaun Profisionál no Emprego – Secretário do Estado de Formação Profissional e Emprego

FIGURA 15: Governo T.L enviou 61 trabalhadores timorenses para Austrália



JOVEN TIMOROAN NA'IN-61 ARANKA BA SERVISU IHA AUSTRÁLIA

FONTE: <https://www.timornews.tl/notisia/jovem-timoroan-nain-61-aranka-ba-servisu-iha-australia/>.
Acesso em: 04 jan. 2023

Dentro das escolas em que foi realizada a pesquisa, esse fato gera desânimo entre os jovens, em seu processo de aprendizagem e estão na escola apenas para conseguir o certificado da conclusão do Ensino Secundário. Diante disso, a aprendizagem específica da Língua Portuguesa não é mais prioridade embora, nos concursos locais, ela faz parte do critério da seleção dos ensinos superiores e emprego. Com isso, há, hoje, uma crescente desvalorização da L.P. dentro e fora das escolas, principalmente no meio da geração jovem.

5.5.6 *Faltam bibliotecas e livrarias*

Na capital do país existem, fora das escolas básicas e superiores, três espaços que os estudantes e professores conhecem como biblioteca. Uma é oferecida pelos portugueses na Embaixada de Portugal, contendo, principalmente, livros que tratam da história e literatura portuguesa. A outra é o espaço de leitura de Xanana e é conhecida como *Xanana's Reading room*, fundada pelo ativista da independência e líder carismático timorense José Alexandre Xanana Gusmão, conhecido mundialmente como Xanana. Nela, há, de modo geral, a história de T.L. com ênfase na luta pela independência ao longo da invasão da Indonésia. A última está no museu CHEGA, que guarda as memórias da resistência do povo que lutava durante a invasão dos indonésios, consequentemente, arquivava livros da história dessa época.

As instituições básicas e superiores possuem as próprias bibliotecas (a maioria delas ainda está em processo de criação), mas o acesso é exclusivo aos professores e alunos da própria instituição e isso cria limitações para a maioria da população. Na minha busca pelas

referências históricas da presença e do ensino de Português em T.L., por exemplo, não consegui encontrar em nenhum dos espaços públicos nem nas instituições básicas e superiores. Quando consultei o Prof. Benjamim de Araújo e Corte-Real, PhD., Diretor do Instituto Nacional de Linguística da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (INL-UNTL), (professor que me orientou ao longo da realização da minha pesquisa em T.L.), fui informado que os materiais e referências específicas como estes só se encontram nas bibliotecas pessoais dos professores e pesquisadores.

No que diz respeito às livrarias, não se vê um espaço ou uma loja específica e só podem ser encontradas nas agências de xerox maiores. Elas têm, contudo, os dicionários de Inglês-Português, Português-Tétum ou Inglês-Tétum; livros de autoajuda em Língua Indonésia; e alguns livros da história do país.

Em relação à produção dos materiais de ensino e educacional, o país ainda depende das comunidades internacionais, principalmente a CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa). Os manuais e materiais didáticos, por exemplo, mesmo com colaboração da universidade local e o Ministério da Educação do país, ainda são elaborados e produzidos em Portugal. De acordo com Professor Benjamim, o T.L. ainda não possui a produção e a impressão própria dos materiais escolares e, atualmente, o Ministério da Educação trabalha em cooperação com instituições portuguesas.

5.5.7 Falta de incentivo

Os alunos não são incentivados a ler e escrever após as aulas. As tarefas e os exercícios textuais, gramaticais e de escrita são baseados, preferencialmente, nos Manuais Didáticos. Os que se mostram interessados pela leitura ou outras discussões são influenciados por algum membro familiar. Ao conversar com uma aluna do segundo ano de Ensino Secundário que estava com o livro “Diário de Anne Frank” em língua Indonésia (Catatan harian Anne Frank), disse que o pai é professor universitário, a mãe é professora do Ensino Fundamental II e, atualmente, leciona no 7º e 8º anos e o irmão está cursando medicina na Indonésia, assim, desde criança, sempre foi motivada a ler. Disse que é difícil comprar livros interessantes porque não há livrarias na cidade e, na biblioteca da escola, se encontram apenas dicionários, Manuais Didáticos antigos, livros de história etc., mas não se depara com livros de leitura para o público jovem ou adolescente. É através do irmão que ela encomenda os livros. Disse ainda que, desde o 3º ano do Ensino Fundamental até agora, não conhece

nenhum/a professor/a que indique livros ou *sites* interessantes de leitura (Diário do pesquisador, 2022).

No Colégio Paulo VI, os Manuais Didáticos não são suficientes para todos os alunos do Ensino Secundário. Desse modo, só os professores os possuem e, com isso, os alunos apenas esperam as instruções deles. A escola possui uma biblioteca que está em reforma e os alunos nunca a frequentam; alguns deles sequer sabiam que existe biblioteca na escola. Diante disso, disse o professor do 3º ano do Ensino Secundário que não pediu pesquisas intensas para seus alunos porque estes não encontram livros com conteúdo interessante na escola e, na internet, também não costuma pedir porque nem todos acessam a internet ou têm equipamentos adequados para pesquisa.

No Ensino Secundário 5 de maio (escola pública), ao contrário da escola acima mencionada, há o fornecimento de Manuais Didáticos para serem usados pelos alunos durante as aulas. Sendo assim, ao longo das aulas observadas, os professores nunca recorrem a outros meios e/ou referências para complementar seus materiais de ensino que, até então, consistem unicamente do Manual Didático. Essa escola não possui biblioteca e, para o ensino e a aprendizagem, os alunos dependem basicamente do professor.

A falta do incentivo também se vê entre os professores. Têm os Manuais Didáticos como a referência principal das suas práticas de ensino. Durante minhas observações, nunca os vi trazer materiais fora do livro didático, como por exemplo, notícias de jornal, artigos de revistas, vídeos e filmes. Desse modo, pode-se dizer que os próprios educadores não possuem bagagem suficiente para sugerir aos seus alunos.

CAPÍTULO 6

EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo é composto pelas análises dos Manuais Didáticos de L.P. do Ensino Secundário Geral, adotados pelo Ministério da Educação do governo T.L. e a exposição e a análise dos resultados obtidos por meio da aplicação dos questionários.

6.1 Análise dos Manuais Didáticos de L.P. do Ensino Secundário Geral de T.L.

Para o desenvolvimento do país, o governo timorense fez e ainda faz cooperação com países, órgãos governamentais e não governamentais internacionais para incrementar seus diferentes departamentos. Nisso está o trabalho do Ministério da Educação de T.L. com o governo português e outras organizações da área da educação, fazendo jus ao que foi levantado por Albino (2020), quanto às instituições que atuam nesse sentido:

A generalidade dos atores internacionais (Banco Mundial (BM), Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Fundo das Nações Unidas para as Crianças (UNICEF), ONG, agências de cooperação bilateral...) reconhece a educação como um dos elementos de resposta que fomenta a estabilidade, a seguir a um conflito desta dimensão. Já a sua inexistência “a un effet déstabilisant à l’échelon local et peut constituer une menace potentielle pour la sécurité régionale et internationale” (Sinclair, 2003, p.33). Sustenta, igualmente, que os baixos níveis de escolarização das populações representam um enorme constrangimento para a evolução econômica e social dos países. A este respeito, o PNUD (2002) salienta que a educação “é uma das componentes fundamentais do desenvolvimento humano. A não ser que as pessoas tenham pelo menos um mínimo de educação básica, muitas das outras escolhas permanecem inacessíveis para elas” (p. 50) (ALBINO (2020, p. 2).

Embora o estudo desta autora trate das Políticas Educativas, Cooperação e Desenvolvimento em Timor-Leste desde a Independência e, principalmente, do período de 2002 a 2015, a participação internacional ainda é presente e, atualmente, é certo dizer que os avanços do processo de criação de materiais educacionais para o ensino e aprendizagem é fruto da colaboração dessas diferentes entidades. Os atuais Manuais Didáticos do 10º, 11º e 12º ano de Ensino Secundário Geral público e privado do país foram elaborados, conforme é garantido na lei 47/2011 que trata da aprovação e da implementação do plano curricular desta etapa de formação e é anunciado nos primeiros páginas destes materiais, isto é, em “Cooperação entre Ministério da Educação de Timor-Leste, o Instituto Português de Apoio ao

Desenvolvimento, a Fundação Calouste Gulbenkian e a Universidade de Aveiro” (RDTL; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DE TIMOR LESTE, 2012, s/p). “Desta forma, foi possível congregiar os esforços e conhecimentos de técnicos timorenses, de especialistas conhecedores das melhores práticas internacionais nesta matéria e, ainda, de peritos em educação” (TIMOR LESTE, lei 47/2011).

Conforme minhas práticas de observações nas diferentes escolas de Ensino Secundário na capital e fora dela, ele é o único manual (até o momento desta pesquisa) obrigatório e é usado em todas elas, tendo como argumento básico a criação de uma uniformidade da prática de ensino e aprendizagem dessa fase. No fim dessa etapa de escolaridade, a aprovação dos alunos é determinada pelo exame nacional estabelecido pelo Ministério da Educação de T.L.

Conforme foi mencionado anteriormente, diante do multilinguismo da sociedade timorense, o Português se torna, para a maioria desse povo, a terceira ou quarta língua estrangeira a ser aprendida e espera-se que passe a ser falada entre as pessoas na vida e nas atividades comuns e cotidianas. Além disso, enquanto o Português se engata em busca de se tornar a Língua Materna (L1) de alguns timorenses, com a presença dos estrangeiros¹⁰ dos países de L.P. que se tornam timorenses por causa do trabalho e/ou profissões e, assim, se criando raiz no país, a L.P. hoje, vê-se na hipótese de aquisição e aprendizagem de L2 (cf. KRASHEN, 1985) e esta última prevalece pelo fato de que o Português se desenvolve por meio do processo guiado e orientado literalmente nas salas de aulas com o ensino e aprendizagem do uso formal desse idioma (cf. LIMA, 2011, p. 65).

O Português é ensinado como L2, conforme é compreendido nos documentos norteadores do ensino e aprendizagem (Decreto –Lei N.º 4/2015 de 14 de janeiro; Plano Estratégico de Desenvolvimento 2011-2030; Plano Curricular do Ensino Secundário Geral etc.) desde o Ensino Básico ao Superior e é assim também que os atuais e futuros professores dessa disciplina são preparados. Com isso, torna-se uma língua conhecida e reconhecida tanto pelos professores quanto pelos alunos universitários dessa área.

Nas monografias dos alunos de UNTL que tratam do ensino de L.P. confirma-se esse fato. Como exemplo, citamos Carmo (2015) e Guterres (2015) que, nos trabalhos de conclusão do curso entendem que o Português, hoje, em T.L. é ensinado e aprendido como Língua Segunda (L2), Língua Estrangeira (LE) ou Língua não Materna (LNM).

¹⁰ Durante minhas práticas de observações feitas para este trabalho, encontrei-me com uma professora brasileira atuante na UNTL que se dedicou à educação dos timorenses, principalmente na formação dos novos pesquisadores e professores da área de linguagem, e que, por amor ao seu trabalho e profissão, decidiu levar sua família a este país e seus filhos nasceram nesta terra. É um fato notável.

No currículo do Ensino Secundário Geral de T.L., consta que o Português é uma disciplina obrigatória no sistema de ensino e a língua de instrução de sentido, tendo como finalidades para este nível

1. Desenvolver e consolidar competências de compreensão, produção e interação em Língua Portuguesa; 2. Desenvolver uma reflexão linguística, no sentido de uma explicitação do funcionamento da Língua Portuguesa, com vista à sua utilização correta e adequada em diferentes contextos sociais; 3. Desenvolver processos metacognitivos e metalinguísticos necessários à operacionalização das diferentes competências linguístico-comunicativas em Português; 4. Desenvolver o sentido de pertença a uma Comunidade de Países de Língua Portuguesa/ CPLP; 5. Refletir, a partir da realidade sociolinguística de Timor-Leste, sobre valores culturais e linguísticos expressos pelas diversas línguas; 6. Contactar com os valores estéticos da Língua Portuguesa, através de textos e autores lusófonos (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2011, p. 32).

Tendo isso como base, compreende-se que os manuais a serem analisados aqui devem apresentar a teoria e a prática. Essa exigência já é vista na constituição estrutural dos manuais, principalmente na organização dos grupos conforme se demonstra no processo analítico que se segue. É importante deixar claro que a análise aqui feita tem como objetivo buscar entender o processo de ensino de L.P. em T.L. e a qualidade e eficácia dos Manuais Didáticos disponíveis.

6.1.1 Os pontos genéricos dos Manuais dos Alunos e Guias dos Professores de L.P.

Nesta seção, analisaremos pontos genéricos do Manual dos Alunos e Guia dos Professores de L.P. do 10º, 11º e 12º anos do Ensino Secundário Geral de T.L.

6.1.1.1 Manuais Dos Alunos

Os Manuais Didáticos são compostos do *Manual do Aluno e Guia do professor* para os alunos de 10º, 11º e 12º ano de Escolaridade, publicados em 2012, 2013 e 2014. Na constituição estrutural, esses manuais são divididos da mesma forma, isto é, começam com as UNIDADES TEMÁTICAS que abordam um tema geral, seguida de SUBTEMAS relacionados a tal unidade temática e terminam com a seção de PRÁTICA DE LÍNGUA, que trata do funcionamento da língua ou das questões de gramática, conforme mostra a tabela que se segue:

TABELA 1: Constituição estrutural do manual do aluno

10º ano de escolaridade	11º ano de escolaridade	12º ano de escolaridade
Unidade temática 1 – Conviver em várias línguas	Unidade temática 1- Sociedade de informação e comunicação	Unidade temática 1- Sustentabilidade econômica
Subtema 1- Linguagem em Timor-Leste Prática de língua	Subtema 1- Meios de comunicação social Prática de língua	Subtema 1- Desequilíbrios econômico-sociais Prática de língua
Subtema 2- O mundo lusófono Prática de língua	Subtema 2- Internet e comunicação social Prática de língua	Subtema 2- Promoção da igualdade social Prática de língua
Subtema 3- línguas globais Prática de língua		
Unidade temática 2- Viver a tradição e a mudança em Timor-Leste	Unidade temática 2- Vida cultural	Unidade temática 2- Consciência ambiental
Subtema 1- Vivências familiares Prática de língua	Subtema 1- Formas de expressão artística Prática de língua	Subtema 1- SOS Terra Prática de língua
Subtema 2- Dinâmicas em comunidade Prática de língua	Subtema 2- Identidades culturais Prática de língua	Subtema 2- Salvar o planeta Prática de língua
Subtema 3- Meios rurais e urbanos Prática de língua		
Unidade temática 3- Sonhar e construir o futuro	Unidade temática 3- mobilidade	Unidade temática 3- diversidade linguístico-cultural
Subtema 1- Escolhas formativas e profissionais Prática de língua	Subtema 1- Migração Prática de língua	Subtema 1- Terra: um mosaico linguístico-cultural Prática de língua
Subtema 2- Oferta e procura de emprego Prática de língua	Subtema 2- Turismo Prática de língua	Subtema 2- Em defesa da diversidade Prática de língua

FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2023.

A tabela acima elaborada demonstra que esses manuais são constituídos de temas diversificados e relevantes, com abordagem relacionada aos assuntos importantes conexos à área linguística, social, histórica, política, cultural e econômica, cumprindo o decreto da lei

47/2011 que trata da aprovação e da implementação do plano curricular do Ensino Secundário Geral, isto é,

O IV Governo Constitucional assumiu como prioridade estratégica o impulso decisivo do desenvolvimento do sector da educação, assente na qualidade do sistema de ensino, prosseguindo assim os objetivos de **formação dos cidadãos timorenses e de desenvolvimento social, económico e cultural do País** (TIMOR LESTE, lei 47/2011. Grifo nosso).

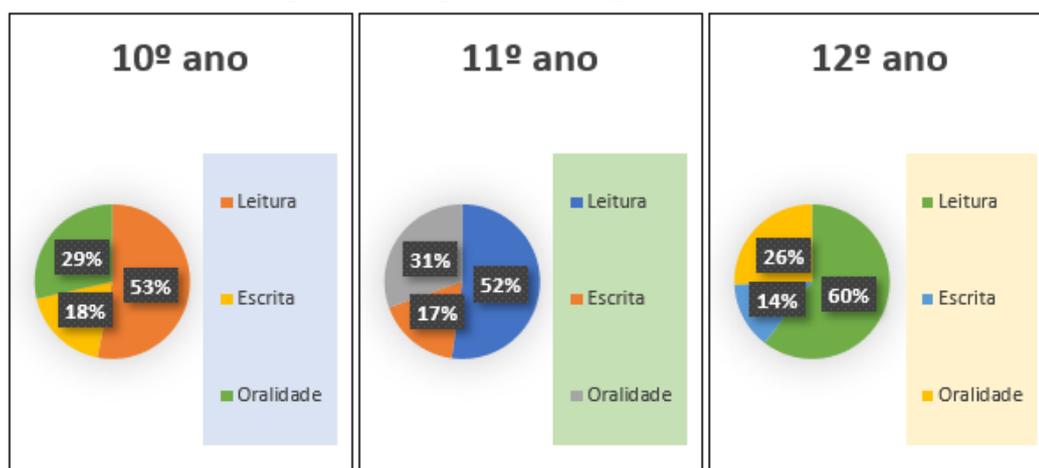
Isso foi previsto no Plano Curricular do Ensino Secundário Geral, principalmente no que se refere às competências sociais, cívicas, culturais e digitais (cf. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2011). Além do cumprimento dessa normativa, os elaboradores desses materiais colocam a educação das novas gerações timorenses num nível que aproxima os alunos dos assuntos territoriais, nacionais e mundiais.

Ainda, optam por tópicos atemporais, ou seja, são conceitos que não dependem do tempo ou espaço porque são sempre atuais, basta que os professores não se prendam aos materiais desses manuais didáticos e tragam para suas práticas de ensino os textos mais atualizados.

Cada subtema acima apresentado é composto de grupos A, B, C etc. que, por sua vez, são constituídos de competências linguísticas, de acordo com os respectivos temas tratados em cada unidade temática, conforme mencionado.

A fim de melhor visualizar o desenvolvimento de cada uma dessas competências, criamos os seguintes gráficos referentes a cada ano:

GRÁFICO 2: Grupos de competências linguísticas tratados nos manuais



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2023.

Quando se trata dessas competências no ensino e aprendizagem de L2, estudiosos como Larsen-Freeman (2000), Hinkel (2006), Brown (2007), Harmer (2007) etc. apresentam as quatro seguintes competências: Ouvir, Falar, Ler e Escrever, numa aplicação de forma integrada, tendo em vista de que “a abordagem integrada enfoca o significado e não a forma; comunicação em vez de linguagem; fluência em vez de precisão; ler para obter informações, em vez de dominar as formas de linguagem” (TAJZAD; NAMAGHI, 2014, p. 95, tradução nossa). Constatado que o Português é ensinado como L2, é possível notar que, nesses manuais analisados, há atividades que focam somente nas competências de leitura, escrita e oralidade (cf. gráfico 2).

Suponhamos, com isso, que as autoras entenderam que, no desenvolvimento da oralidade, aborda-se naturalmente a habilidade de ouvir, partindo do entendimento, como por exemplo, apresentado por Brown (2007, p. 331), quando se trata de *listening* e *speaking*, “não perca a oportunidade de integrar essas duas habilidades. Como você talvez esteja se concentrando em objetivos de fala, os objetivos de audição podem coincidir naturalmente, e as duas habilidades podem se reforçar mutuamente (tradução nossa)¹¹”. Assim sendo, na seção em que trabalha essa habilidade, as autoras tratam de começar com ouvir um texto lido pelo professor; a música, com apresentação de cenas de *cartoon* ou imagens e depois os alunos são instruídos a falar sobre o tema (cf. Manual do Aluno de 10º ano, p. 38, 57 e 102-103).

Os grupos e os conteúdos dos textos neles constatados são desenvolvidos em conformidade com a estrutura montada nesta tabela que se segue:

¹¹ Don't lose out the opportunity to integrate these two skills. As you are perhaps focusing on speaking goals, listening goals may naturally coincide, and the two skills can reinforce each other

TABELA 2: Organização do grupo de competências linguísticas e a estrutura de desenvolvimento dos conteúdos

10º ano de escolaridade	11º ano de escolaridade	12º ano de escolaridade
Leitura		
<u>Texto</u> : o texto de leitura		
<u>Vocabulário</u> : lista de palavras ou expressões do texto que necessitam de explicações;		
<u>Sobre o texto</u> : conjunto de atividades que promovem a compreensão do texto apresentado;		
<u>Para além do texto</u> : atividades complementares para a compreensão da temática do texto trabalhado.		
Escrita		
<u>Preparação</u> : instruções para a planificação do texto escrito;		
<u>Textualização</u> : instruções da redação do texto;		
<u>Revisão do texto elaborado</u> .		
Oralidade		
<u>Preparação</u> : instruções para a planificação do texto oral;		
<u>Execução</u> : instruções para a apresentação ou interação oral;		
<u>Avaliação da expressão ou interação oral</u> .		
Funcionamento da língua		
Trata das questões de gramática		

FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2023.

6.1.1.2 Guia dos professores

Os guias dos professores, Guia do Professor Português 10º, 11º e 12º ano de escolaridade são divididos: Indicações Gerais e Exploração do Manual do Aluno. A primeira parte, Indicações Gerais, de acordo com os respectivos materiais, é composta, primeiro, da apresentação e abordagem da forma de organização estrutural do manual do aluno e guia do professor; em segundo lugar, há a orientação metodológica, que trata de explicitar o método do uso do manual na prática docente e sugere pistas pedagógicas a que esse docente pode recorrer para diversificar suas atividades; em terceiro lugar, a avaliação, que conceitua a retomada dos princípios norteadores com intuito de avaliar o progresso do ensino e aprendizagem; por último, há apresentação de uma lista sugestiva de referências bibliográficas a que o professor pode recorrer para incrementar sua prática de ensino.

Na segunda parte, Exploração do Manual do Aluno, explicitam-se as especificidades de cada manual, referente a cada ano de escolaridade, inicialmente, a organização estrutural do manual do aluno, isto é, as diversas temáticas tratadas desde a unidade até os grupos de competências, as principais atividades propostas, e os aspectos de funcionamento da língua em análise (gramática). Depois, apresenta

todo um conjunto de informações que têm por objetivo auxiliar o professor na operacionalização das propostas didáticas do Manual. Assim, para cada um dos subtemas, apresenta-se: vocabulário de apoio à compreensão dos textos do Manual; propostas de resolução dos exercícios do Manual; textos a utilizar nas atividades de compreensão oral; textos com informações complementares; grelhas para a realização de atividades de compreensão oral; grelhas de observação e listas de verificação para a avaliação de competências escritas e orais dos alunos; e outras sugestões didáticas a explorar pelo professor (RDTL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2012, p. 8).

Outro ponto comum nos guias é a seção da Orientação Metodológica, em que se retomam as orientações metodológicas apresentadas num outro manual chamado Programa de Português para o Ensino Secundário Geral, que trata de apresentar as principais referências que constituem a atual proposta curricular; os princípios básicos para o processo de ensino e aprendizagem do Português em T.L.; as finalidades desta disciplina de acordo com o intuito compreendido para esse ciclo de estudos; as Competências que se espera que o aluno desenvolva ao longo do Ensino Secundário que se subdividem em “*Competências gerais transversais* (conhecimento declarativo, competência de realização, competência existencial e competência de aprendizagem) e *Competências específicas* (compreensão oral, expressão oral, compreensão escrita, expressão escrita e funcionamento da língua)” (Programa de Português, 2012, p. 6); apresentação dos temas das unidades desenvolvidas nos manuais dos alunos; o desenvolvimento da disciplina e as orientações metodológicas. A seguir há a demonstração de algumas que merecem ser destacadas:

6.1.1.2.a O perfil linguístico-comunicativo e de aprendizagem do aluno

Trata da particularidade linguística dos alunos que pode ser considerado um fato interessante, mas, ao mesmo tempo, desafiador para o processo de ensino e aprendizagem num território multilíngue. É interessante na medida em que essa sugestão metodológica possibilita ao professor se aproximar dos seus alunos e, em consequência disso, conhecê-los e as suas necessidades reais de aprendizagem.

Essa sugestão vai ao encontro com a pedagogia freiriana, que é tão antiga quanto atual, pois trata de reconhecer em cada aluno o ser constituído de experiências e ideologias históricas, sociais e, por conseguinte, o processo de ensino e aprendizagem se torna um diálogo, uma troca de conhecimento, evitando, com isso, a imposição e a visão do professor

como centro de conhecimento, conforme o método predominante, e assim sendo, promove a participação dos discentes, o assunto da próxima sugestão.

O desafio abordado é o fato de que os métodos de ensino adotados pelos professores precisam ser atualizados por meio da criação de oportunidades, espaços e diferentes meios que lhes possibilitem acessá-los e formar seus próprios meios de ensino, a fim de não depender somente do Manual Didático.

Sem formação profissional adequada, o professor não tem condições de identificar a heterogeneidade dos alunos e de suas demandas como algo que pode aprimorar sua prática docente, mas sim como um problema, um empecilho ao seu desempenho profissional, daí apega-se ao Manual e segue-o fielmente, pois, em muitos casos, essa é a única opção disponível.

6.1.1.2.b O envolvimento ativo do aluno nas atividades propostas

Sugere-se, para esta prática de atividades, a participação ativa dos alunos na seleção do conteúdo e do material, na análise de texto e na avaliação, de acordo com as atividades de cada manual. Por exemplo, tendo aprendido sobre a escrita de carta de reclamação e artigos de opinião (Manual 12º ano, p. 45 e 125-133), os alunos são instruídos a escolher temas dentro desses dois gêneros textuais para produzir um texto. Essa participação se estende, da mesma forma, na escolha de material para o desenvolvimento de competências de leitura e interpretação e a oralidade. Ainda, as atividades aplicadas são avaliadas, também, pelos próprios alunos.

Para a avaliação, indica-se que “o professor deverá envolver os alunos no processo de avaliação, promovendo momentos de auto e heteroavaliação” (RDTL; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2012, p. 10).

6.1.1.2.c A articulação com outras disciplinas do currículo

Outra sugestão pedagógica importante vista nos guias é a articulação da disciplina de L.P. com as demais disciplinas, exercendo o Português como língua de instrução/de ensino, conforme prevista nos diretrizes da educação de T.L. e, a seguir, trazemos o tratamento dessa questão no Plano Curricular do Ensino Secundário Geral:

Na área do desenvolvimento linguístico – presente quer ao nível de disciplinas da componente geral, como o Tétum, o Português, o Inglês e o Indonésio, quer na área específica das Ciências Sociais e Humanidades, onde a língua, nomeadamente a portuguesa, adquire especial relevância, não só enquanto forma de comunicação/escolarização, mas também enquanto veículo cultural e artístico, além de forma privilegiada de expressão pessoal (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2011, p. 21).

Exemplos concretos são o conteúdo que trata da “Internet e comunicação interativa”, que pode ser abordado juntamente com a disciplina de Tecnologias Multimídia, e sobre “Migrações” que pode ser desenvolvido com as disciplinas de Sociologia e Geografia (cf. Guia do Professor 11º ano, p. 11). Assim, cada manual oferece variadas possibilidades, de acordo com assuntos tratados em cada um deles.

Conforme foi mencionado anteriormente, as especificidades do guia de cada ano estão na seção chamada Exploração do Manual do Aluno que trata de apresentar as possíveis respostas, dicas e instruções complementares para as atividades relacionadas aos conteúdos no manual de cada ano de escolaridade.

Tendo feito as partes genéricas, a próxima seção se ocupa das particularidades dos Manuais Didáticos de 10º, 11º e 12º ano.

6.1.2 Os pontos específicos dos manuais do aluno e do guia dos professores de cada ano

Traremos, nesta seção, da exposição e das nossas análises de pontos específicos do Manual dos Alunos e Guia dos Professores de L.P. do 10º, 11º e 12º ano do Ensino Secundário Geral de T.L.

6.1.2.1 O Manual do Aluno e o Guia do Professor do 10º ano

O Manual Didático do 10º ano é composto de três unidades temáticas que se dividem em três subtemas, nas duas primeiras unidades e dois subtemas na última, e esses subtemas são compostos de grupos A, B, C etc. que são constituídos de competências, a saber, leitura, escrita e oralidade. Conforme apresentado nos parágrafos anteriores, os três manuais dessa etapa de formação são constituídos de temas diversificados locais e globais, enfatizando, principalmente, os tópicos voltados para questões de linguística, política, social, cultural, econômica e histórica.

Este manual específico trata dos assuntos ligados à linguagem no contexto territorial e global, principalmente, em relação com os países de L.P.; aborda as tradições e o contexto local e, por último, trata da construção do sonho para o futuro. Diante disso, o manual é constituído de diferentes gêneros textuais: biografia linguística, carta informal, relato de vivências, nota biográfica, questionário, carta aberta, folheto, anúncio de emprego, carta de candidatura, *curriculum vitae*, entrevista de emprego, poema-musical, poemas, notícias, *cartoon*, *blog*, diário (Anne Frank), folheto de divulgação do espaço turístico, imagens/fotografias, gráficos, entrevista, *e-mail*, etc. (cf. Manual Didático do 10º ano, 2012 e Programa Português 10º, 11º e 12º ano) e são extraídos de fontes referenciais diferentes. Por exemplo: Infopédia, artigo científico publicado no site da *SciElo*, texto tirado da revista eletrônica de linguística, sites do governo T.L., textos de autorias de Luís Cardoso, Mia Couto, José Saramago, etc.

O desenvolvimento dos conteúdos segue uma estrutura comum e do nível global do ensino e aprendizagem de L2, conforme foi mostrado na tabela 2. Por exemplo: contextualização do tema ou preparação, texto, vocabulário, perguntas para compreensão do texto ou sobre o texto e, por fim, questões para provocar uma compreensão para além do texto. Já com relação aos temas gerais tratados nas unidades temáticas, os subtemas e os textos nos grupos, é seguro afirmar que o manual apresenta atividades relevantes, que se relacionam com o contexto local e que contribuem na formação do pensamento crítico dos alunos no que diz respeito a assuntos locais e globais.

No que se refere aos assuntos de linguística, os tópicos desse material começam pela contextualização histórica e política do país, o multilinguismo territorial e ampliam para o cenário internacional, a inclusão da nação no mundo e na CPLP. Em relação ao contexto local, constituem este Manual os assuntos da tradição e das mudanças sociais e políticas que se desenvolvem em T.L. e no mundo. Por fim, abordam, na última unidade, o sonho da construção do futuro, preparando os jovens para a sociedade.

Abaixo apresentamos a tabela com o intuito de oferecer uma visão geral sobre as temáticas tratados no manual didático deste ano de escolaridade.

TABELA 3: Temáticos das unidades, subtemas e grupos do 10º ano

10º ano de escolaridade		
Unidade temática 1: Conviver em várias línguas	Unidade temática 2 – Viver a tradição e a mudança em T.L.	Unidade temática 3 – Sonhar e construir o futuro
Subtema 1 – Língua em T.L.	Subtema 1 – Vivência familiares	Subtema 1 – Escolhas formativas e profissionais
<p><i>Grupo A:</i> Leitura – Torre de Babel</p> <p><i>Grupo B:</i> Leitura – panorama linguístico de Timor (Rui Graça Feijó)</p> <p>Funcionamento da língua: - Siglas e acrônimo - Classes de palavras</p> <p><i>Grupo C:</i> Leitura – A Língua Tétum (Davi Borges Albuquerque)</p> <p>Funcionamento da língua - Empréstimo</p> <p><i>Grupo D:</i> Oralidade – Biografias linguísticas; Leitura – Cáspera (Luís Cardoso)</p> <p>Funcionamento da língua - Presente, pretérito imperfeito e pretérito perfeito simples do indicativo</p> <p>Oralidade – entrevista a Jacira</p> <p><i>Grupo E:</i> Escrita – A minha biografia linguística</p> <p>Prática de língua</p>	<p><i>Grupo A:</i> Leitura – Beatriz (Luís Cardoso); Escrita – carta informal</p> <p>Funcionamento da língua - Verbo principal, copulativo e auxiliar</p> <p><i>Grupo B:</i> Leitura – Diário de Anne Frank (Anne Frank)</p> <p>Funcionamento da língua - Futuro simples e composto do indicativo; verbos auxiliares temporais</p> <p><i>Grupo C:</i> Oralidade – Mudança de estado (Ruy Cinatti)</p> <p><i>Grupo D:</i> Oralidade – O aniversário de Rose (Ilse Losa)</p> <p>Prática de língua</p>	<p><i>Grupo A:</i> Oralidade – O que eu quero ser quando for grande (Carlos Tê)</p> <p>Funcionamento da língua - Futuro simples e composto do conjuntivo</p> <p><i>Grupo B:</i> Leitura – Entre o campo e a cidade</p> <p>Funcionamento da língua - Constituintes da palavra complexa; derivação e composição</p> <p><i>Grupo C:</i> Oralidade – Orientar a juventude as necessidades do mercado de trabalho</p> <p><i>Grupo D:</i> Leitura – um olhar sobre uma profissão: assessora; Escrita – Cápsula do tempo</p> <p>Prática de língua</p>
Subtema 2 – O mundo lusófono	Subtema 2 – Dinâmica em comunidade	Subtema 2 – Oferta e procura de emprego
<i>Grupo A:</i> Leitura – O que é a Lusofonia (João Paulo Esperança <i>et. al.</i>)	<i>Grupo A:</i> Leitura - Festival de Cultura do Ramelau 2010; Oralidade – Práticas realizadas em comunidade	<i>Grupo A:</i> Leitura – Anúncios de emprego <i>Grupo B:</i> Leitura Carta e

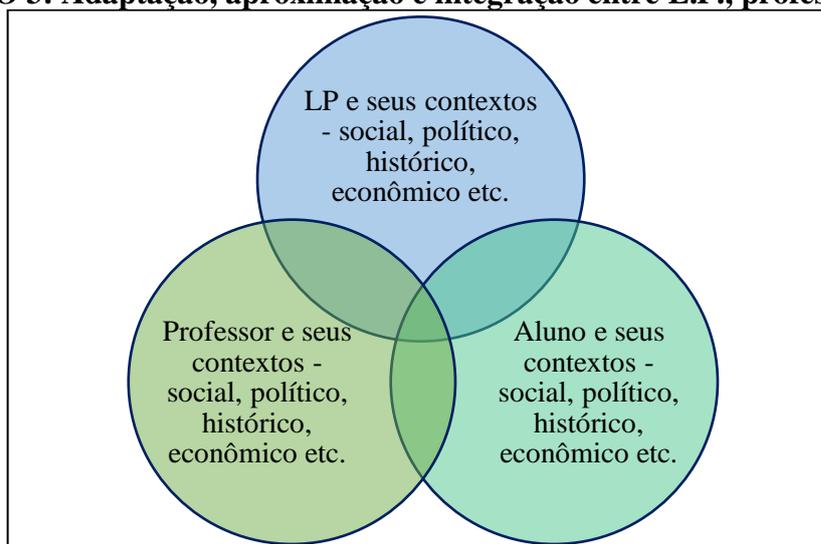
<p>Funcionamento da língua - Relações fonéticas e gráficas entre palavras</p> <p><i>Grupo B:</i> Leitura – Um moçambicano no Rio de Janeiro (Mia Couto)</p> <p>Funcionamento da língua - Pronomes, determinantes e qualificadores</p> <p>Oralidade – Rio de Janeiro (Cidade Maravilhosa e Aquele Abraço)</p> <p><i>Grupo C:</i> Leitura – Vinhas do Douro (José Saramago); Escrita – o viajante na minha terra</p> <p><i>Grupo D:</i> Leitura – África..., Angola Regalla; Para a Tânia (Alda Espírito Santo; Florindo Eternamente, Abé Barreto Soares; Escrita – Nota biográfica</p> <p>Prática de língua</p>	<p><i>Grupo B:</i> Leitura – Os Putos (José Carlos Ary Santos)</p> <p>Funcionamento da língua - Preposição: regência verbal</p> <p><i>Grupo D:</i> Oralidade – Conceito de lazer; Escrita – Atividades de lazer</p> <p>Prática de língua</p>	<p>e-mail de candidatura</p> <p>Funcionamento da língua - Registros de língua</p> <p><i>Grupo C:</i> Leitura – Curriculum Vitae</p> <p>Funcionamento da língua - Formas imperativas: imperativo e presente do conjuntivo</p> <p><i>Grupo D:</i> Escrita – candidatura a um emprego; Leitura – entrevista de emprego</p> <p>Funcionamento da língua - Formas de cortesia</p> <p>Oralidade – Entrevista de emprego</p> <p>Prática de língua</p>
<p>Subtema 3 – Línguas globais</p>	<p>Subtema 3 – Meios rurais e urbanos</p>	
<p><i>Grupo A:</i> Leitura – Que língua dominará o mundo? (Cristina Pombo)</p> <p>Funcionamento da língua - Frases simples e frases complexa</p> <p><i>Grupo B:</i> oralidade – Comentário a um bloque</p> <p>Funcionamento da língua - Orações coordenadas</p> <p>Oralidade – exposição oral</p> <p>Prática de língua</p>	<p><i>Grupo A:</i> Leitura – O mundo rural em Timor-Leste. Hoje e Amanhã; Leitura – Mundo rural (João Ferrão); Oralidade – Campo e cidade</p> <p>Funcionamento da língua - Adjetivo: flexão em grau</p> <p><i>Grupo B:</i> Oralidade – Previsões do crescimento populacional; Leitura – Um olhar breve sobre Díli (Ângela Carrascalão)</p> <p><i>Grupo C:</i> Leitura –</p>	

	<p>Barcelona</p> <p>Funcionamento da língua - Conjunções e locuções subordinativas; orações subordinadas adverbiais</p> <p><i>Grupo D:</i> Escrita – Questionário; carta aberta</p> <p>Funcionamento da língua - Formas de tratamento</p> <p>Prática de língua</p>	
--	--	--

FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2023.

Observando esse manual na sua totalidade, é plausível afirmar que os pontos expostos na tabela acima exteriorizam os estudos e análises crítico-construtivos dos autores Batoréo (2009), Albuquerque (2011) etc., conforme discutido na seção Ensino de L.P. a nativos e a não nativos: metodologias e pressupostos que sugerem a adaptação, a aproximação e a interação dos conteúdos de ensino e de aprendizagem das realidades da língua-alvo, do professor e do aluno. Em outras palavras, o sujeito é atravessado e carregado de histórias, ideologias etc. que o constituem – e isso não se deve ocultar durante o processo de formação porque cada acontecimento contribui para o sucesso dessa ação, quando levado em consideração pelo docente na sua prática de ensino. Isso está presente também nos outros dois manuais, com os respectivos conteúdos relacionados aos temas gerais tratados em cada unidade temática e subtema. A seguir, demonstramos essa ideia em gráfico.

GRÁFICO 3: Adaptação, aproximação e integração entre L.P., professor e aluno



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2023.

A distribuição dos conteúdos em cada unidade deste Manual, contudo, apresenta-se confusa na unidade 3, cujo tema deve ser tratado de forma contínua nas duas etapas seguintes ou numa das unidades do 3º ano do Ensino Secundário. Esse ponto é esclarecido no Guia do Professor do 10º ano (RDTL; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2012, p. 11), trata-se de um elemento da formação de situações de aprendizagem ativa e significativa, cumprindo o objetivo do programa da disciplina. No manual consta que “as aprendizagens realizadas nesta disciplina vão ao encontro das necessidades de uso da língua com que os alunos se irão deparar nos diversos contextos de atuação em que serão convocados a participar” e, com isso, proporcionar-lhes “instrumentos necessários para serem bem sucedidos nessa etapa que irá definir o seu futuro profissional”. Isso não procede, pois esse assunto não é mais retomado.

6.1.2.2 Manual do Aluno e Guia do Professor do 11º ano

Este manual se divide em três unidades temáticas, cada uma delas com dois subtemas e que é composto de grupos A, B, C etc., constituídos de competências linguísticas de leitura, escrita e oralidade e outras atividades para aprofundamento e entendimento do conteúdo. O Manual do 11º ano compreende os tópicos: primeiro, a sociedade de informação e conhecimento, que objetiva levar os alunos a conhecer as plataformas e problematizar os meios de comunicação social e as políticas relacionadas ao seu uso hoje, principalmente como fonte da informação para o processo da construção do conhecimento. Depois, os alunos também são instruídos a conhecer as diferentes identidades culturais, estilos de vida e prática

social por meio das manifestações artísticas no âmbito da literatura, do cinema, da música etc. Por último, os conteúdos têm por objetivo promover a conscientização dos alunos sobre a interculturalidade que a migração pode proporcionar.

Dessa forma, os conteúdos aqui tratados procuram proporcionar aos alunos aprendizagens significativas no estabelecimento de “ligação entre o contexto timorense e o exterior de forma mais nítida, através dos meios de informação e de comunicação social, manifestações culturais ou mesmo através da mobilidade física” (RDTL; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2013, p. 14). Espera-se, com isso, um desenvolvimento do conhecimento que englobe a realidade local e global de forma crítica, para alcançar o objetivo geral proposto no plano curricular dessa etapa de formação, a saber, “formar jovens que possam contribuir para o desenvolvimento do seu País – na política, na educação, na saúde, na administração pública, no comércio, na indústria, nos serviços, no turismo e em todos os sectores da sociedade” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2011, p. 23).

A tabela seguinte contém os temas tratados em cada unidade temática, os subtemas correspondentes e os títulos dos textos referentes aos temas gerais e subtemas desse manual:

TABELA 4: Temáticos das unidades, subtemas e grupos do 11º ano

Unidade temática 1- Sociedade de informação e conhecimento	Unidade temática 2- Viver cultura	Unidade temática 3- Mobilidade
Subtema 1– Meios de comunicação social	Subtema 1– Formas de expressão artística	Subtema 1– Migração
<i>Grupo A:</i> Leitura – Comunicação social Funcionamento da língua Discurso direto e indireto	<i>Grupo A:</i> Leitura – Criação artística Funcionamento da língua - Monossemia e polissemia	<i>Grupo A:</i> Leitura – Migração e trabalho. assegurar os direitos no trabalho num mundo globalizado (Paulo Bárcia)
<i>Grupo B:</i> Leitura – Chamemos-lhe “instinto do conhecimento” (Bill Kovach e Tom Rosenstiel)	Oralidade – Coleção Antoulas regressa a Timor-Leste Funcionamento da língua - Denotação e conotação	Funcionamento da língua - Funções sintáticas internas ao grupo verbal
Funcionamento da língua - Expressão temporal de anterioridade, simultaneidade e posterioridade	<i>Grupo B:</i> Leitura – O cinema (Carla Miucci Ferraresi)	<i>Grupo B:</i> Leitura – “Paddy desempregado” não quer ter de sair da Irlanda para entrar trabalho (Naria João Guimarães)
<i>Grupo C:</i> Leitura – Política Nacional para o	Funcionamento da língua - Constituintes da frase:	Funcionamento da língua - Preposições e locuções prepositivas

<p>Comunicação Social; Oralidade – Projeto de Apoio à Comunicação Social em Timor-Leste</p> <p><i>Grupo D:</i> Leitura – Semanário; Oralidade – Análise de jornais; Escrita - O cartaz publicitário</p> <p>Funcionamento da língua - Flexão em número dos nomes compostos</p> <p><i>Grupo E:</i> Leitura - O bisturi (Jorge Marmelo)</p> <p>Funcionamento da língua - Pretérito-mais-que-perfeito simples e composto Prática de língua</p>	<p>grupo nominal, grupo verbal, grupo adjetival, grupo preposicional, grupo adverbial</p> <p>Oralidade – Apresentações críticas de um filme</p> <p>Funcionamento da língua - Funções sintáticas ao nível da frase</p> <p><i>Grupo C:</i> Leitura - Entrevista a Luís Cardoso;</p> <p>Funcionamento da língua - Orações subordinadas adverbiais</p> <p><i>Grupo D:</i> Oralidade – Ali Babá e os Quarenta Ladrões; Leitura – O Sésamo (Miguel Torga – leitura integral) Prática de língua</p>	<p><i>Grupo C:</i> Leitura – Em busca de um sonho (Júlio Magalhães)</p> <p>Funcionamento da língua - Pronome pessoal: flexão em caso</p> <p>Oralidade – Perspectivas sobre Imigração</p> <p><i>Grupo D:</i> Leitura – Na rota dos cangurus</p> <p>Funcionamento da língua - Dêixis pessoal, especial e temporal</p> <p><i>Grupo E:</i> Oralidade – Há cada vez mais estudantes que estão fora do seu país (Clara Viana); Leitura – Regulamento de Bolsas de Investigação para Pós-Graduação e Especialização, FCG; Escrita – Candidatura a uma bolsa de estudo Prática de língua</p>
<p>Subtema 2 – Internet e comunicação interativa</p>	<p>Subtema 2 – Identidades culturais</p>	<p>Subtema 2 – Turismo</p>
<p><i>Grupo A:</i> Oralidade – Navegando pela internet</p> <p>Funcionamento da língua - Truncação, amálgama, extensão, semântica, onomatopeia</p> <p><i>Grupo B:</i> Leitura – Das relações e Someday you’ll see!, “O Véu de Zaahira”</p> <p>Funcionamento da língua - Modo verbal</p> <p>Oralidade – As redes sociais vieram para ficar?, Expresso</p>	<p><i>Grupo A:</i> Oralidade – Mosaico cultural; Oralidade – Da arte do cumprimento (João Paulo Esperança)</p> <p>Funcionamento da língua - Pronome Pessoal: reflexividade e reciprocidade</p> <p><i>Grupo B:</i> Leitura – Próxima Paragem: Nova Iorque</p> <p>Funcionamento da língua - Modo condicional</p> <p><i>Grupo C:</i> Leitura – De</p>	<p><i>Grupo A:</i> Leitura – Fazer turismo (Gonçalo Cadilhe)</p> <p>Funcionamento da língua - Frase ativa e frase passiva</p> <p><i>Grupo B:</i> Leitura – Comer, Orar, Amar e Relaxar; Escrita – Relato de viagem</p> <p>Funcionamento da língua - Classes do verbo</p> <p><i>Grupo C:</i> Leitura – O novo turista (Graciela</p>

<p><i>Grupo C: Oralidade – Armadilhas virtuais; Leitura – perigos reais para crianças e jovens na utilização da internet (MiúdosSegurosNa.Net)</i></p>	<p>regresso a Luar-do-Chão (Mia Couto)</p> <p>Funcionamento da língua - Campo lexical e campo semântico</p>	<p>Figueiredo)</p> <p>Funcionamento da língua - Advérbios e locuções adverbiais</p> <p>Escrita – panfleto turístico</p>
<p>Gramática/ funcionamento da língua - formas verbais não finitas</p>	<p>Escrita – Mistério ao amanhecer</p> <p>Funcionamento da língua - Sinonímia, antonímia, hiperonímia, hiponímia</p>	<p><i>Grupo D: Leitura – Pamukkale (Sousa Ribeiro)</i></p> <p>Funcionamento da língua - Modo conjuntivo</p>
<p><i>Grupo D: Leitura – ‘E-mails’ a mais, (Ricardo Garcia); Leitura – Artigo de opinião</i></p>	<p><i>Grupo D: Escrita – Raízes de Timor (Ângela Carrascalão); Oralidade – Costumes timorenses</i></p>	<p><i>Grupo E: Leitura – Turismo de massas</i></p> <p>Funcionamento da língua - Colocação do pronome pessoal átono face ao verbo</p>
<p>Funcionamento da língua - Orações finitas e não finitas</p>	<p>Funcionamento da língua - Nome: Subclasses; flexão em grau</p>	<p>Prática de língua</p>
<p>Oralidade – debate Prática de língua</p>	<p>Prática de língua</p>	<p>Prática de língua</p>

FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2023.

A tabela acima confirma, novamente, a variedade do conteúdo para a formação dos alunos do ensino secundário. Assim como o Manual apresentado anteriormente, este também trabalha com diferentes gêneros textuais. Alguns retomam os que já foram trabalhados e acrescentam outros, com o intuito de ampliar os conteúdos que contribuem para o desenvolvimento do conhecimento dos alunos dessa fase. A seguir, apresentamos os gêneros textuais acrescentados aos trabalhados na etapa acima apresentada: conto, crônica (de viagens), artigo de opinião, publicidade, artigo de análise crítica (de cinema, literária etc.), entrevista, debate, regulamento (bolsas de estudo), exposição oral, relatório, documentário, texto jurídico (decreto lei), etc. retirados das diferentes fontes de referências internacionais e nacionais (cf. Manual didático do 11º ano, 2013, Programa Português 10º, 11º e 12º ano).

Diante dessa exposição, é possível dizer que o avanço dos níveis é acompanhado com a densidade do conteúdo apresentado nos Manuais, seguindo a expectativa expressa nos documentos básicos da Educação, ou seja, espera-se, com esse avanço, que os alunos se mostrem competentes no uso do Português, sobretudo no desenvolvimento e consolidação de “competências de compreensão, produção e interação em Língua Portuguesa;” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2011, p. 32).

A realidade do ensino atual, contudo, se mostra contrária ao preconizado, pois, conforme minhas observações feitas, as aulas são desenvolvidas com base na tradução tanto por parte do professor, na contextualização do conteúdo e atividades, quanto do aluno, na interação e discussão ao longo da aula.

Nesse caso, numa sociedade multilíngue, isso é esperado nos anos iniciais, mas, na etapa em que os alunos se encontram, esse fato é questionável, porque deixa em dúvida o processo de formação atual do país, supondo-se que, de fato, a aprendizagem de L.P., tornada obrigatória, tenha se iniciado desde cedo na formação desses alunos. Além disso, o currículo previu que “A Língua Portuguesa deve ter uma posição de grande centralidade no Ensino Secundário Geral, enquanto disciplina e como língua de ensino” (*idem*, p. 55), o que valida a afirmação de Zeny (s/d, citado por Faleiros 2004):

Se usada mais que o necessário, a tradução pode levar os alunos a acreditarem que este é o único meio que têm para aprenderem as sutilezas da língua ou eles ficarão dependentes da tradução para entenderem certos pontos gramaticais ou de vocabulário, os quais eles consideram mais difíceis de assimilar (ZENY, s/d *apud* FALEIROS, 2004, p. 54).

Esta é uma afirmação justa e pode ser vista como um argumento importante, pois, conforme foi recordado, os alunos dessa geração tiveram contato com a L.P. no seu processo de aprendizagem, desde cedo, e espera-se que possuam bases complexas de conhecimentos dessa língua.

6.1.2.3 Manual do Aluno e Guia do Professor do 12º ano

Este manual, também, é dividido em três unidades temáticas, cada unidade é composta de dois subtemas, que se divide em grupos A, B, C, etc. O tema principal e geral eleito para 12º ano é “Desenvolvimento sustentável” e traz reflexões que remetem às problemáticas de níveis social, econômico, ambiental, linguístico, cultural de uma sociedade em constante transformação, visando conscientizar o aluno sobre o seu papel de agente ativo na realidade local e global.

A primeira unidade temática tem como foco a “Sustentabilidade Econômico-Social” e trata das questões relacionadas à distribuição e ao acesso a bens e serviços essenciais, além dos fatos que produzem desigualdade, como a discriminação e a intolerância. Aspira-se, com isso, a uma “reflexão em torno dos princípios da igualdade de direitos, dignidade humana e

solidariedade que potencie um envolvimento efetivo do aluno na promoção da qualidade de vida dos indivíduos, através da sua participação em ações de cariz social e humanitário” (RDTL; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2014, p. 25).

A segunda trata de instruir os alunos sobre a “consciência ambiental” e focaliza nas questões relacionadas à consciência humana e seus atos perante a natureza e o meio ambiente. Desse modo, os alunos são direcionados a acessar e analisar os tópicos atuais a respeito dos problemas ambientais, as causas e os impactos que estão em discussões nacionais e internacionais.

A última unidade trata da Diversidade linguístico-cultural. Esse tema, por um lado, retoma os tópicos abordados na unidade temática 1 do 10º ano, aprofundando esse assunto e, por outro lado, estende a discussão da sustentabilidade com questões dos direitos e liberdades das línguas e culturas. “Centrando-se na análise de contextos sociolinguísticos complexos, esta unidade assume-se como um espaço de reflexão em torno dos princípios éticos universais que potencializam a preservação da diversidade linguístico-cultural que caracteriza o mundo atual” (*idem*, p. 25).

Segue a tabela elaborada com os principais tópicos dos conteúdos tratados neste manual.

TABELA 5: Temáticos das unidades, subtemas e dos grupos do 12º ano

Unidade temática 1 – Sustentabilidade econômico-social	Unidade temática 2 – Consciência ambiental	Unidade temática 3 – Diversidade linguístico-cultural
Subtema 1 – Desequilíbrio econômico-sociais	Subtema 1 – SOS Terra	Subtema 1 – Terra: um mosaico linguístico-cultural
<i>Grupo A:</i> Leitura – Somos sete milhões (Robert Kungiz); Oralidade – Consequência do crescimento da população mundial (Chris Johns) Funcionamento da língua - Oração subordinadas substantivas finitas e não finitas <i>Grupo B:</i> Escrita – O resumo: A pegada ecológica e os limites do crescimento	<i>Grupo A:</i> Leitura – Planeta sem gelo (Robert Kungiz); Oralidade – Catástrofe ambientais Funcionamento da língua - Valores do pronome pessoal “se”: passivo, impessoal e inerente <i>Grupo B:</i> Leitura – Problemas que afetam a floresta (Paulo Maio); Escrita – Relatório de vista de estudo	<i>Grupo A:</i> Leitura – Gastronomia no mundo; <i>Grupo B:</i> Leitura – Ethnologue: Línguas do mundo <i>Grupo C:</i> Leitura – Duas línguas (vários atores) Funcionamento da língua - Aspecto verbal <i>Grupo D:</i> Oralidade – Dominar diferentes línguas

<p>(Carlos Serra); Leitura – Haverá um número excessivo de pessoa? (Robert Kungiz)</p> <p><i>Grupo C:</i> Leitura – Situação econômica e social de Timor-Leste (IPAD)</p> <p><i>Grupo D:</i> leitura – Milhões de adolescentes estão a ficar para trás, especialmente em África (UNICEF)</p> <p>Funcionamento da língua - Coesão textual: cadeias de referência</p> <p><i>Grupo E:</i> Leitura – Tem apenas doze anos o miúdo (Fernando Peixoto); Oralidade – Debate</p> <p>Prática de língua</p>	<p><i>Grupo C:</i> Leitura – Protesto contra a lentidão das fontes (Mia Couto)</p> <p><i>Grupo D:</i> Leitura – A destruição das florestas à escala planetária (Carlos Serra); Oralidade – impacte humano crescente</p> <p>Funcionamento da língua - Coesão textual: marcadores discursivos</p> <p><i>Grupo E:</i> Leitura – Vulcões, chuvas ácidas e o buraco na camada de ozono</p> <p><i>Grupo F:</i> Leitura – Mãe Terra; Escrita – A necessária consciência ambiental</p> <p>Prática de língua</p>	<p>aproxima uns e afasta outros; Leitura – Língua e Identidade de um povo: que relação? Entrevista a (Geoffrey Hull)</p> <p>Funcionamento da língua - Coesão temporo-aspectual</p> <p><i>Grupo E:</i> Escrita – artigo de opinião; Oralidade exposição oral</p> <p>Prática de língua</p>
<p>Subtema 2 – Promoção de igualdade social</p>	<p>Subtema 2 – Salvar o planeta</p>	<p>Subtema 2 – Em defesa da diversidade</p>
<p><i>Grupo A:</i> Oralidade – Timor-Leste: turismo e desenvolvimento</p> <p><i>Grupo B:</i> Leitura – Programa Mós Bele</p> <p><i>Grupo C:</i> Leitura – Igualdade entre os gêneros, Planos Estratégico de Desenvolvimento</p> <p>Funcionamento da língua - Orações subordinadas adjetivas finitas e não finitas</p> <p><i>Grupo D:</i> Escrita – Carta de reclamação</p> <p><i>Grupo E:</i> Oralidade – Comida do futuro (RTP Informação)</p>	<p><i>Grupo A:</i> Leitura – A maldição dos estados ilhéus (Carlos Serra)</p> <p>Funcionamento da língua - Modificador restritivo e apositivo do nome</p> <p><i>Grupo B:</i> Oralidade – O documentário; Leitura – AL Gore</p> <p><i>Grupo C:</i> Leitura – A reciclagem; Escrita – A importância da reciclagem</p> <p><i>Grupo D:</i> Leitura -Ecologia ganha voz (Courier International)</p> <p><i>Grupo E:</i> Leitura – Políticas pelo ambiente</p>	<p><i>Grupo A:</i> Leitura – Idioma em risco; Oralidade – Google lança projeto de defesa das línguas ameaçadas de extinção (Marta Portocarrero); Oralidade – A língua Uaimoa de Timor Leste</p> <p><i>Grupo B:</i> Leitura – Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (P.E.N. Internacional)</p> <p>Funcionamento da língua - Formação de palavra: radicais gregos e latinos</p> <p>Leitura – Não me chames estrangeiro (Rafael Amor)</p> <p>Funcionamento da língua</p>

<p>Funcionamento da língua - Atos de fala ilocutórios diretos e indiretos</p> <p>Prática de língua</p>	<p>Práticas da língua</p>	<p>- Adjetivo: casos particulares de flexão em grau</p> <p><i>Grupo C: Leitura – Discurso sobre o Fulgor da Língua in Catálogo de Sombras (José Eduardo Agualusa – leitura integral);</i></p> <p>Prática de língua</p>
--	---------------------------	--

FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2023.

Assim como os manuais anteriores, a tabela acima mostra a variedade de gêneros textuais e conteúdos que se encontram no manual deste ano de escolaridade. Entre eles, alguns retomam os assuntos tratados com o objetivo de dar continuidade a temas que já foram abordados e outros são acrescentados com o intuito de ampliar os assuntos tratados nas etapas anteriores. Desse modo, constam os seguintes gêneros textuais a mais: resumo de artigo científico, relatório, carta de reclamação, entrevista, documentário, sinopse, esquema de distribuição da população e da língua em T.L., artigo de opinião, conto, declaração, carta de reclamação, debate, artigo científico e técnico, resumo, etc. que também são extraídos de diferentes fontes referenciais (cf. Manual Didático do 12º ano, 2014, Programa Português 10º, 11º e 12º anos, s/d).

Tendo abundância de conteúdos e gêneros textuais, é possível perceber, ainda, o progresso na contribuição para a aprendizagem dos alunos dessa fase, na medida em que se recupera neste Manual a sugestão de uma produção real dos alunos, por meio da elaboração de textos escritos, como relatório de visita de estudo (RDTL; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2014, p. 65-67), carta de reclamação (*Idem*, p. 45-48), artigo de opinião (*Idem*, p. 125-134), etc. e exposições orais tratados nos manuais anteriores e reiterados neste. O foco de desenvolvimento gramatical neste manual é a coesão textual.

Com tudo isso, a prática e o desenvolvimento esperados para tal, no entanto, esbarram nos obstáculos de que tanto os professores quanto os alunos ainda não conseguem valer-se de tudo o que é previsto para um processo de ensino e aprendizagem mais eficaz, o que se deve aos problemas identificados e enfatizados ao longo deste trabalho. Sinteticamente, é possível mencionar alguns: a falta de espaços e situações para além dos ambientes escolares afeta a inutilização do Português e cria empecilhos para a propagação desta língua.

6.1.3 Tratamento gramatical nos manuais

Os conteúdos tratados nos manuais desta etapa de formação são um processo continuado dos ciclos anteriores, conforme o Currículo de Ensino Secundário Geral, isto é, “o desenho do plano curricular do Ensino Secundário Geral proposto funciona como uma continuação natural do 3º Ciclo, ao qual pretende dar sequência, consolidando competências já adquiridas e estimulando uma autonomia progressiva dos alunos” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2011, p. 21). A tabela a seguir oferece uma visão geral dos tópicos gramaticais em cada manual do Programa Português dos 10º, 11º e 12º ano (RDTL; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, s/d, p. 18-19, 22-23 e 26).

TABELA 6: Tópicos gramaticais do 10º, 11º e 12º ano de escolaridade

Anos de escolaridade	Tópicos gramaticais
10º	Classes de palavras: classes abertas e fechadas Palavra simples e complexa Constituintes da palavra complexa: radical, prefixo e sufixo Processos de formação de palavras: empréstimo, sigla, acrónimo, derivação, conversão, composição Relações fonéticas e gráficas entre palavras: homonímia, homofonia, homografia e paronímia Preposição: contração; regência verbal Pronome Determinante Quantificador Conjunções e locuções conjuncionais coordenativas e subordinativas Nome: flexão em género e número Adjetivo: flexão em grau Verbo: principal, copulativo e auxiliar Complexo verbal estar a + <i>Vinf</i> , andar a + <i>Vinf</i> , ir + <i>Vinf</i> , haver de + <i>Vinf</i> , ter de + <i>Vinf</i> , costumar + <i>Vinf</i> ; Modo indicativo: presente, pretérito imperfeito, pretérito perfeito simples e composto, futuro simples e composto Modo imperativo Modo conjuntivo: presente, futuro simples e composto Modo condicional Formas de tratamento Registos de língua Frase simples, frase complexa e oração Coordenação e subordinação Orações coordenadas: copulativa, adversativa, disjuntiva, conclusiva e explicativa

	<p>Orações subordinadas adverbiais: causal, final, temporal, concessiva, condicional, comparativa e consecutiva</p> <p>Funções sintáticas ao nível da frase: sujeito, predicado, vocativo e modificador de frase</p>
11º	<p>Processos irregulares de formação de palavras: onomatopeias, truncação, amálgama, extensão semântica</p> <p>Relações semânticas entre palavras: sinonímia, antonímia, hiperonímia, hiponímia</p> <p>Denotação e conotação</p> <p>Polissemia e monossemia</p> <p>Estrutura lexical: campo lexical; campo semântico</p> <p>Expressão do valor temporal de anterioridade, simultaneidade e posterioridade</p> <p>Dêixis pessoal, espacial e temporal</p> <p>Nome: subclasses (próprio, comum, contável, não contável, coletivo); flexão em grau; flexão em número dos nomes compostos</p> <p>Pronome pessoal: flexão em caso; posição do pronome pessoal átono face ao verbo; reflexividade e reciprocidade</p> <p>Preposições e locuções prepositivas: valores</p> <p>Advérbios e locuções adverbiais: subclasses (de predicado, de frase, conetivo, de negação, de afirmação, de quantidade e grau, de inclusão, de exclusão, interrogativo, relativo)</p> <p>Verbo: intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto e transitivo-predicativo</p> <p>Modo verbal</p> <p>Modo indicativo: pretérito mais-que-perfeito simples e composto</p> <p>Modo condicional</p> <p>Modo conjuntivo: presente, pretérito imperfeito, pretérito perfeito e pretérito mais-que-perfeito</p> <p>Formas verbais não finitas: gerúndio simples e</p> <p>Orações finitas e não finitas</p> <p>Constituintes da frase: grupo nominal, grupo verbal, grupo adjetival, grupo preposicional e grupo adverbial</p> <p>Funções sintáticas internas ao grupo verbal: complemento direto, complemento indireto, complemento oblíquo, complemento agente da passiva, predicativo do sujeito, predicativo do complemento direto e modificador do grupo verbal</p> <p>Reprodução do discurso no discurso: discurso direto e indireto</p> <p>Frase ativa e frase passiva</p> <p>Consolidação de conteúdos do 10.º Ano</p>
12º	<p>Processos de formação de palavras: derivação (prefixos de origem grega e latina; sufixos derivacionais)</p> <p>Família de palavras</p> <p>Pronome pessoal: valor inerente, valor impessoal e valor passivo</p> <p>Adjetivo: casos particulares de flexão em grau</p> <p>Aspeto verbal</p> <p>Orações subordinadas substantivas finitas e não finitas: completivas e relativas sem antecedente</p>

	<p>Orações subordinadas adjetivas finitas e não finitas: restritiva relativa e restritiva explicativa</p> <p>Funções sintáticas internas ao grupo nominal: modificador do nome restritivo e modificador do nome apositivo</p> <p>Coesão textual: cadeias de referência, marcadores discursivos e coesão temporo-aspetual</p> <p>Ato de fala – direto e indireto</p> <p>Consolidação de conteúdos dos 10.º e 11.º Anos</p>
--	---

FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2023.

Esta tabela demonstra a grande variedade dos tópicos gramaticais tratados nestes Manuais. Pode-se observar também a progressão em conformidade com as respectivas etapas de formação dessa fase. Além disso, são compreendidos e elaborados com base e em consonância total com os textos que compõem, principalmente os grupos de cada subtema.

O método Gramática-Tradução, conforme foi identificado e apresentado anteriormente, torna-se a principal preocupação no exercício dos professores. Desse modo, os professores costumam reservar o maior tempo para contextualizar e discutir, além de cobrar nas provas. No tratamento prático, os professores procuram desenvolver com exemplos fora do que se apresenta nos manuais, contudo, cometem o deslize do uso de frases soltas, ou seja, criam exemplos correspondentes, mas que não contribuem para o funcionamento do conteúdo no uso dos aprendizes pelo fato de ser feito sem contexto linguístico real.

A título de exemplificação, a seguir são explicitadas questões da prova do 3º período do 10º ano¹² do Colégio Paulo VI e divididas em partes do texto, em seguida perguntas para compreensão do texto e depois são questões da temática gramatical.

Em conformidade com os conteúdos compreendidos nos Manuais Didáticos das etapas apresentadas, o texto a seguir contempla o assunto tratado na primeira unidade temática, que trata da diversidade linguística, sua importância e sua contribuição para a formação e representação do país em nível territorial, nacional e global. Trata-se de um assunto relevante, adaptado e retirado de uma fonte referencial importante, pois o autor desse texto é um pesquisador francês que tem estudos vastos sobre a história de T.L.

¹² Existem três períodos de provas para os anos de escolaridades do ensino básico. O exame do 3º período é o último e determinante para a mudança de fase. No 12º ano, em particular, este exame é chamado de exame nacional e regional, determinante para a conclusão do ensino básico e a passagem para o ensino superior. Este é o material original sem nossas intervenções.

FIGURA 16: Prova de 10º ano – Texto e questões de compreensão de texto



<i>Nome</i>	:	_____
<i>Classe/Turma</i>	:	_____ <i>Língua Portuguesa 10 ano de escolaridade</i>
<i>Classificação</i>	:	_____ <i>Teste do 3º período</i>

A diversidade da linguística

Um dos grandes desafios de Timor-Leste é a gestão da sua surpreendente diversidade etnolinguística, que se manteve apesar da colonização portuguesa e dos 25 anos de ocupação Indonésia.

Desde meados dos anos 1970, os nacionalistas timorenses colocaram a questão da escolha da futura língua do país. Simbolicamente, os dirigentes da Fretilin consideravam que o Tétum, espécie de língua franca do território, marcava melhor a ruptura com o período colonial. E, entretanto, foi maioritariamente nesta língua que os seus militantes empreenderam as suas campanhas de alfabetização. Mesmo assim, por questões de abertura internacional, o programa final da Fretilin, em Novembro de 1974, manteve o português como língua nacional.

Em 2001, o recenseamento da população e os inquéritos para preparação das eleições da assembleias constituinte mostraram que a situação permanencia muito complexa. Em 498 novos sucos, não menos de 25 línguas tinham sido nomeadas (...) O futuro dessas línguas é tanto mais problemático quanto a maior parte não dispõe de um corpus escrito significativo.

Frédéric Durand, Timor-Leste País no Cruzamento da Ásia e do Pacífico, Um Atlas Histórico-Geográfico, Lidel, 2002 (texto adaptado)

I. Perguntas compreensão do texto (0,40 * 5 = 2)

1.1. Qual é o desafio de Timor-Leste de que se fala na 1ª frase?

R:

1.2. Que línguas foram escolhidas pela Fretilin?

R:

1.3. Quais as razões para essa escolha?

R:

1.4. Quantas línguas havia em 2001?

R:

1.5. Essas línguas estão ameaçadas? Porquê?

R:

FONTE: Arquivo do pesquisador, 2022.

Nesta parte, nota-se uma escolha de um conteúdo muito relevante, mas a análise e interpretação é superficial, pois as perguntas não levam os alunos a pensarem a partir do texto e para além dele, de forma a construir um pensamento crítico diante do assunto tratado. A pergunta 1.5, pede argumentação e sugere uma retomada do conteúdo tratado na unidade temática mencionada, é precário e preocupante para alunos que tiveram um contato de longa data com o Português e, portanto, devem apresentar *inputs* consideráveis para ir muito além do cobrado. As próximas partes tratam da temática gramatical.

FIGURA 17: Prova de 10º ano – questões gramaticais

II. Marque um (X) na coluna correta (0,20 * 7 = 1,40)

	Grau Comparativo			Grau absoluto ou relativo de			
	igualdade	superioridade	Inferioridade	analítico	sintético	superioridade	inferioridade
Ela é muito bonita							
A Pia é uma mais inteligente de todos.							
Eles são menos bonitos do que nós.							
A sua camisa é belíssima.							
A casa dela é tão pequena como a nossa.							
Ela é menos fraca de todos							
Esta pasta é mais linda do que a tua							

III. Identifique o verbo principal, copulativo e auxiliar nas expressões seguintes que se seguem. (0,20 * 3 = 0,60)

3.1. Esta carta é escrita por ele.

.....

3.2. Na minha repartição todos têm gostado do meu trabalho.

.....

3.3. Nós ficamos contentes.

.....

IV. Complete as seguintes frases com o pretérito imperfeito do indicativo e conjuntivo.
(0,10 * 10=1 valor)

- 4.1. Pensamos que não (vir) aula da semana passada.
- 4.2. Quando eu (ser) pequena, os meus pais me (deixar) de castigo quando eu (fazer) algo errado.
- 4.3. Queria que ele (andar) mais depressa.
- 4.4. As atividades que eles (fazer), eram boas.
- 4.5. Estava contente que ele (vir) a nossa festa.
- 4.6. Antigamente não (ter) facilidades suficientes para os alunos no processo do ensino aprendizagem.
- 4.7. Talvez um dia nós (descobrir) o que aconteceu.
- 4.8. A aula (durar) 5 horas inteiras.
- 4.9. Esperava que você (entender) esse conteúdo.
- 4.10. Nós (partilhar) essas informações à eles.

V. Identifique as relações fonéticas e gráficas entre as palavras nas seguintes frases.
(0,30 * 4 = 1,20)

- 5.1. Esta palavra tem um *acento*.
A Joana sentou-se naquele *assento*.
.....
- 5.2. O trânsito está com um *tráfego* intenso.
O *tráfico* de drogas é proibido.
.....
- 5.3. A princesa vive numa *torre*.
Estou à espera que o pão *torre*.
.....
- 5.4. O meu *amo* enviou um recado ao Rei
Eu *amo* muito a Cleonora Khasmau
.....

VI. Identifique as orações coordenadas nas seguintes afirmações que se seguem. (0,20 * 5= 1)

61. *Quer* festeje hoje, *quer* festeje amanhã, não irei ao seu aniversário.
.....

6.2. Gostaria de ter sido aeromoça, *contudo* não tive essa oportunidade.

.....

6.3. Não só foi descortês, *como também* culpou quem estava inocente.

.....

6.4. Não consegui ir trabalhar hoje, *pois* estava tudo alagado.

.....

6.5. Não telefonei-lhe, *logo* ela ficou muito triste.

.....

VII. Elabore 1 frase cada orações subordinadas como: oração subordinada causal, oração subordinada final, oração subordinada temporal, oração subordinada condicional, oração subordinada concessiva, oração subordinada comparativa e oração subordinada consecutiva. (0,40 * 7= 2.8)

1.

.....

2.

.....

3.

.....

4.

.....

5.

.....

6.

.....

7.

.....

BOM SUCESSO

FONTE: Arquivo do pesquisador, 2022.

As questões acima apresentadas correspondem aos seguintes tópicos gramaticais tratados no Manual do 10º ano: relações fonéticas e gráficas entre palavras; verbo: principal, copulativo e auxiliar; coordenação e subordinação; orações coordenadas; orações subordinadas adverbiais: causal, final, temporal, concessiva, condicional, comparativa e consecutiva; funções sintáticas ao nível da frase: sujeito, predicado, vocativo e modificador de frase; modo verbal; etc., conforme a tabela 6.

Essas questões demonstram que as formulações feitas para contextualizar e exemplificar o tratamento desse tópico, nos exercícios de ensino de L.P. nas aulas, são frases

soltas, que não contribuem de modo significativo para a aprendizagem, pelo fato de não estarem em nenhum contexto, além de serem elaborações de manuais. Não se observa a coerência entre o previsto, prescrito e a forma de desenvolver as atividades, quer nos tópicos gramaticais quer em outros tópicos.

É um fato exigido pelos métodos atuais de ensino e aprendizagem de L2 que, na opinião de Steven (1956, p. 69) citado por Scott (2019), “a linguagem não é um assunto estéril a ser confinado à sala de aula. Uma de duas coisas deve ser redobrada: ou a vida deve ser trazida para a sala de aula ou a classe deve ser levada à vida”¹³ (STEVEN, 1956 *apud* SCOTT, 2019, tradução nossa).

Diante disso, pode-se sintetizar que os Manuais preconizam avanços na adaptação à realidade local e no desenvolvimento dos conteúdos de forma a elevar a competência dos timorenses na L.P., mas as políticas públicas locais ainda são insuficientes para o desenvolvimento dos recursos humanos (formação dos professores etc.) e criação de situações reais que possibilitem aos educadores e educandos as referências proeminentes ao longo do processo da formação.

É possível perceber ainda os seguintes pontos problemáticos: primeiramente, a falta de acesso da sociedade local e dos professores e dos estudantes às referências dos textos que compõem os Manuais Didáticos, pois conforme foi mencionado anteriormente, o desenvolvimento da formação educacional formal, fora dos ambientes escolares, é deficitário; faltam bibliotecas ou outros espaços, livros de diferentes conteúdos para leitura, acesso a bens culturais (como cinemas, teatro, museus, etc.), embora estes sejam meios garantidos pelo Decreto Lei n.º 14/2008: Lei de Bases da Educação de 29 de Outubro, artigo 54 que aborda sobre recursos educativos (TIMOR LESTE, 2008).

Segundo, no que diz respeito ao uso desses Manuais, a partir da análise feita e dos registros das observações apresentadas anteriormente, esse material é tido como referência básica e quase única no exercício de ensino dos professores, o que supõe, inicialmente, o desconhecimento dos educadores quanto ao Guia do Professor, em que se deixa explícito que o Manual é “como um suporte à ação do professor. [...] as atividades apresentadas como modelo para elaborar outras, recorrendo a outros textos” (RDTL; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2012, p. 6). O docente pode e deve ter opção de usar outros materiais que julgue apropriados para incrementar sua prática de ensino, visando alcançar o intuito do

¹³ language is not a sterile subject to be confined to the classroom. One of two things must be done: either life must be brought to the classroom or the class must be taken to life

ensino de uma língua; contudo, em oposição a essa suposição, há a dificuldade dos docentes em ter acesso aos assuntos complementares e, conforme foi dito, as próprias fontes referenciais dos textos usados no Manual não são de fácil acesso nem para os educadores nem para os educandos

6.2 Exposição, Interpretação e Análise dos Resultados

Pretendemos, nesta seção, expor, interpretar e analisar os resultados obtidos com a aplicação dos questionários para compreender a representação social da L.P. em T.L. Os questionários foram aplicados a falantes de três diferentes gerações, a saber, geração 1: da época de colonização portuguesa (que compreende as pessoas nascidas entre 1950 a 1974); geração 2: da invasão e ocupação indonésia (composta de pessoas nascidas entre 1975 a 1999) e geração 3: período da independência (formada de pessoas nascidas entre 2000 a 2022).

Inicialmente, este material estava previsto para ser aplicado a 30 pessoas, sendo 10 de cada uma das gerações acima descritas. Durante a realização, contudo, tivemos a dificuldade de conseguir pessoas das gerações mais antigas e, com isso, conseguimos 6 pessoas da primeira e 7 da segunda. Já a terceira, foi 100% preenchida. Assim, somaram 23 sujeitos respondentes ($6 + 7 + 10 = 23$).

Esta parte do trabalho, de aplicação dos questionários, foi realizada presencialmente, no T.L. Com isso, tivemos contato direto com os participantes, fato que resultou em diálogos e interações que facilitaram a compreensão desses sujeitos, principalmente, das duas gerações mais novas. Frutos disso, também foram esclarecimentos e justificativas que contribuíram para nossa compreensão, interpretação e análise dos resultados obtidos.

Portanto, nossas exposições, interpretações e análises são constituídas das respostas, pesquisas complementares e registros (diário do pesquisador) realizados ao longo dos diálogos que se deram no processo de aplicação do questionário. Dessa forma, serão aproveitados durante as discussões desses tópicos os registros de forma direta e indiretamente (citação direta e indireta). Para isso, a fim de facilitar a referenciação, mas também preservar os dados pessoais destas pessoas, utilizaremos as letras iniciais dos nomes, sobrenomes e idades para nos referir às falas que foram registradas no diário do pesquisador.

É importante esclarecer que as interações e conceituações aconteceram pelo fato de que as duas gerações mais novas apresentaram dificuldades na L.P., na leitura e interpretação das perguntas dos questionários, em comparação com a primeira, portanto os intercâmbios

com este último grupo (os mais idosos) foram, na maior parte, leitura e escrita devido a algum problema físico ou fisiológico (como falta de visão, tremedeira nas mãos) que lhes impossibilitou ler e escrever.

6.2.1 Exposição, interpretação e análise das respostas das gerações de 1950 a 1974

Nesta seção, demonstraremos, em gráfico, as respostas dos participantes às perguntas do questionário aplicado as gerações de 1950-1974, juntamente com nossas interpretações e análises.

TABELA 7: Forma de identificação dos participantes (1950-1974) no uso das suas falas

Nº	1	2	3	4	5	6
Nome	MJGR (72)	MB (63)	FCMFG (63)	MM (71)	EB (69)	VH (66)

FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022.

6.2.1.1 Pergunta e respostas 1

GRÁFICO 4: Pergunta e respostas 1 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

Como se pode observar, tratamos nesta pergunta do uso de L.P., com os entrevistados quando o país ainda estava na época da colonização e nos dias de hoje. Todos os seis participantes responderam sim. Entre as justificativas, destacou-se, em primeiro lugar, o uso do Português no lugar de trabalho e isso pode ser entendido pelo fato de que, na época, o uso

devia ser obrigatório nos locais de trabalho formal, pois o Português, logo após a chegada dos portugueses, tornou-se a Língua Administrativa.

Em segundo lugar, está o uso do Português com os amigos. Este é o fato comum para as pessoas dessa geração. Eles costumam se comunicar em Português, desde os cumprimentos até as conversas sérias. Na minha família, por exemplo, eu assistia meu pai se comunicar com seu irmão mais velho, primos e amigos de infância em Português, com muita naturalidade, quando se reuniam. Isto pode ser também a justificativa do uso do Português em casa com a família, tanto na época da dominação quanto nos dias atuais.

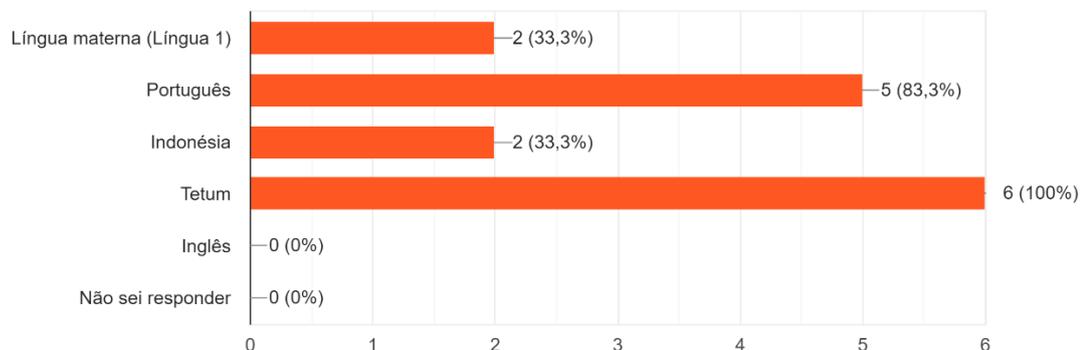
Outro fator relacionado a isso, conforme mencionado anteriormente, o Tétum, a primeira língua oficial de T.L., recebe uma influência léxica e gramatical considerável da L.P. Com isso, é possível confirmar a facilidade que as pessoas dessa geração têm para interagir com as novas gerações, sobretudo com a geração do século atual.

Já nos lugares comuns, nos supermercados especificamente, o Português é menos usado pelo fato de haver uma mistura de diferentes nacionalidades no meio comercial na capital e fora dela, timorenses, chineses, japoneses, indonésios, tailandeses, indianos etc., conforme foi demonstrado na figura 10.

6.2.1.2 Pergunta e respostas 2

GRÁFICO 5: Pergunta e respostas 2 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974

2- Com que línguas a seguir as pessoas da sua geração se comunicavam?
6 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

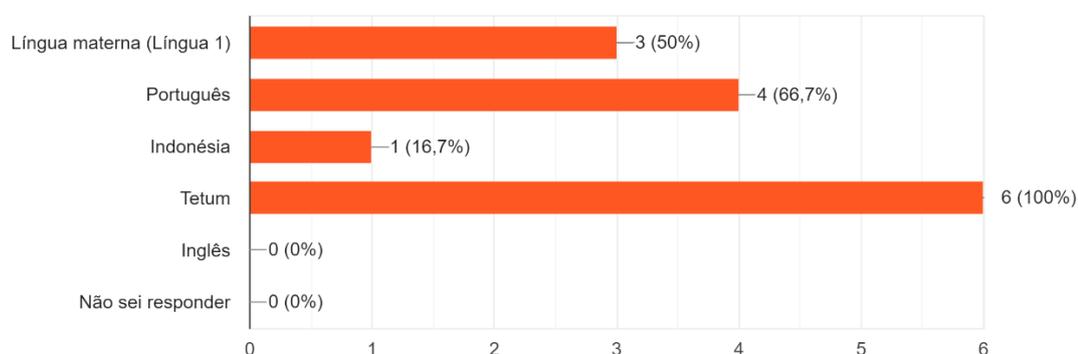
Tratamos, nesta questão, do uso do Português na comunicação entre as pessoas na época da colonização. Estando numa época de dominação portuguesa, os participantes

destacaram o Tétum. Isso acontece pela razão de que o Português era usado para assuntos formais, administrativos, ensino, trabalhos formais. Já o Tétum, além do uso cotidiano do povo, ainda recebe o incentivo da evangelização catequética dos missionários católicos pioneiros em T.L. e a migração no comércio local ao longo da presença dos portugueses. A Língua Materna (L1) é usada local e regionalmente, portanto ela devia ser menos usada. A Língua Indonésia também teve essa mesma porcentagem devido ao contato tardio das pessoas dessa geração e a resistência que a população manteve durante a invasão, como protesto contra a invasão.

6.2.1.3 Pergunta e respostas 3

GRÁFICO 6: Pergunta e respostas 3 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974

3- Quais línguas você usa, atualmente, na sua comunicação diária com a família e amigos?
6 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

Essa questão aborda as línguas usadas diariamente no tempo atual pelos participantes desta pesquisa para interações com a família e os amigos. Conforme mostram as respostas, o Tétum se destaca entre as línguas mencionadas. Isso se deu pelo fato de que a maioria da população interage com essa língua em todo o território timorense. O Português assume o segundo lugar pelo fato do uso se restringir a interações na área administrativa, ensino, tecnologia e, algumas vezes, política. A L1 também se destaca devido ao regionalismo, ou seja, demonstra um fator identitário familiar, local e regional.

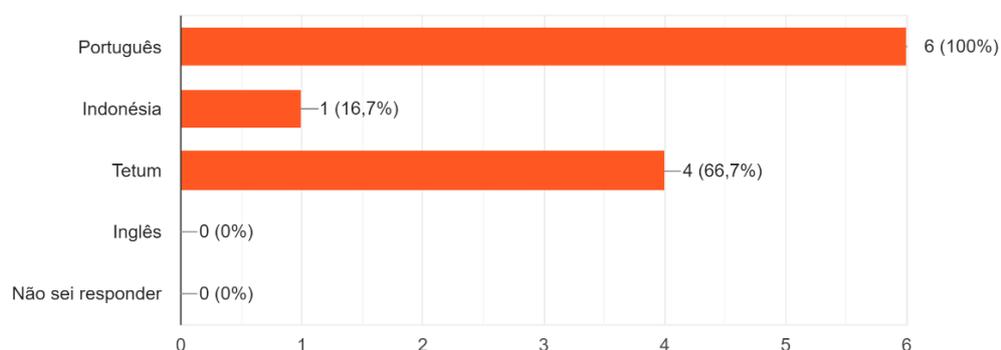
A Língua Indonésia, por sua vez, é apresentada com uma porcentagem baixa em comparação com outras línguas destacadas, dadas as razões políticas e históricas. Esta geração, historicamente, é parte da população que experimentou a primeira independência

interrompida pela invasão da Indonésia e isso ainda é marcado para a maioria. O entrevistado MB (63), ao responder essa pergunta, afirmou que sofreu agressões físicas¹⁴ com a chegada dos indonésios e ao longo da ocupação, portanto decidiu, desde então, que não iria usar a Língua Indonésia. Segundo MJGR (72, professora do Ensino Secundário), em termos políticos, esta língua influenciando diretamente a vida diária da população, atrapalha a propagação do Português, portanto evitar usá-la cotidianamente é uma forma de contribuir para o sucesso da promoção da segunda língua oficial de T.L. (Diário do pesquisador, 2022).

6.2.1.4 Pergunta e respostas 4

GRÁFICO 7: Pergunta e resposta 4 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974

4- Qual(is) língua(s) era(m) ensinada(s) na escola quando você fazia o ensino básico?
6 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

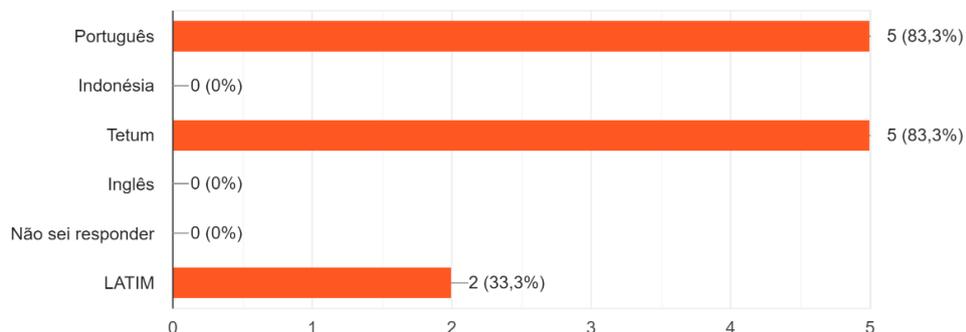
Tratamos nesta questão das línguas presentes no ensino básico na época da colonização. Conforme mostra a história mencionada anteriormente, a escola começou no território timorense após a chegada dos portugueses, basicamente com a presença dos missionários católicos e a prática do ensino iniciou e permaneceu nas disciplinas ensinadas na época com L.P. O Tétum também se destacou devido à catequese promovida pelos missionários. Já a Língua Indonésia começou após a invasão e, conforme mostra a história, logo após, o Governo Indonésio aplicou abruptamente seu sistema pedagógico de ensino, proibindo o Português e o Tétum.

¹⁴ Ele mostrou cicatrizes que ainda se encontram nas costas para comprovar suas falas.

6.2.1.5 Pergunta e respostas 5

GRÁFICO 8: Pergunta e resposta 5 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974

5- Qual(is) língua(s) era(m) usada(s) nas celebrações religiosas (missas) na sua juventude?
6 respostas



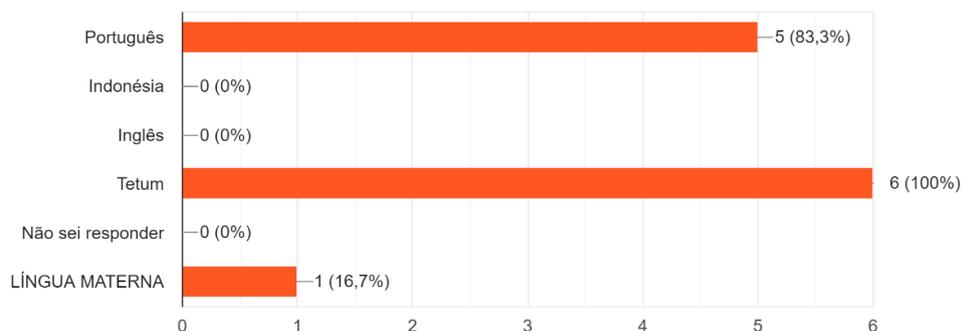
FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

As línguas Tétum e Portuguesa ocupam a mesma porcentagem como meios principais usados nas celebrações religiosas da época. Isso se deu pela própria presença dos portugueses como colonizadores. Já o Tétum se destacou devido ao processo de catequese, já que era escolhido pelos missionários para este fim.

6.2.1.6 Pergunta e respostas 6

GRÁFICO 9: Pergunta e resposta 6 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974

6- Qual(is) língua(s) era(m) usada(s) no dia a dia, na sua comunidade e em família, na sua juventude?
6 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

Ao tratar do uso cotidiano de línguas entre famílias e amigos, na época da sua juventude, ainda que estando sob dominação portuguesa, o Tétum se destaca, conforme mostra o gráfico. Isso pode ser compreendido pelas seguintes razões: o Português era usado no discurso político, na interação entre os timorenses e os portugueses, no ensino, em algumas celebrações religiosas, e no tratamento administrativo. Já o Tétum era e continua sendo usado em todas as atividades diárias da população. Nesse caso, por que não era a Língua Materna?

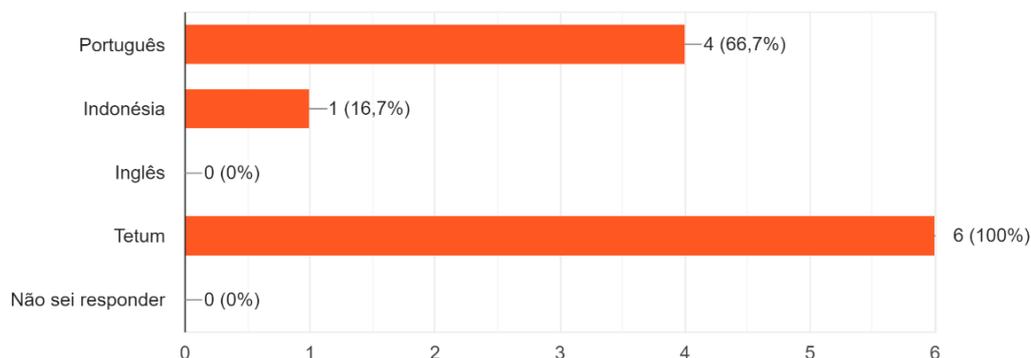
A chegada dos portugueses causou mudanças, migrações, incremento do intercâmbio comercial, contatos entre as tribos locais etc. Diante disso, o Tétum se mostrou importante na interação e comunicação entre as pessoas. Ainda, esta língua também será usada ao longo do processo de evangelização, aproximando os missionários da população local, sendo o instrumento dos ensinamentos e conhecimentos relacionados à fé católica propagada naquela época.

6.2.1.7 Pergunta e respostas 7

GRÁFICO 10: Pergunta e resposta 7 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974

7- Qual(is) língua(s) era(m) usada(s) nas campanhas políticas na época da sua juventude?

6 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

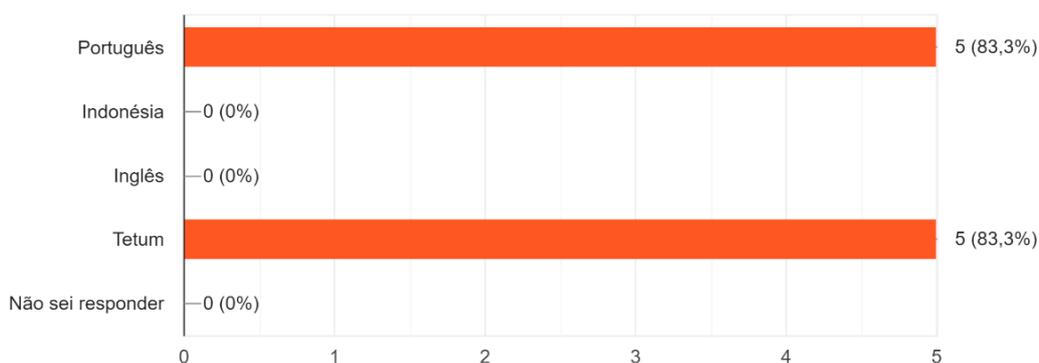
O Tétum era usado nas campanhas políticas como forma estratégica para criar interação afetiva entre o político e a população, a fim de ganhar votos de confiança. Sobre esse fato, afirma o EB (63) que, “quando o governador ou uma pessoa importante da época quer algo numa determinada região e com uma determinada tribo, ele chega com o discurso em Língua Tétum e, com isso, as pessoas interagem com ele. Dessa forma, na maioria das

vezes, ele consegue o que queria. Mas, quando se trata de um comunicado de lei ou recado do governador, geralmente é anunciado em Português” (Diário do pesquisador, 2022). Portanto, dependendo da intenção e finalidade do discurso, o locutor escolhe uma determinada língua.

6.2.1.8 Pergunta e respostas 8

GRÁFICO 11: Pergunta e resposta 8 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974

8- Qual(is) língua(s) era(m) usada(s) nos discursos dos governantes, na época da sua juventude?
6 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

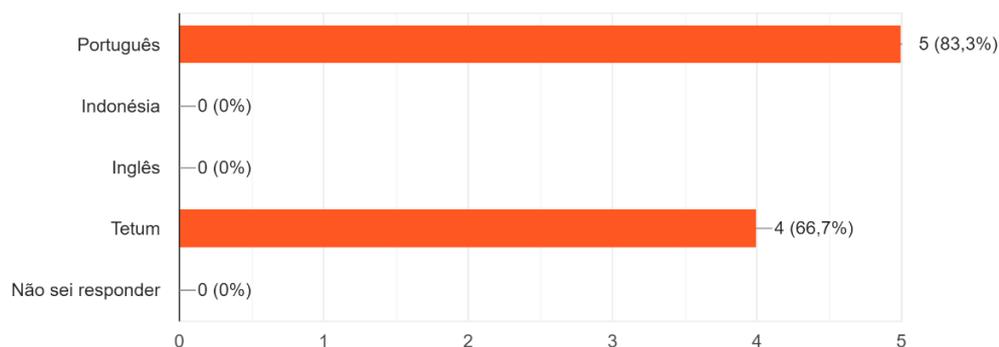
As respostas demonstram que os governantes usavam as Línguas Tétum e Portuguesa para seus discursos. A história mostra que o objetivo era o acesso dos portugueses aos habitantes timorenses por meio das negociações comerciais e assuntos religiosos. Com isso, é possível supor que o uso de uma língua ou de outra implica diversos elementos, como a situação, a intenção e o efeito desejado pelo locutor. Essas respostas, no entanto, servem para demonstrar que houve uma presença constante tanto do Português quanto do Tétum no meio das práticas políticas, o que, conseqüentemente, envolve e afeta a maioria da população local, afinal o discurso de um governante num sistema colonial obriga os dominados a ouvirem, mesmo não estando interessados.

6.2.1.9 Pergunta e respostas 9

GRÁFICO 12: Pergunta e resposta 9 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974

9- Qual(is) língua(s) era(m) usada(s) na escrita de cartas, se você precisasse enviar alguma, na sua juventude?

6 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

Conforme foi afirmado anteriormente, o ensino da L.P. iniciou-se após a chegada dos portugueses no território timorense. Assim sendo, é possível associar a escrita e outras práticas de aprendizagem da mesma a essa época. Além disso, as respostas da pergunta 9 mostram a importância do Português na área de ensino e seu alcance para além do ambiente escolar, e justifica a relevância desse idioma, porque se acredita que é a língua com a qual os timorenses começaram a aprender a ler e escrever. Já o Tétum era usado também na escrita de cartas dada a sua influência na evangelização, além da tradução dos materiais das celebrações religiosas, o que deu origem ao Tétum escrito.

O Português se destacou, também, pelo fato de que a escrita de cartas não era um hábito dos timorenses. Assim, quem o adquiria eram pessoas da classe elevada e que se relacionavam com outras da elite. Já os timorenses comuns costumavam (e ainda costumam) mandar recado por meio de um mensageiro, pois, culturalmente, um recado dado através da carta, dependendo da situação, da classe social dos interlocutores ou do nível que assume em cada tribo, pode ser visto como desrespeito por parte do destinatário.

Na análise histórica, no capítulo 5, mostramos que, embora o Português não fosse falado por todos, estava presente e alcançou a maior parte do território timorense. Para ilustrar esse fato, retomamos a afirmação de Thomaz (2002), em que este mostra onde o Português estava presente:

O português é, aliás, a única língua normalmente escrita, pois a despeito da impressão de alguns dicionários, métodos, catecismos, livros de orações e resumos da Bíblia em tétum e galóli, nunca se impôs o uso escrito das línguas vernáculas. Mesmo na correspondência particular, os timorenses preferem em regra escrever – ou ditar a quem o saiba fazer – cartas em português a utilizar o idioma local ou mesmo o tétum, cuja notação lhes parece embaraçosa à falta de uma convenção ortográfica arreigada no uso. Mas o português tem, tal como o tétum, além desta, outra função: uma função integradora na sociedade timorense ao nível pelo menos das camadas dirigentes, dos letrados que ocupam na pirâmide social uma posição cimeira. Como notámos já, um dos fatores de unidade é, em Timor, a difusão de uma cultura luso-timorense, fruto de uma aculturação paulatina ao longo de quatro séculos e meio de contacto. Através dessa cultura mestiçada (de que o catolicismo e a língua portuguesa são talvez os dois elementos-chave) e a população timorense em geral e a sua classe dirigente em especial integra-se num universo cultural mais amplo, o da civilização lusófona. (THOMAZ, 2002, p. 143).

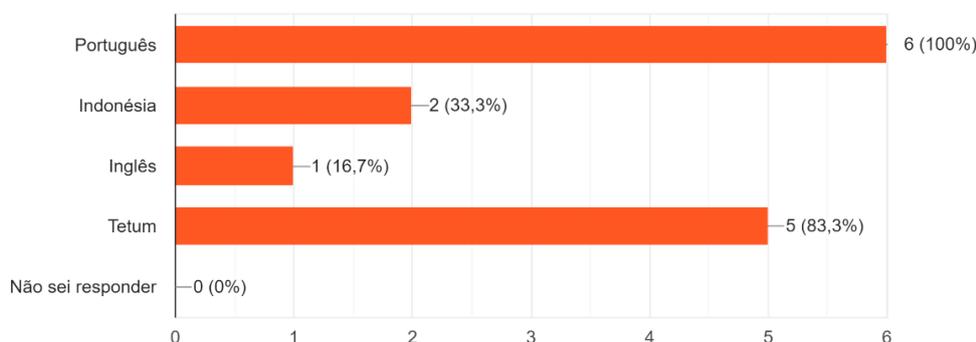
Diante disso, as respostas dos participantes desta geração e as questões históricas confirmam que a L.P. deve ser usada nos ambientes de ensino e também para além destes. O dever das políticas públicas em torná-la acessível nos meios da comunicação formal e informal, oral e escrita nas atividades cotidianas e nos espaços públicos e privados é de suma importância para a expansão e a fixação dela no meio do povo.

6.2.1.10 Pergunta e respostas 10

GRÁFICO 13: Pergunta e resposta 10 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974

10-Qual(is) língua(s) era(m) usada(s) na rádio, televisão e jornais (impressos) da época da sua juventude?

6 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

Afirmou a VH (66)¹⁵ que gostava de ouvir rádio com seu pai e seus irmãos. Relatou que, à medida que o pai mexia na rádio, à procura das frequências, ouvia algumas em Língua Indonésia. Sendo assim, o pai ficava somente com a da L.P. em todas as tardes (Diário do pesquisador, 2022). Afirmou MB (63) que “existia um boletim (não lembrou o nome) composto de notícias locais, histórias curtas e, às vezes, poemas. Eu gostava de ler, principalmente as histórias porque eu viajava com os personagens. Em algumas páginas havia alguns escritos em Tétum e, geralmente, eram avisos do padre sobre os eventos da igreja” (*idem*).

Esses relatos confirmam as respostas anteriores sobre a presença do Português nos meios de comunicação na época portuguesa. O Português se destaca porque estava presente tanto na rádio quanto no boletim. O Tétum também estava presente, mas, conforme relato acima apresentado, tratava, sobretudo, dos assuntos da igreja.

Em relação às outras duas línguas, a Indonésia em especial, conforme o primeiro relato, havia frequências, mas não era do interesse dos ouvintes. Ainda assim, é certo dizer que a frequência da rádio da Indonésia (e provavelmente a da Língua Inglesa) é achada devido à curta distância entre T.L., Austrália e Indonésia.

6.2.1.11 Pergunta e respostas 11

TABELA 8: Pergunta e resposta 11 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974

11- você se lembra de algum lugar específico em que o uso de português fosse obrigatório para ter acesso? Quais (você consegue mencionar algum)?

Nomes	Respostas
VH (66)	- não lembro
MJGR (72)	- Formação de professores do Posto Escolar Engenheiro Canto Resendi - Nas escolas
MB (63)	- escola
FCMFG (63)	- educação - justiça - saúde
MM (71)	- não lembro
EB (69)	- escola

FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

Tratamos, nesta pergunta, dos lugares em que os participantes desta geração ainda se lembram do uso obrigatório da L.P. Como se pode observar, as respostas chamam a

¹⁵ Este questionário foi aplicado a um grupo de três amigos. Ao chegar a esta pergunta, discutiam sobre ouvir rádios e ler jornais. Ela é uma professora de uma das escolas em que fiz minhas práticas de observações.

atenção, em primeiro lugar, para o espaço escolar, mencionado por 4 de 6 (seis) respondentes. Isso demonstra a credibilidade e a seriedade que uma instituição de ensino representa.

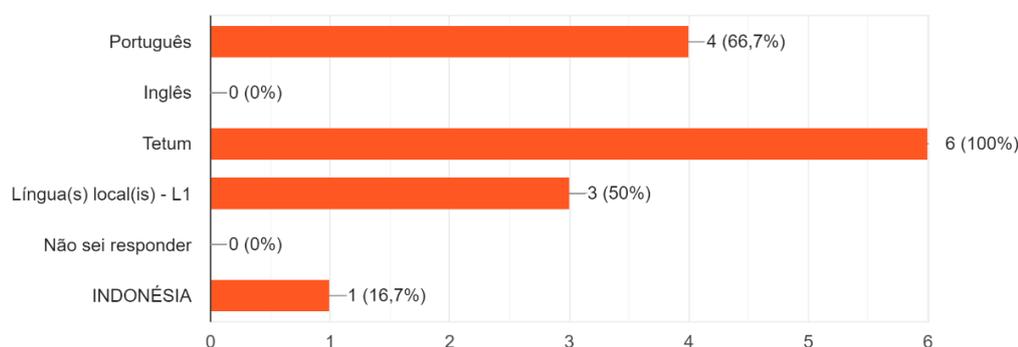
Na área da justiça, refere-se, provavelmente, às leis e às outras diretrizes porque os timorenses desta área usufruíram da herança deixada pelos portugueses, interrompido ao longo da ocupação dos indonésios e depois retomados na época da independência.

6.2.1.12 Pergunta e respostas 12

GRÁFICO 14: Pergunta e resposta 12 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974

12- Com que língua(s) eram feitos os negócios (comércio - compra e venda) na época da sua juventude?

6 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

O contato inicial entre os primeiros portugueses e os timorenses foram por meio do comércio, especificamente na troca de armas e tecidos por cera de abelha e sândalo. Sendo assim, isso foi se mudando com o passar do tempo e, sobretudo, após o estabelecimento do domínio português no país. Além disso, com a presença dos colonizadores, estabeleceu-se também a abertura do comércio, tais como, mercados etc. Afirma MM (71) que, no mercado, aconteciam a compra e a venda entre as pessoas do campo e da cidade. Os que vieram do campo, geralmente, não são fluentes em Português, mas conseguem se comunicar em Tétum, então faziam negócios nesse idioma (Diário do pesquisador, 2022).

O Português se destacou como segunda língua usada na época pelo fato de que, embora as pessoas simples advindas dos campos não fossem fluentes em Português,

arriscavam-se a usar tal língua porque a maioria dos fregueses eram portugueses e as que habitavam a cidade também se comunicavam, em determinados momentos e locais, neste idioma.

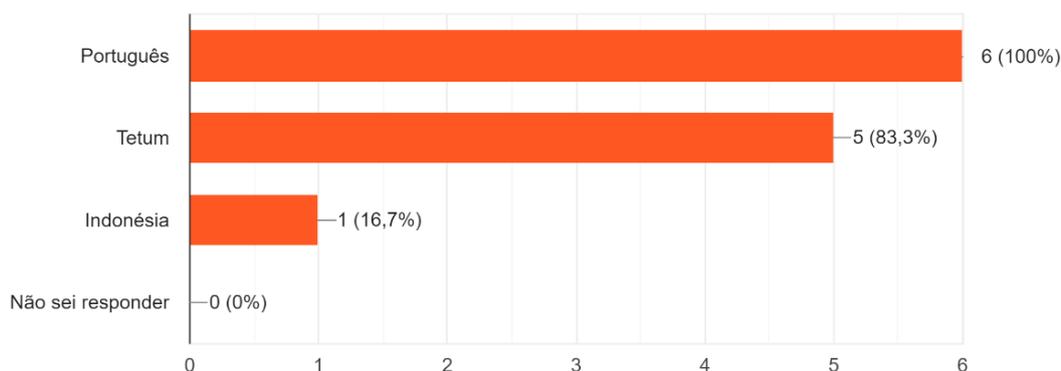
As línguas locais, por sua vez, ficaram em terceiro lugar pelo fato de que a abertura dos mercados e comércios gera a migração das pessoas e o intercâmbio cultural que, conseqüentemente, levou ao uso predominante do Tétum.

6.2.1.13 Pergunta e respostas 13

GRÁFICO 15: Pergunta e resposta 13 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974

13- Hoje, nós temos notícias na TV em línguas: Portuguesa, Tetum e Indonésia. Qual é a sua preferência?

6 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

As respostas da questão 13 mostram que a preferência das pessoas desta geração no meio televisivo é o Português. Isso pode ser compreendido pelas seguintes razões: primeiro, têm a facilidade com a língua, devido à formação que tiveram; em segundo lugar, o Português tem o valor afetivo com seu passado e, a respeito disso, disse a FCMFG (63) que prefere o Português a outras línguas, pois ao assistir, ouvir ou ler notícias em Português, além de compreender bem o conteúdo, ela é levada de volta aos momentos da sua juventude (Diário do pesquisador, 2022); terceiro, sua preferência pelo Português carrega o sentido de patriotismo e protesto contra a invasão da Indonésia e o impacto para a vida e a história do país, conforme o relato do MB (63), citado nas respostas da pergunta 3.

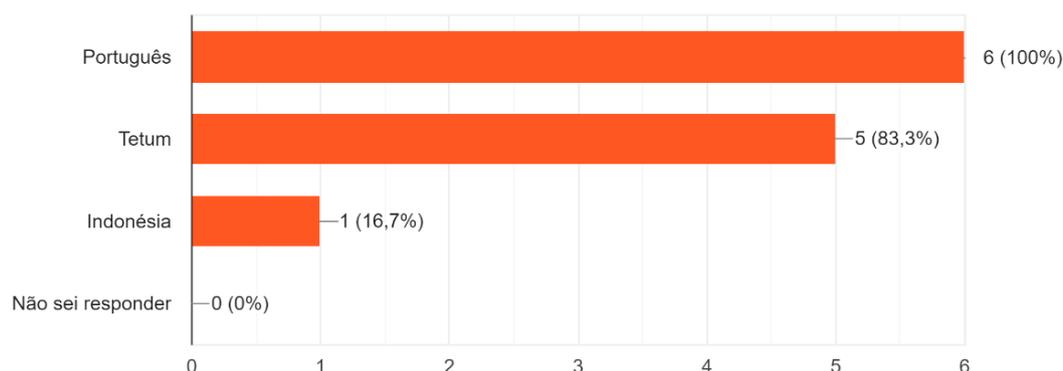
O Tétum assume o segundo lugar pelo fato de que nem todas as notícias são anunciadas em Português e, diante disso, entre as línguas Indonésia e Tétum, as pessoas desta geração optam por este, a fim de manter próximas suas ideologias de acordo com a afirmação de FCMFG (63), acima. Ainda, este fato se confirma com as respostas, na medida em que, entre seis participantes, a língua Indonésia foi escolhida por um só participante.

6.2.1.14 Pergunta e resposta 14

GRÁFICO 16: Pergunta e resposta 14 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974

14- Temos jornais impressos nas línguas: Portuguesa, Tetum e Indonésia. Qual é a sua preferência?

6 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

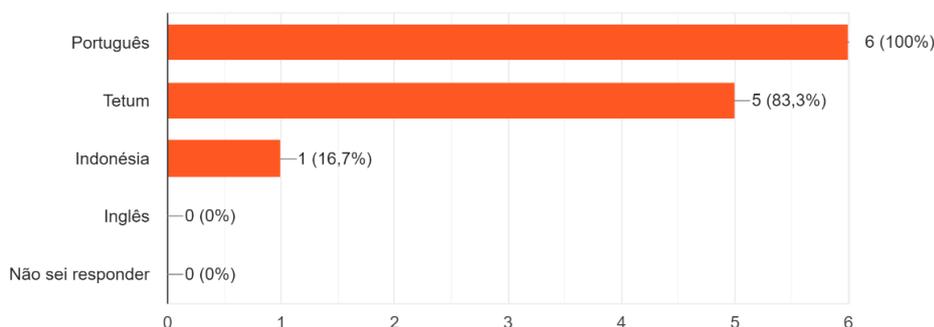
A preferência pelo Português também se confirma nas respostas desta questão (bem como de algumas anteriores, como a nº 13), e se reiteram com as próximas respostas da pergunta 15.

6.2.1.15 Pergunta e respostas 15

GRÁFICO 17: Pergunta e resposta 15 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974

15- As rádios de hoje tocam músicas em várias línguas diferentes. Em qual delas a seguir você gosta mais de ouvir?

6 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

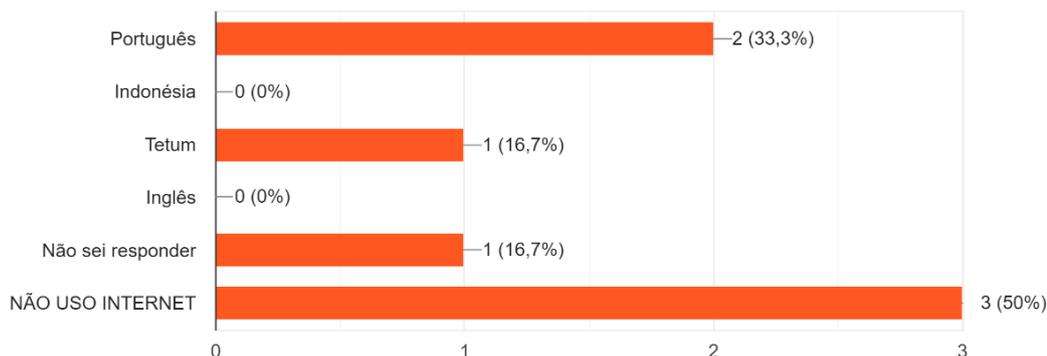
Mais uma vez essa preferência pelo Português é confirmada também no âmbito cultural, aqui representado pelo gosto musical das pessoas desta geração. Portanto, é importante sublinhar que, no que se refere ao acesso nos meios, como TV, jornal, rádio, música, internet e leitura, o Português é a preferência de todos e isso pode ser ligado à formação inicial dessas pessoas. Na visão política histórica, a escolha pode ser vista como patriotismo e saudosismo, pois viviam, experienciavam e contestavam na época da invasão e ocupação da Indonésia.

6.2.1.16 Pergunta e respostas 16

GRÁFICO 18: Pergunta e resposta 16 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974

16- Com que língua a seguir você costuma usar para navegar ou fazer pesquisas na internet?

6 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

Nesta questão, tratamos de navegação e do uso de internet desta geração. As respostas mostram que a maioria não usa. Isso pode ser justificado com o fato de que a maioria da população consegue acessar e usar a internet, somente nos últimos anos e os timorenses, especificamente, a partir de 2005 com um crescimento muito lento, conforme foi afirmado pelos agentes de Telecomunicações do Timor Leste no site de DadosMundiais.com¹⁶:

Em comparação com a média mundial, o Timor Leste está muito atrasado maciçamente no desenvolvimento das telecomunicações. Houve um total de 1,39 milhões de conexões sob o código do país +670 em 2021. Entre eles estavam 1,39 milhões de telefones celulares, o que corresponde a uma média de 1,0 por pessoa. Mundialmente, este número é de 1,0 telefones celulares por pessoa (DADOSMUNDIAIS.COM).

Conforme informação divulgada em 2015 no *site* Blogue do IILP (Instituto Internacional da Língua Portuguesa), sobre a promoção e a difusão da Língua Portuguesa¹⁷: Serra Leoa, 1,7% da população, Myanmar (Birmânia), 1,2% da população, Timor-Leste, 1,1% da população está em primeiro lugar como um país com menos conexão na internet. E, portanto, “o país menos conectado à internet no mundo é o Timor-Leste, na Ásia. [...] Dos cerca de 1,2 milhão de habitantes, pouco mais de 13 mil pessoas têm acesso à internet, o que representa 1,1% da população” (TECNOMUNDO).

Outro fato é que as pessoas desta geração ainda preferem, tanto para pesquisa quanto para o entretenimento, os métodos tradicionais. Como afirma MB (63), quando questionamos sobre viver no mundo tecnológico ou acompanhar as mudanças tecnológicas, justificou que se acostumou com o modo antigo e prefere ter nas mãos livros físicos, DVD ou fita cassete tanto para diversão quanto para pesquisas formais, a escutar músicas, assistir filmes ou ler na tela de computador ou *smartphones*. Para as questões bancárias, efetuar pagamentos, compras etc., elas não confiam nesses instrumentos (e nunca tiveram experiências com o meio eletrônico) (Diário do pesquisador, 2022).

Ainda assim, a resposta mostra também que 33,3% utilizam o Português como língua preferencial. Conforme foi afirmado anteriormente, entre os participantes desta pesquisa, alguns ainda são ativos, sobretudo na área de ensino, devido ao conhecimento da L.P. Dessa forma, é possível entender esse uso e a preferência por esta língua.

¹⁶[https://www.dadosmundiais.com/asia/timorleste/telecomunicacoes.php#:~:text=Internet%20de%20banda%20larga%20no%20Timor%20Leste%202003%20%2D%202021&text=Cerca%20de%2029%25%20de%20todos,de%20256%20kBit%2Fs\).](https://www.dadosmundiais.com/asia/timorleste/telecomunicacoes.php#:~:text=Internet%20de%20banda%20larga%20no%20Timor%20Leste%202003%20%2D%202021&text=Cerca%20de%2029%25%20de%20todos,de%20256%20kBit%2Fs).)

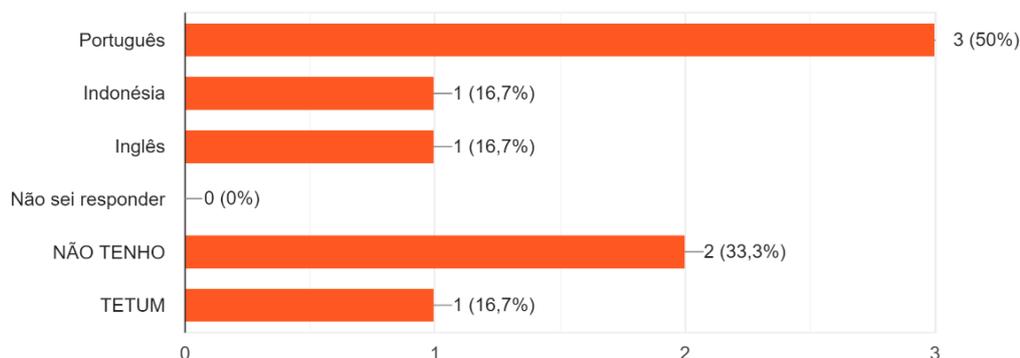
¹⁷ <https://iilp.wordpress.com/2015/06/24/o-pais-menos-conectado-a-internet-no-mundo-e-o-timor-leste/>

6.2.1.17 Pergunta e respostas 17

GRÁFICO 19: Pergunta e resposta 17 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974

17- Entre as línguas a seguir, qual delas você usa como a língua de entrada em algum aparelho eletrônico que tenha (celular, tablet, notebook, computador)?

6 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

As respostas destacam o Português com 50% como língua preferencial e 33,3% não usam os aparelhos mencionados. Em relação ao favoritismo para com L.P., assim como as respostas das questões anteriores que tratam da leitura, assistir e ler notícias, ouvir músicas etc., estas também sublinham as razões da formação, da facilidade com a língua e questões ideológicas.

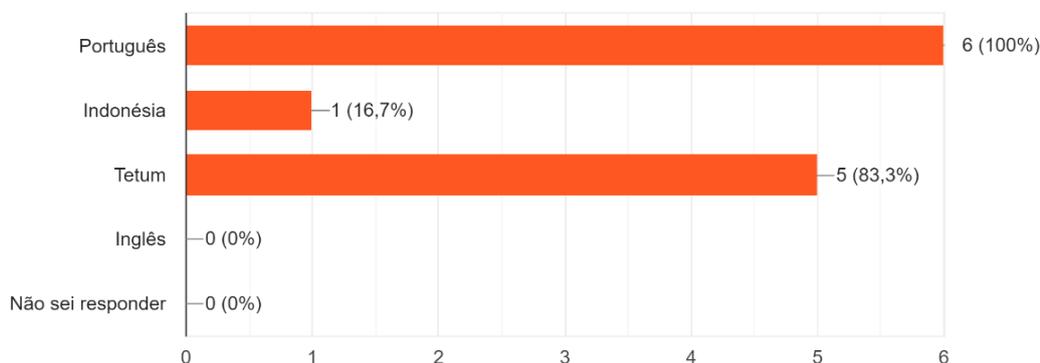
No que diz respeito àqueles que não têm aparelho, pode ser compreendido com o fato da precariedade e a lentidão do desenvolvimento tecnológico no país. Conforme mostra o *site* citado na questão 16, assim como o acesso à internet, o uso de celular e outros meios de comunicação também sofrem o mesmo impacto. Diante disso, é compreensível que algumas pessoas desta geração não possuam os aparelhos indicados.

6.2.1.18 Pergunta e respostas 18

GRÁFICO 20: Pergunta e resposta 18 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1950-1974

18- Qual língua você usa para leitura?

6 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

O Português e o Tétum são as línguas preferenciais desta geração para a prática de leitura, conforme mostram as respostas do gráfico acima. Em relação à escolha do Português, as razões são semelhantes às respostas das questões 13, 14 e 15, isto é, pela formação, portanto têm a facilidade com o Português, pela opção e princípios filosóficos e ideológicos que carregam nas experiências pessoais e históricas de T.L. Já o Tétum, é pela facilidade por ser a Primeira Língua Oficial e por ter relação com a segunda razão mencionada no parágrafo anterior.

6.2.2 Exposição, interpretação e análise das respostas das gerações de 1975 a 1999

As perguntas feitas para esta geração, nascida entre 1975 a 1999, são dirigidas às pessoas da época da invasão até a proclamação da independência, e conseguimos aplicá-las a pessoas de idade entre 24 a 40 anos, ou seja, nascidas entre 1983 e 1995. Conforme mostra a descrição histórica, anteriormente, o uso do Português para as pessoas dessa época tem o sentido de resistência diante dos variados obstáculos da busca pela liberdade e da luta pela independência.

TABELA 9: Forma de identificação dos participantes (1975-1999) no uso das suas falas

No	1	2	3	4	5	6	7
Nome	HFMM (36)	GFRM (24)	VESR (24)	FM (30)	NDM (35)	ERC (27)	BA (39)

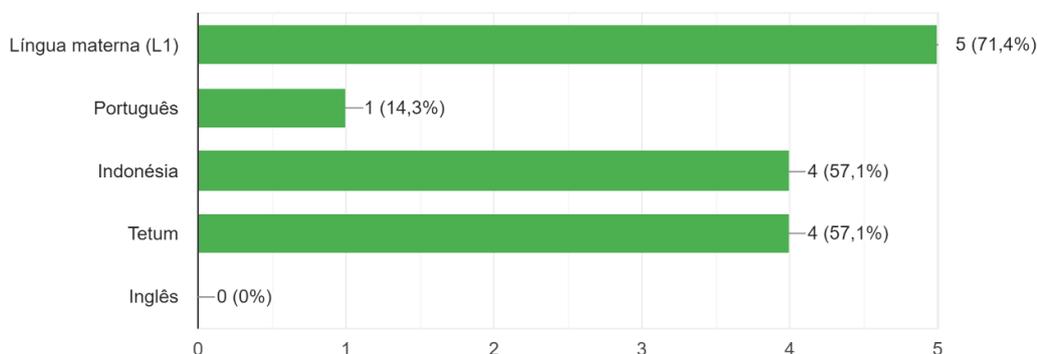
FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

6.2.2.1 Pergunta e respostas 1

GRÁFICO 21: Pergunta e resposta 1 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1975-1999

1- Com que línguas a seguir você usava para se comunicar com a família e amigos durante a invasão da Indonésia de 1974 a 1999? Marque mais de uma opção, caso tenha usado mais de uma.

7 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

As respostas do gráfico acima destacam a Língua Materna (L1) com 71,4%, as Línguas Indonésia e Tétum com 57,1% e a L.P. com 14,3%.

A opção pelo uso de L1 pode ser entendida com as seguintes justificativas: a Revolução dos Cravos teve um grande impacto nos territórios dominados pelos portugueses. Em T.L., surgiu, no ambiente político, os partidos políticos: UDT (União Democrática Timorense), ASDT (Associação Popular Democrática Timorense) que, mais tarde, transformou-se em FRETILIN (Frente Revolucionária de Timor Leste Independente), APODETI (Associação Popular Democrática Timorense) e, num segundo plano, KOTA e O Partido Trabalhista com diferentes visões sobre o futuro do país (cf. PRESTES, s/d, s/p).

Resumidamente, pode-se dizer que essas visões causaram conflitos e desavenças entre os timorenses, pois alguns queriam a independência, outros queriam se integrar à Indonésia e outros ainda queriam continuar com os portugueses. Dessa forma, “O Timor, da noite para o dia, viu o surgimento de partidos políticos e, a partir daí, surgiram divergências ideológicas que dividiram a população e causaram instabilidade no país” (PRESTES, s/d, s/p). Com isso, as tribos e a população se lançaram no intercâmbio comercial, misturando-se e interagindo nos mercados criados pelos portugueses. Ao retornarem para suas tribos e vilarejos, as pessoas retomaram suas línguas maternas.

O Tétum e, sobretudo, o Português já eram proibidos, por isso, o Português era o menos usado em comparação às outras línguas destacadas. Sendo assim, o uso de Tétum

ainda era necessário, pois os timorenses resistentes à invasão se comunicavam com a população que os apoiava usando esse idioma. Trata-se de um grupo de timorenses de todo território com o mesmo desejo de lutar pela independência. O Tétum era a língua de comunicação entre eles e o restante da população.

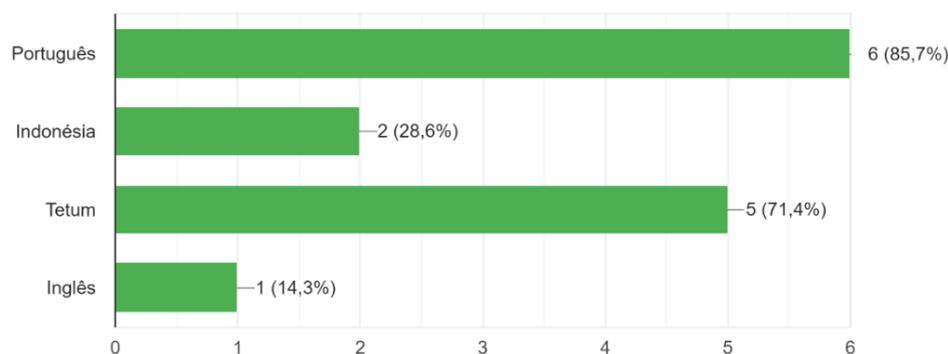
Já o destaque da Língua Indonésia se deu no avanço da propagação que ela teve depois do estabelecimento dos indonésios em T.L. A história mostra, conforme Leite (2007) e Freire (2011), citados anteriormente, além da proibição do Tétum e do Português, os invasores introduziram, rapidamente, no departamento administrativo e nos setores da educação, a Língua Indonésia. Ainda, é importante enfatizar que este o destaque da Língua Indonésia se deu também porque os participantes desta pesquisa são da faixa etária em que esta língua já tinha sido introduzida, especialmente na área da educação e, conseqüentemente, no cotidiano da sociedade.

6.2.2.2 Pergunta e respostas 2

GRÁFICO 22: Pergunta e resposta 2 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1975-1999

2- Qual língua você usa, hoje, para ler e escrever?

7 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

Tratamos, nesta questão, da língua usada por esta geração para a leitura e a escrita. Conforme mostram as respostas, o Português é o preferencial, seguido pelo Tétum como o favorito de 5 pessoas, o que corresponde a 71,4%, depois, a Língua Indonésia e, por último, o Inglês. A preferência pelo Português para esta geração tem um fundo político e sócio-histórico relacionado à resistência e ao protesto contra a invasão e, depois, pelo fato de esta ser, atualmente, a Língua Oficial do país.

Era de se esperar que os participantes dessa geração, alguns deles tendo nascido e vivido na época da dominação indonésia, tivessem facilidade em relação à Língua Indonésia, afinal sua presença e influência ainda é fortemente notada no meio da sociedade timorense, tais como no meio midiático (internet, televisão, redes sociais, mídia social etc.), comercial, com a presença dos indonésios no país e nos discursos religioso e político etc. No entanto, conforme relatou o participante BA (39), mesmo tendo uma fluência suficiente na Língua Indonésia, usava-a e ainda a usa só por necessidade. O participante tenta evitar tal língua porque quer aprender e usar as Línguas Oficiais do país. Além disso, sua família, o pai e o tio mais velho, em especial, sofreram durante a dominação (Diário do pesquisador, 2022). Sofrimentos que também eram sentidos no início da invasão e no estabelecimento da dominação em T.L., conforme contextualizada por Prestes (s/d):

A Indonésia praticou no Timor uma tática de humilhação da população e de desenraizamento do território para deixar o povo desprotegido e culturalmente morto, impossibilitando qualquer tipo de reação ao domínio. Atacaram o território e o povo, mas essencialmente atacaram sua cultura e sua dignidade. Mães e filhas eram violadas na frente da família, mais tarde, ocorreu a proibição da língua, comunidades inteiras eram retiradas de suas aldeias com o intuito de promover a perda de identidade do povo timorense e a ascensão da cultura indonésia (PRESTES, s/d, s/p).

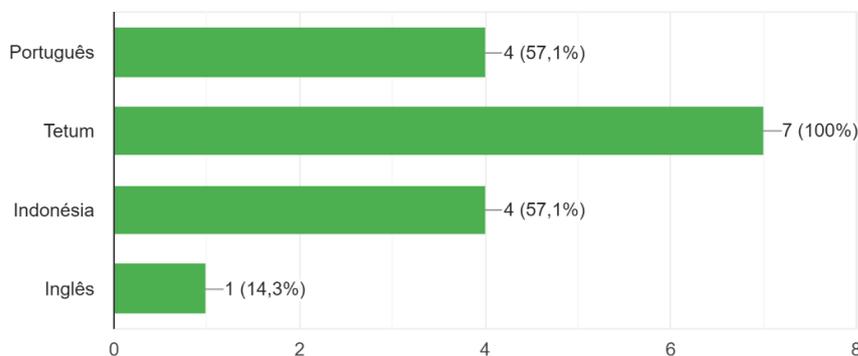
Além disso, a escolha também tem como base a realidade atual do país, isto é, o governo passou a implementar o Português no campo administrativo, nos registros, e na educação, na prática de ensino e nos materiais de ensino. Em relação ao uso integral do Português nesses campos, no entanto, ainda é uma realidade ilusória para a maioria.

6.2.2.3 Pergunta e respostas 3

GRÁFICO 23: Pergunta e resposta 3 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1975-1999

3- Em quais línguas, a seguir, você usava para escutar rádio, escutar música, assistir televisão, assistir filmes? Marca mais de uma opção.

7 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

As respostas a essa pergunta mostram que o Tétum é o favorito das pessoas desta geração para escutar música e assistir à televisão. Já os filmes estavam disponíveis nas outras três línguas, pois os de origem internacional não existiam nem dublados nem legendados em Tétum na época.

A escolha do Tétum também carrega razões políticas e sócio-históricas. Mesmo proibidos, os resistentes ou pro-independentes criavam meios para convencer a população a continuar o protesto, a indignação e a insatisfação pela dominação dos indonésios direta e indiretamente, e a língua foi um meio poderoso para demonstrar essa resistência.

Ainda que proibido, o Português continuava sendo usado nesses meios, nas rádios para incentivar, anunciar e denunciar os abusos dos invasores e os avanços na busca da independência. Com essas justificativas, é possível afirmar que, mesmo estando sob a dominação e a imposição da Língua Indonésia no campo administrativo e educacional, ela não era a preferida no cotidiano entre a maioria da população, conforme mostra o gráfico 23.

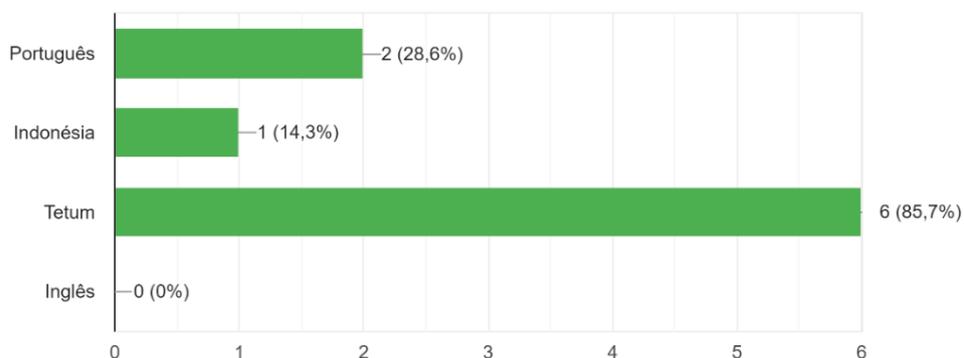
O participante BA (39) também foi questionado a respeito desse assunto e respondeu que, como ainda está no processo de aprendizagem do Português, usa mais o Tétum para escutar música e assistir as notícias na televisão. Já os filmes, arrisca a assistir em Português ou Inglês (Diário do pesquisador, 2022). Além dele, foi perguntado também a GFRM (24), aluna do curso de L.P. da UNTL, e respondeu que, para fins de aprendizagem, prefere o Português, mas, para fins de lazer (escutar músicas, assistir a filmes), usa o Tétum ou o Inglês.

6.2.2.4 Pergunta e respostas 4

GRÁFICO 24: Pergunta e resposta 4 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1975-1999

4- Qual(is) língua(s) era(m) usada(s) nas celebrações religiosas (missas) na sua juventude?

7 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

A Língua Tétum foi a língua principal nas celebrações religiosas, conforme demonstram as respostas apresentadas no gráfico acima. A principal razão é a base plantada pelos primeiros missionários católicos na evangelização do país. Optaram pela realização dos seus trabalhos inicialmente em Português, depois inseriram o Tétum por meio das traduções de orações, livros litúrgicos etc. Com isso, essa língua foi adquirindo reconhecimento no meio do povo (cf. SILVA, 2014).

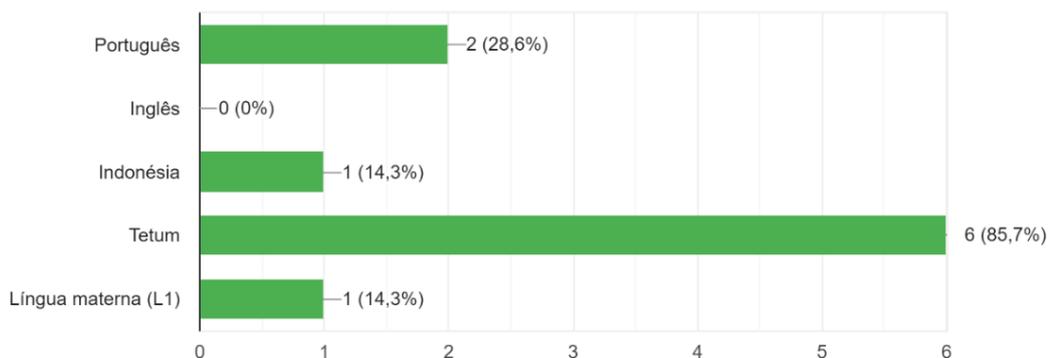
Outro fator importante na escolha dessa língua foi a política, isto é, a igreja foi outra base de apoio aos pró-independentes ao longo da ocupação. Portanto, o uso dessa língua é uma forma de manter viva a esperança, pois no meio das orações e das homilias, os padres comunicavam os planos e estratégias dos líderes da resistência.

O destaque do Português se deu pelo uso dessa língua em determinados locais. Citamos como exemplo, o Seminário de Nossa Senhora de Fátima (cf. figura 8), a casa de formação dos candidatos a padres diocesanos que usava o Português no seu currículo de ensino, mesmo com o país estando sob a dominação dos indonésios. A Língua Indonésia era usada na cidade ou nos locais em que o padre era indonésio.

6.2.2.5 Pergunta e respostas 5

GRÁFICO 25: Pergunta e resposta 5 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1975-1999

5- Qual(is) língua(s) era(m) usada(s) nas campanhas políticas quando você era jovem?
7 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

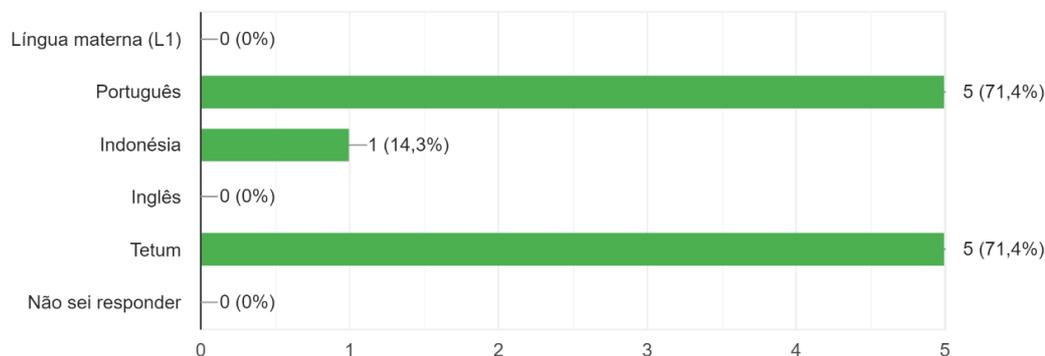
Tratamos nesta questão sobre as línguas usadas nas campanhas políticas durante a ocupação. Com a presença do governo indonésio, chegaram também os partidos políticos e, conseqüentemente, as campanhas políticas. Os timorenses continuavam divididos, apoiando um ou outro partido, visando a sobrevivência diante das retaliações quando as estratégias da resistência eram descobertas.

A campanha mais forte que marcou esta geração, provavelmente, foi a admissão do referendo decretado por Bacharuddin Jusuf Habibie, presidente da Indonésia de 1998 a 1999, com o intuito de que o povo timorense optasse pela integração à Indonésia ou a autonomia. Foi a ocasião para se ouvir os líderes resistentes e a população, portanto, o Tétum e o Português foram as línguas mais importantes neste evento.

6.2.2.6 Pergunta e respostas 6

GRÁFICO 26: Pergunta e resposta 6 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1975-1999

6- Qual(is) língua(s) era(m) usada(s) nos discursos dos governantes, na época da sua juventude?
7 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

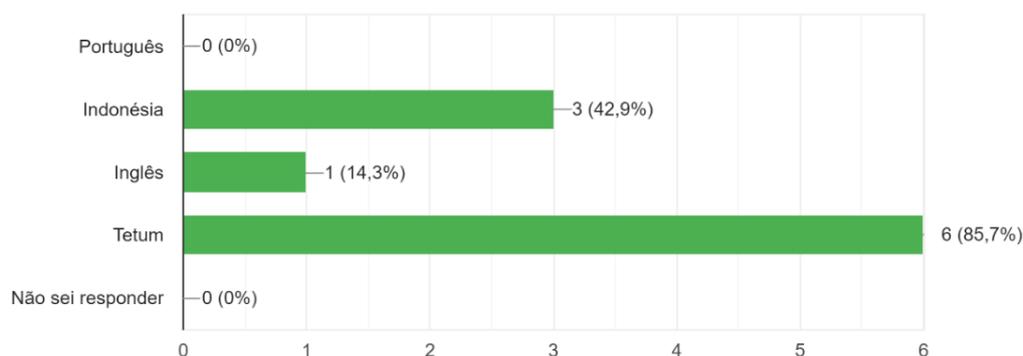
As línguas usadas nos discursos dos governantes na época da ocupação, segundo as respostas do gráfico acima, são a Portuguesa e o Tétum. Pelas idades dos participantes, nascidos entre 1983 e 1995, supomos que suas respostas se referem, principalmente, ao anúncio da conquista da independência, em 4 de setembro de 1999. É o que se indica a partir das falas dos participantes BA (39) e HFMM (36), pois afirmaram que os discursos mais marcantes foram os discursos após a vitória com 78,5% de votos a favor da independência de T.L., anunciada pela comissão da ONU responsável pela organização daquela eleição. Disseram também que, naquela ocasião, os pronunciamentos foram feitos majoritariamente em Português para a comunidade mundial e em Tétum para a comunidade local (Diário do pesquisador, 2022).

6.2.2.7 Pergunta e respostas 7

GRÁFICO 27: Pergunta e resposta 7 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1975-1999

7- Qual(is) língua(s) era(m) usada(s) na escrita de cartas, se você precisasse enviar alguma, na sua juventude?

7 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

De acordo com as respostas, as pessoas dessa geração costumavam escrever cartas em Tétum. É importante afirmar que a escrita de carta não é comum para maior parte dos timorenses. As pessoas têm o costume de enviar um mensageiro quando se trata de assuntos culturais formais, sobretudo, entre as tribos, não importa a distância, a situação e a condição. Além disso, existiam agências, chamadas *kantor post* (equivalente aos Correios), mas serviam mais para enviar cartas para fora do país. Dessa forma, apenas as famílias que tinham alguém fora do país costumavam usar este meio. Nesse caso, o uso das Línguas Inglesa e Indonésia era necessário.

Nessa época, a carta também era usada como ferramenta de comunicação entre os jovens e adolescentes, ou seja, as pessoas dessa faixa etária trocavam cartas e esse gênero era visto como uma forma de comunicação romântica, pois o namoro não era liberal. Para melhor entender esse fato, nas culturas tradicionais dos timorenses, o namoro, noivado e casamento precisam seguir certos critérios. Relata Prestes (s/d), sobre o casamento, que:

Os noivos nunca se escolhem, elas são escolhidas pela família do noivo em concordância com a família da noiva. E o pedido sempre necessita partir da família do noivo, o contrário seria um atrevimento social por parte da mulher. A escolha é feita mediante preenchimento de uma série de requisitos de comportamento social dos noivos antes e depois do noivado, bem como se a família segue as tradições apropriadamente. [...] A pena para quem não segue as tradições é a exclusão social e

o recebimento de rótulos que para a cultura timorense são humilhantes e motivo de vergonha¹⁸ (PRESTES, s/d, s/p).

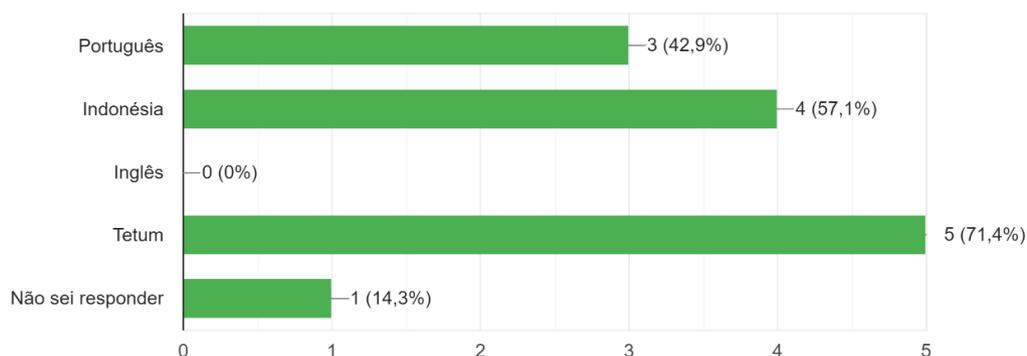
Assim sendo, confirma HFMM (36) que costumava se comunicar, através da troca de cartas, com sua namorada, secretamente, na época do Ensino Secundário, pois tinha medo que alguém descobrisse. Escrevia sempre em Tétum porque gostava de criar códigos de comunicação que só os dois conheciam. Às vezes usava a Língua Indonésia para fazer cantadas, que copiava dos livros de histórias de amor (Diário de pesquisador, 2022). Como se percebe, a escrita de cartas existia e nelas era mais frequente o uso do Tétum. Levando-se em conta as realidades dos participantes desta pesquisa, a prática da escrita da carta tem como fim o meio de comunicação entre os jovens nos seus relacionamentos amorosos, principalmente.

6.2.2.8 Pergunta e respostas 8

GRÁFICO 28: Pergunta e resposta 8 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1975-1999

8- Qual(is) língua(s) era(m) usada(s) na rádio, televisão e jornais (impressos) da época da sua juventude?

7 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

As respostas acima demonstram que o Tétum era a língua usada nos meios de comunicações como rádio, televisão e jornais impressos. Essas respostas podem ser confundidas, pois a situação local, por um lado, ainda estava sob a proibição das Línguas Portuguesa e Tétum. Por outro lado, no entanto, são justificáveis à medida que se referiam aos últimos anos da ocupação, precisamente após o acontecimento do Massacre de Santa Cruz, 12

¹⁸ É um fato cultural que ainda persiste em algumas regiões do TL.

de novembro de 1991, em que o mundo voltou o olhar ao T.L. e começaram as denúncias contra a Indonésia.

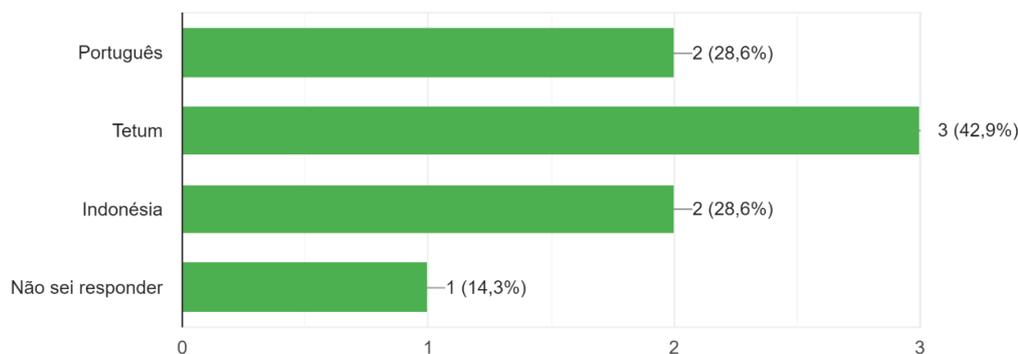
Tendo isso como pano de fundo, esse fato também incentivou o aparecimento público dos líderes da resistência, chamados a se pronunciarem e organizarem os grupos para protestos etc., e despertar o apoio da população na luta pela independência. Juntamente com isso, os meios de comunicações que transmitiam notícias ou comunicações clandestinas em Tétum e Português começaram a tomar coragem de se revelar. Dessa forma, os participantes desta pesquisa podem se referir a este momento, afinal a época de juventude deste público se encontra entre os anos finais da ocupação e o início da independência.

6.2.2.9 Pergunta e respostas 9

GRÁFICO 29: Pergunta e resposta 9 do questionário aplicado a sujeitos da geração

9- Hoje, nós temos notícias na TV em línguas: Portuguesa, Tetum e Indonésia. Qual é a sua preferência?

7 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

Como se pode observar, o Tétum é a língua preferencial desta geração, hoje, no acesso às notícias televisivas. Conforme descrito anteriormente, existem, atualmente, 3 ou 4 emissoras de televisões em T.L. responsáveis pela transmissão de notícias locais e internacionais nas línguas destacadas na pergunta. Dessa forma, a escolha do Tétum pode ser entendida, primeiro pela facilidade da compreensão por ser a língua nacional local. Segundo, tomando como base o relato de BA (39), citado na justificativa das respostas à pergunta 2, pode ser um ato de princípio ideológico político, por razões do passado que ainda persistem em algumas pessoas.

Outro fator que contribui para a escolha do Tétum é fato que as notícias locais são anunciadas nele e algumas são traduzidas para as Línguas Indonésia e Portuguesa.

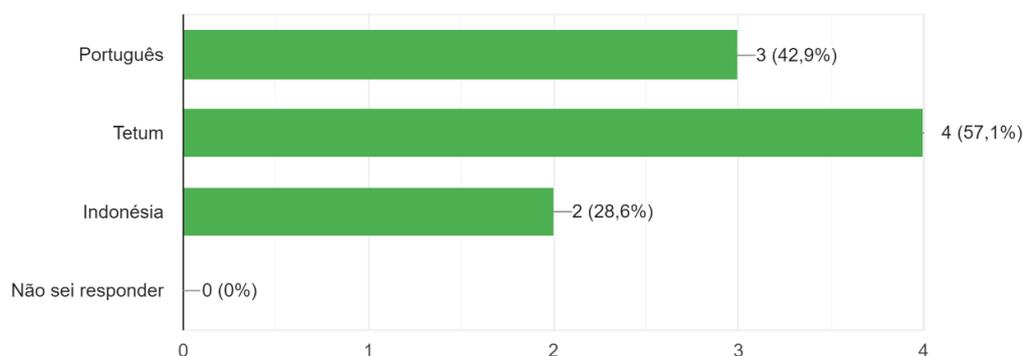
Em relação às opções pelas outras duas línguas destacadas nas respostas, deve-se ao fato de que nem todas as informações internacionais são traduzidas para o Tétum. Entre essas informações, estão as notícias relacionadas ao esporte, mundo dos famosos, etc. ou seja, conteúdos que atraem o público jovem.

6.2.2.10 Pergunta e respostas 10

GRÁFICO 30: Pergunta e resposta 10 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1975-1999

10- Temos jornais impressos nas línguas: Portuguesa, Tetum e Indonésia. Qual é a sua preferência?

7 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

Assim como as respostas da questão anterior, o Tétum também é preferencial para as pessoas desta geração, hoje, para com o acesso aos jornais impressos. Também foi descrito anteriormente que os jornais impressos são compostos nas três línguas destacadas na pergunta desta questão, além do Inglês.

O Português ocupa as páginas fixas nos jornais Jornal Nacional Diário e Jornal Timor Post (cf. figuras 13 e 14). Já a Língua Indonésia ocupa, nesses dois jornais, o primeiro a página de esporte ou Desporto e o segundo a página de Opinião, conforme mostram imagens que se seguem.

FIGURA 18: Jornal Timor Post

OPINIAUN KINTA 06 OUTUBRU 2022 **Timor Post**

"Ita nia uma kain ne'ebé agora konsidera hanesan benefisiáriu subsidiu 200 USD hamutuk 339 110 maka sai hanesan abun agora ami prepara móa planu alividade durante ba pagamentu nian"
Koordenaдор Jerál ba Subsidiu 200 USD

João Coimbra

Timor Post
Edisaun 05 Outubro 2022

Mengembalikan Moralitas Universal Lembaga Pendidikan



Thobib Al-Asyhar
Dosen Pascasarjana SKSG
Universitas Indonesia,
Kasubdit Kelembagaan
dan Kerja Sama DIKTIS
Kementerian Agama

kontra-produktif dari capaian pendidikan.

Pengalaman paling mengesankan saat belajar di pesantren adalah hukuman ta'zir bagi mereka yang melanggar aturan pondok, seperti memutar toilet karena keluar pondok tanpa izin atau nonton layar tancap di luar, dll. Ta'zir paling tinggi yang didapatkan adalah cukur gondul (botak) karena beberapa kali melanggar aturan. Artinya, penerapan hukuman tersebut tidak ada kekerasan (violence) yang membuat trauma, tetapi lebih bersifat hukuman sosial yang diharapkan dapat membuat jera santri/anak didik agar tidak mengulanginya.

Rasulullah adalah teladan sangat penting yang mengajarkan bagaimana men-

Di sinilah urgensi remaja harus selalu dianggap "ada", dan jangan mudah dihukumi negatif. Ketiga, usia anak di atas 14 tahun agar diperlakukan sebagai "sahabat". Pada usia perkembangan ini anak sudah mulai beranjak dewasa muda yang sangat memerlukan "peer group". Mereka butuh teman ngobrol untuk didengar dan diperhatikan.

Usia remaja akhir dan dewasa awal sangat nyaman bersama dengan orang-orang yang mengapresiasi dan mendukung terhadap perkembangan jiwanya. Memperlakukan anak didik pada usia 14 tahun ke atas sebagaimana layaknya sahabat akan menguatkan imunitas jiwa yang bersahabat. Keluh kesah yang didengar, curhat yang dipedulikan, harapan

naati untuk berhenti lampu lalu lintas yang menyala merah didasarkan faktor karena takut pada penegak hukum (polisi) yang akan menilang bagi yang melanggar. Atas alasan itu, lalu kemudian orang mau menaati aturan lalu lintas. Ketaatan ini merupakan level moral paling rendah. Kedua, tahap konvensional.

Seseorang mulai menyesuaikan sikapnya dengan kesadaran tertib sosial yang berlaku dalam masyarakat tertentu. Ia mulai keluar dari sikap egois yang mementingkan diri sendiri dan mulai melihat kebahagiaan dan kenyamanan orang lain sebagai sesuatu yang patut diperjuangkan. Di sini seseorang juga mulai menaruh orientasi tata tertib sosial atau norma-norma yang berlaku dalam masyarakat. Pada

FONTE: Arquivo do pesquisador

FIGURA 19: Jornal Nacional Diário

Desporto

GMN 8
Grupo de Média Nacional



**Allegri: Juventus
Enggak Perlu Main Cantik!**

TURIN - Juventus akhirnya kembali ke jalur kemenangan setelah mengalahkan Spezia 2-0. Pelatih Juve Massimiliano Allegri memprioritaskan kemenangan bukan main cantik. Bianconeri menghadapi Spezia di Allianz Stadium dalam lanjutan Liga Italia, Kamis (1/9/2022) dinihari WIB. Juve memulainya dengan meyakinkan setelah Dusan Vlahovic memberi keunggulan kilat usai membuka skor di menit kesembilan. Juventus baru bisa menambah golnya saat pertandingan segera berakhir. Pemain baru Arkadiusz Milik memaksimalkan umpan Fabio Miretti untuk mencetak gol kedua di masa injury time. Di dalam pertandingan itu, terdengar cemooohan dari sebagian supporter Juve karena tidak puas dengan gaya bermain usung Allegri. Namun, sang juru taktik menegaskan, bahwa main cantik bukanlah yang dibutuhkan Juve sekarang. "Hal yang penting di fase musim ini adalah membawa pulang hasilnya," ucap Allegri kepada Sky Sport Italia. "Kami masih saling mengenal, tidak mudah, tapi apa yang penting adalah kami memperbaiki bagaimana kami mengendalikan permainanannya." "Tim ini adalah sebuah tim yang tidak memenangi Scudetto selama dua tahun. Pada musim lalu kami tidak memenangi apapun, jadi pemain-pemain ini butuh dukungan dan bantuan selama pertandingan," sambung eks pembesut AC Milan ini. "Saya selalu bilang, dan saya tidak malu mengatakannya bahwa saya tidak menyukai sepakbola atraktif yang tidak menang. Kami seharusnya fokus bermain lebih efisien daripada bermain cantik," lugas Allegri. Kemenangan atas Spezia berarti Juventus memutus tren hasil seri yang diterima di dua pertandingan sebelumnya. Juve kini menempati posisi empat klasemen Liga Italia dengan perolehan delapan delapan poin, terpaut dua poin dari AS Roma di puncak.

Tuchel Didenda Kritik Wa

Manajer Chelsea Thomas Tuchel didenda Michael Regan)

London - Thomas Tuchel kembali dihukum FA. Manajer Chelsea itu didenda ratusan juta rupiah karena komentarnya terkait wasit yang memimpin laga melawan Tottenham Hotspur. Tuchel mengkritik kepemimpinan wasit Anthony Taylor setelah Chelsea diimbangi Tottenham 2-2 dalam pertandingan "panas" di Stamford Bridge (14/8/2022). Tuchel mengkritik Manajer Jerman itu tak puas dengan performa Taylor karena mengesahkan gol-gol penyama Spurs, karena menurut dia sebelumnya ada pelanggaran-pelanggaran yang terjadi. Saking kecewanya, Tuchel merasa Taylor tidak usah lagi ditugaskan memimpin pertandingan-pertandingan Chelsea. "Mungkin akan lebih baik, mungkin akan lebih baik," jawab mantan pembesut Borussia Dortmund

Liverpool vs Newcastle United: The Reds Buntu, Tertinggal 0-1 di Babak Pertama

LIVERPOOL - Liverpool tertinggal dari Newcastle pada babak pertama laga pekan kelima Liga Primer Inggris 2022/2023. The Reds sementara defisit 0-1 dalam laga Newcastle pun sekali-kali kerap melancarkan serangan balik. Hal itu dengan memanfaatkan lengahnya para pemain Liverpool karena asik



FONTE: Arquivo do pesquisador, 2022

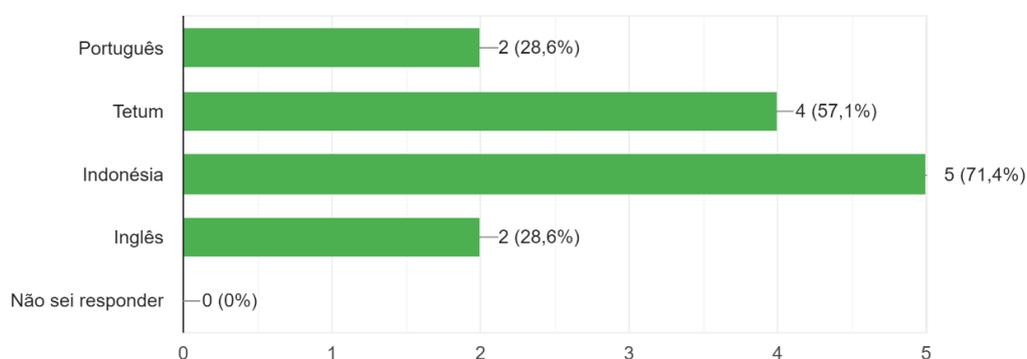
Tendo como base esses fatos, é possível afirmar que a escolha pelo Tétum corresponde ao domínio dessa língua que se vê nesse meio, pelo próprio público. Já as outras duas línguas, são menos usadas neste meio: a Língua Indonésia, de modo específico, apresenta uma porcentagem baixa e isso pode ser entendido com as razões ideológicas dos timorenses, discutidas anteriormente.

6.2.2.11 Pergunta e respostas 11

GRÁFICO 31: Pergunta e respostas 11 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1975-1999

11- As rádios de hoje tocam músicas em várias línguas diferentes. Em qual delas a seguir você gosta mais de ouvir?

7 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

Quando se trata de música tocada nas rádios, especificamente, este público tem a preferência pela Língua Indonésia. Este é um fato que pode ser explicado com a presença dos estilos musicais com os quais as pessoas desta geração se identificam. De fato, as rádios locais tocam diferentes estilos e tipos de músicas, contudo, os jovens se identificam com o ritmo musical da Indonésia. Afirma VESR (24) que a escolha de músicas se dá, inicialmente, pelo ritmo e depois pelo sentido. Para ela, as letras das músicas da Indonésia são fáceis de entender por que retratam as realidades semelhantes à de T.L. (Diário do pesquisador, 2022).

Além dessa facilidade, a preferência tem a ver com a dificuldade que as pessoas ainda têm com as músicas em Línguas Inglesa e Portuguesa, pois realidades e contextos, elementos básicos para a construção de sentidos eficazes, são distantes da realidade local. Relatou GFRM (24) (aluno de L.P.) que gosta de ouvir as músicas em L.P. para aprender o Português, mas, por vezes, se irrita e não dá continuidade à audição porque não consegue entender o sentido da música. Disse também que há muitas músicas boas fáceis de encontrar na internet, mas, ao mesmo, tempo são complexas e, para as pessoas que não conhecem bem a realidade, história, contexto da sua origem e ainda com limitação na língua, não é interessante (Diário do pesquisador, 2022).

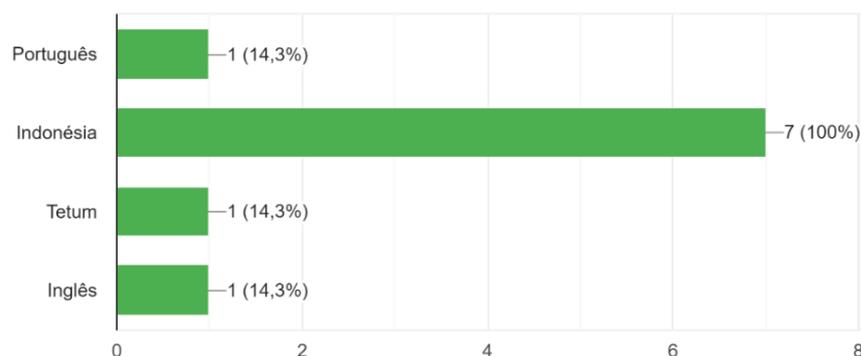
O fato de haver a escuta de músicas em Tétum pode ser compreendido por ser a língua local. Sua posição, de acordo com o gráfico anterior, explica a situação local para com a

produção e o desenvolvimento dessa língua na sociedade timorense, isto é, as músicas em Língua Tétum produzidas e lançadas no território nacional é algo precário. Dessa forma, as pessoas optam pelas músicas estrangeiras e, conforme as respostas, as da Língua Indonésia são as favoritas da geração nascida entre 1975 a 1999.

6.2.2.12 Pergunta e resposta 12

GRÁFICO 32: Pergunta e resposta 12 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1975-1999

12- Com que língua a seguir você costuma usar para navegar ou fazer pesquisas na internet?
7 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

A Língua Indonésia é a mais usada pelas pessoas desta geração para navegação ou pesquisas na internet. O Tétum, até a realização desta pesquisa, ainda não é uma língua de configuração do meio da internet. O que se tem neste campo são as notícias locais ou internacionais traduzidas ou escritas nele. Ainda, a pesquisa com ele tem um alcance limitadamente nacional.

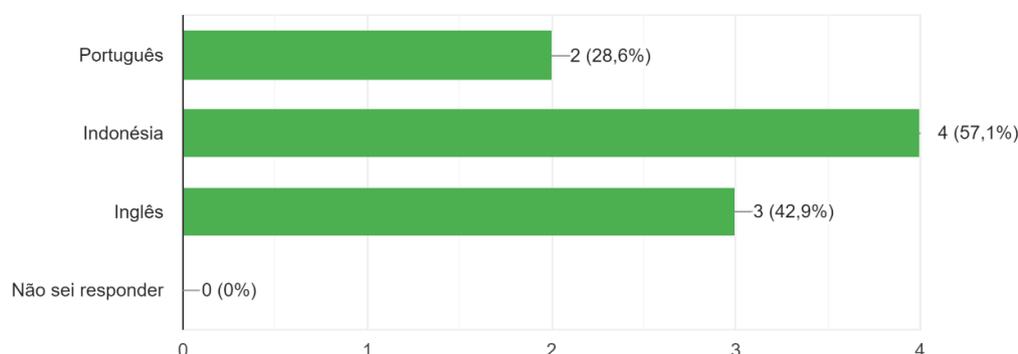
Português e Inglês são duas línguas mundiais, mas, ao mesmo tempo, ainda representam dificuldades para a maioria dos timorenses. Assim sendo, geralmente quem recorre a elas é o público acadêmico elevado, segundo VESR (24), aluna universitária de 7º período, que usa muito a internet para fazer pesquisas, mas sempre com a Língua Indonésia (Diário do pesquisador, 2022).

6.2.2.13 Pergunta e respostas 13

GRÁFICO 33: Pergunta e resposta 13 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1975-1999

13- Entre as línguas a seguir, qual delas você usa como a língua de entrada em algum aparelho eletrônico que tenha (celular, tablete, notebook, computador)?

7 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022.

Assim como as respostas da questão anterior, o público desta geração também usa a mesma língua na configuração de seus aparelhos eletrônicos. A escolha deve apresentar as mesmas justificativas, isto é, o Português e o Inglês ainda são, para a maioria dos timorenses, difíceis e complexos. Além disso, não se pode recorrer ao Tétum porque os aparelhos ainda não são configurados nessa língua.

6.2.2.14- Pergunta e respostas 14

TABELA 10: Pergunta e resposta 14 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1975-1999

14- Você se lembra de algum lugar específico em que o uso de português fosse obrigatório para ter acesso? Quais (você consegue mencionar algum)?

7 respostas

- não lembro
- Escola de Rui Cinnati Dili (o nome certo é Ruy Cinatti) ¹⁹ - centro da Língua Portuguesa, UNTL - biblioteca da embaixada Portugal
- não lembro
- cartas oficiais, como em escolas - igreja - governo
- Brasil - Portugal (embaixadas) - Cabo Verde
- escola - curso (de Língua Portuguesa) - igreja
- não lembro

FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022.

¹⁹ Correção nossa; acréscimos (entre parênteses) dados ao pesquisador, para melhor compreensão da resposta.

Antes da interpretação dessas respostas, alguns esclarecimentos precisam ser feitos. Primeiro, a pergunta foi feita com o verbo “lembrar” em tempo presente e a opção teve como intuito de que os participantes focalizassem no momento atual. Segundo, as afirmações que estão em parênteses são acrescentadas depois do pedido de esclarecimento feito por mim (pesquisador), além da correção do nome da escola.

De modo geral, os espaços e as instituições apresentados nas respostas acima demonstram os diversos lugares onde, segundo os participantes, é obrigatório o uso da Língua Portuguesa. Entre eles, pode-se confirmar as embaixadas, a Escola Portuguesa Ruy Cinatti²⁰, o Curso de Língua Portuguesa e as cartas oficiais dirigidas pela escola aos departamentos governamentais, ao Ministério da Educação, por exemplo. Outros são questionáveis, pois, para a minha prática de observação e aplicação dos questionários deste trabalho, estive pessoalmente em T.L. no período de agosto a outubro de 2022. E, ao longo deste tempo, tive a oportunidade de visitar e observar o uso do Português nos vários lugares, como escolas do ensino básico na capital, a biblioteca da embaixada portuguesa, igrejas (para participar das missas em L.P.), o centro de L.P. UNTL (Universidade Nacional de Timor Leste) e conversei com alguns alunos do curso de L.P. Diante disso, conforme relatei anteriormente, minha entrevista de cadastro na biblioteca da Embaixada Portugal foi feita em Tétum. Ainda, no meu acesso ao Centro da Língua Portuguesa UNTL, observei que o uso do Português era esporádico, pois a maioria dos funcionários, inclusive alguns professores, conversavam entre si em Tétum ou na língua regional em caso de serem da mesma região ou tribo.

Em relação às igrejas, existem celebrações em Língua Portuguesa, portanto toda participação deve levar em consideração e requer a fluência da língua, ao menos, nas habilidades de escuta e compreensão das pregações e orações recitadas ao longo da celebração. Contudo, não é obrigatório o uso do Português como indicado em algumas respostas acima. No que se refere à escola apontada na penúltima linha da tabela, é provável que se referisse às novas escolas de Língua Portuguesa que se estabelecem na capital do país e fora dele nos últimos anos, além da que foi mencionada aqui porque, entre aquelas que visitei

²⁰ Conforme o *site* da escola, A Escola Portuguesa Ruy Cinatti, era denominada, inicialmente, como Escola Portuguesa de Díli. Em 2010/2011 passou a ser denominada Escola Portuguesa de Díli: Centro de Ensino e Língua Portuguesa e, no ano de 2011/2012, foi estabelecido o nome oficial de Escola Portuguesa Ruy Cinatti: Centro de Ensino e Língua Portuguesa, em homenagem ao seu patrono. Fundada em 2002, como resposta a pedido do então presidente de Timor Leste, Xanana Gusmão, feito durante a cerimônia da Independência de Timor-Leste a 20 de maio de 2002. Hoje é conhecida como uma escola que funciona na sua totalidade administrativa com a Língua Portuguesa (Contexto histórico da escola. Disponível em: <https://www.dgae.medu.pt/eepe/escola-portuguesa-de-dili>. Acesso em: 18 jan. 2023).

e as duas em que fiz minhas práticas de observações, está longe de ser obrigatório o uso do Português para o acesso.

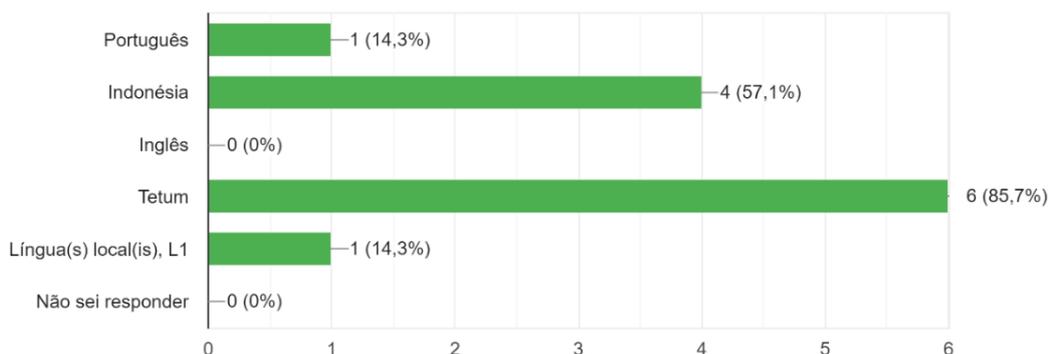
Por fim, é certo reconhecer que, por meio dessas respostas, é possível se ter uma noção geral das crenças dos respondentes quanto à presença do Português em diferentes lugares no território nacional. No que se refere à representação social, no entanto, os espaços e entidades apontados, os que se aproximam do cotidiano são biblioteca, igrejas e o centro universitário mencionado, sendo assim, o uso dessa língua é relativo, dando a possibilidade de se entender que a exigência do uso continua a prevalecer para a elite, afinal quem acessa as embaixadas são as pessoas com condição para viajar; crianças e jovens que estudam nas escolas de Língua Portuguesa são de famílias com melhor condição financeira e aqueles que escrevem e conversam com os agentes governamentais são as pessoas que ocupam cargos à altura.

6.2.2.15 Pergunta e respostas 15

GRÁFICO 34: Pergunta e resposta 15 do questionário aplicado a sujeitos da geração 1975-1999

15- Com que língua(s) eram feitos os negócios (comércio - compra e venda) na época da sua juventude?

7 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

De acordo com as respostas apresentadas no gráfico acima, estando sob a dominação dos indonésios, o Tétum era o mais usado no meio comercial. Isso pode ser justificado porque: primeiro, trata-se de uma língua usada nas lojas das cidades grandes até os mercados tradicionais nas regiões mais remotas. Com isso, é de se esperar que o Tétum fosse o mais usado, afinal os comércios, os mercados eram dominados pelas populações vindas do interior com os seus produtos locais. Além disso, as pessoas que pretendiam adquirir os produtos dos

dominadores eram a população local e as rurais, ou seja, são pessoas que falavam, basicamente suas línguas locais e o Tétum. Nessa situação, os comerciantes indonésios se viam obrigados a aprender, sobretudo, o Tétum. Segundo, entre os timorenses, graças ao trabalho de evangelização dos primeiros missionários, o Tétum teve uma propagação ampla no território timorense.

O uso da Língua Indonésia ocorreu, sobretudo, na capital do país, Dili, centro do comércio local com os produtos provenientes da Indonésia e de outros lugares. As pessoas que frequentavam e faziam negócios neste local eram empresários e, com isso, apresentavam conhecimentos da Língua Indonésia e de outras línguas que ali se encontravam. O Português, por sua vez, era usado também, provavelmente, entre as pessoas da geração anterior.

6.2.3 Exposição, interpretação e análise das respostas das gerações 2001 a 2022

Este questionário foi aplicado a timorenses da geração pós-referendo, ou seja, início da independência (2001) ao ano da realização desta pesquisa (2022). Ao contrário do processo de aplicação das duas gerações anteriores, este foi com o número de pessoas inicialmente planejado: 10 participantes, que estão na faixa etária entre 13 e 23 anos, portanto que nasceram entre os anos de 2000 e 2010.

O Português, para essa geração, tem a relevância de ser uma das línguas oficiais, a principal na área administrativa e do ensino no território nacional como um todo. Diante disso, é de se esperar que o desenvolvimento, o emprego e o acesso a essa língua devem ser diferentes das gerações anteriores. Conforme será mostrado nos resultados obtidos, a realidade se apresenta com o sinal trocado, indicando o contrário do que se esperava. No que se refere ao uso, as respostas demonstram que, diferentemente da geração que viveu à época da dominação portuguesa, vê-se a L.P. restrita à escola.

TABELA 11: Forma de identificação dos participantes (2000-2022) no uso das suas falas

Nº	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Nome (idade)	JCS (20)	CLTS (18)	ARF (22)	VSSS (15)	ZFFM (15)	LESBA (16)	ESS (18)	CMAMS (15)	SRSS (15)	DAH (15)

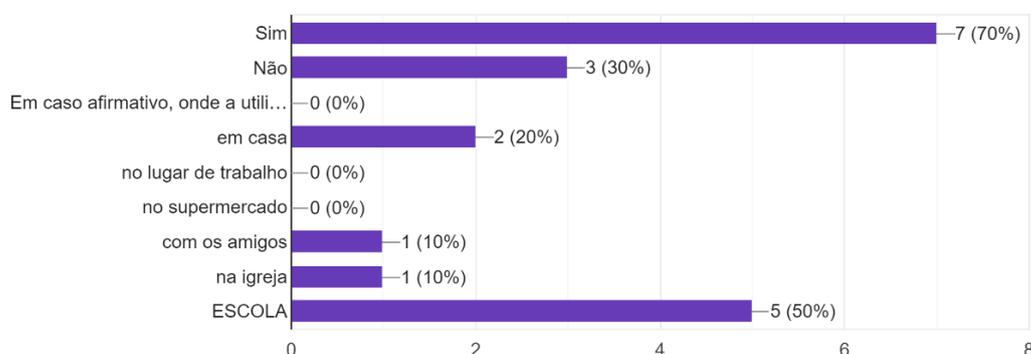
FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022.

6.2.3.1 Pergunta e respostas 1

GRÁFICO 35: Pergunta e resposta 1 do questionário aplicado a sujeitos da geração 2000-2022

1- Hoje, nós temos a Língua Portuguesa como uma das nossas línguas oficiais. Você a utiliza no seu dia a dia?

10 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

Tratamos, nesta primeira questão, do uso do Português no cotidiano da geração nascida entre 2000 e 2022. Conforme o gráfico acima, este é usado, cotidianamente por esta geração, quase sempre, na escola, seguida do uso em casa, depois com amigos e na igreja.

O uso na escola é uma realidade atual e, de acordo com as observações feitas, anteriormente descritas, as escolas são o principal e “quase” único espaço em que as novas gerações estão tendo acesso, aprendizagem e o desenvolvimento da L.P. Isso se deve à política educacional desde que o Português se tornou obrigatório para a prática de ensino das disciplinas, tendo como exceção o ensino e a aprendizagem das Línguas Inglesa, Indonésia e Tétum.

Seu uso em casa, geralmente, depende da composição do núcleo familiar, porque os membros, conforme faixa etária, podem ser só da época da invasão da Indonésia, composto por pessoas que não têm facilidade com o Português, e usam mais outras línguas. Neste contexto, o Português ainda pode ser ouvido pelas influências lexicais e gramaticais que tem com o Tétum.

Numa outra realidade, o círculo familiar pode ser composto pela da geração da colonização portuguesa e da dominação Indonésia. Neste caso, o cenário é diferente e o emprego do Português é comum nas expressões diárias, nas orações familiares e na participação nos eventos como celebrações religiosas (missas em Português nos domingos,

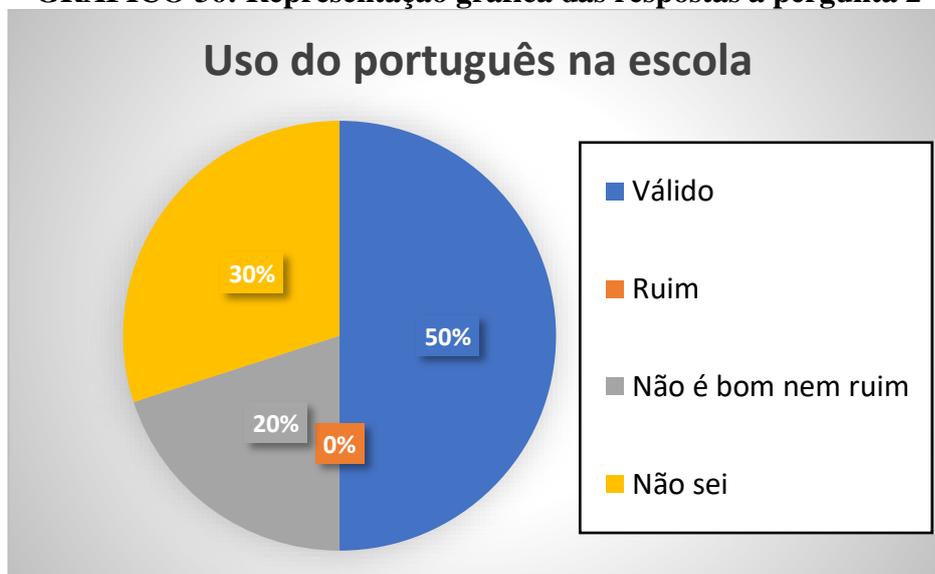
por exemplo), além do costume de recorrer aos meios como rádios e TV, também, em Português. Para aqueles que convivem nesta realidade, o uso do Português com os amigos também se torna comum.

De acordo com as respostas, existe ainda a porcentagem de pessoas que não usa a língua em destaque. Esse é um fato que precisa de uma investigação mais aprofundada, a fim de obter informações para uma interpretação mais fundamentada, pois embora pareça uma situação aparentemente simples, podem haver motivos relevantes e variados nesse fenômeno.

6.2.3.2- Pergunta e respostas 2

2- Hoje, além de você aprender português na escola, as outras disciplinas também são ensinadas nela. O que você pensa sobre isso? Opções: a) - Acho válido porque... b) - Acho ruim porque... c) - Não acho bom nem ruim porque... d) - Não sei me posicionar. 10 respostas

GRÁFICO 36: Representação gráfica das respostas à pergunta 2



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022.

Conforme respostas apresentadas no gráfico, 50% dos participantes acharam válida a presença do Português nas escolas porque:

- a- “podemos melhorar nossa capacidade” (VSSS (15);
- b- “podemos melhorar nossa capacidade” (LESBA (16);
- c- “nós sabemos muito pouco da nossa língua oficiais”²¹ (ESS (18);
- d- “na escola tem que ser falar Português em todas as disciplinas” (CMAMS (15);

²¹ As respostas foram transcritas literalmente como no original, não houve revisão linguística por parte do pesquisador.

e- “na escola temos de utilizar a língua portuguesa” (SRSS (15))

Nas afirmações de VSSS (15) e LESBA (16), percebemos que compreenderam a importância do Português para a melhoria da competência delas e dos timorenses. Com a escolha e a constitucionalização do Português, T.L. faz parte da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) e, com isso, conforme Soares (s/d), citado anteriormente, T.L. pode, com essa língua,

usufruir dos contributos de diferentes blocos (CPLP, Mercosul, SADC (Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral, União Africana, União Europeia, etc.), construídos em torno de determinados eixos, tendo sempre em vista o seu desenvolvimento, mas, por outro lado, deverá retribuir, fazendo a ponte entre estes e a ASEAN (Association of Southeast Asian Nations) (SOARES, s./d., p. 100).

O conceito da “capacidade” indicada pelas respondentes deve-se entender como competência, isto é, no sentido de se conseguir pensar, argumentar, expressar-se, etc. Dessa forma, o Português se torna, além de uma ferramenta de resistência na época de ocupação da Indonésia ou meio de comunicação para denunciar e anunciar a situação real do país, um “aparelho construtor” que contribui para o desenvolvimento do país, do povo, da cultura, da identidade etc.

Já a ESS (18) achou válido porque “nós sabemos muito pouco da nossa língua oficiais”, portanto, o uso deve ajudar na aprendizagem dos alunos em relação a L.P.

A CMAMS (15) e o SRSS (15) argumentaram que o Português deve ser falado ou usado na escola e em todas as disciplinas. Eles retratam uma percepção importante porque, conforme descrito anteriormente, precisamente na parte que trata dos “desafios que dificultam o acesso de L.P.”, tendo a escola, atualmente, como espaço principal e “quase” único no contato e aprendizagem do Português, a maioria dos professores ainda se encontra pouco fluente e, como resultado, os alunos não conseguem assimilar a L.P. de modo satisfatório. Portanto, os dizeres “tem que ser falar” e “temos de utilizar” podem ser vistos como pedidos que carregam, as exigências de melhorias necessárias na formulação da política educacional, na formação dos educadores e na reestruturação das instituições educacionais.

Por fim, nas respostas deste tópico, vimos o uso recorrente da primeira pessoa do plural tanto no pronome quanto nos verbos e é importante destacar isso, pois este tem o sentido representativo da responsabilidade tomada por esta geração, ou seja, quando se diz “nós”, eles se assumem como um grupo de pessoas, povo. Essa é uma Representação Social

(RS) importante, flagrada na voz da geração mais jovem, a assunção da L.P. como uma injunção – seja ela devida a algum aspecto ético, estético ou político.

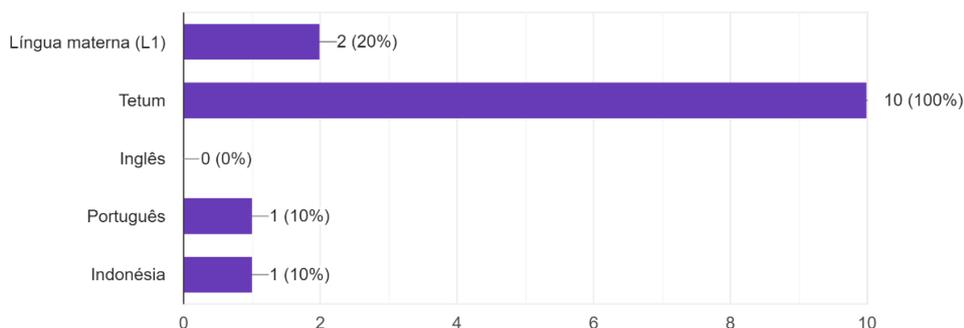
Outro grupo respondeu que “Não achou bom nem ruim” porque “todas as disciplinas desta escola usam Português, exceto Inglês” (ZFFM (15) e “nós não dominamos o Português” CLTS (18) e CX (20). E dois participantes, DAH (15) e JCS (20), responderam que não sabem se posicionar frente ao que foi perguntado – acreditamos que esses jovens representam uma parte da população que ainda não formou um juízo de valor em relação a esse complexo mosaico linguístico em que vivem os timorenses.

6.2.3.3 Pergunta e respostas 3

GRÁFICO 37: Pergunta e resposta 3 do questionário aplicado a sujeitos da geração 2000-2022

3- Qual(is) língua(s) a seguir você fala fluentemente? Marque mais de uma opção, caso você fale mais de uma língua.

10 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

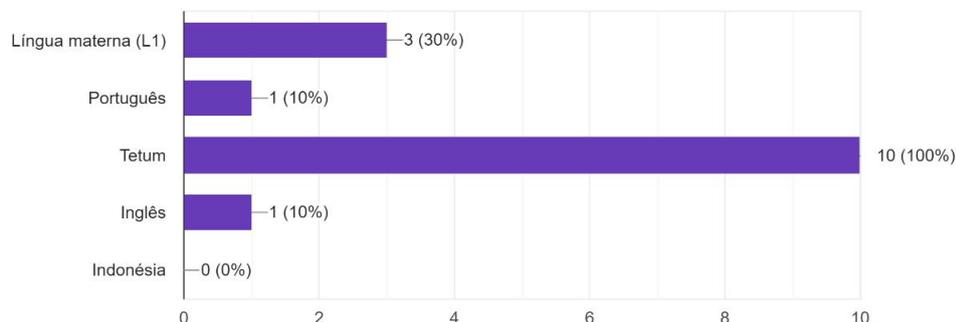
Ao tratar da fluência, o Tétum se destaca: 100%. A justificativa principal é por ser a língua nacional do país. A L1 assume o segundo lugar pelo fato de que nem todos aqueles que nascem e moram há mais tempo na cidade, na capital do país, falarem suas línguas maternas. Já a L.P. e a Língua Indonésia estão com porcentagem baixa em relação à fluência porque não são comuns no uso cotidiano do povo, embora estejam presentes nos meios como rádios, televisões, redes sociais e mídias sociais.

6.2.3.4 Pergunta e respostas 4

GRÁFICO 38: Pergunta e resposta 4 do questionário aplicado a sujeitos da geração 2000-2022

4- Qual(is) língua(s) a seguir você usa para conversar com a família e amigos? Marque mais de uma opção, caso você use mais de uma língua.

10 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

O Tétum é a língua de fluência desta geração (cf. respostas da pergunta 3), logo é, também, a mais utilizada no meio familiar. Neste caso, é importante recordar que, conforme mostra a descrição histórica no início deste trabalho, essa geração de timorenses é composta, inicialmente por pessoas descendentes das ilhas vizinhas, depois dos portugueses, dos indonésios e, hoje, com a presença das novas migrações que chegam ao país. Sendo assim, no uso cotidiano, o Tétum ganha força, enquanto o Português enfrenta desafios no seu processo de propagação, tanto através de meios formais quanto informais.

Conforme mostram as respostas da questão anterior, nem todos desta geração são fluentes nas suas línguas maternas e a causa é similar, portanto, é de se esperar que nem todos usem sua L1 para conversar no meio familiar. Devido a essa mistura de descendentes, hoje se encontram famílias que, dependendo da origem e da formação dos pais, usam também Inglês ou Português em algum momento da vida familiar, conforme mostra o gráfico.

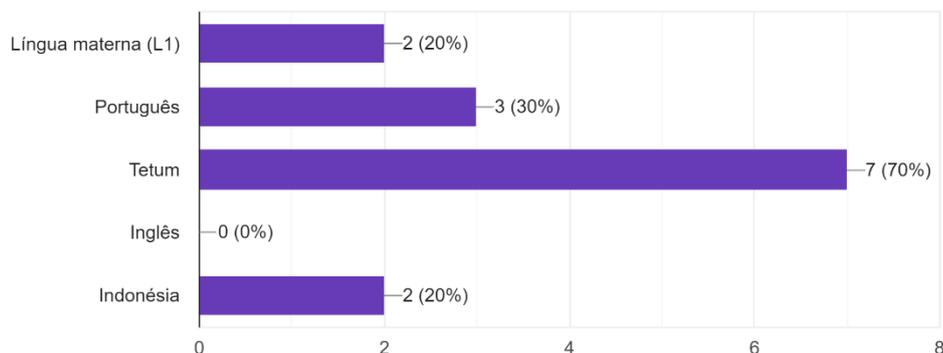
6.2.3.5 Pergunta e respostas 5

GRÁFICO 39: Pergunta e resposta 5 do questionário aplicado a sujeitos da geração 2000-2022

5- Qual(is) língua(s) a seguir você costuma usar para fazer postagem nas suas redes sociais?

Marque mais de uma opção, caso você use mais de uma.

10 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

Para melhor entender e interpretar as respostas apresentadas no gráfico acima, precisamos compreender quais tipos de redes sociais são mais usadas em T.L.

De acordo com o site do jornal online Observador (<https://observador.pt/>), em 2016 os usuários das redes sociais cresceram 30%, “atingindo 400 mil utilizadores – um terço da população –, com a quase totalidade a ligar-se através de telefones móveis, segundo dados de uma empresa timorense”. Afirmou ainda que “Segundo a Timor Social o número de utilizadores das redes sociais, **em particular do Facebook, é hoje maior do que ‘televisão, rádio e jornais juntos’**” (AGENTES DA LUSA, 7 de fevereiro de 2017. Grifo nosso)

Em 2019, de acordo com o artigo publicado, em 06 de fevereiro de 2012, no *site* Diário das Notícias (<https://www.dn.pt/>) “Mais de 560 mil timorenses, ou seja, 42% da população, são utilizadores ativos das redes sociais, com uma grande fatia a ligar-se através de uma das três redes móveis do país, segundo dados divulgados por uma empresa do setor” (LUSA, 06 fevereiro 2019), também com destaque para *Facebook*. Atualmente, apesar da falta de estudo e atualização deste assunto, pode-se dizer que é alto o uso de *WhatsApp* e *Instagram*.

Tendo isso como base, as respostas acima apresentadas mostram que o Tétum é, também, a língua mais usada nas postagens das redes sociais desta geração. Isso tem como justificativa, primeiro, a questão da fluência no âmbito das habilidades de escrita, leitura e interpretação, além dos elementos intencionais implícitos e explícitos de cada publicação

neste meio. Quando perguntei o porquê dessa escolha, afirma CLTS (18) que se sente mais seguro no uso do Tétum porque pretende passar a mensagem correta nas suas postagens e porque lê, fala, escreve bem nesta língua. Além disso, segundo ela, a maioria das pessoas que acessam as redes sociais aqui são timorenses, então acredita que o Tétum é melhor (Diário do pesquisador, 2022). Em segundo lugar, este fato pode ter relação com o público usuário, ou seja, conforme afirma esta autora, as pessoas que acessam às publicações nas redes sociais são os próprios timorenses.

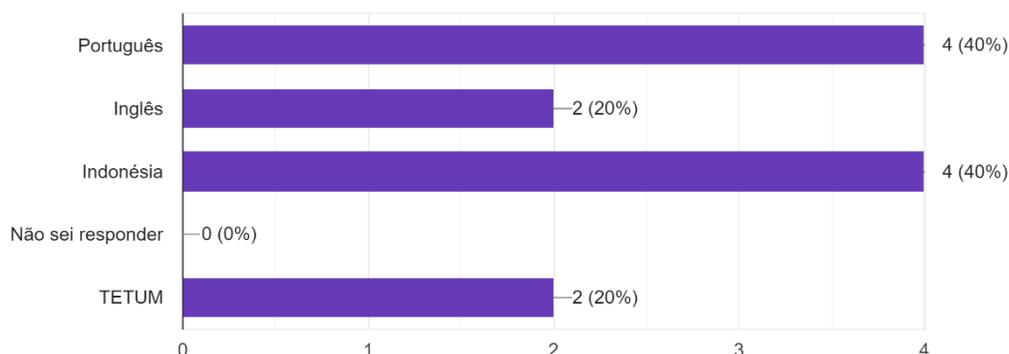
As redes sociais, principalmente, *Facebook* e *Instagram*, hoje, têm como finalidade partilhar conteúdos por meio das postagens de textos, fotos, imagens e vídeos. Ao perguntar sobre os tipos das postagens, responderam ZFFM (15), VSSS (15) e LESBA (16) que costumam postar fotos pessoais, fotos e vídeos dos lugares que visitam, seguidos de legendas curtas e, neste caso, às vezes usam as línguas maternas (Diário do pesquisador, 2022). Portanto, de forma geral, é possível afirmar que a escolha do Tétum para este fim decorre do fato de que não se trata, na maioria das vezes, de outros conteúdos (discussões políticas e ideológicas, meios de comércio etc.), como é visto em outros lugares, ou seja, para esta geração de timorenses, estes meios ainda são espaços de entretenimento e diversão.

No que se refere ao uso de outras línguas destacadas na questão, algumas pessoas usam Português e Indonésia para fazer suas postagens, mas geralmente o uso dessas duas línguas nos dois meios mencionados, são de caráter de repostagens de imagens, vídeos, textos etc.

6.2.3.6 Pergunta e respostas 6

GRÁFICO 40: Pergunta e resposta 6 do questionário aplicado a sujeitos da geração 2000-2022

6- Qual é a língua que você costuma usar para navegar nas suas redes sociais?
10 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

Ao contrário da questão anterior, esta geração usa mais Português e Indonésia para suas navegações nas redes sociais. Isso é compreensível, pois o Tétum ainda não é uma língua de configuração dos aplicativos das redes sociais. Diante disso, o destaque do uso do Tétum neste meio é duvidoso, mas é possível, pois quando se trata de publicações, alguns timorenses preferem esta língua, conforme mostra CLTS (18) citado na questão anterior.

O uso do Inglês para esta geração não é pela razão de fluência, mas, para alguns é uma opção pela afinidade e gosto, para outros tem relação com expectativas de mobilidade social, visando conseguir ir trabalhar em países que oferecem acordos de trabalho aos timorenses, conforme foi citado anteriormente, Austrália, Inglaterra, Coreia, Japão etc. É importante ressaltar que, com esse projeto, os jovens tendem a acessar, cada dia mais, os conteúdos em Inglês, mesmo com dificuldades.

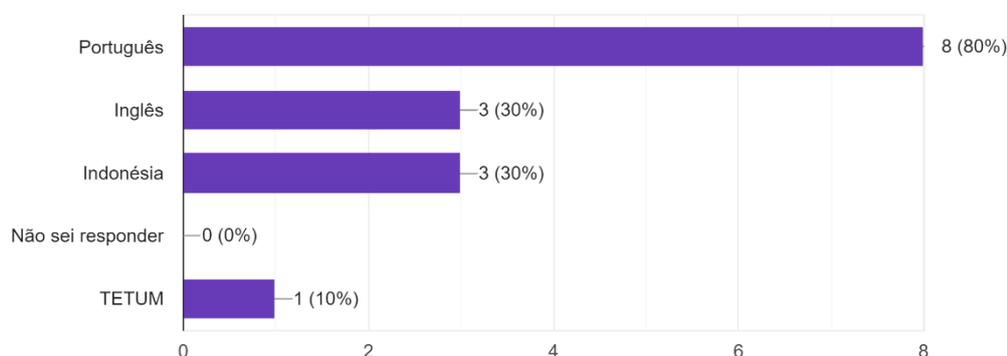
Já as escolhas pelas duas línguas mais destacadas, a Portuguesa e a Indonésia, também não tem relação com a fluência, mas condiz com a possibilidade de informações que os usuários podem obter.

6.2.3.7 Pergunta e respostas 7

GRÁFICO 41: Pergunta e resposta 7 do questionário aplicado a sujeitos da geração 2000-2022

7- Qual língua você usa para as pesquisas na internet para seus estudos?

10 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

O Português se destaca quando se trata da língua usada por esta geração para pesquisas relacionadas aos seus estudos. As justificativas são, primeiro, porque atualmente o ensino básico de todo território é em Português, exceto o ensino de Inglês, Indonésio e Tétum. Já as pesquisas feitas nas línguas Indonésia e Inglesa pode ser para suprir as tarefas relacionadas,

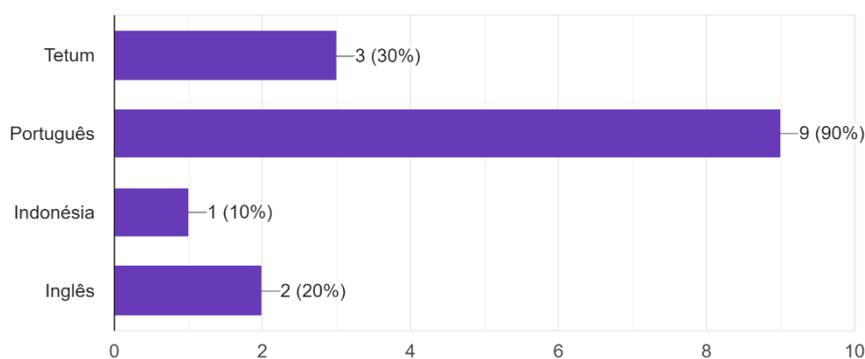
enquanto disciplinas, mas também para ampliar o acesso a certos conhecimentos, porque tanto os professores quanto os alunos recorrem a essas e outras línguas, a fim de dar conta do processo de ensino e aprendizagem e (para a contextualização e a compreensão, principalmente).

6.2.3.8 Pergunta e respostas 8

GRÁFICO 42 Pergunta e resposta 8 do questionário aplicado a sujeitos da geração 2000-2022

8- Qual(is) língua(s) a seguir você usa para suas leituras?

10 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022.

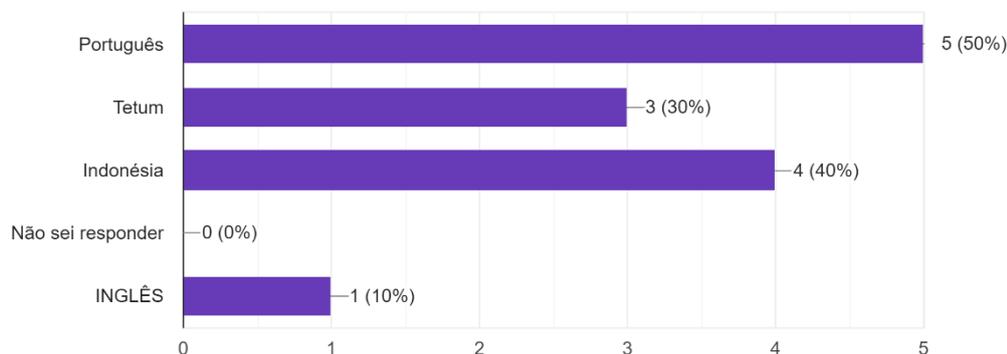
Para esta geração, a leitura está sendo feita em Português, conforme mostram as respostas acima. Pelas respostas, não conseguimos deduzir de forma precisa o conteúdo e a prática da leitura aqui apresentados, contudo, nos leva a perceber o esforço das pessoas para o acesso e o uso do Português nesta prática, apesar dos desafios e dificuldades. O certo é que as disciplinas, sendo ministradas em Português, possibilitam às gerações atuais o desenvolvimento de suas competências de leitura em Português.

6.2.3.9 Pergunta e respostas 9

GRÁFICO 43 Pergunta e resposta 9 do questionário aplicado a sujeitos da geração 2000-2022

9- Hoje, nós temos notícias na TV em várias línguas: Portuguesa, Tétum e Indonésia. Qual é a sua preferência?

10 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

Conforme foi apresentado anteriormente, existem ao menos três emissoras de televisão em T.L. que adotam as Línguas Portuguesa, Tétum, Indonésia e Inglesa em seus diferentes programas. Todas possuem o quadro de notícias, mas pelo que se apresentam nas suas páginas²² e canais²³ principais na internet, somente a RTTL/TVTL (Rádio e Televisão de Timor Leste/ Televisão de Timor Leste) tem o quadro de notícias em L.P.

Além dessas emissoras locais, encontram-se com facilidade, via antena parabólica, os canais televisivos da Indonésia. Estes, geralmente, são acessados pelos timorenses por causa de programas como novelas, TV shows, fatos curiosos, etc., mas também existem os timorenses que acompanham as notícias internacionais e esportes por esses canais, por isso, a Língua Indonésia se destaca nas respostas apresentadas acima.

O Tétum, por sua vez, assume o terceiro lugar porque as notícias são transmitidas nesse idioma, com a divulgação imediata e instantânea por meio do uso de *smartphones* nas redes sociais, sobretudo no *Facebook* e *WhatsApp*. Além disso, as emissoras de TVs locais ainda não contam com jornalistas e equipamentos eficientes e eficazes para transmissões como essas. Com isso, as notícias locais, na maioria das vezes, são do conhecimento da população antes da transmissão nos canais televisivos.

²² TVTL - <https://rttlep.tl/category/gazeta/ultimo-jornal/>

²³ GMN TV - <https://www.youtube.com/@GMNTVStreaming/videos>

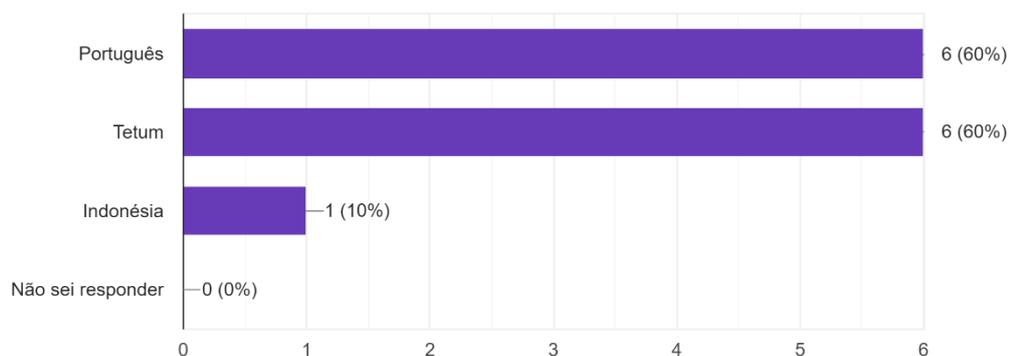
TVe Timor - <https://www.youtube.com/channel/UCZ9axodCCbAdIeZB7ZcyhRg>

A preferência pelo Português em relação às notícias transmitidas via televisão, para CLTS (18) e CMAMS (15) é o costume familiar. Eles convivem com os avós e eles preferem as notícias em L.P. (Diário do pesquisador, 2022). Nesse caso, conforme foi informado anteriormente, as gerações atuais são compostas ou das gerações da colonização portuguesa, do período de dominação indonésia e a atual, ou somente pela geração da dominação e a atual. O relato citado se enquadra na primeira composição. Além disso, assim como os jornais impressos, conforme será tratada na próxima questão, o destaque desta língua também pode ser compreendido por trazer novas informações relacionadas aos acontecimentos nacionais ou internacionais (cf. figuras 13 e 14).

6.2.3.10 Pergunta e respostas 10

GRÁFICO 44: Pergunta e resposta 10 do questionário aplicado a sujeitos da geração 2000-2022

10- Temos jornais impressos nas línguas: Portuguesa, Tétum e Indonésia. Qual é a sua preferência?
10 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

Encontram-se, atualmente, em T.L. diferentes jornais impressos e digitais. Apresentamos a seguir os que apresentam consistência na impressão e divulgação. São eles: o jornal Suara Timor Lorosa'e (STL), Jornal Nacional Diário e Timor Post. Entre eles, conforme foi apresentado anteriormente, o STL é o mais antigo e que tem um alcance maior de público, mas é também o que apresenta maiores inconsistências linguísticas. A L.P., por exemplo, é usada somente em alguns dias e não há uma página fixa para cada língua, a maioria das notícias são publicadas nas Línguas Tétum, Indonésia e Inglesa. Os jornais Jornal Nacional Diário e Timor Post publicam as notícias nas quatro línguas, sendo que a L.P. ocupa uma página fixa e PORTUGUÊS é o nome dessas páginas.

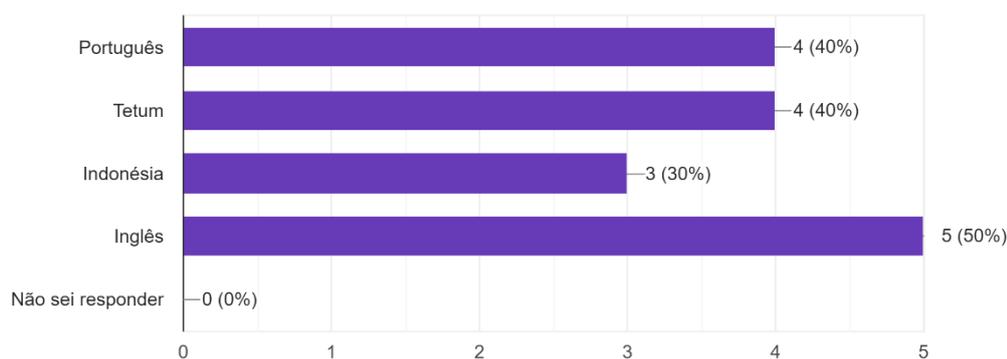
Conforme foi mostrado na imagem 13, no Jornal Nacional Diário o uso de L.P. para as notícias internacionais e no Timor Post, imagem 14, é para notícias locais e internacionais e são notícias escritas em Português, portanto não são notícias traduzidas. Diante disso, a opção preferencial pelo Português se dá na medida em que se trata de informações internacionais e novas informações de notícia local.

6.2.3.11 Pergunta e respostas 11

GRÁFICO 45: Pergunta e resposta 11 do questionário aplicado a sujeitos da geração 2000-2022

11- As rádios de hoje tocam músicas em várias línguas diferentes. Em qual delas, indicadas a seguir, você gosta mais de ouvir?

10 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

Em T.L., as pessoas acessam às rádios locais e as rádios da Indonésia e da Austrália, além de Portugal devido à contratação selada pela RTTL ou TVTL e RTP (Rádio e Televisão de Portugal). Diante disso, a população consegue ouvi-las nas Línguas Portuguesa, Inglesa, Indonésia e Tétum por causa desse contrato, mas também pelo fato de o próprio país adotar essas línguas nas programações deste meio.

Os participantes desta pesquisa destacaram o Inglês como língua de preferência para ouvir músicas tocadas nas rádios e isso se deu, basicamente, pela facilidade de acesso e de *downloads*. É importante reiterar que, em T.L., o acesso à internet ainda é precário na maior parte do território e, com isso, as músicas tocadas nas rádios, celulares e nos carros são gravadas em *Pendrive* ou cartão de memória, porque ainda são poucas as pessoas que conhecem e utilizam os aplicativos como *deezer* ou *spotify*.

Além da facilidade, as músicas em Inglês são as mais tocadas. Conforme o site Rádio Social Plus Brasil, *deezer* apresentou o seguinte *ranking* de 10 músicas mais tocadas no

primeiro semestre de 2022: “1) Abcdefu – Gayle; 2) Enemy – Imagine Dragons; 3) Cold Heart – Dua Lipa -Elton John; 4) Heat Waves – Glass Animals; 5) Jefe – Ninho; 6) **Malvadão 3 – Xamã**; 7) Clic clic pan pan – Yans; 8) As It Was – Harry Styles; 9) Pepas – Farruko; 10) Easy On Me – Adele” (LOPES, 2022). Dessa forma, é compreensível que as músicas em Inglês sejam mais ouvidas também em T.L.

O destaque do Tétum e da L.P. pode ser compreendido, por um lado, por serem as Línguas Oficiais do país porque, desde a promulgação, os líderes locais possibilitaram as novas produções e as entradas de meios relacionadas a elas. Por exemplo, livros, poemas, histórias, músicas, filmes etc.

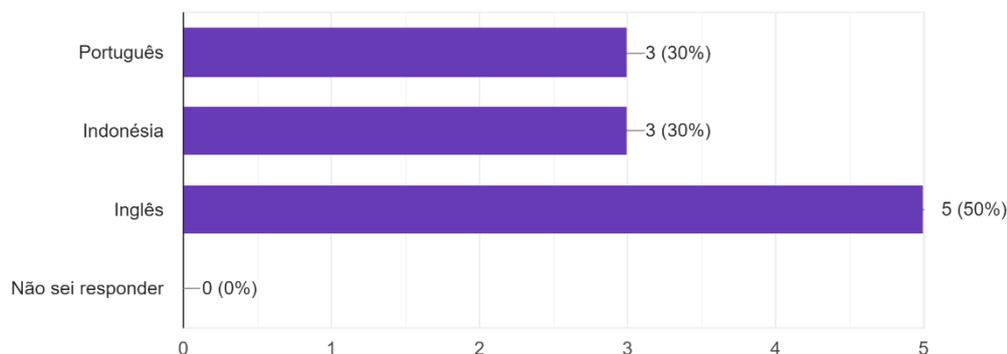
No que diz respeito à música em L.P., hoje se encontram diferentes estilos musicais de países que compõem a CPLP e, sobretudo, de Portugal e do Brasil. Esse destaque, por outro lado, pode ter como razão as ideologias históricas e políticas, conforme descritas anteriormente, afinal esta geração ainda é descendente majoritariamente da época da dominação. Esses dois fatos também podem ser as razões para que as músicas em Língua Indonésia sejam menos ouvidas e, por isso, apresentaram uma baixa porcentagem nas respostas, conforme mostra o gráfico.

6.2.3.12 Pergunta e respostas 12

GRÁFICO 46: Pergunta e resposta 12 do questionário aplicado a sujeitos da geração 2000-2022

12- Entre as línguas a seguir, qual delas você usa como a língua de entrada no seu aparelho eletrônico (celular, tablet, notebook, computador)?

10 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

O Inglês é a língua principal da configuração da maioria dos aparelhos tecnológicos a nível mundial, e o T.L. recebe importação tecnológica de vários países e todos estão com configuração nas três línguas destacadas na questão acima. Sendo assim, os participantes

usam mais o Inglês nos seus aparelhos de celular, computador, tablet, notebook etc., conforme mostram as respostas apresentadas no gráfico acima.

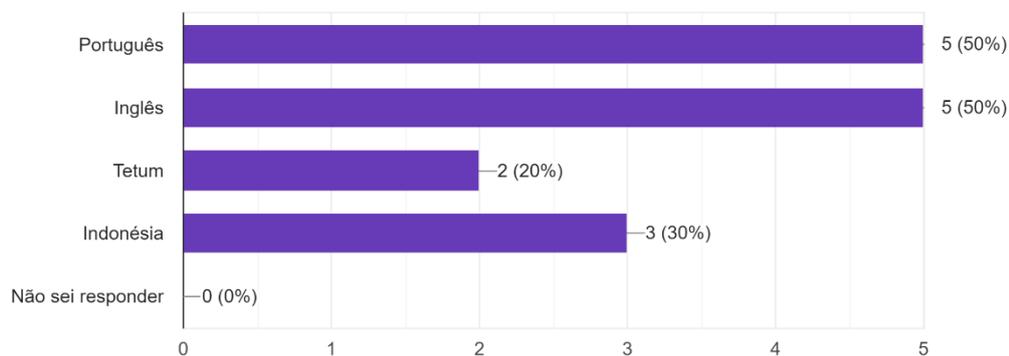
A escolha se deve ao fato de que a maioria começa a operar nesses aparelhos em Língua Inglesa, conforme confirma CMAMS (15), LESBA (16) e ESS (18), ou seja, tiveram curso básico de computação e aprenderam os nomes dos componentes de cada aparelho em Inglês. Já DAH (15), ZFFM (15) e VSSS (15) têm aula de computação nas suas escolas e o professor contextualiza cada item do sistema *software* e *hardware* em Inglês (Diário do pesquisador, 2022).

Já o uso da L.P. e da Língua Indonésia é de escolha das pessoas com mais idade desta geração como CLTS (18), ARF (22), JCS (20). CLTS (18) marcou o Português e justificou que a opção tem razões políticas. ARF (22) marcou a Língua Indonésia por causa da facilidade que tem para com a língua. JCS (20), por sua vez, marcou as duas línguas com a justificativa de que não teve formação em Inglês e, com isso, usa o Português no celular e a Indonésia no notebook (Diário do pesquisador, 2022).

6.2.3.13- Pergunta e respostas 13

GRÁFICO 47: Pergunta e resposta 13 do questionário aplicado a sujeitos da geração 2000-2022

13- Hoje com a internet, nós temos acesso às músicas internacionais em plataformas digitais, como Spotify e outras. Com qual(is) língua(s) você costuma escutar músicas nesses ambientes?
10 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

Antes de interpretar as respostas desta pergunta, é importante esclarecer que para respondê-la alguns dos participantes precisaram de explicação sobre o que é *Spotify*, pois conheciam, até então, o *YouTube* como meio principal para acessar músicas e vídeos. Tendo

conhecido esse meio de acesso, apresentaram a seguinte observação, não costumam acessar este aplicativo e outros devido à dificuldade da rede de internet.

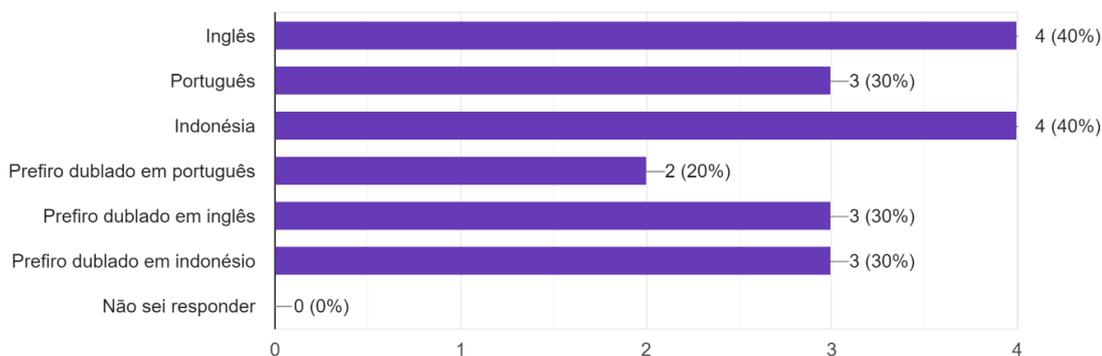
Para os que já conheciam, quando utilizam este aplicativo preferem as músicas em Inglês e Português. Por exemplo, ESS (18) e SRSS (15) já conheciam este aplicativo e outros que têm o mesmo fim de oferecer o *streaming* de músicas, *podcasts*, etc. e quando o usam, preferem ouvir músicas em Inglês porque são fãs de cantores internacionais como Bruno Mars, Billie Elish e BTS²⁴. Já os que gostam de ouvir músicas em português como CMAMS (15), LESBA (16) e ARF (22), também porque são fãs de cantores como Paula Fernandes, Michel Teló, grupo Melin²⁵, Sandy e Junior, etc. (Diário do pesquisador, 2022). Diante disso, as escolhas feitas nessas duas línguas têm como base o gosto dos fãs.

A opção pelas Línguas Tétum e Indonésia, contudo, deu-se após a contextualização e a percepção de que, neste meio, há também músicas nestas duas línguas. As músicas em Tétum, especificamente, são adicionadas entre 2020 e 2023 (cf. *Spotify: The Sound of Música Timor-Leste*)²⁶ e, até o período desta pesquisa (22/05/2023), contém 51 músicas lançadas entre 1985 e 2002 e a mais recente foi em 2017.

6.2.3.14 Pergunta e respostas 14

GRÁFICO 48: Pergunta e resposta 14 do questionário aplicado a sujeitos da geração 2000-2022

14- Com internet, é fácil termos acesso a filmes produzidos em diferentes lugares do mundo. Sendo o filme legendado, em qual língua o agrada mais?
10 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

²⁴ BTS, também conhecido como Bangtan Boys e é composto de um grupo masculino de Sul Coreanos formado pela empresa Big Hit Music. O grupo realizou sua estreia oficial em 13 de junho de 2013, com o lançamento do single “No More Dream”.

²⁵ Melim é um trio musical brasileiro formado pelos irmãos Rodrigo de Paula Pontes Melim, Gabriela de Paula Pontes Melim e Diogo de Paula Pontes Melim.

²⁶ <https://open.spotify.com/playlist/7nxGrqThvp577vV0oVgf3F>

Conforme as respostas, os participantes desta pesquisa preferem as Línguas Inglesa e Indonésia tanto nos filmes legendados quanto dublados. Em Timor-Leste, existem atualmente três operadoras que oferecem internet: a Timor Telecom (TT), a Telemor e a Telkomcel. O acesso às redes no território, no entanto, ainda é problemático. O site DadosMundiais.com, apresentou um estudo estatístico da Internet de banda larga no Timor Leste 2003 – 2021 e segundo essa fonte:

O Timor Leste está atrasado na expansão das conexões de Internet de banda larga. Cerca de 39% de todos os habitantes têm acesso à Internet. Cerca de 0% têm sua própria conexão rápida à Internet, que é pelo menos mais rápida que a antiga RDSI (mais de 256 kBit/s). Todas as conexões fixas via DSL, cabo ou satélite foram contadas aqui, mas não aquelas conectadas à Internet via telefonia móvel (sem data de publicação).

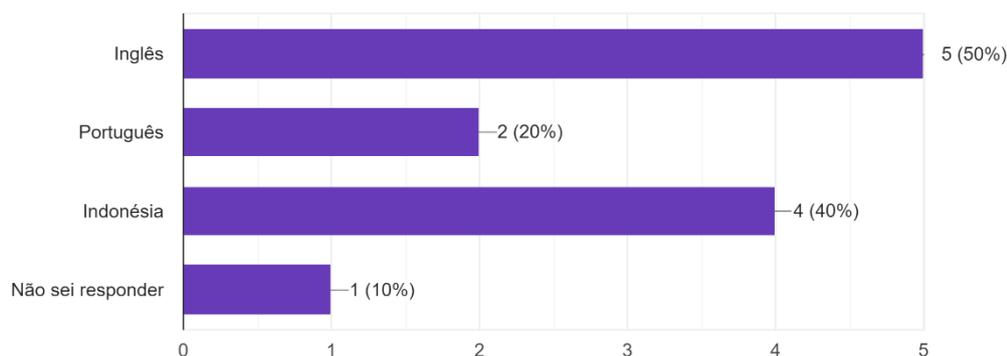
Além desse dado, quando questionados sobre como fazem para acessar os filmes na internet, a maioria não possui aplicativo pré-pago de filmes. Dessa forma, assistem ao que a internet oferece, sobretudo no *YouTube* e, geralmente, esse meio não oferta muitas opções de filmes tanto legendados quanto dublados. Ainda, afirmam CMAMS (15) e ARF (22) que costumam pesquisar os nomes dos filmes em Inglês e, com isso, conseguem mais os que nessa língua. Dizem que também costumam assistir aos filmes em Língua Indonésia (Diário do pesquisador, 2022). Com base nisso, é possível entender o porquê das preferências pelas duas línguas mais destacadas nas respostas acima apresentadas.

6.2.3.15 Pergunta e respostas 15

GRÁFICO 49: Pergunta e resposta 15 do questionário aplicado a sujeitos da geração 2000-2022

15- Que língua, das indicadas a seguir, você usa para jogar vídeo games?

10 respostas



FONTE: Elaborado pelo pesquisador, 2022

A dificuldade de acesso à internet faz com que nem todos os jovens timorenses desta geração consigam ter acesso a jogos de videogames. Esta é uma suposição feita após ouvir de alguns participantes o seguinte questionamento, “eu sei o que é videogames, mas eu nunca joguei” (Diário do pesquisador, 2022). Portanto, para obter as respostas acima apresentadas, eu (como pesquisador) precisava dizer a eles que “se você jogasse, qual língua você usaria”. Outra questão importante, a maioria tem acesso aos videogames do próprio aparelho celular e *smartphone* ou tablet.

Conforme as respostas apresentadas no gráfico acima, o Inglês é mais usado para este fim. Neste caso, pode ser compreendido com as seguintes justificativas: primeiro, quando o aplicativo é do próprio *smartphone* ou tablet, geralmente a configuração segue a língua de entrada do aparelho. Esta pode ser estendida para esclarecer a escolha e o uso das outras duas línguas destacadas nas respostas. Outra razão pode ser associada à base de formação do uso dos aparelhos, conforme foi tratado na questão 12.

6.3 Uma síntese comparativa dos resultados e sua relação com a TRS

A aplicação de questionários teve o intuito de analisar a presença do Português no meio dos timorenses de diferentes classes sociais e gerações. Presença esta que engloba desde o simples contato até o emprego desta língua no cotidiano e na vida profissional da população timorense. Para isso, os questionários aplicados tratam de assuntos que compõem os temas de contato, aquisição, aprendizagem e o emprego do Português entre as três diferentes gerações timorenses indicadas anteriormente. Tudo isso leva em consideração as situações e condições sócio-históricas, políticas, culturais e econômicas de cada época.

Dessa forma, o primeiro destaque que notamos é que o acesso e o uso do Português variam de acordo com as circunstâncias de cada tempo. Para os respondentes nascidos nos anos de 1950 a 1974, ele se destaca e está presente em todas as atividades e, conforme mostram as respostas, a L.P. disputa a primeira e a segunda posição com o Tétum, em comparação com as Línguas Materna, Indonésia e Inglesa. O Português firma-se no ensino devido a sua posição e importância no início da criação das escolas e, em consequência, tornou-se a referência principal na leitura e na escrita (respostas às questões 4, 9 e 18), no acesso às mídias, notícias e entretenimentos como ouvir notícias e música na rádio, assistir programas diversos e notícias na TV, ler notícias e informações diversas nos jornais impressos (cf. respostas às questões 13, 14 e 15), navegar na internet (cf. resposta a à questão

16) e para os que usam os aparelhos eletrônicos. O Português é a língua de entrada (cf. respostas à questão 17). O contato com esta língua nas celebrações religiosas, missas (cf. respostas à questão 5) e nas campanhas e discursos políticos governamentais (cf. respostas às questões 5, 7 e 8) evidencia a amplitude da inserção desta língua em diversos setores do cotidiano dos falantes.

Em contrapartida, quando se trata do emprego dessa língua na comunicação diária, as respostas mostram que as pessoas desta geração a usam essencialmente no local de trabalho (respostas à questão 1); já em casa, com os amigos e no comércio o Tétum se destaca (cf. respostas às questões 2, 3, 6, 12).

Para a geração de 1975 a 1999, o Português, mesmo diante dos desafios (como por exemplo, a proibição do seu uso e tortura para quem o usava), tem o sentido de resistência, na busca pela liberdade e pela independência, sobretudo para anunciar e denunciar os acontecimentos ao longo da invasão e dominação dos indonésios. Dessa forma, podemos confirmar, de acordo com as respostas obtidas das pessoas dessa época, que o Português estava, discretamente, presente no meio dos timorenses naquela época.

Na categoria dos temas acima mencionados, ainda que com porcentagens baixas, em comparação com outras línguas nas perguntas dos questionários direcionados a esta geração, os resultados obtidos mostram que as pessoas continuam a ter contato com o Português, através dos meios indicados e nos discursos dos governantes por ocasião do anúncio da independência promulgado por ONU em 1999 (cf. respostas à questão 2). Atualmente, as pessoas dessa geração usam o Português para leitura e escrita (cf. respostas à questão 6).

O Tétum, por sua vez, predomina na maior parte das atividades das pessoas dessa geração (cf. respostas às questões 3, 10 e 15), no que se refere ao comércio e mundo dos negócios na época da dominação, ao acesso às notícias na TV e nos jornais impressos naquela época e hoje; na escrita de cartas, nas celebrações religiosas nas campanhas e discursos políticos, para escutar rádios, assistir TV. Já o uso como língua de entrada nos aparelhos eletrônicos, na navegação pela internet, na escuta de músicas atualmente, usa-se a Língua Indonésia (cf. respostas às questões 11, 12 e 13).

Para a última geração, o Português, ao mesmo tempo que está se tornando notadamente presente nos meios sociais e nas atividades das pessoas, ainda se mostra problemático na familiarização e no seu emprego cotidiano; é uma presença que continua a persistir somente nas atividades administrativas, educacionais e na representação oficial do país. O seu uso, no que se refere à interação dos timorenses, não se destaca.

De acordo com as respostas obtidas, logo notamos que essas pessoas voltaram a ter contato significativo com o Português (via os meios destacados: noticiários de TV, jornal impresso, *videogames*, livros, redes sociais, escolas, rádios, aplicativos de músicas, filmes, internet) e acreditamos que também, em outros meios, que não foram mencionados aqui. Todavia, entre eles, os mais notáveis são a escola (cf. respostas à questão 1), a leitura (cf. respostas à questão 8), notícias de TV e jornal impresso (cf. respostas às questões 9 e 10) e o aplicativo *Spotify* (cf. respostas à questão 13). Em outros meios (músicas nas rádios, jogos de *videogames* e filmes dublados e legendados), destacam-se o Tétum, o Indonésio ou o Inglês (cf. respostas às questões 11, 14 e 15).

Em relação ao uso, o Português se firma na escola (cf. respostas às questões 1 e 2) que, como consequências, a estendeu à pesquisa com fins de estudo e à leitura (cf. respostas às questões 7 e 8) e ao uso na navegação pela internet (cf. respostas à questão 6). Em outros meios e situações, como videogames, destaca-se o Inglês (cf. respostas à questão 15); para assistir a filmes (legendados e dublados), são preferidas as Línguas Inglesa e Indonésia (cf. respostas às questões 14); a língua de entrada nos aparelhos eletrônicos é o Inglês (cf. respostas à questão 12), usado também para ouvir músicas nas rádios (cf. resposta à questão 11); postagens nas redes sociais são feitas em Tétum (cf. resposta à questão 5), comunicação com familiares e amigos também são feitas nesta língua, o Tétum (cf. respostas à questão 4). Já em relação à fluência em L.P. (cf. respostas à questão 3), entre os 10 respondentes apenas 1 respondeu positivamente.

Acreditamos que isso seja por causa da falta de desenvolvimento de políticas públicas que fomentem o uso do Português fora dos muros das escolas, promovendo contato intensivo, acesso integral, de forma assertiva para que as pessoas possam usar essa língua na prática pessoal e profissional cotidianamente. É um fato este que persiste como um problema crônico entre gerações e isso se deve, por um lado, à diversidade linguística, à localização, à cultura (cf. RAMOS, 2020) do país; às influências midiáticas que tendem a induzir e convencer as pessoas com hábitos sociais e linguísticos internacionais e de países vizinhos como a Indonésia (quanto à Língua Indonésia) e a Austrália (quanto à Língua Inglesa).

Por outro lado, no entanto, podemos afirmar que a eleição da L.P. como língua oficial, administrativa e de ensino se baseou fundamentalmente nos pontos culturais, históricos, político, afetivo-identitário, linguístico e econômico (cf. HULL, 2000), mas faltou a preocupação com o fator social, a participação popular.

Diante disso, podemos afirmar, usando a concepção da Teoria de Representação Social (TRS) de Moscovici que a L.P., a partir do contato inicial entre os timorenses e os portugueses, o estabelecimento do império português até a formação sócio-histórico, cultural, político e econômico do T.L. até o fim da colonização, estava sempre presente e era acessível à maioria da população. Seguindo a acepção de Jodelet (1990), naquela época, houve influência social na formação psicológica, contudo não teve a densidade que contribuisse para tornar os conhecimentos do universo reificado no verdadeiro conhecimento do universo consensual.

Entre o Português e os timorenses, teceu-se uma inter-relação que colaborou na construção identitária, cultural, social, política, histórica e econômica do país e do povo timorense, na maior parte do processo da sua formação. Todavia, o Português girava em torno do público de classe média alta. Com isso, não chegou a cumprir de forma que correspondesse à expectativa esperada, pois, de acordo com Duveen (2013, p. 8), “as representações sociais sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros”; por fim, servem, conforme Jodelet (1990), como “modalidades de pensamentos práticas orientadas para a compreensão e o domínio do ambiente social, material e ideal” (JODELET *apud* ALVES-MAZOTTI, 1994, p. 65). Essa perspectiva teórica foi importante para compreendermos por que, simultaneamente, a importância do Português não se reduz, porém, igualmente, esse idioma não consegue se tornar o principal veículo de comunicação dos timorenses.

O Português já era (e é) conhecido pelos timorenses devido à constituição histórica do país, portanto é familiar e conhecido, em especial pela faixa etária mais elevada.

Considerando os pressupostos da TRS, ao vincular essa ideia aos conceitos básicos do desenvolvimento da formação e consolidação de uma RS (Representação Social), podemos citar o que foi mostrado anteriormente, isto é, a L.P. é a língua que se presta à maioria das demandas oficiais do T.L. e os aspectos que a caracterizam como oficial se concretizam hoje no registro oficial da apresentação do país e do povo ao mundo com o nome de República Democrática de Timor Leste (RDTL); o hino Nacional; as constituições etc., além dos documentos pessoais, sua influência no Tétum. O seu emprego concreto e abrangente na interação cotidiana da população, no entanto, ainda é falho.

Os problemas destacados até aqui são a causa principal para o seu ensino. Conforme foi dito anteriormente, para Moscovici (2013), todo conhecimento é fruto da relação da

sociedade com os meios que a circundam, portanto, é certo afirmar que o ensino e aprendizagem só acontecem de forma efetiva, na medida em que isso leva o docente a ajudar o discente a se tornar (cons)ciente da sua singularidade, no que se relaciona a aspectos de sua identidade e das inter-relações com seus semelhantes e da alteridade, em sua relação com o meio; assim, este pode conseguir assimilar e correlacionar o conteúdo aprendido com suas atividades diárias.

Na realidade local do T.L., com o atual nível de desenvolvimento de políticas públicas, docentes e discentes não podem realizar essas exigências porque o ensino e a aprendizagem do Português acontecem basicamente na escola; dessa forma, não se pode esperar muito além disso, porque ainda não há investimento suficiente na L.P., fora desse ambiente, que possa contribuir para sua plena assunção.

6.4 Discussão sobre possíveis metodologias para ensino de L.P. em T.L.

Por meio da língua com que se identifica, o ser humano interage e esta faz parte da dimensão sócio-histórica da pessoa, como auxiliar na constituição de aspectos que compõem o processo de construção do conhecimento; esse complexo processo sociocognitivo é, no ponto de vista de Crusoé (2014, p. 106), “constituído na inter-relação entre sujeito, marcadamente social e histórico, e objeto, representando o mundo ao redor e constitutivo do sujeito, e somando-o ao universo reificado no processo da construção do conhecimento, ao mesmo tempo individual e coletivo”.

Em vista de tudo que foi exposto ao longo deste trabalho, afirmamos que “acreditamos que o melhor e o modo assertivo de reverter a situação de limitação da L.P. a poucos contextos da vida sociocultural dos timorenses se deve a uma boa metodologia de ensino”. Essa nossa visão, contudo, ampliou-se para a identificação de outras ações e atitudes, principalmente sociais, políticas e econômicas, por isso queremos demonstrar agora as metodologias que podem complementar e ampliar dois aspectos identificados.

Ainda que exista a própria variação de L.P. em T.L. já notada por estudiosos como Albuquerque (2014); Busquets (2007) entre outros, esta língua ainda deve ser vista no ensino e na realidade social como Língua não Materna para a maioria da população, pois, conforme a concepção de Spinassé (2006, p. 5), “não é, necessariamente, a língua da mãe, nem a primeira língua que se aprende. Tampouco se trata de apenas uma língua. Normalmente é a língua que

aprendemos primeiro e em casa, através dos pais, e também é frequentemente a língua da comunidade”.

O Português, na realidade atual dos timorenses, não é usada, pela maioria, no dia a dia na família e entre os amigos, conseqüentemente, não é aprendida desde o início da vida da maioria do povo timorense.

Os estudos sobre as metodologias de ensino de L2 já são amplas, tanto no âmbito teórico quanto no prático. Thornbury (2017) apresenta 30 métodos de ensino de línguas, dividindo-os em 6 tópicos maiores que, por sua vez, são compostos de outros métodos, conforme se pode ver na tabela abaixo:

TABELA 12: 30 Métodos de Ensino de L2

Métodos	Composição
Natural method	1- Total Immersion; 2- The Natural Method/ Approach; 3- The Direct Method; 4- The Oral Method; 5- The Reading Method; 6- The Audiolingual Method; 7- Total Physical Response;
Linguistic methods	8- <i>Explication de Texte</i> ; 9- Text memorization; 10- Grammar-Translation; 11-The lexical Approach; 12-Text-based Instruction; 13-The Comparative Method;
Communicative method	14- The situational Approach; 15- Communicative Language Teaching; 16- Task-based Language Teaching; 17- Competency-based Teaching; 18- Whole Language Teaching; 19- Content-based Instruction; 20- Dogme ELT/ Teaching Unplugged;
Visionaries	21- Community Language Learning;

	22- Suggestopedia; 23- The Silent Way; 24- Crazy English & the Rassias Method;
Self-study method	25- Orientalist; 26- Prendergast's 'Mastery System'; 27- Brand name Methods: Assimil, Michel Thomas, Pimsleus; 28- Programmed Instruction: Duolingo; 29- Online Polyglots;
Beyond methods	30- Principled Eclecticism;

FONTE: Elaborado pelo pesquisador com base na concepção de Thornbury (2017).

A tabela acima nos apresenta uma extensa gama de metodologias de ensino de língua. Queremos enfatizar que os dois métodos verificados no processo de ensino e aprendizagem em T.L. são antigos, mas ainda continuam sendo adotados, atualmente na área de ensino de L2. Dessa forma, ainda podem ser mantidos, contudo não se pode tê-los como os únicos. Eles precisam ser vinculados a outros como argumenta Stern (1983, p. 477), “vários desenvolvimentos indicam uma mudança na pedagogia de línguas, afastando-se do conceito de método único como a principal abordagem para o ensino de línguas” (tradução nossa)²⁷.

Entre os apresentados por Thornbury (2017) na tabela acima, os educadores timorenses podem vincular o da Gramática-tradução e o Direto a qualquer um deles, a fim de dar conta dos seus exercícios. Isso está ligado, diretamente, ao que os estudiosos atuais do ensino de L2 tratam como *The Postmethod era* (era do pós-método). Consiste em tratar da adaptação dos métodos existentes, até então, à realidade de cada ambiente de ensino e aprendizagem, pois se entende que cada realidade é uma realidade peculiar e que não se pode adotar o mesmo método para realidades diferentes.

Em consonância com as nossas análises, sobretudo as observações *in loco* e os Manuais Didáticos, pretendemos reiterar, entre as metodologias acima apresentadas, as que entendemos como importantes e compatíveis com a atual realidade social local. Mas, antes disso, vale lembrar que todas elas estão correlacionadas, ou seja, uma delas pode se destacar durante a elaboração e concretização de um plano de aula ou um Manual Didático, mas é sempre necessária a complementação com uma outra para o sucesso do processo de ensino e

²⁷ No original, “Several developments indicate a shift in language pedagogy away from the single method concept as the main approach to language teaching”.

aprendizagem. Além disso, de acordo com Richard (2014, p. 16), “os métodos podem ser estudados não como prescrições de como ensinar, mas como uma fonte de práticas bem utilizadas, que os professores podem adaptar ou implementar com base em suas próprias necessidades” (tradução nossa)²⁸. Portanto, ter conhecimento da maioria dos métodos se torna vantajoso para a obtenção de êxito numa realidade heterogênea.

Atualmente, os timorenses são capazes de identificar, categorizar, pronunciar, compreender e interpretar em determinados contextos e situações. Dessa maneira, propomos em caráter emergencial formações e acesso, por parte dos professores, a todas as metodologias, dando preferência à **Comunicativa**. Descreve Carvalho Junior (2011) que, diante das abordagens, como por exemplo, de Gramática-Tradução, Abordagem Direta, Abordagem Audiolingual, etc., os alunos conseguem identificar, categorizar e pronunciar (no caso de leitura de palavras e frases), mas não conseguem aplicar isso de forma precisa no emprego da língua aprendida. Diante disso, percebeu-se que, no âmbito comunicacional, para a utilização de uma língua que se aprende, não basta só o domínio das regras, mas “é necessário também saber quando e como dizer o quê para quem” (p. 35).

Surgiu, a partir de então, o Método Comunicativo, que tem como foco principal a competência comunicacional e, com isso, o ensino de língua “[...] passa a se preocupar então com o uso de linguagem apropriada, ou seja, uma linguagem adequada ao momento e contexto em que ocorre o ato da fala e ao papel dos participantes neste ato” (TEIXEIRA, 2008, p. 24). Além disso, essa prática também passa a compreender que “a língua não é vista como um conjunto de frases, mas como um conjunto de eventos comunicativos e não é vista somente como objeto de estudo, mas também o veículo para a comunicação em sala de aula” (CARVALHO JUNIOR, 2011, p. 35).

Este método visa utilizar materiais autênticos²⁹ para a prática de ensino e aprendizagem de uma língua, pois acredita que neles se encontra o uso real da língua e “as tarefas devem ser adequadas para o aprendiz, a quem devem ser dadas oportunidades de ouvir a língua usada em comunicação autêntica” (*idem*). Com isso, a questão lexical e gramatical é trabalhada de acordo com o contexto em que se encontram.

²⁸No original, “Methods can be studied not as prescriptions for how to teach but as a source of well-used practices, which teachers can adapt or implement based on their own needs.”

²⁹No original, “An authentic text is a stretch of real language, produced by a real speaker or writer for a real audience and designed to convey a real message of some sort; Authentic texts (either written or spoken) are those which are designed for native speakers: they are real texts designed not for language students, but for the speakers of the language in question; A rule of thumb for authentic here is any material which has not been specifically produced for the purposes of language teaching.” (TAYLOR, ano, p. 2) = colocar referência ao final

Durante as aulas, priorizam-se o trabalho e as discussões em grupo. Os alunos são instruídos para serem ativos e protagonistas na busca pelas informações e interpretação das mesmas. O professor, por sua vez, é visto como guia e curador dos conteúdos do ensino e aprendizagem. Por fim, este método também faz perceber outras importantes competências que contribuem para a consecução do objetivo principal. São elas: competência sociocultural da língua alvo e dos sujeitos aprendizes, competência sociolinguística, competência discursiva, competência estratégica no uso da língua alvo (JALIL; PROCAILO 2009, p. 778-779).

Vimos também ao longo deste estudo que a lacuna para com as ciências metodológicas de ensino de L2 não foi (e não é) o único obstáculo na constituição do Português no meio social timorense, pois a sociedade precisa colaborar para que este possa alcançar sua Representação Social significativa. A contribuição do meio em que o ensino e a aprendizagem acontecem deve fornecer informações aos sujeitos desse processo, bem como possibilitar oportunidades para a aplicação dele no meio em que esses indivíduos se encontram. Citamos, como exemplo concreto, que as instituições competentes responsáveis pela elaboração e distribuição dos Manuais Didáticos disponibilizam, até a realização desta pesquisa, somente Manuais e Guias dos Professores, mas não materiais complementares que podem ser os referenciais teóricos primários destes manuais.

Fora da escola, não se encontram bibliotecas. As bibliotecas existentes fornecem, sobretudo, os materiais relacionados a história geral e específica do país. A situação local e suas condições, por sua vez, contribuem de forma confusa, conforme foi mostrado anteriormente.

CAPÍTULO 7

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar esta investigação, estabelecemos como objetivo geral *entender como se dá o ensino de Língua Portuguesa (L.P.) num país, como Timor Leste (T.L.), que adota o Português como uma das suas línguas Oficiais, Administrativa e de Instrução de ensino e aprendizagem*. Para tanto, constituímos os seguintes objetivos específicos:

- a. Verificar como o ensino de L.P. é feito no ensino básico em T.L. por meio da análise de livros didáticos e de observações que serão feitos nas escolas elegidas para serem acompanhadas;
- b. Identificar quais são os métodos recorrentes e utilizados pelos professores do ensino básico nos seus trabalhos com o ensino de L.P.;
- c. Identificar os desafios que dificultam o acesso e o uso da L.P. dentro e fora do ambiente escolar;
- d. Identificar aspectos da realidade da educação básica da RDTL que facilitam e que dificultam a consolidação do ensino de L.P. como Língua Oficial;
- e. Mapear representações que os professores – tanto estrangeiros que ensinam L.P. quanto nativos que, atualmente, dedicam-se a esse ensino, têm da língua, da sua importância frente às demais faladas no T.L.;
- f. Propor métodos de ensino correspondentes às realidades locais com o intuito de contribuir a tornar a L.P. mais acessível por meio da educação;

Na verificação do ensino de L.P. em T.L. conseguimos constatar que há alterações e mudanças significativas no processo de ensino e aprendizagem em relação às concepções expressas nos documentos norteadores, materiais complementares e Manuais Didáticos. Embora chegamos a ter contato com outras etapas do ensino básico, conduzimos nossas observações e análises particularmente no ensino secundário geral (ensino médio), portanto convém que dirijamos nossas considerações a esta etapa.

As alterações nos Manuais Didáticos começam com a “Cooperação entre o Ministério da Educação de Timor-Leste, o Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento, a Fundação Calouste Gulbenkian e a Universidade de Aveiro Financiamento do Fundo da Língua Portuguesa” (RDTL; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2012). Albuquerque (2011)

propõe questionamentos a respeito da importância de participação direta do governo e das instituições competentes locais na elaboração e aplicação do planejamento linguístico no país, ou seja, é importante que haja cooperações, mas não dependência dos órgãos estrangeiros.

Para esta fase de ensino, os manuais são totalmente elaborados em Português, com adaptações de bases referenciais nacionais e internacionais, e conta, principalmente, com as referências oferecidas pela CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa). Por fim, esses Manuais servem para o uso comum de todas as escolas do ensino secundário geral, públicas e particulares em todo o território nacional e cria-se, com isso, uma uniformidade educacional que pode ser entendida, indiretamente, como uma forma de igualdade no acesso perante a sociedade que, por longos anos, a L.P. só é de uso social para um grupo minoritário.

Em face do exposto, entendemos como uma resposta positiva as sugestões de Batoréo (2009):

- bom conhecimento da identidade linguística e da identidade nacional timorense (cf. Magalhães 2007, Taylor-Leech 2008; Thomaz *et al.* 2008; Batoréo & Casadinho 2009);
- a elaboração de materiais específicos propositadamente preparados para o efeito e para diferentes níveis do ensino, enquadrados na realidade cultural e linguística timorense;
- a organização e formação dos quadros locais com base nos recursos específicos existentes, devidamente preparados do ponto de vista linguístico e didático (BATOREO, 2009, p. 59; grifos da autora).

Dentro dessas sugestões, há outros pontos, também sugeridos por esta autora, e que não são concretizados nos processos de elaboração dos materiais mencionados acima, como se pode observar:

- a disponibilização de professores adequadamente preparados e treinados a nível de Português língua não-materna, cientes dos desafios e das diferenças que o ensino/ aprendizagem da L1 e L2 trazem tanto aos alunos como aos professores;
- bom conhecimento da complexidade da situação cultural timorense pelos professores disponibilizados;
- bom conhecimento da complexidade da situação linguística e sócio-linguística timorense com foco específico para a necessidade de conhecimento pelo menos passivo de Tétum e/ou outra(s) língua(s) local(is) (BATOREO, 2009, p. 59; grifos da autora)

Até a realização desta pesquisa, notamos que o ensino dos timorenses ainda conta com maioria de docentes que não são fluentes em L.P. Como resultado, cria-se uma base frágil que se reflete no conhecimento e no emprego da L.P. entre as novas gerações. Citamos, como

exemplo, entre a geração atual, durante as observações e conforme as respostas dos questionários aplicados (especificamente a questão 3) que, apesar de terem contato com o Português desde o Jardim da Infância, não se encontra nenhum estudante fluente nessa língua.

A prática do ensino do Português hoje é feita como L2. Os profissionais adotam o Métodos Gramática-Tradução e o Método Direto, sendo o primeiro o mais frequente, o qual consiste em ensinar esta língua nas Línguas Tétum ou Indonésia. Essa metodologia foca principalmente na gramática e nas estruturas formais da língua, tendo como material-base único os Manuais Didáticos; os professores trabalham a leitura e interpretação com os textos oferecidos por tais manuais e todas as contextualizações lexicais e semânticas nos dois idiomas citados.

Já o Método Direto é adotado por poucos. Nas escolas observadas, por exemplo, entre sete professores, somente dois recorrem a ele. Podemos afirmar que esses profissionais possuem níveis de proficiente a avançado. Com isso, tentam aplicar seus conhecimentos com o uso da língua ensinada na maior parte do tempo. Para evitar a tradução ou o uso dos outros idiomas mencionados, recorrem a meios como imagens, objetos, ilustrações etc. para esclarecer conceitos lexicais e semânticas linguísticas. Motivam os alunos a dialogar e promovem o trabalho em grupo com debates e apresentações. Esses educadores tendem a enfrentar mais desafios em comparação com os que adotam o primeiro método, por causa da falta de ferramentas e fontes referenciais dentro e fora da escola.

A adoção desse último método pode e deve ser vista como um passo positivo, na medida em que incentiva os alunos a pensar e agir na língua em estudo. Contudo, isso acontece exclusiva e literalmente dentro das salas de aula e durante as aulas; mesmo estando no ambiente escolar, os professores entre si e com os alunos, e os alunos entre si, se comunicam e interagem em Língua Tétum ou L1 (Língua Materna). Além disso, as escolas não oferecem espaços nem criam eventos, situações e momentos que possam provocar ou promover a aprendizagem e o emprego do Português. Geram, com tudo isso, os desafios quanto ao aproveitamento real do Português neste ambiente, pois, ao mesmo tempo que aí se espera a possibilidade do contato e do acesso, afasta-se a oportunidade do uso.

Tendo confirmado o uso desses métodos de ensino, queremos entender ainda, até que ponto eles são efetivos, se os aprendizes não têm contato amplo, eficaz e continuado com a língua? A análise nos leva a afirmar que o contato e o acesso à língua aqui discutida sofreram mudanças consideravelmente positivas com a presença das novas tecnologias e as alterações que o governo está implementando no território. Todavia, isso ainda não é suficiente para

gerar uma Representação Social desta língua. Acreditamos que a causa disso é a falta de incentivo e de promoção de momentos que exijam o uso desta língua, porque, até hoje, a população se sente confortável com as línguas locais e a Indonésia, principalmente para as necessidades básicas do dia a dia e em algumas realidades profissionais, conforme o relato apresentado anteriormente a respeito do cadastro na biblioteca da Embaixada Portuguesa no capital do país e a visita ao Ministério da Educação.

Além disso, dentro desse espaço, com a precariedade dos recursos de aprendizagens, os professores acabam se tornando o centro e os “donos” do conhecimento. Essa é uma realidade distante da concepção teórica atual em relação ao ensino e à aprendizagem como todo e, da L2 sobretudo. Reiteramos aqui o ponto de vista do intelectual e pedagogo Paulo Freire (1967) no seu tratamento da importância de um ensino dialógico e integrante do sujeito aprendiz e suas realidades e condições sociais locais no processo de sua aprendizagem. Isso exige o envolvimento ativo dos discentes no seu processo educacional como é apresentado nas orientações metodológicas nos Guias dos Professores, mas que ainda não se verifica na prática.

Depois percebemos que, num território como T.L., que adota o Português como sua Língua Oficial, Administrativa e de Instrução (de ensino), é necessária a adaptação do ensino à realidade local. Dessa forma, tal integração deve contar com o aporte da sociedade local no processo do ensino e da aprendizagem, a fim de que os docentes, nas suas práticas de ensino, possam criar situações dialógicas que ajudem os seus alunos a pensar, analisar e agir por si próprios na língua aprendida dentro e fora da escola.

Conforme refletido anteriormente, essa visão dialógica de Freire nos ajuda a perceber que as mudanças e evoluções nas perspectivas do ensino e aprendizagem são frequentes, ao longo do tempo e dependem de um conjunto de aspectos socioeconômicos, políticos, culturais, tecnológicos – e até sanitárias – dos países. Assim, as origens, os conhecimentos prévios, as condições sociais locais precisam ser vistos como fatores importantes na disseminação do ensino e aprendizagem do Português. Afinal, tanto o aluno quanto o professor dependem da contribuição social local para se desenvolver no contato, aquisição e emprego do que foi ensinado e apreendido dentro do ambiente escolar, fazendo jus ao que afirma Ramos (2020), citado anteriormente, “alunos que mantêm com a língua portuguesa um contato mais assíduo terão mais facilidade em adquirir conhecimentos e em atingir os objetivos educativos mais facilmente do que aqueles que com ela só têm contato no período das aulas” (RAMOS, 2020, p. 447).

Conforme apresentado no item “os desafios que dificultam o acesso e o uso de L.P. dentro e fora do ambiente escolar”, podemos afirmar que a maioria dos timorenses não usa o Português como língua de comunicação e interação cotidiana com a família, os amigos e lugares de trabalho. O contexto local é confuso em relação ao uso do Português, pois, tendo-o como Língua Oficial e Administrativa, não se vê a sua função de forma representativa e se enfrenta desacerto no seu uso (análises da figura 10 apresentada anteriormente). A mídia local é instável e precária na promoção do Português nos seus conteúdos. Na formação de mão de obra e no campo de trabalho, o governo promove mais as Línguas Inglesa, Coreana e Indonésia do que o Português. Faltam espaços como bibliotecas, teatros, cinemas etc. que possam ajudar na propagação do Português.

O processo de ensino e aprendizagem só pode acontecer de forma eficaz, na medida em que isso ajuda o educador a promover possibilidades que auxiliem seus educandos a identificar e a perceber que a formação dos seus conhecimentos também é fruto da sua interação com seus semelhantes, com ao contexto e o meio, e a fazer com que estes consigam assimilar e correlacionar este conteúdo aprendido com suas atividades diárias (cf. Moscovici, 2013). Conforme afirma Strevens (1956), “a linguagem não é um assunto estéril a ser confinado à sala de aula. Uma de duas coisas deve ser feita: ou a vida deve ser trazida para a sala de aula ou a classe deve ser levada à vida”³⁰ (STREVENS, 1956 *apud* THORNBURY, 2020, tradução nossa).

A realidade sociolinguística é outro desafio para o alcance da Representação Social da língua discutida na realidade do T.L. A aplicação desta língua ainda é problemática pelos motivos que, no cotidiano das pessoas, não há cenários que exigem ou incitam o uso dela, a não ser nos lugares de trabalho e, ainda assim, de modo esporádico, conforme os casos citados acima, mesmo na área responsável pela elaboração das diretrizes e dos manuais de ensino, utiliza-se mais as Línguas Tétum e L1 que o Português, sendo que eles deveriam ser referências na disseminação da L.P.

Assim sendo, as funções básicas do Português como Língua Oficial, ficam, portanto, institucionalizadas e teoricamente expostas no âmbito nacional e internacional, mas a consciência e o reconhecimento do emprego real além dessas funções ainda são obscuros no meio social local.

³⁰No original, “Language is not a sterile subject to be confined to the classroom. one of two things must be done: either life must be brought to the classroom or the class must be taken to life”. (STREVENS, 1956, p. 69), citado por Thornbury, 2019 (youtube). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nue8AN9XsuY&t=645s>.

Diante disso, entendemos que, atualmente, a barreira à expansão da L.P. no território timorense não está apenas na insuficiência dos profissionais; no conhecimento do contexto local e suas adaptações nas elaborações dos manuais e práticas de ensino (cf. RAMOS, 2020; ALBUQUERQUE, 2020) e na ausência de metodologias variadas, mas também nas políticas públicas em gerar espaços e ocasiões que possibilitem contatos, aprendizagens e o emprego do Português em espaços que ultrapassem o recinto escolar. Ainda, cultivar a leitura com o oferecimento de acesso aos livros impressos e digitais. Para as novas gerações e as que ainda estão no banco escolar, o Ministério da Educação deve permitir o alcance às referências primárias das obras citadas nos Manuais Didáticos, a fim de que os alunos possam ampliar seus conhecimentos para além dos trechos e passagens que se encontram nos manuais.

Com o mapeamento realizado por meio da aplicação dos questionários, enfatizamos nossa constatação de que o Português tem uma história longa junto ao povo timorense. Esteve presente desde o estabelecimento do império português e ao longo da sua colonização. Durante a ocupação dos indonésios serviu como língua de resistência, e hoje está, consideravelmente, exposto no meio administrativo e no ensino, além da presença, ainda que com baixa notoriedade, nos meios tecnológicos, eventos políticos, religiosos e educacionais. Assim, a RS da população timorense em relação à L.P., apresenta um problema crônico quanto ao vínculo real e o emprego do Português. Entre eles, formou-se uma relação sócio-histórica, política, econômica e afetivo-identitária, todavia, não se chega a incorporar a língua de forma a elevá-la a um instrumento de comunicação geral.

Moscovici (2013) afirma que é preciso tornar acessível a apreensão de novos conceitos, ideologias etc. para além do conhecimento de senso comum. Embora projetem a importância da L.P., e a representem como língua de identidade histórica, os timorenses não chegam a assimilar plenamente essa língua; há um descompasso entre o desejo, a representação sobre a língua (identidade) e o que é atingível para a maioria da população. Com isso, não se está usufruindo (cf. Soares, 2011) do Português para se relacionar, aprender e desfrutar das oportunidades dos países desenvolvidos para a formação pessoal e profissional.

Em síntese, o Português só poderá ter mais do que uma Representação Social significativa quando ele for realmente incorporado à realidade local, na vida diária e profissional das pessoas. Ao iniciar este estudo, colocamos como hipótese, que a L.P., a partir do momento em que foi adotada como Língua Oficial e passou a vigor como a língua de instrução de ensino, esteja afetando, gradualmente, as Representações Sociais dessa língua

pelos falantes timorenses, já que as gerações mais novas voltaram a ter contato frequente com ela.

Essas representações, acreditamos, se evidenciam de forma significativa na fala do povo, no que se refere à importância que atribuem (ou não) a ela, para uso mais amplo em práticas linguageiras cotidianas, nas atividades diárias, e nas relações intersubjetivas com a família, amigos e outros grupos de relacionamentos.

A pergunta que tentamos responder é: a escolarização tem contribuído, na sociedade local, para ajudar a propagação do Português no território timorense? Em caso afirmativo, de que forma? Em caso negativo, por quê?

A L.P. em T.L., atualmente, afeta as situações reais locais, dada a força legal (as diretrizes, portarias, etc.) que obrigam o cumprimento da sua função de Língua Oficial, Administrativa e Instrução de ensino e aprendizagem. O seu emprego concreto nas atividades básicas e profissionais da população, contudo, ainda está longe do esperado.

Tendo sido institucionalizada e passado a vigorar com função de instruir o processo de ensino e aprendizagem dos timorenses, a escolarização desta língua enfrenta variados obstáculos na sua propagação, devido às lacunas demonstradas ao longo deste trabalho. A falta de integração da situação social local no reconhecimento da oficialidade dessa língua traz, como consequência, que a sociedade ainda não pode contribuir positivamente na reinserção e disseminação dela no território nacional. Portanto, a escola colabora com a educação formal, todavia isso é insuficiente para que “o conhecimento do universo reificado se torne o conhecimento do universo consensual”; nesse caso, a sociedade não possibilita a aplicação concreta do que é ensinado e aprendido, nem mesmo possibilita que a língua representada pela maioria (em especial de gerações mais antigas) como a identitária alcance, de fato, o patamar que lhe é conferido pelo texto da lei.

REFERÊNCIAS

ALBINO, Susete. (Re)Edificação do Sistema Educativo de Timor-Leste: Evolução e desafios atuais. **Revista de Estudos Africanos**, p. 31-55, 2020. Disponível em: <https://run.unLpT/bitstream/10362/111103/1/ArtigoRevista_SuseteAlbino.pdf>. Acesso em: 22 set. 2021.

ALBINO, Susete da Conceição Costa. Políticas Educativas, Cooperação e Desenvolvimento em Timor-Leste desde a Independência (2002-2015), 2020. Tese (Doutorado em Estudos Portugueses) – Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, 2020.

ALBUQUERQUE, Davi Borges de. Pré-História, história e contato linguístico em Timor Leste. **Revista Domínios de Lingu@gem**, v.6, n.2, p. 75-93, 2009.

ALBUQUERQUE, Davi Borges de. O Ensino de Língua Portuguesa em Timor Leste: Variedades e Dificuldades. **Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura**, ano 5, v. 12, p. 41-47, 2 jul. 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/332010393_O_ensino_de_lingua_portuguesa_em_Timor_Leste_variedades_e_dificuldades>. Acesso em: 24 set. 2021.

ALBUQUERQUE, Davi Borges de. Manuscritos do Século XVIII sobre o português em Timor. **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 15, n. 2, p. 407-428, 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/79800>>. Acesso em: 24 set. 2023.

ALBUQUERQUE, Davi Borges de. O Português de Timor Leste: contribuição para o estudo de uma variedade emergente. **Revista Pápia**, v. 21, n. 1, p. 65-82, 2011.

ALBUQUERQUE, Davi Borges de. **A língua portuguesa em Timor-Leste: uma abordagem ecolinguística**. 2014. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/36180/1/2014_DaviBorgesdeAlbuquerque.pdf>. Acesso em: 24 set. 2021.

ALBUQUERQUE, Davi Borges de. Influências das L1 nativas no português de Timor-Leste: um estudo dos marcadores verbais. **Signótica**, Goiânia, v. 26, p. 111–121, 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/sig/article/view/31407>>. Acesso em: 24 set. 2021.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Representações sociais: desenvolvimentos atuais e aplicações à educação. *In*: CANDAU, V. M. (Org). **Linguagem: espaços e tempo no ensinar e aprender**. *In*: **Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE)**, 10. ed. Rio de Janeiro. Anais Rio de Janeiro: LP&A, 2000.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Representações Sociais: Aspectos Teóricos e Aplicações à Educação. **Revista em Aberto**, Brasília, ano 14, n. 61, p. 60-78. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2251/1990>>. Acesso em: 16 jul. 2022.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Representações sociais: desenvolvimentos atuais e aplicações à educação. *In*:

CANDAUI, V. M. (Org). Linguagem: espaços e tempo no ensinar e aprender. *In*: **Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino** (ENDIPE), 10, Rio de Janeiro. Anais Rio de Janeiro: LP&A, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BATORÉO, Hanna J. A língua portuguesa em timor: de que forma deve o ensino de português adaptar-se às diferentes realidades nacionais?. **Estudos Linguísticos/Linguistic Studies**, Lisboa, 4. ed. p. 51-61, 2009.

Disponível em: <<https://clunl.fcsh.unlPt/wp-content/uploads/sites/12/2018/02/4c-hanna-batoreo.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2021.

BARBEIRO, Luís Filipe *et. al.* **Relatório de Avaliação do Projecto de Reintrodução da Língua Portuguesa em Timor-Leste 2003–2009**. Disponível em:

<<https://www.oecd.org/derec/portugal/Avalia%C3%A7%C3%A3o-do-projecto-de-reintrodu%C3%A7ao-da-lingua-portuguesa-timor-leste.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2021.

BROWN, Douglas H. **Teaching by Principles: An Interactive Approach to Language Pedagogy**. United States of America: Pearson Longman, 2007

BUSQUETS, Vera Lúcia C. “**Eu queria muito aprender português mais**”: aspectos da **língua portuguesa em uso em Timor-Leste pós-independência**. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Educação, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.

CARMO, José Araújo Pereira do. **Aprendizagem da Língua Portuguesa e Prática Discursiva Quotidiana-um estudo com alunos na escola Secundário Geral Nicolau Lobato**. 2015. Monografia (Graduação em Português) - Faculdade de Educação, Artes e Humanidades Universidade Nacional Timor Lorosa’e, Dili-Timor Leste, 2015.

CARVALHO JUNIOR, Paulo de. **Podcasts no ensino de Alemão como Língua Estrangeira: um estudo do impacto de uma nova tecnologia**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras - Pontifícia Universidade Católica de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/22783/22783_4.PDF>. Acesso em: 22 jun. 2023.

CHOMSKY, N. **Syntactic Structures**. 2. ed. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002.

COSTA, Daniel De Lucca Reis. **A timorização do passado: nação, imaginação e produção da história em Timor-Leste**. Salvador: EDUFBA, 2021. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/34392/1/a-timorizacao-do-passado_RI.pdf>. Acesso em: 05 set. 2021.

COSTA, L. O português em Timor e o português de Timor. **Revista Internacional de Língua Portuguesa**, v. 14, p. 51-52, 1995.

CORREIA, Adérito José Guterres *et. al.* **Didionário Nasional ba Tetun Ofisiál**. 1. ed. Dili-Timor Leste: Instituto Nacional de Linguística Universidade Nacional Timor Lorosa'e, dezembro 2005.

CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro. A Teoria das Representações Sociais em Moscovici e sua Importância para a Pesquisa em Educação. **Revista Aprender - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, Vitória de Conquista, ano 2, n. 2, p. 105-114, jan./jun. 2004. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/3065/2559>>. Acesso em: 24 jun. 2022.

CUNHA, João Solano Carneiro. **A questão de Timor-Leste: origens e evolução**. Brasília, DF: FUNAG/IRBr, 2001. Disponível em: <http://funag.gov.br/loja/download/25-Questao_de_Timor-Leste_A.pdf>. Acesso em: 02 set. 2021.

DADOSMUNDIAIS.COM. Telefonía móvel e internet no Timor Leste. Disponível em: <<https://www.dadosmundiais.com/asia/timor-leste/telecomunicacoes.php#:~:text=Internet%20de%20banda%20larga%20no%20Timor%20Leste%202003%20%2D%202021&text=Cerca%20de%2029%25%20de%20todos,de%20256%20kBit%2Fs>>. Acesso em: 06 jul. 2022.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Mais de 4% dos timorenses são utilizadores das redes sociais-Timor Social. 06 de fev. 2019. Disponível em: <<https://www.dn.pt/lusa/mais-de-40-dos-timorenses-sao-utilizadores-das-rede-sociais---timor-social-10540531.html>>. Acesso em: 06 set. 2022.

DUNVEEN, Gerard. O poder das ideias. In: MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 10. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013. introdução, p. 7-28.

Ellis, R. **The study of second language acquisition**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2008.

ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE LÍNGUA E LITERATURA - Itabaiana, 2011, Sergipe; ALBUQUERQUE, Davi Borges de. **Anais Eletrônicas ENILL**. Sergipe: Departamento de Letras, 2013.

FALEIROS, M. H. V. **A influência de atividades orais na produção oral e escrita de alunos de inglês como L2**. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências e Práticas Educativas) – Universidade de Franca, Franca, 2004.

FONSECA, J. J. S. da; MORAES, A. M. da. Metodologia da Pesquisa Científica. 1. ed. Sobral, 2017. Disponível em: <https://dirin.s3.amazonaws.com/drive_materias/1649850285.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2023

FREIRE, Everaldo. **O lugar da língua portuguesa em Timor-Leste: poder, controle e acesso**. Dissertação (Mestrado em Letras). Núcleo de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. 2011. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/handle/riufs/5732>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

FREIRE, Everaldo. Aspectos de políticas linguísticas: o caso de Timor-Leste. **Anais do XI CONLAB**. Salvador: UFBA, 2011b. Disponível em: <https://silو.tips/queue/aspectos-de-politicas-linguisticas-o-caso-de-timor-leste?&queue_id=-1&v=1651358509&u=MTg2LjIwNi4yNTQuMTk5>. Acesso em: 30 abr. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_do_oprimido.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2022.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/educacao_pratica_liberdade.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2022.

FRIES, C. **Teaching and Learning English as a Foreign Language**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1945.

GALDINO, Carolina Ferreira. **Nasce Um Estado: a construção do Timor Leste**. 2012. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/96020/galdino_cf_me_mar.pdf?sequencia=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 mar. 2022.

GOMES, Silvestre Filipe. **Relações entre língua oficial e línguas locais na escola: como as crianças de aldeias de Cabinda/Angola aprendem o português e em português**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG), Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-9N5LDM/1/disserta_o_para_in_cio_imprimir.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2023.

GRAZIANO, Valéria Teixeira. **Construção do Estado e Identidades em Timor-Leste: uma contribuição para o debate sobre a atuação da comunidade internacional nos contextos de pós-conflito armado**. Dissertação de mestrado – Universidade de Brasília- centro de estudos avançados multidisciplinares pós-graduação em desenvolvimento sociedade e cooperação internacional, Brasília, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15394/1/2013_ValeriaTeixeiraGraziano.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2022.

GROUP, Douglas Fir. A Transdisciplinary Framework for SLA in a Multilingual World. **The Modern Language Journal**. 2016. Disponível em: <<https://www.ntnu.edu/documents/1263498481/1275096220/Douglas+Fir+Group.pdf/dc272524-a716-4bf5-b400-659833c6dd7d>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

GUNN, G. C. **Timor Loro Sae – 500 anos**, Lisboa: Fundação Oriente; 1999.

GUTERRES, Ana Jesuinha. **Análise do manual do aluno de língua portuguesa do 10º ano**. 2015. Monografia (Graduação em Português) - Faculdade de Educação, Artes e Humanidades, Departamento de Língua Portuguesa, Universidade Nacional de Timor Lorosa’e, Dili-Timor Leste, 2015.

HARMER, Jeremy. **The practice of English Language Teaching**. 3. ed. Londres: Logman, 2001.

HINKEL, Eli. Current Perspectives on Teaching the Four Skills. *In: TESOL's 40th Anniversary Issue*. Unated State of America: v. 40, n. 1, p. 157-181, mar. 2006. Disponível em: <http://203.72.145.166/tesol/TQD_2008/VOL_40_1.pdf>. Acesso 8 Out. 2022.

HULL, G. Historical phonology of Tetum. **Studies in Languages and Cultures of East Timor**. v.4, p. 158-212, 2000

HULL, G. O Mapa Linguístico de Timor Leste: Uma Orientação Dialectológica. **Studies in Languages and Cultures of East Timor**. v.4, p. 1-11, 2001.

JALIL, Samira Abdel; PROCAILO, Leonilda. **Metodologia de ensino de línguas estrangeiras: perspectivas e reflexões sobre os métodos, abordagens e o pós-método**. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/cd2009/pdf/2044_2145.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2021.

JODELET, Denise. Représentation sociale: phénomène, concept et théorie. *In: MOSCOVICI, Serge. Psychologie sociale*. 2. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

KRASHEN, Stephen. **The Input Hypothesis. issues and implications**. New York: Longman, 1985.

KUBO, Olga Mitsue; BOTOMÉ, Sílvio Paulo. Ensino-Aprendizagem: uma Interação entre Dois Processos Comportamentais. **Revista Interação em Psicologia**, Paraná. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3321>>. Acesso em: 29 de jun. 2022.

LAMARCA, Cláudia. **A Política Externa Australiana para o Timor Leste (1975-1999)**, 2003. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, junho 2013. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=4246@1>>. Acesso em: 07 jul. 2021.

LAPIAN, A.B; CHANIAGO, JR. **Timor Timur dalam gerak pembangunan**. Departemen pendidikan dan kebudayaan direktorat jenderal kebudayaan direktorat sejarah dan nilai-nilai tradisional proyek inventarisasi dan ookumentasi sejarah nasional. Jakarta, Indonésia, 1988.

LARSEN-FREEMAN, D. **Teaching and Principle in Language Teaching**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

LARSEN-FREEMAN, Diane; ANDERSON, Marti. **Techniques and Principles in Language Teaching**. 3. ed. UK - Great Clarendon Street: Oxford University Press, 2011.

MYLES, Florence. Theoretical approaches. *In: J. Herschensohn & M. Young-Scholten (Eds.), The Cambridge Handbook of Second Language Acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 46-70.

LEITE, Sofia. **Independência de Timor-Leste RTP ensina**. Disponível em: <<https://ensina.rtp.pt/artigo/independencia-de-timor-leste/>>. Acesso em: 06 maio 2022.

LIMA, C.M.G. de; DUPAS, G.; OLIVEIRA, I.de; KAKEHASHI, S. Pesquisa etnográfica: iniciando sua compreensão. **Revista latino-am. enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 21-30, janeiro 1996.

LOPES, Júlia. Confira as 10 músicas mais tocadas no mundo em 2022. 14 de dezembro de 2022. **Rádio Especial Plus Brasil**. 14 dez. 2022. Disponível em: <<https://radiosocialplusbrasil.com.br/confira-as-10-musicas-mais-tocadas-no-mundo-em-2022/>>. Acesso em: 06 set. 2022.

LOURENÇO, Soraia V. M. Ferreira. **Um Quadro de Referência para o Ensino do Português em Timor- em Timor-Leste**. 2008. Dissertação (Mestre em Língua e Cultura Portuguesa) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2008. Disponível em: <https://repositorio.uLpT/bitstream/10451/372/1/17667_Disserta00E700E3odeMestradoLCP.pdf>. Acesso em: 24 set. 2021.

MATTOSO, José. **A Dignidade: Konis Santana e a Resistência Timorense**. Lisboa: Círculos de Leitores e Autor, 2005.

MARTINEZ, Pierre. **Didática de Língua Estrangeiras**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2009.

MENEZES, M. Azancot de, Em defesa da língua portuguesa em Timor-Leste. **Blog página global**. Disponível em: <<http://paginaglobal.blogspot.com/2018/08/em-defesa-da-lingua-portuguesa-em-timor.html>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

MILAWATI. Grammar Translation Method: Current Practice. *In*: EFL Context. **Indonesian Journal of English Language Teaching and Applied Linguistics**. Indonésia, v. 4, n.1, p. 187-196, 2019. Disponível em: <<https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1320367.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2022.

MIRANDA, Rute; BARBOSA, Vitor. **Língua Portuguesa 8**. Lisboa: Lidel, 2011.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 10. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MORAES, Patrícia Regina de *et. al.* **A teoria das representações sociais**. Disponível em: <https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/teoria_representacoes.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2021.

OBSERVADOR. Redes sociais cresceram 30% em 2016 em Timor-Leste e são a maior fonte de informação. Disponível em: <<https://observador.pt/2017/02/07/redes-sociais-cresceram-30-em-2016-em-timor-leste-e-sao-a-maior-fonte-de-informacao/>>. Acesso em: 12 set. 2022.

ONU News **Perspectiva Global Reportagens Humanas**. 12 julho 2019. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2019/07/1679921>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

OLIVEIRA, Márcio S. B. S. de. **Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/hxygmJs8PvY8S54bqn8hdzQ/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

OLIVEIRA, M. B. F. de. Política Linguística, Cidadania e Ensino de Línguas. **Linguagens & Cidadania**, v. 19, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/29314>>. Acesso em: 29 dez. 2022.

PAVLOV, I. P. **Conditioned reflexes: an investigation of the physiological activity of the cerebral cortex**. Oxford: Oxford University Press, 1927.

Prator, C. H. with Celce-Murcia, M. An outline of language teaching approaches. In: CELCE-MURCIA, M; MCINTOSH, L. (Eds.). **Teaching English as a Second or Foreign Language**. Rowley, MA: Newbury House. 1979.

PRENSKY, Marc. **Digital natives, Digitalimmigrants**. Disponível em: <<https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2021.

PRESTES, Laura Dias. **Timor Leste e a Invasão Indonésia**. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Geografiasocioeconomica/Geografiapolitica/07.pdf>>. Acesso em: 06 maio 2021.

RAMOS, André Gonsalves. Língua Portuguesa em Timor-Leste: Percurso Histórico e Políticas Atuais Para a Manutenção da Língua. **Língua & Letras**. Paraná, v. 20, n. 46, p. 187-206, 2019. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/21406/pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

RAMOS, Rui. A língua portuguesa entre as línguas de Timor-Leste: um estudo de caso numa escola secundária timorense. **Revista Brasil Linguística Aplicada**, v. 20, n. 3, p. 443-463, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbla/a/bNSc3dVQZZdrGB7wZfbcVCJ/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em 05 ago. 2022.

TIMOR LESTE. **Decreto nº 13/2006, de 9 de agosto**. Dispõe sobre a criação dos novos ministérios do governo. Dili, Timor Leste: Presidência da República, 2006. Disponível em: <<https://www.mj.gov.tl/jornal/?q=node/1393>>. Acesso em: 25 maio 2021.

TIMOR LESTE. **Decreto Lei 47/2011**. Dispõe sobre Aprova o plano curricular do Ensino Secundário Geral e o respectivo regime de implementação. Disponível em: <<https://www.mj.gov.tl/jornal/?q=node/1183>>. Acesso em: 25 maio 2022.

TIMOR LESTE. **Decreto Lei N.º 4/2015 de 14 de Janeiro.** Dispõe sobre aprova o currículo nacional de base do primeiro e segundo ciclos do ensino básico. Disponível: <<https://www.mj.gov.tl/jornal/?q=node/6512>>. Acesso em: 25 maio 2022.

TIMOR LESTE. **Decreto Lei Lei n.º 14/2008. Dispões sobre Lei de Bases da Educação.** Disponível em: <<http://www.moe.gov.tl/pdf/LeiBaseEducacao.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2022.

TIMOR LESTE. Ministério da Educação e da Cultura. **Decreto-Lei 21/2006. Dispõe sobre orgânica do Ministério da Educação e da Cultura.** Díli: Ministério da Educação e da Cultura, 2006. Disponível em: <<http://www.mj.gov.tl/jornal/?q=node/1393>>. Acesso em: 20 abr. 2022

TIMOR LESTE. **Resolução 03/2007.** Dispões sobre aprova a Política Nacional de Educação. Díli, 2007. Disponível em: <<http://www.mj.gov.tl/jornal/?q=node/1847>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR LESTE, Ministério da Educação. **Manual do Aluno Português 10º ano de escolaridade.** 1. ed. Díli, Timor Lesta: 2012

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR LESTE, Ministério da Educação. **Manual do Aluno Português 11º ano de escolaridade.** 1. ed. Díli, Timor Lesta: 2013

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR LESTE, Ministério da Educação. **Manual do Aluno Português 12º ano de escolaridade.** 1. ed. Díli, Timor Lesta: 2014.

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR LESTE, Ministério da Educação. **Guia do Professor Português 10º ano de escolaridade.** 1. ed. Díli, Timor Lesta: 2012

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR LESTE, Ministério da Educação. **Guia do Professor Português 11º ano de escolaridade.** 1. ed. Díli, Timor Lesta: 2013

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR LESTE, Ministério da Educação. **Guia do Professor Português 12º ano de escolaridade.** 1. ed. Díli, Timor Lesta: 2014.

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR LESTE, Ministério da Educação. **Programa Português 10º, 11º e 12º anos de escolaridade.** Díli, Timor Leste.

TIMOR LESTE. **Constituição da República Democrática de Timor-Leste.** Díli-Timor Leste, 2002. Disponível em: <http://timor-lestegov.tl/wp-content/uploads/2010/03/Constituicao_RDTL_PT.pdf>. Acesso em: 25 maio 2021.

TIMOR LESTE. Ministério da Educação. **Plano Estratégico de Desenvolvimento 2011-2030.** Díli: Ministério da Educação, 2011a. Disponível em: <http://timor-lestegov.tl/wp-content/uploads/2012/02/Plano-Estrategico-de-Desenvolvimento_PT1.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2021.

TIMOR LESTE. Ministério da Educação. **Plano Estratégico Nacional da Educação 2011-2030.** Díli: Ministério da Educação, 2011b. Disponível em:

<https://planipolis.iiep.unesco.org/sites/default/files/ressources/timor_este_plano_nacional_e_strategico_da_educacao_2011-2030_0.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2021.

TIMOR LESTE. Ministério da Educação. **Plano Curricular do Ensino Secundário Geral**. Díli: Ministério da Educação, 2011c.

TIMOR LESTE. **Educação Multilíngue Baseada na Língua Materna: Política Nacional**. Díli: Komisaun Nasional Edukasaun, 2011.

RICHARDS, C. J.; RODGERS, S. T. **Approaches and methods in Language Teaching: a description and analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

RUAK, Taur Matan. A Importância da língua portuguesa na resistência contra a ocupação indonésia. *In: Camões – Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, n. 14, jul.- set. 2001, Lisboa, Instituto Camões. Disponível em: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/revistas-e-periodicos/revista-camoes/revista-no14-timor-lorosae.html>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

SANTANA, Sílvio (Org.). **Timor Leste: este país quer ser livre**. São Paulo, Martin Claret, 1997.

SÊGA, Rafael Augustus. O Conceito de Representação Social nas Obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. **Revista Anos 90**, Porto Alegre, n. 13, julho de 2000. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6719>>. Acesso em 18 set. 2021.

SILVA, Kelly Cristiane da. **Paradoxos da autodeterminação: a construção do Estado nacional e práticas da ONU em Timor-Leste**. 2004. Tese - Universidade de Brasília. Brasília, 2004.

SILVA, Kelly. O Governo da e pela Kultura. Complexos locais de governança na formação do Estado em Timor-Leste. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 104, p. 123-150, 2014.

SKINNER, B. F. **Verbal Behavior**. NY: Appleton-Century-Corfts, 1957.

SOUZA, Ricardo Augusto de. **SEGUNDA LÍNGUA: Aquisição e conhecimento**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2021.

SILVESTRE, Simone Michelle. A língua portuguesa em situação de tensão/interdição em Timor-Leste. **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 1229-1243, set-dez 2013. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/927/513>>. Acesso em: 24 set. 2021.

SOARES, Lúcia Vidal; SÁ, Maria Helena Araújo e. **O Babel timorense - à procura das línguas que cheiram o sândalo**. Disponível em: <https://www.academia.edu/8980600/O_Babel_timorense_%C3%A0_procura_das_l%C3%A9guas_que_cheiram_a_s%C3%A2ndalo>. Acesso em: 24 set. 2021.

SOARES, Lúcia Maria Moreira Caniço Vidal Pereira. **Multilinguismo Política linguística - Timor-Leste Plurilinguismo Ensino de línguas Política educativa**. 2014. Tese (Doutorada

em Didática e Formação) - Universidade de Aveiro Departamento da Educação, Portugal, 2014.

SOARES, Lúcia Vidal. **Qual o papel da língua portuguesa na política educativa em timor leste?**. Disponível em: <*Soares_COOPEDUI_2.6.pdf (iscte-iuLPT)>. Acesso em: 05 ago. 2022.

SOUZA, Lucimar França dos Santos. **As representações sociais da língua portuguesa em uma situação plurilíngue concorrencial no Timor-Leste**. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/7433/5/Disserta%20-%20Lucimar%20Fran%20dos%20Santos%20Souza%20-%202017.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2022.

SPINASSÉ, Karen Pupp. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. **Revista Contingentia**, v. 1, p. 01-10, novembro 2006.

STERN, H.H. **Fundamental Concepts of Language Teaching**. Oxford University Press, 1983.

TAJZAD, Maryam; NAMAGHI, Seyyed Ali Ostovar. Exploring EFL Learners' Perceptions of Integrated Skills Approach: A Grounded Theory. *In: English Language Teaching*. Canadá: v. 7, n. 11, out. 2014. Disponível em: <<http://www.ccsenet.org/journal/index.php/elt/view/41508/22743>>. Acesso em: 19 out. 2022.

TECNOMUNDO. O país menos conectado à internet no mundo é o Timor Leste. Blogue do IILP. Disponível em: <<https://iilp.wordpress.com/2015/06/24/o-pais-menos-conectado-a-internet-no-mundo-e-o-timor-leste/>>. Acesso em: 6 jul. 2022.

TEIXEIRA, Cristina Helena Evelyn Tinoco. **A Multimodalidade do Gênero “Livro didático de Língua Inglesa”**: imagem, texto e função. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

THOMAZ, Luís Filipe F. R. **De Ceuta a Timor**. Carnaxide: Editora Difel, 1994.

THOMAZ, Luís Filipe F. R. **De Ceuta a Timor**. 2.^a edição. Lisboa: Difel, 1998.

THOMAZ, Luís Filipe F. R. **Babel Lorosa'e, O Problema Linguístico de Timor-Leste**. Coleção Cadernos Camões, Instituto Camões, Lisboa, 2002.

THORNBURY, Scott. **30 Language Teaching Methods**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2017.

THORNBURY, Scott. **What's the latest teaching method?** Cambridge University, 4 ago. 2019. 1 vídeo (49 minutos e 12 segundos). Publicado por Cambridge University. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nue8AN9XsuY&list=RDLVqf4IfEbxF4s&index=3>. Acesso em: 02 maio 2022.

WARSCHAUER, M.; MESKILL, C. Technology and second language learning. *In*: J. ROSENTHAL (Ed.). **Handbook of undergraduate second language education** (p. 303-318). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2000.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ZHAO, Yong. (Org.). **Research in technology and second language learning: developments and directions**. Connecticut: Information Age Publishing, 2005.

ANEXO A- QUESTIONÁRIO APLICADO A SUJEITOS DA GERAÇÃO 1950-1974



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-graduação em Letras-Mestrado em Linguística

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE DISSERTAÇÃO

Mestrando: Rosario de Jesus Martins
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ev^a Ângela Batista Rodrigues de Barros

Participante:
Nome/ identificação: _____
Idade: _____

PARA GERAÇÕES DE 1950 A 1974

1. Você é da geração da época da colonização dos portugueses. Você usava e ainda usa a Língua Portuguesa no seu dia a dia?
() Sim. () Não.

Em caso afirmativo, onde a usava? (Assinale com X as opções a seguir)
() em casa () no lugar de trabalho () no supermercado () com os amigos
() na igreja

2. Com que línguas a seguir as pessoas da sua geração se comunicavam?
Língua materna (Língua 1)
() Português
() Indonésia
() Tetum
() Inglês
() Outra _____
() Não sei responder

3. Quais línguas você usa, atualmente, na sua comunicação diária com a família e amigos?
() Língua materna (L1)
() Português
() Indonésia
() Tetum
() Inglês
() Outra _____
() Não sei responder

4. Qual(is) língua(s) era(m) ensinada(s) na escola quando você fazia o ensino básico?
() Português
() Indonésia
() Tetum
() Inglês
() Outra _____
() Não sei responder

5. Qual(is) língua(s) era(m) usada(s) nas celebrações religiosas (missas) na sua juventude?
() Português
() Indonésia
() Tetum
() Inglês
() Outra _____

- () Não sei responder
6. Qual(is) língua(s) era(m) usada(s) no dia a dia, na sua comunidade e em família, na sua juventude?
- () Português
 () Indonésia
 () Inglês
 () Tetum
 () Outra _____
7. Qual(is) língua(s) era(m) usada(s) nas campanhas políticas na época da sua juventude?
- () Português
 () Indonésia
 () Inglês
 () Tetum
 () Outra _____
 () Não sei responder
8. Qual(is) língua(s) era(m) usada(s) nos discursos dos governantes, na época da sua juventude?
- () Português
 () Indonésia
 () Inglês
 () Tetum
 () Outra _____
 () Não sei responder
9. Qual(is) língua(s) era(m) usada(s) na escrita de cartas, se você precisasse enviar alguma, na sua juventude?
- () Português
 () Indonésia
 () Inglês
 () Tetum
 () Outra _____
 () Não sei responder
10. Qual(is) língua(s) era(m) usada(s) na rádio, televisão e jornais (impressos) da época da sua juventude?
- () Português
 () Indonésia
 () Inglês
 () Tetum
 () Outra _____
 () Não sei responder
11. Você se lembra de algum lugar específico em que o uso de português fosse obrigatório para ter acesso? Quais (você consegue mencionar algum)?
- ...
 - ...
 - ...
11. Com que língua(s) eram feitos os negócios (comércio - compra e venda) na época da sua juventude?
- () Português
 () Inglês
 () Tetum
 () Língua(s) local(is) (L1)
 () Outra _____
 () Não sei responder
12. Hoje, nós temos notícias na TV em línguas: Portuguesa, Tétum e Indonésia. Qual é a sua preferência?
- () Português
 () Tetum
 () Indonésia
 () Outra _____
 () Não sei responder

13. Temos jornais impressos nas línguas: Portuguesa, Tetum e Indonésia. Qual é a sua preferência?
- Português
 - Tetum
 - Indonésia
 - Outra _____
 - Não sei responder
14. As rádios de hoje tocam músicas em várias línguas diferentes. Em qual delas a seguir você gosta mais de ouvir?
- Português
 - Tetum
 - Indonésia
 - Inglês
 - Outra _____
 - Não sei responder
15. Com que língua a seguir você costuma usar para navegar ou fazer pesquisas na internet?
- Português
 - Indonésia
 - Tetum
 - Inglês
 - Outra _____
16. Entre as línguas a seguir, qual delas você usa como a língua de entrada em algum aparelho eletrônico que tenha (celular, tablet, notebook, computador)?
- Português
 - Indonésia
 - Inglês
 - Outra _____
 - Não sei responder
17. Qual língua você usa para leitura?
- Português
 - Indonésio
 - Tetum
 - Inglês
 - Outra _____

ANEXO B- QUESTIONÁRIO APLICADO A SUJEITOS DA GERAÇÃO 1975-1999



PUC Minas

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-graduação em Letras-Mestrado em Linguística

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE DISSERTAÇÃO

Mestrando: Rosario de Jesus Martins

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ev^a Ângela Batista Rodrigues de Barros

Participante:

Nome/ identificação: _____

Idade: _____

PARA GERAÇÕES DE 1975 A 2000

1. Com que línguas a seguir você usava para se comunicar com a família e amigos durante a invasão da Indonésia de 1974 a 1999? Marque mais de uma opção, caso tenha usado mais de uma.
 Língua materna (L1)
 Português
 Indonésio
 Tctum
 Inglês
 Outra _____
2. Qual língua você usa, hoje, para ler e escrever?
 Português
 Indonésio
 Tetum
 Inglês
 Outra _____
3. Em quais línguas, a seguir, você usava para escutar rádio, escutar música, assistir televisão, assistir filmes? Marque mais de uma opção.
 Português
 Tetum
 Indonésio
 Inglês
 Outra _____

4. Qual(is) língua(s) era(m) usada(s) nas celebrações religiosas (missas) na sua juventude?
- Português
 - Indonésio
 - Tetum
 - Inglês
 - Outra _____
5. Qual(is) língua(s) era(m) usada(s) nas campanhas políticas quando você era jovem?
- Português
 - Inglês
 - Indonésio
 - Tetum
 - Língua Materna (L1)
 - Outra _____
6. Qual(is) língua(s) era(m) usada(s) nos discursos dos governantes, na época da sua juventude?
- Língua Materna (L1)
 - Português
 - Indonésio
 - Inglês
 - Tetum
 - Outra _____
 - Não sei responder
7. Qual(is) língua(s) era(m) usada(s) na escrita de cartas, se você precisasse enviar alguma, na sua juventude?
- Português
 - Indonésia
 - Inglês
 - Tetum
 - Outra _____
 - Não sei responder
8. Qual(is) língua(s) era(m) usada(s) na rádio, televisão e jornais (impressos) da época da sua juventude?
- Português

- Indonésia
- Inglês
- Tetum
- Outra _____
- Não sei responder
9. Hoje, nós temos notícias na TV em línguas: Portuguesa, Tétum e Indonésia. Qual é a sua preferência?
- Português
- Tetum
- Indonésia
- Outra _____
- Não sei responder
10. Temos jornais impressos nas línguas: Portuguesa, Tétum e Indonésia. Qual é a sua preferência?
- Português
- Tetum
- Indonésia
- Outra _____
- Não sei responder
11. As rádios de hoje tocam músicas em várias línguas diferentes. Em qual delas a seguir você gosta mais de ouvir?
- Português
- Tetum
- Indonésia
- Inglês
- Outra _____
- Não sei responder
12. Com que língua a seguir você costuma usar para navegar ou fazer pesquisas na internet?
- Português
- Indonésia
- Tetum
- Inglês
- Outra _____

13. Entre as línguas a seguir, qual delas você usa como a língua de entrada em algum aparelho eletrônico que tenha (celular, tablet, notebook, computador)?
- Português
 - Indonésia
 - Inglês
 - Outra _____
 - Não sei responder
14. Você se lembra de algum lugar específico em que o uso de português fosse obrigatório para ter acesso? Quais (você consegue mencionar algum)?
- ...
 - ...
 - ...
15. Com que língua(s) eram feitos os negócios (comércio - compra e venda) na época da sua juventude?
- Português
 - Indonésia
 - Inglês
 - Tctum
 - Língua(s) local(is) (L1)
 - Outra _____

ANEXO C- QUESTIONÁRIO APLICADO A SUJEITOS DA GERAÇÃO 1999-2022



PUC Minas

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-graduação em Letras-Mestrado em Linguística

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE DISSERTAÇÃO

Mestrando: Rosario de Jesus Martins
Orientadora: Profª. Drª. Evª Ângela Batista Rodrigues de Barros

Participante:

Nome/ identificação: _____

Idade: _____

PARA GERAÇÕES DE 2001 A 2022

1. Hoje, nós temos a Língua Portuguesa como uma das nossas línguas oficiais. Você a utiliza no seu dia a dia?
 Sim. Não.
Em caso afirmativo, onde a utiliza? (Assinale com X as opções a seguir)
 em casa no lugar de trabalho no supermercado com os amigos
 na igreja Outro: _____
2. Hoje, além de você aprender português na escola, as outras disciplinas também são ensinadas nela. O que você pensa sobre isso?
 Acho válido, porque _____
 Acho ruim, porque _____
 Não acho bom nem ruim, porque _____
 Não sei me posicionar.
3. Qual(is) língua(s) a seguir você fala fluentemente? Marque mais de uma opção, caso você fale mais de uma língua.
 Língua materna (L1)
 Tetum
 Inglês
 Português
 Indonésio
 Outra _____
4. Qual(is) língua(s) a seguir você usa para conversar com a família e amigos? Marque mais de uma opção, caso você use mais de uma língua.

- Língua Materna (L1)
 - Português
 - Tetum
 - Inglês
 - Indonésio
 - Outra _____
5. Qual(is) língua(s) a seguir você costuma usar para fazer postagem nas suas redes sociais? Marque mais de uma opção, caso você use mais de uma.
- Língua Materna (L1)
 - Português
 - Tetum
 - Inglês
 - Indonésio
 - Outra _____
6. Qual é a língua que você costuma usar para navegar nas suas redes sociais?
- Português
 - Inglês
 - Indonésio
 - Outra _____
 - Não sei responder
7. Qual língua você usa para as pesquisas na internet para seus estudos?
- Português
 - Inglês
 - Indonésio
 - Outra _____
 - Não sei responder
8. Qual(is) língua(s) a seguir você usa para suas leituras?
- Tetum
 - Português
 - Indonésio
 - Inglês

- Outra _____
9. Hoje, nós temos notícias na TV em várias línguas: Portuguesa, Tetum e Indonésia. Qual é a sua preferência?
- Português
- Tetum
- Indonésia
- Outra _____
- Não sei responder
10. Temos jornais impressos nas línguas: Portuguesa, Tétum e Indonésia. Qual é a sua preferência?
- Português
- Tetum
- Indonésia
- Outra _____
- Não sei responder
11. As rádios de hoje tocam músicas em várias línguas diferentes. Em qual delas, indicadas a seguir, você gosta mais de ouvir?
- Português
- Tetum
- Indonésia
- Inglês
- Outra _____
- Não sei responder
12. Entre as línguas a seguir, qual delas você usa como a língua de entrada no seu aparelho eletrônico (celular, *tablet*, *notebook*, computador)?
- Português
- Indonésia
- Inglês
- Outra _____
- Não sei responder
13. Hoje com a internet, nós temos acesso às músicas internacionais em plataformas digitais, como *Spotify* e outras. Com qual(is) língua(s) você costuma escutar músicas nesses ambientes?
- Português

- Inglês
 - Tetum
 - Indonésio
 - Outra _____
 - Não sei responder
14. Com internet, é fácil termos acesso a filmes produzidos em diferentes lugares do mundo. Sendo o filme legendado, em qual língua o agrada mais o áudio?
- Inglês
 - Português
 - Indonésio
 - Outra _____
 - Prefiro dublado em: () português () inglês () indonésia
 - Não sei responder
15. Que língua, das indicadas a seguir, você usa para jogar videogames?
- Inglês
 - Português
 - Indonésio
 - Outra _____
 - Não sei responder

FONTE: Questionários elaborado pelo pesquisador, 2021